



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**

ARTUR DÓRIA MOTA

OS AMIGOS QUE DESCONHEÇO:

**Performance(s) do caminhar e a guerrilha dos cuidados no
Antropoceno**

**Belém - Pará
2022**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES**

ARTUR DÓRIA MOTA

OS AMIGOS QUE DESCONHEÇO:

**Performance(s) do caminhar e a guerrilha dos cuidados no
Antropoceno**

Memorial apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção do título de Doutor em Artes.

Orientador: Prof. Dr. Cesário Augusto Pimentel de Alencar.

Linha de Pesquisa: Poéticas e Processos de Atuação em Artes.

**Belém - Pará
2022**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

- M917a Mota, Artur Dória.
Os amigos que desconheço : performance(s) do caminhar e a guerrilha dos cuidados no Antropoceno / Artur Dória Mota. — 2022.
283 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof. Dr. Cesário Augusto Pimentel de Alencar Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de
Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação em Artes,
Belém, 2022.
1. Performance. 2. Caminhar. 3. Calçados. 4. Cuidados.
5. Antropoceno. I. Título.

CDD 701.03



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TESE DE DOUTORADO
DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PARÁ.

Aos vinte e dois (22) dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e dois (2022), às nove (09) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se sob a presidência do orientador professor doutor Cesário Augusto Pimentel de Alencar, conforme o disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Artes, para presenciar a defesa oral de Tese de Artur Dória Mota, intitulada: **OS AMIGOS QUE DESCONHEÇO: Performances do caminhar e a guerrilha dos cuidados no Antropoceno**, perante a Banca Examinadora, composta por: Cesário Augusto Pimentel de Alencar (Presidente); Larissa Latif Plácido Saré (Examinador interno); Orlando Franco Maneschky (Examinador Interno); Deisimer Gorczewski (Examinador Externo à Instituição); Sérgio Pereira Andrade (Examinador Externo à Instituição). Dando início aos trabalhos, o professor doutor Cesário Augusto Pimentel de Alencar, passou à palavra ao doutorando, que apresentou a Tese, com duração de quarenta e cinco minutos, seguido pelas arguições, depois do que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em aprovação, com o **conceito excelente com indicação à publicação**. A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pelo doutorando, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, o professor doutor Cesário Augusto Pimentel de Alencar agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pelo doutorando. Belém-Pa, 22 de junho de 2022.

CESÁRIO AUGUSTO PIMENTEL DE ALENCAR

LARISSA LATIF PLÁCIDO SARÉ

ORLANDO FRANCO MANESCHY

Deisimer Górczewski

DEISIMER GORCZEWSKI

Sérgio Andrade

SÉRGIO PEREIRA ANDRADE

Artur Dória Mota

ARTUR DÓRIA MOTA

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

Este trabalho é dedicado a todas as vítimas de Covid-19, que pereceram diante das ações e inações de um governo nefasto, dentre elas, meu tio Assis, meu tio-avô, artista dedicado ao teatro, também um caminhante que apostou no caminho das artes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço por tudo, a todas, todos e todes que de um modo ou de outro riscaram pontos de encontro no corpo deste texto. É com a presença de vocês que espero, ao fim disto do que um dia vai se tornar um novo começo, ter me saído um tanto mais amigo ao mundo.

A Ogum, que me ensinou a compor junto ao corpo fértil dos caminhos e que me fez saber que é preciso sempre andar. Ogunhê!

À cigana Esmeralda, que me disse para ir ao fundo do fundo dos calçados, que era lá onde estavam os caminhos que eu procurava. Optcha!

À minha mãe, Joselma Dória, mulher de fé e de força inabaláveis, a maga onipresente dos cuidados, foi ela quem criou e me deu condições não apenas para vir e morar em Belém, mas para apostar no caminho que escolhi e insisti, o caminho que, por mais opaco que deva ter lhe parecido, ela nunca fez menção de duvidar. Ela me disse para ir, mas me disse também para não esquecer do amor e dos amores que cultivei. Te amo, mãe!

À minha vó, Maria Selma, mãe de minha mãe, por sua alegria que é encantaria inalienável e por sua inquieta vontade de se mover e de conhecer o mundo, foi com ela que aprendi a ir e vir sem me perder da destreza dos gestos simples.

À minha companheira, Romana Melo, mulher-feiticeira, bruxa-guerreira, ela que caminha fazendo riso por caminhos faceiros, ela que acreditou e brindou comigo em inúmeros momentos de oração. Foi ela quem lavou meus pés após a primeira caminhada e foi ela quem imprimiu em minha vida o zelo potente da força que sempre procura caminho de um para com o outro; com ela festei e junto a ela, incluso os momentos mais difíceis, este trabalho nunca deixou de ser uma festa. Te amo!

À minha avó, Maria de Nazaré, a vó Lelé, e também meu avô, Raimundo Nonato, que partiram antes que eu pudesse fechar esse ciclo. Sei que, estando onde estiverem, estarão orgulhosos de seu neto primogênito.

Aos amigos e amigas de Fortaleza, que, na distância, sempre estiveram por perto. Com muitos estive em sonho e em vida e nunca deixei de partilhar momentos de afetos em serpentina. Vocês serão sempre a minha linha de frente, minha Fortaleza, cada um

guarda em si um retalho miúdo do que foi e tem sido o meu caminho; com vocês, sempre caminhei mais e melhor.

Ao amigo Roger Medeiros, para quem todas as minhas ficções literárias convergem e se refestelam: foi o brilho das tuas leituras que me fizeram crer que o que eu escrevia tinha aderência e profundidade.

Aos amigos e amigas de Belém com quem encontrei e fui encontrado, de muitos modos fui acolhido e cuidado e isso pertence à ordem do inominável. De todo modo, foram vocês, em suas misturas e derivas, em seus estranhos chamados, que me nutriram do sentimento necessário para caminhar e continuar a caminhar por ruas que eu não conhecia.

À Bianca, artista-pesquisadora incrível, que me fez um convite que tornou possível muito dos caminhos que tomei adiante. Obrigado pela caminhada!

Às colegas e aos colegas da turma de doutorado de 2017, pelos atravessamentos e pelas partilhas com que escolhemos viver a intensidade deste caminho e seus emaranhados artísticos. É sempre uma satisfação perceber que fazer pesquisa é algo que não se pode fazer só.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Cesário Augusto, por me ter permitido a criação livre e desimpedida.

À banca examinadora, de qualificação e de defesa, pela generosidade e pela atenção e discrição com que receberam os meus escritos.

A todos e todas que se fizeram participar e foram se integrando junto ao corpo passo, no compasso amigo dessa grande caminhada; suas presenças foram sentidas e não serão esquecidas.

Por fim, deixo meu enorme agradecimento a tudo o que dá e deu pé durante todo esse percurso, incluindo os seus inúmeros percalços, desejo que este texto esteja à altura da empreitada.

O fim do mundo é só o começo,

Caminhemos.

Perambule
eis o único dote que as fatalidades te oferecem.
Perambule
as divindades te dotam deste único talento.

(Waly Salomão)

RESUMO

Os amigos que desconheço é um processo de criação artística e poética concebido como uma performance caminhante em que o caminhar é composto como um fundamento e qualidade de guerrilha e posto em prática como um cuidado de pensamento e ação em relação à emergência e a permanência do Antropoceno. Se o Antropoceno, a época geológica do homem, o homem tornado força geológica, indica um tempo inexorável de intensificação das catástrofes em todo o planeta, como é possível caminhar-viver por entre catástrofes? E o que o caminhar pode nos fazer ver e criar como linha de fuga e deserção em relação ao modo como temos vivido, sobretudo, frente às estruturas de colapso que são os grandes centros urbanos? Assim, este caminho artístico é pronunciado através dos impactos e das metamorfoses que afetam o performer-caminhante em um mundo que rapidamente e violentamente se atropela de novas premissas à vida. Os calçados, nesse sentido, se situam como o ponto de partida que o orientam na trama deste processo-caminho. Aparecem como imagens espectrais que insinuem tragédias. Calçados nas ruas: que dizem da falência do mundo e o que podem sugerir de histórias e/ou situações que suscitem sensibilidades e/ou cuidados que nos fortaleçam e/ou apontem outros caminhos? Para pensá-los nestes termos, performei um modo de ir e de me fazer ao encontro deles; sou seu amigo, eu lhes disse. Junto a eles é que esse processo foi se alargando – dando origem, inclusive, a séries performativas consequentes – e sendo esculpido através de inúmeras linhas de escrituras e densidades literárias, entre enxertos e estratos de pensamento, fragmentos poéticos e insinuações teóricas e/ou imagéticas, que especulam e discorrem, à sua maneira, acerca dos modos e das possibilidades de caminhar e, portanto, de existir, em um mundo cada vez mais hostil ao corpo e aos corpos.

Palavras-chave: Performance; Caminhar; Calçados; Cuidados; Antropoceno.

ABSTRACT

Os amigos que desconheço is a process of creation artistic and poetic conceived as a walking performance where the walk is composed as a fundament and quality of guerilla and put into practice as a care of thought and action in relation to the emergency and permanency of the Anthropocene. If the Anthropocene, the epoch geology of man, when the man became a geological strength, indicates a time inexorable of intensification of the catastrophes in the whole planet, how it's possible to walk-live between catastrophes? And what can walking make us see and create as a line of flight and desertion in relation to the way we have lived, especially in the face of collapsed structures that are large urban centers? Thus, this artistic path is pronounced through the impacts and metamorphoses that affect the performer-walker in a world that quickly and violently runs over new premises to life. Shoes, in this sense, are the starting point that guide him in the plot of this process-path. They appear as spectral images that suggest tragedies. Footwear on the streets: what do they say about the bankruptcy of the world and what can they suggest about stories and/or situations that arouse sensitivities and/or care that strengthen us and/or point to other paths? To think of them in these terms, I performed a way of going and making myself towards them; I'm your friend, I told them. Along with them, this process expanded – even giving rise to consequent performative series – and being sculpted through countless lines of writings and literary densities, between grafts and strata of thought, poetic fragments and theoretical and/or imagery insinuations, who speculate and discuss, in their own way, about the ways and possibilities of walking and, therefore, of existing, in a world that is increasingly hostile to the body and bodies.

Keywords: Performance; Walk; Shoes; Care; Anthropocene.

SUMÁRIO

CAMINHOS A CAMINHAR.....	13
1. MUITAS MANEIRAS DE ESTAR DESCALÇO	22
1.1 Calçados descalços: tragédias de corpos.....	25
1.2 Hostilidades.....	33
1.3 Fragilidades e vulnerabilidades.....	37
1.4 Tornar-se melhor diante da morte: aprender a viver/aprender a morrer	44
1.5 Pensar desde os pés	51
1.6 “Um planeta com chão cada vez mais movediço”	63
1.7 Caminhar para não virar trapo.....	67
1.8 Companhias e cuidados do caminhar	71
1.9 Pensando calçados.....	85
2. CRIATURA-CATÁSTROFE	94
2.1 Alianças: aprender a habitar a barriga do monstro.....	97
2.2 O camarote da catástrofe	100
2.3 Os amigos que desconheço	106
2.4 Cidades insuportáveis.....	111
2.5 Coordenadas de guerrilha.....	134
2.6 Fugir da cidade.....	151
3. O QUE TEMOS DIANTE DE NÓS?.....	155
3.1 Antropoceno/antropocenos.....	157
3.2 É hora de entrar em pânico?.....	166
3.3 Fim do mundo, fins dos mundos ou o que falamos quando falamos “ <i>fim do mundo</i> ”	170
3.4 Que mundo dizemos quando “ <i>nós</i> ” dizemos mundo?	172
3.5 O espetáculo do apocalipse	175
3.6 Adiar o fim do mundo ou um outro fim do mundo é possível	180
3.7 Nunca antes nesse mundo	190
3.7.1 Por onde vamos?	192

3.7.2 Liberar os amigos?	195
3.8 O futuro é floresta	197
4. PERFORMANCE(S) PARA ESCONJURAR CATÁSTROFES.....	211
4.1 Calçados <i>percolhidos</i>	216
4.2 Entre pés e calçados: para não se perder de caminhar.....	237
SEMPRE UM NOVO CAMINHAR	268
REFERÊNCIAS	276

CAMINHOS

A

CAMINHAR

O tempo das catástrofes, o Antropoceno¹, é o tecido irreversível de nosso tempo, e de muitos modos esta realidade parece ainda imperar sob um ativo silencioso, distante e farsesco. Se muitos negam², outros se consomem no labirinto sem fim da pergunta “o que fazer?” e suas pegajosas variações que aguardam junto a uma imensa colagem de sobrecargas psíquicas, uma resposta em definitivo, uma solução concreta, prática e imediata.

Diante disso, não há respostas satisfatórias. O que há são tão somente movimentos e dinâmicas, faíscas moventes que se desenrolam em múltiplos singulares, entre adaptações, trânsitos permanentes e/ou gingados. A questão que endossamos, portanto, parte não da necessidade de fazer algo ou de tomar uma atitude dianteira decisiva, mas da certeza de se dirigir a outros modos de viver/habitar/existir através de um processo de criação em performance que produza aberturas sensíveis, sem, contudo, reduzir-se a este. É isto o que este trabalho de pesquisa o é em sua proposição prática. Acreditamos que são inúmeros os caminhos para quem se atreve assumir a prerrogativa de viver/habitar o fim do mundo, e este é um primeiro passo a assumir este tempo, não se tratando de algo que forneça um direcionamento, manual de sobrevivência ou mesmo modelos de preparação que antevejam o pior. O pior já está e irá escalar: estamos condenados a conviver com este fracasso.

muitos guias em um sem fim de caminhos

¹ Em inglês, Anthropocene. A terminação foi proposta no ano 2000, pelo químico atmosférico Paul Crutzen, ganhador do Nobel de Química, juntamente com Eugene F. Stoermer, biólogo especialista em ciência marinha, para se referir a nova época geológica que estamos vivendo e que teria sido deflagrada por atividades antropogênicas. Em 2002, no artigo intitulado *Geology of mankind* e publicado na revista *Nature*, Crutzen formaliza a proposta.

² Estamos nos referindo à milícia destrutiva e *ecocida* a qual pertencem os chamados negacionistas climáticos. Ver: <https://bitlybr.com/RG5BO>. Acesso em: 01 abr. 2022.

Este caminho de pesquisa e criação artística se guia, em geral, pelas exigências – os cuidados – que este mal-estar nos obriga. Não apenas os desafios de agora em diante, mas as mudanças irreduzíveis que já estão marcadas em nossos corpos e das quais pouco começamos a tomar nota. Como ouvir/ver e se dispor frente a estas metamorfoses? Como aprender e se acercar destas que acontecem à revelia de nossas vontades? É preciso romper o fluxo do presente e renovar a percepção, mudar frente ao que mudou para que ainda se possa sonhar um futuro, escrever e testemunhar este tempo furioso (e quais escrita(s) advêm disto?), ouvir suas reivindicações e experimentá-lo em suas brechas inesperadas; o luxo de esquecê-lo é o risco de afundar junto a este. É essa a minha ética enquanto artista.

Com muitos guias, este trabalho se incorpora como um processo de pesquisa e criação artística situado em uma encruzilhada de saberes e se constitui enquanto corpo palpável como um texto memorial, que, como tal, é uma composição de alianças e intensas negociações relacionais. Sua anatomia e fisiologia são afetadas por atos de passagem; passar a outro mundo, de fato, porque o fim do mundo, de modo radical, nada mais é do que a presença de outro mundo³, de qualidade inferior, hostil, e indubitavelmente imprevisível.

Partimos do caminhar como necessidade primeira e abrangente de se mover sem se deixar ser engolido pelo luto ou por sequelas profundas que nos tornariam cada vez mais incapazes frente à dor do outro e das dores do mundo doravante acompanhadas de suas ficções descritivas, explicativas e especulativas. O caminhar, de pronto, é uma prática e um procedimento de pesquisa, é tanto uma expressão de criação artística (performance) quanto um movimento inquiridor e exploratório; é com e recorrendo ao caminhar, sempre um ato em exposição, que nos permitimos acessar modos de responder ativamente aos estímulos deste mundo que aqui se afirma com vigor destrutivo. Caminhar para alargar a imaginação, para nos prover de forças tentaculares, para tocarmos na epiderme de lugares inesperados e inauditos. O que o caminhar, um caminhar, pode nos dizer sobre os modos como temos vivido, em especial, nos grandes

³ Aquilo que estamos nomeando de “mundo” pode ser entendido, grosso modo, como as condições que regulam a existência dos múltiplos seres que habitam o planeta. Ou seja, o “fim do mundo” é, prioritariamente, um estado extremo em que estas condições são radicalmente alteradas ou interrompidas, o que traz implícito de que no mundo habitam os muitos mundos, visto que estas condições não são as mesmas para todos.

centros urbanos? Para onde o caminhar pode nos guiar? Que caminhos pode oferecer que já não saibamos a priori?

O que chamo de caminhar é nada mais do que uma presença miúda que se vale de presenças miúdas, é ato que perscruta as frestas, o inominável das ruas, os restos e rastros que possam nos dizer, e se sob outros regimes de fala e escrita, um modo de inferir como seguir e também como conceber novos caminhos. Traço o caminhar como um ato de esquivia sensível, prática ordinária capaz de se colocar a altura daquilo que se tornou difícil viver trazendo atrelado a questão inabalável: é possível habitar o mundo de outro modo que não este que nos foi imposto? Qualquer nível de resposta só poderá ser se experimentada, co-criada em relação com o imediato que nos atinge e do qual pouco sabemos, e para tanto é que invoco o caminhar.

Sou artista de performance e em meus processos compreendo a performance como metodologia de criação e pesquisa⁴. São performances caminhantes que sejam capazes de produzir pensamentos de cuidados – a guerrilha dos cuidados – que possam dar conta das novas premissas que atentam a vida, muitas das quais completamente desconhecidas. Mas que guerrilhas são essas? São, sobretudo, qualidades moventes, modos de fluência, operações e/ou truques de entrada e saída.

Para tanto, este caminhar se insinua por ficções. Caminhar na cidade como proposta de pesquisa, caminhar como medida do saber ler onde se está pisando, sabendo, de antemão, que neste mundo não se poderá jamais pisar do mesmo jeito, visto que tudo está sendo violentamente alterado e por conta de ações antrópicas. Esse caminhar é também um aprender a caminhar com outros, ainda que estes não figurem como criaturas ou aparecimentos palpáveis; percepções de viventes não-humanos. O que se acopla a este caminhar? O que muda a direção o caminhar? O que testemunha o caminhar? Que tecnologias o caminhar é capaz de inventar?

Estas ficções – que atravessam ficções – expressam uma capacidade de imaginação que visa extrapolar, em especial, a paralisia mercantil de nossa vida metropolitana. Ficções para caminhar rotas de fuga e pensar inomináveis (impossíveis), para se fortalecer diante da morte, para aprender a se preparar para a morte; ficções para ressurgir das

⁴ Por este motivo, irei me referir ao artista-pesquisador como “artista de performance”, ou somente como “performer”, entendendo que a ideia de pesquisa já está sintetizada em meu próprio fazer performance.

cinzas, para sonhar e aprender a nos curar de tudo aquilo que extravai a nossa potência de vida.

O certo é são inúmeras as possibilidades e não é pretensão deste processo se deter em todas ou se fixar a alguma, deixo-as aparecer em seu tempo-espaço a me envolver, produzindo aderências entre corpos e linguagens, camadas de aprendizados engordando musculaturas físicas/não-físicas. Aprender a sentir e absorver os impactos – forjar escudos, elmos e espadas – e deixar reverberar a habilidade de cultivar habilidades perceptivas/sensitivas. Acrescentar e exprimir variações àquilo que nos circunda. Encontrar pontos de respiro, fazer a deserção em relação ao que sufoca. Ouvir/entreouvir outros pensamentos, pensamentos subalternos, esquecidos, ignorados. Conceber pontos de contato e tecer aproximações, criar conjugações; são essas, precisamente, as potências de um caminhar tornado performance ou de uma performance tornada caminhar.

A pesquisa expressa neste memorial se presta, portanto, a uma partilha, e sua materialização sensível é o corpo inevitável de sua própria abrangência multiespecífica. Nosso objetivo é explorar modos de troca e justaposições entre evocações e descobertas suscitadas pelo caminhar – mas não qualquer caminhar – de modo que o leitor possa também caminhar e fazer parte-corpo nesse processo.

Estão aqui misturadas muitas das visões e aparições que experimentei em uma deriva de recursos e mananciais de criação (entre escritos, filmes, imagens, leituras, observações, poesias, deambulações na cidade, conversas, sonhos, orações, danças, delírios); visões que se antecedem e se sucedem; visões que revelam espaços a serem explorados, espaços de fazer e espaços de cuidar⁵. Sendo assim, quais ações são sugeridas através deste pensamento em ficção? Quais responsabilidades me interrogam neste imediato? Qual fazer me toma neste imediato?

⁵ O performer é natural de Fortaleza-CE e executa esta pesquisa em Belém-PA. Os limites geográficos do trabalho, entretanto, transbordam, não se reduzindo ou especificando-se a um determinado lugar. Há, portanto, uma mistura, um trânsito entre lugares, e principalmente entre cidades. Não é um trabalho que visa remeter ou circunscrever determinado aspecto ou questão proveniente desta ou daquela cidade. O que interessa, sobretudo, é o caldeirão de convergências dos elementos e dos conteúdos que aparecem e desaparecem avindos de lugares inesperados e dos quais não nos abtemos de fazer uso combustível. Esta pesquisa usa o que se tem e o que se sabe e faz isso do lugar em que está, e aprendendo e entendendo a se movimentar de outros modos sem perder a conexão com os lugares em que já esteve.

calçados descalços

uma guerrilha

muitos cuidados

O ponto nevrálgico fora o encontro com os calçados. Foi o momento entre a performance, o caminhar e a escrita, aquilo que criou liga, que estalou e despertou o artista e inaugurou uma aliança de sentidos que sacodiam blocos de interesses até então dispersos e talvez à espreita de um encontro qualquer. Os calçados são o começar, o material que alinhava os segmentos estruturais da pesquisa: é quando o que é caminhar se entrecruza com o que é catástrofe e coordena modos de não se deixar sucumbir por esse mal-estar através de um caminhar – feito de caminhadas – possível e acessível. Eu vi os calçados descalços, calçados como signos de tragédias e desastres e por eles fui absorvido, foi com os calçados que pude riscar pontos de pensamentos e ancoragens entre diversas margens envolvidas por tudo o que é chão. O chão, nesse caso, foi plano de partilha que ajudou a amalgamar o caminhar, a performance, a caminhadas, a guerrilha, os cuidados, a ficção, os caminhos, os achados pelo caminho, o pé, os pés, os calçados, a cidade, as cidades, e todos os atos subsequentes que vieram suprir e suscitar lacunas. Com os calçados, como entregue aos sonhos, eu pude me descalçar também.

O que defendemos e expressamos aqui é que diante de um mundo que visa a todo custo nos ver e fazer descalços, isto é, um mundo repleto de dispositivos e condições que visam nos fragilizar, arruinar e matar, será preciso insistir em longos processos de criação que se dediquem a cultivar cuidados que despertem e retomem sensibilidades cooperativas e colaborativas. Afirmamos ainda que ao se dedicar a estes processos como atos de urgência, estamos nos expondo a situações de aderência em relação a acontecimentos e/ou irrupções que criam laços inesperados, e é a isto que dou o nome de amizade.

Apostamos que um dos muitos caminhos para a deflagração destes processos, podem ser exortados e/ou propostos a partir de processos de criação artística, levando em consideração os modos pelos quais estes tendem a gerar e/ou sugerir inúmeras ramificações. Dito isto, o que importa, em nosso entender, é prover modos de contar e alastrar estes processos, de fazê-los circular e se encantar como histórias e estórias que vão sendo aguçadas, refinadas e abastecidas até o ponto de alterarem o nosso modo de ver.

Muitos já devem ter se deparado com um calçado na rua, mas até onde é possível torcer essa presença tão ordinária quanto trivial, conduzindo-a e nos deixando conduzir por caminhos tão inesperados quanto extraordinários?

Este texto encontra-se dividido em partes que se distribuem de acordo com um percurso que tece veias de relação junto a acontecimentos e movimentos de criação intumescidos pelo caminhar. É um texto intensamente motivado por encontros, o que decorre destes e do como o artista os interroga (ou performa, no caso). Nem todos se deixam óbvios, muitos não passam de suposições, que seguem e puxam fios, pistas, rastros, resquícios. Proponho aqui um modo possível de organizá-los, como linhas de pensamento motriz, em uma espécie de coalização de linguagens através de ciclos que constantemente se desdobram e se retroalimentam.

No primeiro, trata-se do momento que antecede o caminhar em sua materialidade estética, quando este ainda não emergiu por completo, não se consolidou enquanto performance (mas nem por isso é desvinculado do seu caráter de performance presente no texto; a pesquisa já está sendo performada) e encontra-se disperso, alimentado por delírios, fatos, imagens e outros conteúdos dissidentes, todos circunscritos em maior ou menor grau aos calçados, que são o elo sensível de pensamento entre o caminhar e a catástrofe. São os primeiros passos de um caminhar que começa a germinar e podendo tomar os rumos mais inesperados. Pensar o caminhar, mas também os pés, as superfícies e os calçados. Aprender a deglutir e ousar traçar parâmetros éticos-estéticos de atuação performativa em ambiências hostis. Muitos são textos de cunho literário, de sabor poético, caminhar que se confundem com a própria escrita, que se absorvem destas camadas de vozes de pensamento e compreendem texturas, expressões e dribles de diferença; a magia, o bailado do criar. Textos que se interpenetram e que irão

aparecer de muitos modos e com diversas modulações ao longo de toda esta rede de escritura.

No segundo, temos o caminhar em seu *modus operandi*, em sua ficção constituída. O caminhar no nível da rua, concentrado, focado em seu encontro primordial, no caso, os calçados. É quando o caminhar evidencia a sua problemática e produz modos práticos de abordá-la, interrogá-la; é a performance em sua proeminência, quando organiza sob um mesmo programa de ação todos os elementos que foram contorcidos e revolidos no capítulo anterior. Os amigos que desconheço são apresentados ao leitor. O performer e seu carrinho pelas ruas da cidade de Belém-PA em um ritual de caminhada acolhendo/abrigoando calçados, ouvindo estas vozes outras que o chegam. É este o modo específico encontrado pelo performer para se relacionar com a catástrofe sem se deixar ser engolido ou se tornar cúmplice desta. É também neste capítulo que apresento uma metodologia de escrita que inaugurou o terreno para que este caminhar se tornasse possível.

No terceiro, vamos a uma longa imersão contextual. É a compreensão analítica e conceitual daquilo que temos diante de nós, um mergulho no espinhoso labirinto do Antropoceno e muitas das suas implicações materiais em relação à vida e os modos de existir no planeta para além da supremacia do homem, trazendo para o jogo variadas disciplinas e indisciplinas do conhecimento humano e não-humano e discutindo noções possíveis que sejam capazes de ampliar todo este terreno sinuoso e perigoso ao qual nos arriscamos enquanto artista de performance e caminhante de um mundo rebaixado, em permanente estado de emergência.

No quarto, por sua vez, chegamos ao ponto posterior. O que o caminhar em sua persistência fomentou? O que ficou após o caminhar e por quais meios o caminhar continua a caminhar? E como isso se traduz em novos ciclos performáticos de pesquisa, uma pesquisa que se desvela por seu *continuum* de camadas de criação? Para isso, um cartel de performances se apresenta, artistas que cruzam e entrecruzam o movimento de criação deste performer e com os quais constrói uma teia de alianças em meio às questões que se revelam no fazer performático e nas possibilidades que a arte da performance oferece em detrimento do fim do mundo, ou seja, a possibilidade de performar o mundo depois do fim do mundo. É também neste momento que aparecem a série performances que fazem a extensão do espaço da rua e compreendem um

momento mais íntimo, o espaço interno da residência do performer caminhante, quando os calçados, acolhidos, precisam agora de uma outra qualidade de atenção, cuidados específicos.

1.

MUITAS
MANEIRAS DE
ESTAR DESCALÇO

Não tenho um caminho novo. O que eu tenho de novo é um jeito de caminhar.

(Thiago de Mello)

Notas de advertências para quem aqui performa

Este texto está tomado por linhas de rupturas, são miríades de qualidades de escrituras moventes que performam o continuum de atos em ebulição. Muitas se conectam pelo húmus de pequenas fragilidades, outras são sons de marteladas sob a bigorna, forja de Ogum⁶. Todas as armas e técnicas possíveis – as que estiveram ao alcance – e seus sussurros infecciosos para bem fazer a luta, não somente a de classes, mas as lutas, para além e aquém desta⁷.

Sua tessitura larvar, por sua vez, estará acanhada por alguns fios de desamparo, os estertores de nosso tempo, mas estes não se situarão como núcleos duráveis, adianto e garante. E se a muitos não nos será dada a possibilidade de escapar, que façamos o aprendizado em fluxo de emboscá-los no esteio de suas próprias insuficiências. Não nos deixemos acostrar, a alegria colérica desta escrita se dá na síncope de uma festa extravagantemente vestida.

A linha do caminhar e o seu traçado derrisório em danar-se por percursos descritivos é o composto combustível parido na tentativa de fazer deste um espaço inesperado, de ocorrências intempestivas. Trata-se de uma pequena contribuição ardente para quem pensa através de abrigos e barricadas, afinal, quem anda a pé, é, sobretudo, alguém sem defesas⁸.

Neste liame, para mais ou para menos, a prerrogativa da aliança é o gesto caminhante cambiante, intravenoso e artístico a afirmar determinadas posições, sem doravante bater os pés em continência. Nada que se assemelhe a um esporro no chão. Pisar com cuidado, para um caminhar suave, com vistas a outra coisa. Aprender novamente a

⁶ Na mitologia da cultura iorubá Ogum é o orixá guerreiro, senhor da guerra, da agricultura, do metal e da tecnologia. É o orixá guardião que cuida e protege, que quebra demandas, o orixá que vem na frente (fora um dos primeiros orixás a descer à terra e é também um dos mais antigos); Ogum é senhor e desbravador dos caminhos e simboliza a lei e a ordem, é o executor, orixá da demanda, da ação, que faz as regras serem cumpridas.

⁷ Do poema do poeta curitibano Paulo Leminski (1944-1989): “Em la lucha de clases/todas las armas son buenas/piedras/noches/poemas” (2013, p. 93).

⁸ “Então ela me olhou com um fino sorriso e, como sabia que eu era um homem a pé e, portanto, sem defesa, me compreendeu” (HERZOG, 1982, p. 77).

andar com os outros, com aqueles que nos ensinaram a andar nesta terra, estes que, há muito, aprenderam a andar na parca terra que lhes fora deixada.

A tentativa de guerrilha de soprar por entre as frestas e as pedras miúdas deste barril de pólvora cunhado cidade em seu caráter de metrópole se faz por capacidades descalças: o vestir e o revestir de acoplamentos de ecologias sensíveis de criação. As descontinuidades práticas destes textos multiespécies, portanto, se insurgem como brevíssimos aparatos sugestivos, intervalos de deserção que oxigenam mundos.

Assim, sob o eixo abrasivo das tormentas que ventilam pequenos rastros e esboços de refúgios, no contrapelo de nossos desesperos, percebe-se espaiar a gênese de uma conexão intersticial. Aos calçados que se interpõem no calço de meu calçado, faço o corpo performance de lhes ouvir, desconheço-os, não sei para onde foram, sei que foram; chamo-os amigos. Conjugo algum ritmo de conexão, conjuro seus pontos, quero zelar para que estejam bem. Sei que se arriscam, muitos irão sucumbir, inevitável, não logro o êxito heroico de lhes salvar. Faço o que estiver ao alcance para lhes prover alguma pele de cuidados por onde possam seguros pisar. Quero lhes garantir, ainda que à distância, um mínimo de hospitalidade, um pouco do pouco que professo. Ao mesmo tempo, reacendo suas práticas como protótipos de enfrentamento sob outras zonas de convergência e faço a notícia guarida de suas fugas, para longe, para perto, para onde sequer sabem onde. *Percolho* o aprendizado inominável de suas forças de deserção fazendo as vezes de um agente sintético infeccioso; ofereço metástases epistemológicas.

Coloco-me em condição de coexistência com estes, acompanho-os em seu caminhar. Não sei se me veem, se sou notado. Deste mundo, no fim do mundo, festejo mundos que se extravasam em canais de criação comunal; não respiram por aparelhos. Não interessa descrevê-los, explicá-los ou contar suas histórias; é a imensidão imagética do ato cosmológico que diz de um modo singular de vivenciá-los. Existem muitas maneiras de estar descalço, esta é apenas uma delas.

1.1 Calçados descalços: tragédias de corpos



Fortaleza-CE, 27.01.2018. Foto: Evilázio Bezerra⁹.

Eu estava lá. Vi os corpos. Testemunha intrusa baleada um a um por suas presenças. Ainda dançavam? Sabia de antemão, tudo já acontecera antes; tornaria a acontecer. Não pude fazer nada, não podia me mexer, os olhos inchados, as lágrimas impedidas de pinicar no chão; mínimo resíduo de alerta. Ninguém podia ver. Eu vi tudo. Quem os estava enterrando? O corpo desesperava de saber que não estavam a salvo. Do autoritarismo de se manter salvo e esquecer todas as guardas. Quem lhes grita? Quem conta o privilégio de lavar o sangue das mãos? Estalaram assombros, logo a festa seria bruscamente interrompida. A festa executada. Eu estava lá; debaixo da mesa? Sabia o que esperar. Não podia e ainda assim aguardava a rouquidão rasante

⁹ Esta foto foi publicada no jornal *O Povo*, jornal local de Fortaleza/CE, na ocasião da maior chacina já registrada na história do estado do Ceará. Ao todo, 14 pessoas foram mortas e 9 ficaram feridas, a maioria mulheres (8, no total, incluindo duas adolescentes). A Chacina das Cajazeiras, como o massacre ficou conhecido, ocorreu no Forró do Gago, casa de espetáculos localizada no bairro das Cajazeiras, periferia de Fortaleza, durante uma festa em que estavam presentes cerca de 300 a 400 pessoas. Os calçados da foto pertencem às vítimas que tentaram fugir do local durante o tiroteio.

da morte. A qualquer instante. Agora. Imagens colidindo visagens. Será possível ver aquilo que está aquém da possibilidade de ser visto? Onde se alojaria o tiro? Desejei entrever todo o sofrimento de uma só vez. Nada. Assistiria com todas as regalias improváveis, currado de todos os frágeis detalhes. O terror empoderado roendo os ossos, a ficção fritava a ocorrência cutânea do real. As saídas, sabidamente, em sua manutenção de efetividade, foram amputadas e cauterizadas em sinal de lealdade ao rito dos mortos. Fiquei atrelado ao chão, besuntado de convulsões em resposta a cada estampido, desterrado a cada queda. O corpo amassado frente ao enunciado perverso da morte e sua imparcial capacidade de imiscuir-se ao chão. O chão cuidará de secar e esvaecer, quis acreditar. Nada ao alto. O momento que corremos ao fundo mais profundo, ao enxugamento de nossas esperanças sutis. Fui recolhido aos trapos, aos restos do meu arrastar febril frente à ferocidade do horror cotidiano. Pedi para acordar. Não fui atendido. Iria até o fim desta ocorrência. O pesadelo crepitando minhas chinelas sujas de sangue. Os pés rachados de tanto insistir em furar o abafado dos sentidos degredados de sua potência. A morte ao rés do chão, entrecortada pela corrida sangrenta das balas, a tentativa emaranhada de fuga, de mais um dia, de ter ainda com que sonhar. O pesadelo reteve meus gestos a uma quase incompreensão. Faltava tudo ao término. Não ousei contar a ninguém; envergonhava-me. Podia ainda vir a sonhar? Ficaram, ao calhar dos dias descalços, os calos daquelas chinelas parasitando meus pés. Coçaram durante meses. Meus pés não tiveram descanso. Foram alvos de carcomidas geografias que serpenteavam e secavam. O alto relevo fumegava sob a pele, tive faíscas de objetos cortantes e agulhas, de extirpar e esmagar o bicho a caminhar o sangue nos pés perseguindo um alívio qualquer. Tudo recomeçava no dia seguinte. Os calçados deixados para trás entrecruzavam-se de encontros malsucedidos, teimavam em aparecer e reaparecer, amarfanhados de fuligem. Por fim, aquela imagem, sobretudo aquela imagem perfurando meus pés.

UM PRIMEIRO PASSO, UMA PRIMEIRA PASSAGEM

Uma única imagem me acertou em cheio e se multiplicou em outras e mais outras, chegaram torrentes, como se movidas por atos de desespero. Eu já não as tinha visto antes? Sempre estiveram ali? O que faltava para que eu pudesse vê-las? E agora, como lidar com suas presenças? De qualquer forma, não podendo rechaçá-las, restava saber como assumir as responsabilidades que elas me colocavam: que tipo de desencadeamento criativo poderiam precipitar?



Liverpool, 04-10.02.2019, 226 pares de calçados infantis¹⁰. Um par de calçado para cada criança que se suicidou em 2017 no Reino Unido.



Tel Aviv, Israel 04.12.2018. Foto: Agência EFE. Mulheres fazem greve e protestam contra violência de gênero¹¹.

¹⁰ Disponível em: <https://bitlybr.com/xnfZQ>. Acesso em: 11 maio 2022.

¹¹ Disponível em: <https://bitlybr.com/aMDFa>. Acesso em: 11 maio 2022.



“Shoes on the Danube” (Sapatos no Danúbio), 2005, Budapeste, Hungria.
Foto: Phil Watkins¹².

Não é de crer que os sapatos signifiquem pouco, na vida do Campo. A morte começa pelos sapatos. Eles se revelaram, para a maioria de nós, verdadeiros instrumentos de tortura que, após umas horas de marcha, criam feridas dolorosas, sujeitas a infecção na certa. A gente, então caminha como se tivesse uma bola de ferro amarrada no pé (daí a estranha andadura do exército de fantasmas que a cada noite volta em formação de marcha); sempre chega por último, e sempre apanha; se perseguido, não consegue fugir; seus pés se incham e, quanto mais incham, mais insuportável torna-se o atrito com a madeira e a lona dos sapatos. Então, só resta o hospital, mas entrar no hospital com o diagnóstico *dicke Füße* (pés inchados) é sumamente perigoso, já que todos sabem (e especialmente a SS) que dessa doença, aqui, não dá para se curar. (LEVI, 1988, p. 44-45).

¹² Memorial em homenagem às vítimas do Holocausto. Ali mesmo, margens do rio Danúbio, muitos judeus foram obrigados a ficar descalços para logo em seguida serem fuzilados e terem seus corpos levados pelo rio. Os sapatos, à época, eram considerados artigos de luxo.



Em 2021, em diversas cidades do Canadá, após a descoberta de diversas sepulturas e restos mortais, vários memoriais com sapatos infantis foram erguidos pela população em tributo às crianças indígenas que padeceram em internatos nos séculos XIX e XX para onde foram enviadas a força e ali foram vítimas de uma série de abusos e violações.¹³

UM SONHO DESCALÇO

Roubaram minhas chinelas. Foram trocadas. Substituídas por outras, já velhas, remendadas, calejadas, sujas de merda até, salvo engano onírico. Em sonho. Não uma, mas várias vezes no mesmo instante cênico. Fui acusado, eu, de roubar minhas próprias chinelas, pelo dono, ou a dona, dos vários estabelecimentos que frequentamos naquele exato momento. Elas apenas apareciam e reapareciam. Estávamos na praia, tudo muito similar a uma barraca, deixamos as chinelas sob a mesa e fomos para o mar. Quando voltamos, não havíamos ido ao mar, a barraca era um bar posicionado no cume de uma ladeira em algum centro histórico de uma grande cidade e minhas chinelas haviam sido trocadas por um par de outro modelo, ainda que pretas, e de número menor. Minto. A confusão de imagens provoca mentiras, disponíveis a uso retórico. Um dos pés ali estava. Desesperei, não importa. Estava só a raspa, o calcanhar da borracha todo gasto, só o garrancho. Parecia ter levado uma mordida de algum bicho mutante que por acaso surgira. Pena

¹³ Disponível em: <https://bitlybr.com/aEKE>. Acesso em: 22 mar. 2022.

que a cidade é limitada na sua produção de bichos, sua especialidade é a extinção e a restrição das espécies. Impossível. Quero a minha chinela. Só a minha, como pode? Não vou voltar para casa só com metade do par, protestei. Falei sozinho. Havia ali, naquela confusão de chinelas, um par sobrando, novo, de ninguém, o número me cabia. Quando pus, imediato apontado. Todos viraram. Essas chinelas não são suas. Não são de ninguém e levaram as minhas. Mas essas não são suas. E são de quem? Não sei, não importa, você não irá roubá-las. Vou levar sim, as minhas foram trocadas e essas estão aí, devem ter deixado para mim. Você não tem como provar. Não preciso provar nada. Precisa sim, e suas chinelas, pelo que você está dizendo não foram roubadas, apenas trocadas. Então vou trocar o pé que não me cabe. Não pode, os pares devem ser mantidos. Meti os pés nas chinelas do mesmo jeito e fui escorraçado do bar. Meus amigos apareceram para me acudir, surgiram sabe-se lá de onde. Estavam todos descalços. Talvez eu tenha confundido a mesa. Descemos a ladeira, os pés alegres, fomos cantando abraçados. Chegamos a outro bar, nossas chinelas lá. Ou quase. As minhas novamente trocadas. Desta vez, as duas, um dos pares sujos de bosta. Arremessei para o outro lado da rua. Fiquei puto. Todos rindo. Disse que iria ficar com as chinelas do dono. Ele tinha fugido e todas as chinelas haviam desaparecido. Fui consolado. Novamente, todos juntos, descalços, andando na rua. Não sei para onde fomos, para o mar, provavelmente.

SENTIDOS DO ASSOMBRO

A imagem dos calçados me assombrava, eram uma certeza e eu não podia passar incólume por eles; certa forma, de modo que eu ainda não compreendia, aqueles calçados, amontoados como se desencontrados, fora de lugar, em uma situação que parecia não fazer qualquer sentido habitual, apontavam para um fim de mundo.

Foi dessa forma, alinhavado por imagens que gritavam uma ausência de corpos, que comecei a levantar e organizar as situações/conexões a que isso poderia se referir, afinal, como isso compunha um grau de familiaridade com o que eu vinha caminhando em meu percurso de artista? Ou de outro modo, como isso acendia os interesses a que eu me dedicava até então? Como isso passava a motivar e gestar de forma decisiva todo um longo processo de criação? Continuei a insistir em mais e mais imagens, desejava qualquer coisa que pudesse fornecer paralelos, pequenos ganchos ou deixas, auxílios ou guias de qualquer natureza, qualquer coisa que fosse capaz de me abrir e preparar para o que viria a ser o que eu era.

1.2 Hostilidades

Imagem I

O que aconteceu, ela pergunta. O que aconteceu em todo lugar, ele responde. Não se sabe o que aconteceu, sabe-se que aconteceu. O “fim do mundo” no filme *Morning Patrol* (1987), do cineasta grego Nikos Nikolaidis (1939-2007), se instala como uma amnésia, um esquecimento generalizado: ninguém lembra o que ocorreu. Tudo o que eu lembro é de andar, ela diz. Ninguém tem nome, não há identidades, todos estão perdidos e melancólicos. Quando se deu conta tudo estava assim e andava, andava porque era isto que poderia fazer, sequer sabia se as roupas que usava eram suas; só tinha certeza que esta terra não mais lhe pertencia, estava completamente despossuída.

Não sabia de onde vinha, mas sonhou por onde poderia ir ou por onde já havia estado. Sonhava com isso, o sonho a acalmava, ali era capaz de encontrar o outro mundo, o mundo que vivera outrora, o mundo em que algo fora possível, bem diferente deste. Uma cidade, talvez, um nome apenas, surgia no sonho como a única reminiscência de algo que a impulsionava, que apontava um caminho. Ela se tornou alguém, afinal, tinha uma arma e acreditava na existência do mar.

Neste resto de mundo, um imenso pesadelo despovoado, cada um por si, uma cidade sem nome (não a cidade dela, de onde viera) surgia como uma fronteira irremediável em direção a um horizonte possível, o mar, no caso. Ninguém conseguia ir além desta. Os que tentaram não voltaram, foram mortos, provavelmente. A cidade era vigiada por uma estranha patrulha, uma milícia encarregada de caçar e matar a todos que ousassem atravessá-la. Uma zona proibida repleta de armadilhas para qualquer um que quisesse, por exemplo, assistir um filme ou dar um telefonema, nenhuma nostalgia era permitida. Uma cidade que não estava completamente destruída e que mantinha intacta muitas estruturas, mas permanentemente desabitada.

Imagem II

No documentário curta-metragem *La Soufrière: esperando uma catástrofe inevitável* (1977), do alemão Werner Herzog (Munique, 1942), a população da Ilha de Guadalupe, colônia francesa no Caribe, fora evacuada às pressas dada a iminência da erupção do

vulcão La Grande Soufrière. Ao se deparar com a notícia em um jornal, Herzog se interessa pela história ao saber que um dos moradores havia se recusado a deixar a ilha. Em uma espécie de espasmo de loucura, junto a dois fotógrafos cinematográficos, ele se dirige à ilha para registrar a história. Ao chegar à cidade de Basse-Tere, Herzog começa a narrar suas andanças pelo local que não esconde o frescor de um abandono recente e parece exalar uma aparência de ficção científica.

A catástrofe, Herzog mostra, não é a iminência de o vulcão explodir, mas a própria cidade evacuada. A cidade como uma tralha humana, um monturo de coisas das quais não podemos levar conosco, este espaço que não comporta nossas vidas, um espaço que perde todo o sentido e que, em grande medida, é simplesmente o lugar do qual não podemos fugir; “para onde eu iria?”, indagava o homem que se recusou a evacuar a cidade junto aos outros. Ele teria morrido com a erupção magnânima do vulcão, mas a morte não lhe preocupava, era um homem pobre, para ele, a catástrofe inevitável do vulcão seria apenas mais uma e provavelmente uma catástrofe muito mais honesta.

O vazio da cidade, a cidade como um vácuo é a sua própria instância de destruição e morte: um lugar excessivamente humano, desolador, um lugar ao qual não vale a pena lamentar, de humanos para humanos, até porque os animais, na pressa, sequer foram levados, animais estes frutos da criação humana. A pressa, a correria, abandonar o barco e se salvar (se salvar para onde, se salvar de quê?), todo o resto é descartável, a única morte que importa é a morte humana.

Lembremos, frente a isso, que o extermínio nestas terras (e o filme de Herzog se passa na América Central) nunca é devidamente mostrado: foram sempre aterrados a ocorrências dos massacres de populações que permitiu o estabelecimento e o crescimento destas cidades, estes lugares emporcalhados, que, no mais, são apenas imensos assentamentos de cacarecos humanos. Este solo em que pisamos – e talvez por isso tenhamos tanto medo de pisá-lo – é regado a sangue, nossa terra urbana é um imenso cemitério e as cidades são nada mais que necrópoles.

A ideia de “uma catástrofe inevitável que nunca aconteceu” pode ser pensada de outro modo e é finamente sugerida no filme: uma catástrofe evitável, mas que não cansa de acontecer.



Um dos calçados perdidos em meio a evacuação da cidade.
Frame do filme *La Soufrière*, do realizador alemão Werner Herzog,
1977.

Imagem III

Nada parece ser mais atual do que a fala angustiada da inteligência artificial MIMA, do filme *Aniara*¹⁴ (2018), dirigido pela dupla sueca Pella Kagerman e Hugo Lilja, momentos antes de se autodestruir devido à sobrecarga de angústia humana que se depositara sobre ela: “não há proteção para a humanidade”, “não é possível proteger a humanidade de si mesma”. Nesse filme, aqueles que podiam pagar estavam de mudança para colônia em Marte, a Terra estava em frangalhos, tornou-se inóspita, devastada por catástrofes sucessivas. A nave *Aniara* que os conduzia nesta fuga (uma viagem de três semanas) era a reprodução de um imenso *Shopping Center*, uma cidade transatlântica espacial, um microcosmo da vida que os passageiros levavam na Terra, em suma, o mesmo “estilo de vida” que havia destruído a Terra. Após um acidente, entretanto, a nave sai de sua trajetória e fica à deriva no espaço, sem combustível para retomar o curso. O comandante, em um dado momento, escondendo indícios de preocupação, orgulha-se presunçoso: “nós criamos o nosso próprio planeta”. Não demora muito e enquanto aguardam uma salvação interplanetária – que nunca virá – o simulacro de “planeta” – quem poderia imaginar? – começa a se tornar um imenso pesadelo. Ao final, passados milhares de anos, *Aniara* continua a vagar perdida no espaço: é uma nave morta, despovoada, escura e inóspita.

¹⁴ Do grego *aniarós*, que significa “triste, desesperado”.

o fim do mundo é uma ocorrência movida por atos de vingança

Imagem IV

Em mais um episódio tenebroso da história da América Latina¹⁵, a prefeita indígena Patricia Arce, da cidade de Vinto, província de Cochabamba, na Bolívia, fora rendida e sequestrada por manifestantes que se posicionavam contra o até então presidente Evo Morales¹⁶. Publicamente humilhada e torturada, Patricia teve os cabelos cortados, fora coberta de tinta vermelha e, descalça, obrigada a andar em cortejo, em um cordão de isolamento, por vários quarteirões estando exposta a sucessivos xingamentos e acusações, entre estes, a imposição de sua renúncia. Ao seu redor só se vê homens.

Para além da questão política e de suas imensas implicações históricas que estão no cerne da constituição do continente americano, absorvo em especial deste forte e violento ato: Patricia tornada descalça e obrigada a caminhar como medida de punição, sozinha, cercada por uma multidão de homens raivosos e encapuzados. Não posso me desviar da condição primordial da cena asquerosa e faço o esforço de imaginar. Parece implícito haver uma vingança em relação a terra. Os que subjagam a mulher tratam-na como uma condenada da terra. Há um profundo corte racial e a covardia é amarrada a este padrão colonial de poder: animalizada, subjugada, dominada, cospem e gritam a ela que ela não anda como eles, que nunca poderá andar como eles; é uma “assassina” e “nós” a estamos obrigando-a a andar como se deve, como a expiar a culpa de tentar ser como “nós”. Querem que se envergonhe de sua própria terra, colocam-na em uma posição de inferioridade, deve se sentir rebaixada, é uma expulsão – não pode ocupar o

¹⁵ Os povos originários se referem a este imenso território como Abya Yala.

¹⁶ Em 10 de novembro de 2019, Evo Morales (primeiro presidente indígena da Bolívia, país de maioria indígena) foi forçado a renunciar à presidência após o comandante das forças armadas em um pronunciamento televisivo “sugerir” a Evo que assim o fizesse. Para mais informações ver: <https://bitlybr.com/6k4GM> / <https://bitlybr.com/gj1g5> / <https://bitlybr.com/435HH>. Acesso em: 11 maio 2022.

cargo de prefeita, não pode continuar a ser prefeita – que volte de onde veio e morra por lá. O afeto movente, acima de tudo, é fruto de um ódio fervoroso em relação aos povos originários, os povos que se conectam a terra.

1.3 Fragilidades e vulnerabilidades

Conta-se que na sua juventude, o mestre japonês Ginchin Funakoshi (1868-1957), conhecido como o pai do karatê moderno, durante a passagem voraz de um tufão pela ilha de Okinawa (conhecida pela constante presença de tufões), ao invés de se recolher em sua casa como havia feito toda a população do povoado de Shuri na esperança de que a fúria dos ventos logo cessasse e sem maiores danos, Funakoshi subiu ao telhado de sua casa e pôs-se em *kibadachi*, a base do cavaleiro. Por diversas vezes o jovem Funakoshi fora derrubado do telhado até por fim conseguir se sustentar na posição e assim permaneceu, sem retroceder.

Enfrentar o tufão não figurava como um motivo irascível ou o ato heroico e imprudente de se afirmar tolamente diante de um fenômeno furioso e inalcançável – como se o tufão estivesse particularmente interessado nesta pequena criatura humana. Tampouco vigora como um modo esdrúxulo de fazer força ao tufão na ânsia ególatra de reiterar sua sagacidade técnica frente a todos. O tufão, fazendo desabar os céus, fora usado como um canal relacional para o aperfeiçoamento de sua arte; Funakoshi treinava, exercitava o *dô* (o caminho): é como se a força monumental dos ventos e da água permitisse uma lapidação singular e, deixando-se afetar pela excepcionalidade do fenômeno, fortalecendo corpo e mente, Funakoshi, solitário, experimentava sua própria fragilidade.

A aparente irresponsabilidade ou loucura da situação é logo demovida pela força intensiva, metamórfica, que Funakoshi exalava: “olhos arregalados cintilando com uma luz estranha, uma testa larga, pele bronzada. Apertando os dentes a medida que o vento o açoitava, ele emitiu uma aura de poder indescritível. Poder-se-ia dizer que era um dos reis guardiões dos Devas” (FUNAKOSHI, 1994, p. 56).

Como ser tomado pelo tufão sem se deixar ser engolido por este? Mais do que um embate entre forças (o que seria impossível dada a desproporção), enfrentar o tufão presume-se como um estado de complementaridade de fluxos. Sem forçar-se a

permanecer nesta posição a qualquer custo, Funakoshi investia-se em deixar o tufão passar por ele, não se colocando como obstáculo, mas como um plano de composição de forças modeláveis – fazer parte do tufão, se integrar a este – do mesmo modo que as casas do povoado eram construídas de modo a resistir a passagem do tufão.

Esse estado extraordinário de relação constitutiva estabelece uma percepção que visa a um alargamento das formas: o não se contentar com estados vigentes que se satisfazem de velhas pretensões ordinárias, preocupadas em produzir equivalências e efeitos de compensação. Produzir conexões que não se fiem em sublinhar conflitos como afetos decisivos. Funakoshi não estava interessado em pôr a prova a força de sua base, evidentemente forte e estável, algo que qualquer pessoa que chegasse a determinado nível de treinamento poderia arriscar. Funakoshi não usava seu karatê como escudo, aparato de proteção ou carapuça técnica; buscava, ao contrário, esmiuçar as falhas, ver aquilo que ainda podia ser refinado.

A forma – a base, no caso – é talhada para muito além da forma, não visa o aspecto, o desenho, a estrutura, e revela os princípios dinâmicos dos processos de fermentação da vida sob o jugo de uma batalha feroz: “a forma nasce do encontro entre uma situação e uma necessidade” (COMITÊ INVISÍVEL, 2017, p. 183). É a colisão por novas linhas de apreensão e a emulação desta forma (nunca à margem de suas contingências) ao tempo de um abandono, um descascar de pele, e uma musculação, produção de afecção desta forma em seu estado singular de presença.

Aceder a movimentos excepcionais (modos outros de pensar a realidade) e estabelecer vínculos bizarros (estados alterados?); recuperar lições e nutrir-se de experiências já existentes oriundas destes outros mundos vivos, outros imaginários, banhados em rio/mar por distintas maneiras de ver a vida que se entrelacem por uma proposta entre sujeitos, humanos e não-humanos. Não entramos aqui com a prerrogativa de boas intenções. Se nos arrogamos arrombar de encontros, isto é, assumi-los em sua variação de formas ao caminhar no contrapelo de nascedouros urbanos em seu devir-floresta, o fazemos na medida de perceber as impossibilidades, o intolerável do mundo: somos convocados a agir no rarefeito destas condições hostis. Agir a altura.

Passemos a um possível, visto que “a vida, sob todas as suas formas, inclusive a vida em período de morte e de luto, ou, como em nossos dias, em período de graves perigos e de extinções maciças, leva os seres a criarem laços.” (DESPRET, 2016, p. 02). Criar

laços é precisamente e continuamente passar a outras formas, é nos entregar a fome do mundo e nos deixar envolver por estes, aprender a ouvi-los em sua fome: “se falta enxofre à nossa vida, ou seja, se lhe falta uma magia constante, é porque nos apraz contemplar nossos atos e nos perder em considerações sobre as formas sonhadas de nossos atos, em vez de sermos impulsionados por eles” (ARTAUD, 2006, p. 03).

Nesse sentido, o aprendizado constante que precisaremos para *co-conviver* aos pés da iminência do desastre é o incansável da necessidade de uma permanente recriação das forças de vida. É a impossibilidade mesma de voltar a ser como antes; é passar a outra coisa, seguir as fagulhas, encontrar outras maneiras, expandir, extrapolar a prática ordinária, explorar a tempestade *coexistencial* de afetos colidindo entre si, mobilizar a alegria furiosa, insistir em linhas de *composição/decomposição* e não sonegar a lucidez de que estamos há muito vivendo no olho do furacão (somos o cisco?) ou ao pé do vulcão, como queiram.

feito raiz
pé que se agarra ao solo
não cessa de andar
vive de base em base

No karatê, a base deve funcionar como uma raiz que se agarra ao solo, sentir a base é sentir a conexão com o solo. Será muito difícil para qualquer pessoa deslocar um karateca bem treinado que esteja firme em sua base. Toda base, entretanto, em sua forma aparente, apresenta uma falha mecânica¹⁷, pontos cegos em que a tensão de equilíbrio é latente e por onde poderíamos ser mais facilmente derrubados, o que deve ser compensado com um rígido treinamento técnico na incumbência de reduzir ao

¹⁷ Essa falha mecânica pode ser atribuída, grosso modo, ao bipedalismo. O ideal para uma base estável seria que tivéssemos quatro pernas como muitos quadrúpedes, o que, por outro lado, iria impor grandes limites a nossa mobilidade, de modo que o desequilíbrio é um fator que se combina com a nossa agilidade, ou seja, o desequilíbrio permite que possamos assumir uma maior variedade de posições e posturas.

máximo essa brecha, seguindo sempre a linha de potência da forma. Desse modo, a filosofia do karatê pode ser pensada sob estes vetores: na medida em que trabalhamos para reduzir a incidência de uma falha (que nunca poderá ser eliminada por completo) nos liberamos um pouco mais para o mundo. Funakoshi costumava dizer a seus alunos que o karatê servia, ao contrário do que se poderia imaginar, para nos tornar fracos e não fortes.

PERFORMANCE COMO POLÍTICA DE AVIVAMENTO

Ao dedilhar estas noções comecei a entender que a confecção deste texto vem como uma frágil tentativa de subir o telhado para fortalecer sua forma, animar o corpo, ganhar em espessura, ascender a uma nova potência embebida de outras condições até, por fim, abandoná-la quando não mais necessária. Ao não se furtar aos encontros e sem a finalidade de cauterizar as feridas (não todas, pelo menos), só posso concebê-lo como uma ferida viva e que me aviva, como um tecido que combate o esquecimento. A certa altura, percebi que seria preciso um grande cuidado para não me indispor frente ao caminho que começava a compor, no mais, um caminho que enveredava por muitas frentes e portanto, era necessário saber me orientar. Em primeiro, para não esquecer de lembrar: sou performer, artista de performance, e me dedico a prática do caminhar. É o que faço: crio caminhadas. Será que foi por isso que os calçados me vieram ou fui eu que simplesmente inventei um jeito de chegar a eles, me pergunto. Isto posto, eu escrevo. É que crio caminhadas para produzir espaços de escrituras. No fim, toda performance que faço, toda caminhada, é um modo de inscrever para escrever, um trato para, de tempos em tempos, não esquecer, e de curar o muito que se passou, o muito que mudou. Assim, tudo o que escrevo abre e cria espaços para outras performances e outras caminhadas. Nesse intervalo, eu me calço e me descalço.

O performer e escritor mexicano Guillermo Gómez-Peña ao tratar sobre o ofício e as especificidades do artista de performance diz que “para nosotros el performance es un asunto de vida o muerte” (GÓMEZ-PEÑA, 2005, p. 210). Do mesmo modo, Funakoshi costumava dizer que quando o karatê entra em cena é sempre uma questão de vida e morte. Parece, certo modo, haver uma forte linha de relação entre o performer e o artista marcial, visto que se a performance é “o ato tornado arte, a arte tornada ação” (MEDEIROS, 2007, p. 112), o samurai “é aquele que se preocupa com todos os detalhes da ação, antes da hora” (TSUNETOMO, 2014, p. 27).

As artes marciais sempre subordinaram as armas à velocidade, primeiramente à velocidade mental (absoluta); mas, através disso, eram também as artes do suspenso e da imobilidade. O afecto percorre esses extremos. Por isso as artes marciais não invocam um *código*, como uma questão de Estado, mas *caminhos*, que são outras tantas vias do afecto; nesses caminhos, aprende-se a “desservir-se” das armas tanto quanto servir-se delas, como se a potência e a cultura do afecto fossem o verdadeiro objetivo do agenciamento, a arma sendo apenas um meio provisório. Aprender a desfazer, e a desfazer-se, é próprio da máquina de guerra: o “não-fazer” do guerreiro, desfazer o sujeito. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 80).

Notações sobre autodefesa

I

Aprender a sentir a proximidade do perigo em curso, em corrida desenfreada vindo até nós. Em muitos aspectos essa colisão já se deu e continuará ocorrendo. Não há tempo para absorver e redirecionar o impacto. É preciso inventar métodos para pressentir o perigo. Ameaça farejada. Nossa capacidade ampliada de detectar aquilo que nos coloca em risco, a curto, médio e longo prazo. Responder em cada um destes níveis desde já. Ameaças compartilhadas, criações que atentem e se sustentem no rumo das possibilidades de fuga.

II

Preparar é se proteger e se proteger é saber lançar mão de feitiços, nem todos visíveis ou palpáveis. Proteger-se é se tornar feiticeiro porque não se pode proteger-se sozinho. Isso requer a habilidade de não esquecer de saber mover-se em mundo em que tudo é vivo, em que tudo se movimenta e muda a todo instante. É preciso, nesse sentido,

reclamar/reactivar o animismo (STENGERS, 2017), o que exigiria todo um trabalho de desenfeitiçamento que possa se insurgir contra as amarrações vampirescas da feitiçaria capitalista, o capitalismo, nesse molde, como descrito por Stengers e Pignarre (2004), um sistema feiticeiro sem feiticeiros. “O capitalismo nos enfraquece, pois mata os possíveis e mesmo a política, nos desobriga a pensar, nos entorpece e nos chantageia com suas alternativas infernais” (STZTUMAN, 2018, p. 348). Seu ideal é o de esvaziar o mundo de toda mágica, desencantá-lo, para enfim vender uma mágica única, vender o milagre possível.

III

Não se faça de rogado, dedique-se a construir uma solidez. Uma armadura? Uma carapuça? Muitas peles, talvez. Contrafeitiços, isso. Fechar o corpo. Treinar, também. Aprender a começar e a desistir, caso necessário. Não se expor ou se entregar. Cuidar das energias que circulam nos espaços, mas principalmente, entre corpos, e mantê-las sempre aquecidas. Se proteger do que pode te atacar aqui e agora, do que te marca como uma ameaça. Ar o troco. Um mundo em que se crê é um mundo que se teme, mas é também um mundo em que se age porque se sabe dos riscos, e se tem risco, é preciso correr atrás de proteção e proteção requer ajuda, requer a participação em uma inteligência coletiva, que possa tanto suscitar quanto sugerir modos de aprendizagens e de partilhas. Tudo isso exige caminho e um caminho é sempre composto de muitos.

IV

Contar com as próprias forças, com aquilo que se tem e não aquilo que se almeja. Comuna de inumanos, do que foi dejetado de sua condição de servidão, automaticamente desertado de um mundo forjado conforme governanças sociais; dos esquecidos, flagelados de sua própria condição de vida. Força-mundo. Política-vida. Cosmopolítica¹⁸. Os que não se detêm ao toque de recolher. O querer o contato do intocável que nos rodeia. “Contanto que” é a premissa para regular a ação, pedido ameaçador que permite, mas delibera à vontade, fazendo o fluxo correr por geografias familiares. O que pode e o que não pode. Essa condição moral prevista amputa a capacidade intensiva do habitar, os sentidos impossíveis são velados por uma ordem que materializa os modos de estar.

¹⁸ Cosmopolítica: política sobrenatural, que relaciona o cosmos (o desconhecido) e expressa a divergência e a convergência entre mundos (STENGERS, 2018).

V

Habitar a fragilidade. Cultivar um cuidado para se fazer e permanecer forte. Ser forte, no caso, é quando se está embalado por um composto de fraquezas, ou seja, é abrir-se, ouvir e seguir as forças que te movimentam e que desejam te sustentar como tal; uma unicidade inviolável. Porque quando dizemos “fraco” fazemos referência aquele que se abriu às multidões; é o que está povoado, é um não-ser, exatamente por estar-em-ser. É fraco porque exposto, mas não interessado em autopromover-se, é o que não se fechou em um cúmulo de certezas e suspeitas pré-fabricadas. Fazer-se forte requer tornar-se fraco, uma excitação caminha outra, sem qualquer custo relativista ou revisionista. O forte em sentido imediato é aquele que se esconde, que não se expõe, que está encravado em seu próprio nicho, enfundado em suas próprias. O forte tem medo de não ser tão forte quanto acha que é. O forte sabe que não está preparado para todas as variáveis. De certa forma, o que se diz forte e apenas forte, sem passar por essa zona de excitação que o torna fraco, foi deposto de sua angústia existencial. É aquele que não consegue refletir sobre a própria morte não sendo capaz de sentir a diferença da vida ou a vida em sua miríade de diferenças.

A obrigação constante de "ser alguém" preserva o estado patológico que torna necessária esta sociedade. A obrigação de ser forte produz a fraqueza pela qual ela se mantém, ao ponto de tudo *assumir um aspecto terapêutico*, até trabalhar, até amar. Todos os "tudo bem?" que trocamos ao longo do dia sugerem uma sociedade de pacientes sempre a medir a temperatura uns dos outros. (COMITÊ INVISÍVEL, 2013, p. 20-21).

1.4 Tornar-se melhor diante da morte: aprender a viver/aprender a morrer

As coisas mudaram. Já não sou o mesmo. Os mecarõ, eu agora vejo-os, conheço as
almas das pessoas.

(Do filme *A chuva é cantoria na aldeia dos mortos*)

Ele deve se tornar um andarilho dos sonhos e descobrir na solidão e no silêncio quem ele é.

(Do filme *O Abraço da Serpente*)

Fazer o luto sem viver o próprio funeral. Fazer do luto um impulso criador que amplie nossa capacidade de agir no mundo. Fazer o luto sem com isso se confundir com este, não se deixar ser tomado por este, não ser capturado pela crença neste mundo fantasioso concebido como um imenso sarcófago, uma gota podre à deriva no espaço. Nesse caso, se o estado de nosso tempo faz desfiar o luto como um novelo sem fim, aprendamos a nos desfiarmos como um corpo coletivo, e repletos de novas premissas de vida; não nos esqueçamos da fome que nos faz acreditar na vida (ARTAUD, 2006).

O que vem após o luto? Ao término, o fechamento do ciclo de despedida, a suspensão da passagem de um mundo ao outro: passar ao esquecimento. O esquecimento para nos voltarmos ao presente deste mundo em que estamos. É aqui que pisamos, aqui que caminhamos. O luto se perfaz como uma percepção das inclinações diante da vida: de oportunidades, ainda que afuniladas, de criar respostas ao que nos ameaça, disseminar ideias. Reconhecer, rastrear a ameaça, não nos privar de resguardar nossas capacidades de ação.

Um enterro sucede o outro, somos responsáveis por nos meter na terra, neste outro estrato do mundo, sem com isso perturbá-la. A terra de muitas camadas e nós caminhamos por sua pele, sua superfície. Como queremos *caminhá-la*? Como o caminhar agencia a pele do mundo produzindo estados de vidência?

O que o caminhar ensina, sobretudo, é um modo de compor a superfície. Não há uma neutralidade, é sempre uma troca, um fluxo simbiótico. Pisar é moldar o solo, é estimulá-lo em pontos específicos e de modo recíproco; somos agência e compomos agência, nossa presença é também uma camada constitutiva da terra: caminhar é um modo de fazer superfície com o mundo e o estado de presença é sempre um estado de superfície que comporta inúmeros outros entes, um modo de compartilhar o mundo, de ser-fazer abrigo, espaço de habitar. Mover-se com cuidado é o cuidado de mover mundos inteiros, sob/diante/sobre nossos pés. Ao caminhar, visível e invisível se misturam a todo instante.

Que o luto não interrompa nosso caminhar, que não se transforme em revanche (vontade punitivista e justiceira), como uma cobrança à terra que agora leva a quem amamos. Que enterrar se afigure como um plantio, uma troca de nutrientes entre os intestinos do mundo. A terra que um dia foi céu, o céu que muito antes já caiu e não apenas uma vez (KOPENAWA; ALBERT, 2015). Caminhamos no chão que outrora foi céu, um mundo

que um dia foi luto, caminhamos para não esquecer que o céu irá novamente cair se não formos capazes de sustentá-lo, esse céu que precisa de superfícies a caminhar para não se tornar superfície a nos sepultar. A terra não esquece, é certo, tampouco perdoa.

Certo dia, tive um sonho. Nós caminhávamos, mas ele estava descalço. “Porque você está sempre descalço?” “Porque eu não tenho nada”. Fui à igreja, o padre me disse: “Compre sapatos grandes e deposite sobre o túmulo de algum defunto. Escreva que é para Vássia”. Assim fiz. Fui a Moscou e imediatamente me dirigi a uma igreja. Em Moscou estava mais perto dele, porque ele está lá, no cemitério Mítinski. Expliquei a um clérigo o que acontecia, que precisava fazer chegar ao meu marido. Ele me pergunta: “E você sabe como deve fazer isso?”. Então me explica mais uma vez... Justo nesse momento, trazem um ancião defunto para as orações. Eu me aproximo do ataúde, levanto o véu e ponho ali os sapatos. “E a nota, você escreveu?” “Sim, escrevi, mas sem indicar o cemitério onde está enterrado.” “Lá, estão todos no mesmo mundo. Certamente o encontrarão” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 35-36).

Depoimento de *Liudmila Ignátienko*, esposa do bombeiro falecido Vassíli Ignátienko, relatando um sonho com seu marido, vítima de Tchernóbil, e que fora enterrado descalço.

No Morning Herald de 14 de fevereiro de 1829, podia-se ler o seguinte: uma mulher do vilarejo de Mansfield, na Inglaterra, havia prometido a uma amiga muito próxima, em seu leito de morte, que colocaria em seu caixão um pacote de cartas outrora escritas por seu finado filho. Ora, no desespero da dor, ela havia esquecido. Desolada ficou até que, pouco tempo depois, o carteiro dessa mesma cidade vem a falecer. Ela, então, foi ver a família deste último, e pediu-lhe permissão para colocar as cartas em seu caixão: sabia que poderia confiar no fato de que ele seria um carteiro tão diligente no outro mundo quanto o havia sido neste. (DESPRET, 2016, s/p).

na vastidão dos sonhos vi amizades por caminhos que ainda não vivia

Primeiro veio o sonho. Fora um longo sonho, não sei por quanto tempo, tempo o bastante, imagino. Fora a febre, a coceira, os tremores e os espasmos, o corpo em convulsão açoitando-se violento no chão; eu gritava a uma ferocidade lastimável. Não me descolava completamente deste corpo e podia

sentir cada esforço de seu suplício auto infligido para acordar, a voltar ao que estava, o antes. De nada adiantou. Mergulhava consciente em um sonho tenebroso, julgava, guiado por forças sugestivas sem rosto e me recusava terminantemente a segui-lo, insistia e argumentava, cobria cada traço do meu intelecto, mas tudo isso só se passava em meu pensamento ou aquilo que eu acreditava ser o pensamento, e eu podia sentir que nada o escutava, que aqui o corpo se aplicava de modo completamente diverso.

Ninguém iria me ajudar, eu estava só, a deriva em um espaço descomunal, desesperado de minha própria existência como se farejasse o suicídio. A escuridão, por sua vez, esperou pacientemente minha respiração se acalmar e pude ouvir lentamente que caminhava, que estava caminhando, que tudo o que fizera até então fora caminhar. Estava descalço e meu caminhar respirava o silêncio de cada passo fazendo vibrar a membrana vívida da realidade do sonho. O caminhar gotejava o espaço tecendo pequenas perturbações momentâneas que a cada vez soavam como um riso que aspirava perfumes ainda que, entre sons e imagens, tudo fosse tão indiscernível quanto a superfície do lugar em que eu pisava.

A cada centímetro movente pairava uma alegria que se espalhava como uma ebulição coletiva; é como se o espaço só se pudesse fazer visível se possuído por estas pequenas faíscas de movimento. Tentei formular o caminhar nestes termos e por muito tempo falhei. Não porque estivesse errado, mas porque o fazia arraigado a um princípio de garantia de segurança. Tentava me manter estável, lúcido, como a equilibrar o sonho, sem ofendê-lo, mas perscrutando-o, munindo-me de táticas para aprender a escapá-lo. Apesar da força vibratória deste espaço oceânico e de sua aparente tranquilidade criativa, eu me preocupava em contorná-lo.

Por muito tempo me mantive neste estado acossado, tenso, até descobrir que o caminhar não iria cessar. Não que eu não pudesse parar, mas ao parar, aquele estranho mundo era tomado por uma penumbra desoladora, imagens lamacentas assumiam os sentidos, a sujeira arrastava-se em minha pele como sanguessuga. Ao parar, por diversas vezes, testando, fui testado, conduzido a

presenças de futuro cada vez pior. A cada vez, assustado, ao voltar a seguir, o caminhar se adensava do peso insustentável de uma nova imagem de destruição. A cada vez, fui desafiado a conviver com a repressão do que vi.

Algo inevitável me acompanhava. Ao sentir o contato dos meus pés pela primeira vez naquele mundo de películas tremeluzentes não pude compreender os modos pelo qual estava sendo acolhido. A cada passo a respiração ondulatória do espaço umidificava o ambiente ao meu redor, a cada passo, a minha sensibilidade desferia-se em golpes de pequenos êxtases. Uma multidão de pequenas criaturas coexistia a cada passo meu e pareciam efusivamente dedicados a executar um laborioso cuidado de limpeza que se passava por todo o meu corpo e ganhava contornos espirituais. Deixei que fizessem seu trabalho, entendi que nada os haveria de lhes demover deste fazimento.

Tudo isso visava uma abertura dos sentidos. Limpar para tornar o corpo desperto, ativar atenções e alertas, medidas necessárias para aprender a parar e não ser devorado por estes cenários futuros repletos de ambientes inóspitos. O caminhar, se tomado em sua pretensão solitária, poderia rapidamente ser uma opção desmesurada pela autodestruição, pois nada seria capaz de fazê-lo seguir suportando os gemidos lamuriosos desta humanidade dolorosa. Limpar para esvaziar-se, colocar-se em estado de prontidão: uma reverência do corpo que revela o seu caráter de disposição.

Aos poucos, os rastros trepidantes sumiam atrás de mim, e tomando suas próprias direções abrangiam-se de memórias germinativas. Em especial, uma estranha memória oferecia-se, vinha de um tempo esquecido, um tempo que não podia ser medido, e que se sobrepôs aos futuros a que eu havia sido lançado outrora. De primeiro pensei que fosse algum tipo de punição, pensava por encarceramentos, não sabia ainda onde estava. Demorou o suficiente para que soubesse deste mundo uterino. Eu estava sendo gestado. Agradei o alimento, pus-me em oferenda e continuei a caminhar entregando-me ao vazio.

Finalmente, quando pronto, pude ver: tipos indistintos caminhavam por mundos devastados, seguiam estranhamente alegres, esboçavam sorrisos sutis. De passos descalços pisavam firmes e sadios, sabiam exatamente por onde pisar caminhando a um ritmo que eu nunca havia visto antes, um caminhar que me parecia impossível. Caminhavam e pude respirá-los, muito de perto, em uma estranha comunhão colaborativa, eu mesmo metamorfoseado em um destes pequenos seres a garantir o asseio de seu caminhar.

Como caminhante convém lembrar e cuidar sempre do pé. Lembrar do pé na medida de pensar-sentir os pés dos que já não podem mais. Ouvir o pé para só então ouvir os calçados. O pé e depois os calçados. Os calçados me orientaram em direção ao pé. O meu pé, o pé que ainda estava ali: pensar o pé para caminhar por entre tudo aquilo que os calçados me remetiam. Assim, ao me atentar aos pés, eu soube que caminhar é uma arte descalça. Não é que se caminhe sempre descalço, mas é que sua pertença figura sempre como um gesto descalço, é que o pé é um atrator, uma ferramenta auscultatória.

1.5 Pensar desde os pés

“Soy parte de cada tierra por donde pisaron mis pies”.

(Paulo Nazareth)



Meu pé meu amigo pé após uma caminhada habitual na cidade de Belém-PA, 2017.

Foto: Artur Dória.

EPIDERMES PARA TERRAS DEVASTADAS

Os pés sujos, suados, irrespiráveis. A sujeira carrapatoza. corpos conjuntos marcando o contorno da chinela nos pés, se aninham nas bordas como se também escapassem ao sol. Utilizam-se, bem dizer, da sombra das bordas. Estão ali como que fugidias, não demoram aparecer. Uma vez na rua, uma breve caminhada para comprar pão e já acontece a sujeira a se desenhar, entranhando-se nos pés. São simétricas, geminadas. O pé sujo é constante, ficam pesados, acusam cansaço. Evito encará-los, evito dar conta do seu processo de acúmulo de fuligem. Há algo carregado no ar desta cidade. Uma coisa que não consegue se dissipar. Não sei dizer, algo que impregna, que deixa o corpo irritadiço. A umidade, dizem. Penso outra coisa, algo como uma névoa, uma cortina de quentura que se atrela feito parasita, como esperando,

à espreita, um corpo limpo a passar. Talvez migrem de um corpo ao outro, não sei.

Nós, os meninos que cresceram comigo, cresciam com o pé livre. Pé solto. Agora as pessoas vivem todo mundo com o pé preso. A gente andava de pé livre. Pé livre, cabeça livre. A gente andava pisando na pedra, pisando no chão. A gente ia por dentro da água metendo o pé, assim, no fundo e a gente sabia que o fundo era de matéria orgânica que estava podre, de material que estava ali. Aquelas coisas que caiam da folha, de mato. Ou se o chão era de areia, ou uma laje de pedra. A gente ia pegando isso tudo de sensação Era o nosso pé que ia lendo o chão pra gente. (KRENAK, 2015, p. 192).



Comecei a fotografá-los quase todos os dias ao chegar em casa, a sujeira, a marcação das chinelas. Ao lavá-los, se tornavam tão leves, pareciam ter sido submetidos a alguma provação, a algum tipo de competição e, no entanto, tinham apenas ido de um lugar a outro, uma situação tão corriqueira quanto uma caminhada para o mercado pode ser. Foto: Artur Dória.



Invoco a pele. Vim para me sujar. A pele raspada, arranhada, arreganhada de arrepios: bolhas, calos, delicados cortes rasos, vermelhidões, caroços, furúnculos, pelos encravados, bichos de pé. A pele em alto relevo. A pele superfície que não suportamos e queremos a todo custo extirpar ou esconder, seja com roupas, amaciantes, cremes para limpar, protetores solares ou calçados.



Plantar superfícies, apostar no replantio do mundo. Misturar os materiais que se decompõem virando terra. O caminhar pensando-pensado a partir das superfícies que quero pisar. Eventos isolados: conectá-los de modo sensível. Reuni-los de modo mágico, deixá-los produzir atmosferas, ambientes em que possam se recompor. Ativá-los. Trabalho de gênese.





Sem título, da série fotográfica que integra o projeto “Notícias de América”, 2011-2012.

proyecto: noticias de América [America news] residencia en transito + residency by accident = atravesar America Latina antes de llegar a los EUA: que todo el polvo del camino se quede en mis pies + viver en brooklin y saber lo que se pasa ahi _ go to Brooklin, NY /USA living there and know what happens there , but before walk by Latin America: that every Latin America land to be in my foot _¹⁹

O artista mineiro Paulo Nazareth em “Notícias de América” (2011-2012) interroga e intercepta a possibilidade de recontar e remontar a história deste imenso território chamado “américa” através dos pés. Ele realizou uma viagem a pé da América do Sul à América do Norte, indo de Santa Luzia-MG até Nova York, e durante todo o trajeto feito com um único par de chinelos, as tradicionais havaianas²⁰, modelo branco e azul, e

¹⁹ Disponível em: <https://latinamericanotice.blogspot.com/2012/>. Acesso em: 07 jan. 2022.

²⁰ Por muitos anos foram considerados chinelos tipicamente populares, baratos e largamente adotados, na década de 60 quando começaram a ser comercializados, por pessoas de baixa renda, em especial a classe trabalhadora. Hoje, entretanto, algumas peças se transformaram até em artigos de luxo, são as “legítimas” chinelas de dedo em comparação com outras marcas que foram se estabelecendo nas décadas seguintes. Hoje, as Havaianas são uma marca mundialmente reconhecida e valorizada, com diversos modelos e valores e abarcam todas as classes sociais.

Paulo não lavou os pés. A viagem durou 6 meses e 15 dias, e no dia 28 de outubro, dia de São Judas Tadeu²¹, ele finalmente lavou os pés no rio Hudson.

Convidado para uma residência no Brooklyn, em Nova York, ele aceita, mas decide não ir de avião, ele vai a pé, ele quer viajar e não tão somente chegar opondo-se a qualquer perspectiva conveniente do mínimo esforço. Ele queria sentir, ser contaminado, se misturar a toda a América nessa passagem, não podia simplesmente ignorar uma porção significativa do que ela é e está: “eu queria me impregnar de alguma maneira da América Latina”, diz. Os pés coordenaram o ato em resposta. Fora um trajeto imenso em que ele foi acumulando a poeira do caminho nos pés, em íntimo contato com o chão, a vida esculpida em seus pés, o pé aterrado, o pé desenhando um caminho, o silêncio e o grito dos pés. O caso é que ele acabou nunca chegando a essa residência.

Os pés, de passagem, se entrelaçam a certos pertencimentos; ainda há muito o que caminhar. Narrar o chão em uma costura infinita; pés fiandeiros. Pisar os pés, fazer parte da terra. Perseguir as escutas dos pés (GALHARDO, 2020), o que vem com o pé, o que dá pé? Aprender os passos dos que ali passaram, e nesse traço fazer-colher seus próprios passos. Deixar-se atravessar e ser atravessado por um ritmo integrado a um novelo de encontros, e nesse combustível de diversidades, entender que caminhar é perceber a o acento das diferenças.

Os pés só pegam o que podem carregar, as mãos, por outro lado, parecem ter se transformado em um tato eufórico, viciado em quantidades maiores do que sua capacidade de tatear, de experimentar a superfície das matérias que olham e são vistas pelo corpo em inquietude com a paisagem. Nesse sentido, o corpo não carrega mais do que essas marcas, esses traços, esses pequenos rachados, essas pequenas feridas que desenham o nosso estado, a nossa atividade em relação com o mundo.

Seu ato é uma renúncia à proteção integral dos pés. Ele opta por uma proteção mínima, o suficiente, mas que não é o bastante, senão um limite quase, uma fronteira miúda, um cuidado mínimo, um modo singelo de não ir sem nada. Assim, ele pode prover uma ampla passagem aos pés, pés que estão de passagem, seu gesto é o de ficar o mais próximo do estar descalço, opta pelo que é aberto e não pelo que se fecha, a chinela é apenas uma superfície, uma palmilha que palmilha o chão. O rastro da borracha, a sua lenta desintegração durante o caminho, portanto, é a sua contrapartida, e precisa de

²¹ É o santo das causas impossíveis a quem sua mãe havia feito uma promessa, segundo ele conta.

constantes remendos²². As chinelas ficam debilitadas, em frangalhos, mas os pés se mantinham em plenitude com elas²³, os dois foram bruscamente modelados pela força do chão, o chão os inscrevia.

Paulo Nazareth nasceu com os pés tortos, mas não demorou e logo foram “corrigidos”, ficando iguais a todos os outros pés. Quem sabe, então, nutrido pela lembrança fantasmática de seus pés diferenciados e indiferentes, ele se dedique a entortar os caminhos preferíveis, programados, bem ou mal servidos a que muitos estão amortalhados. São caminhos que aparecem sobretudo como um salto, como se o caminho fosse em si um rejeito, um tema distante, em contrário a noção de que viajar é desfigurar a presença dos espaços em que se passa. Nesses caminhos, o corpo em nada muda, não vê e não é visto e nunca é atingido, não interage, instala-se a um domínio longínquo que diz ser próprio, apenas chega, mas sem nunca ter saído de fato; os caminhos dos corpos sem pisada.

Ele se coloca, portanto, a contrapelo destes deslocamentos forçados de pessoas que são sucessivamente privadas de suas identidades e intimidades para com o chão. Populações tangidas que foram historicamente dissipadas e arroladas a condições de desnudamento e desaparecimento de suas zonas originárias de contato, ou seja, tudo aquilo que sempre fora um gesto, um tato humano sobre a terra, uma comporta de possibilidades entrecruzadas, e que na história recente das sociedades ocidentais se tornou algo cada vez mais premeditado.

Sempre atrelado ao mínimo, ele percorre territórios que empertigam corpos, que recuperam movimentos antigos e inauditos, que incorporam, no e pelos pés, pequenas sobreposições: um pé que se enche de terra, que se incha e se reforça no caminho de gentes que, sim, os reconhecem, não importa, de um jeito ou de outro.

Seu caminhar diz assim de um deixar-se perder naquilo que se perdeu, o mundo antes, muito antes e que sempre se apresentou como uma problemática dos caminhos, e boa parte destes caminhos, bem sabemos, foram apagados, rasurados, amalgamados,

²² As chinelas de dedo são famosas por possibilitar inúmeras formas de consertos, remendos e gambiarras, em especial com pregos, parafusos ou arames, sempre na tentativa de fazê-las durar um pouco mais.

²³ Galhardo (2020, p. 29) comenta esse aspecto com precisão: “As sandálias, por não serem totalmente fechadas, possibilitam algum contato com o chão e não são da mesma ordem que as botas totalmente fechadas e atadas; elas escapam do pé, ou talvez seja melhor dizer que os pés escapam das sandálias, principalmente quando estão molhados de suor, escorregadios, ou simplesmente quando estão sujos, empoeirados.”

comprometidos, submetidos e aterrados. No entanto, ele se apega aos pés dos que conseguem ainda se manter em sua lentidão originária, um tipo de gente que sabe perscrutá-los, que sabe caminhá-los, que sabe ouvir o que dizem os caminhos porque não têm tempo certo de dizer.

Em sua “arte de conduta”, como define o seu fazer, a questão é assumir uma postura perante o mundo e manter-se leal à sua decisão. A performance expande e se dilui, é como o fluxo ordinário de uma caminhada qualquer, um movimento respiratório que firma a ação e logo se esvai, se atrela, se achega e se junta a outras coisas que também comportam tanto quanto passam caminho, e que, por fim, vira paisagem. Performar é viver a vida, é atar-se a vida, é viver fazer, é fazer vivendo: performar até que não se saiba mais o que se está performando, até o programa ser completamente empapuçado de tantos e quantos movimentos amiúdes.

Caminhar, portanto, para decompor-se do que lhe fizeram sujeito, do que lhe expuseram trejeito, um ziguezague a esmo para fugir dos ecos do mesmo. Sem direcionamento preciso, seu andar é um drible de pé descalço; é ir sem ir de pronto, é ir deixando-se estar no tempo que agora faz e reforçando-se na dose do caminho que pinça e repercute na agressividade do gesto. Anda assim como a fazer uma gambiarra rente às crenças que conduzem e povoam o(s) mundo(s). Ele sempre andou e sempre continuou andando, ele que não tinha acesso fácil ao transporte. O andar, novamente, veio primeiro, como um chamado primordial, como um modo de melhor ouvir e cavar e as histórias da mãe e da sua avó, indígena krenak, povo que sofreu com inúmeros massacres²⁴, e que ele nunca conheceu.

Paulo caminha para desvencilhar-se da ideia de permanência. Nas caminhadas procura perceber como a cada situação, cotidiana ou propositadamente poética, pode ser imputado um novo ritmo capaz de alterar o já dado, e permitir que responda de outra maneira. Retém-se, por isso, apenas no instante que a cada momento se oferece como uma oportunidade de dissolução de todas as durações. (MELO, 2012, s/p).

Será que os caminham, os que apenas caminham, estão sempre em posição de alerta, ou seja, em uma atenção de coleta? E será que a coleta só pode se efetivar se um gesto recíproco, concomitante, como se o que se coleta fosse o que se deixa, dado que coletar não é consumir, mas reordenar? Em se passando isso, penso que o objetivo da coleta nunca é a posse, mas a contaminação, o espalhamento, a redistribuição.

²⁴ Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Krenak>. Acesso em: 07 jan. 2022.

É que o que interessa são os pedaços, os fragmentos, a fuligem, os estilhaços: remontagens, escrituras e colagens; um corpo-poroso que é expresso pelas fragilidades do que gostamos de dizer com a boca cheia de convicções. A caminhada vai levando e levantando poeira, vai embaçando as imagens costumeiras a que nos acostumamos a apontar, sabidas de antemão. A lentidão do caminho é difícil, mas se apartada do vigor exaustivo da pressa, sua desembocadura dá-se em um vagar desprovido de um calendário de metas, em que o chegar é talvez só a constatação de se perder.

eu bem caminho

meu bem caminho

meu passo ninho

tudo vem daninho

Caminhar e sujar os pés, caminhá-los o tanto que for e só então lavá-los. Espalhar e espalhar-se no mundo, se deixar moldar pelo infinitesimal do mundo que coincide com memórias longínquas e que seguem perfazendo trânsitos. Saudar o que se cruza e é cruzado pelo caminho e aceitar perder-se para não perder a experiência do que continua. Deixar os rastros desaparecerem sob a força de adição de outros corpos, que são levados – escorridos e lavados – por inúmeros e insuspeitos processos de assimilação; o mundo e os seus coletivos-coletores que operam desmanches.

O encontro e o deixar levar, o que segue o que se ajunta, se sujar do que é engendrado pelo encontro e só então se deixar lavar, depois de percorrer esse encontro, pois tudo aquilo que fica é o que somos enquanto estamos. Lavar os pés, então, para inaugurar um outro caminho, caminho esse que não pode ser descrito ou circunscrito, não é

preestabelecido, é efêmero e impermanente, não pode ser seguido, apenas experimentado.

É colocar-se, assim, sem ponto final, sempre a serviço do caminhar na prontidão para se beber de outros pensados, outros liames, para nunca deixar de exercer o saber que é receber uns aos outros, para se ligar, para pensar até o ir-se de vez, outra vez. Um demorar-se sem o medo de assumir o tempo das misturas (do que é oculto), para sempre poder responder no tempo em que cada coisa vai sendo colocada, os ritmos do corpo a corpo que fazem corpo no corpo do que se sabe mundo.

Dona Erani foi uma mulher com os pés rachados e os olhos tristes. E foram raras as vezes em que alguém, em vez de olhá-la com desprezo ou desdém, perguntou qual era a história por trás daqueles olhos castanho-escuros. Certa vez, uma vizinha comentou: “Que pé horrível, Erani, todo rachado!”, numa tentativa de diminuí-la ou de simplesmente gritar uma opinião não requisitada que fez minha mãe comprar todos os times de cremes e lixas. A vizinha poderia ter aceitado a feiura deles, ou até ter visto beleza, se tivesse questionado por onde aqueles pés haviam andando. (RIBEIRO, 2021, p. 88).

OFERENDA

A rua levara as chinelas embebidas de sangue como condição. Fiquei descalço. A madrugada tornando bêbado a pé até o pequeno apartamento. Uma aparição de corpo magro frena o deserto da noite, encosta, pede dinheiro, caminha alguns passos, insiste. Nada tenho, falo sem suspeitas, sem temor. Não, nenhuma moeda. A voz embolando na boca, a alegria da alteração, o curto circuito dos passos cambaleantes, a vista embargada, a cidade ondulado em frequências distorcidas, o eletromagnetismo das luzes. A interrupção do andar é forçada, gesto quase constrangido, a mão sem saber se deveria tocar o peito a fazer obedecer. Tudo muito lento, ritmo cabisbaixo, abordagem melancólica, vontade de rir quase. Não tenho mesmo. A faca puxada de dentro do calção disse por si só. Não recordo se houve qualquer voz, os olhos pareciam cansados, amedrontados. A rua estava oca, algum limite fora ultrapassado. Talvez tivesse cometido alguma ofensa a cruzá-la em íntimo despreparo, postergado despudor. Meu andar desafinava? Questões

de encantamento. Bati nos bolsos da bermuda, mostrando. Nada tinha, de fato. Uma grandeza serpenteava, tranquilidade demasiada. O corpo em seu relaxo circunstancial. Ele curvou-se em direção aos bolsos. Meu punho direito agigantou-se, subiu rasgando a pífia vontade - quem autorizara tamanha independência elétrica desenhou por si só o soco na cara?! Acertou. Um emplastro surpreendente circundou os dois. Acompanhei o movimento sem acreditar, sem saber como prosseguir. O outro, antes de cair, acendeu os olhos estapafúrdios, sem crer no golpe. Agarrou a alça da mochila e fomos os dois ao chão, da calçada ao asfalto. Outros golpes e quedas se sucederam, ele não largava a alça, insistiria até o fim. Da faca não lembro, ficou invisível. Concentrava tudo em não perder os olhos. Lutava também contra a anestesia da embriaguez. Tudo se turvou das formas e um espasmo de vida eclodiu, consciência contaminada de noções de vida ou morte, uma vontade verborrágica despertara, cólera intempestiva. Urrava, açoitando o eco da escuridão, tentando recuperar os dois pés firmes na base. Um cabo de guerra pela mochila. Os dois de pé. Puxo forte e tenho a mochila em minha posse. Estou possesso, rasgado de tempestades de combate, equilibrado por um fino limite de sensatez. Jogo a mochila no chão, livro as mãos, grito mais uma vez, olho firme, cravo os pés, espero avançar. Um tremor, uma força súbita encarcera a distância entre nós; o fim fora decretado, ele corre. O antebraço esquerdo se apresenta sanguinolento, o sangue escorre, costura um traçado no asfalto. As reações químicas do corpo preservam-se em caos desabalado e vibrante, impossível compreender o que havia acontecido. Percorro a cena da rua a recolher meus objetos espalhados, entre eles, uma caixa de sapatos que continha panos usados algumas horas antes como superfícies oferecidas a amigos para bordar as solas de seus pés. Descalço, procuro as chinelas. Não encontro. O par havia sumido. Procuro por tempo razoável, rastreando o espaço ao redor até que desisto; a rua, na encruzilhada da fome de exu, entendeu de comê-las. Assim foi. Volto para casa, descalço e ferido, o corpo riscado, sentindo-me leve, tranquilo, a embriaguez tornando a assentar, o corpo lutando para saber o que fazer, quais os próximos passos, quais os próximos pontos.

Os calçados no chão, mas que chão é esse em que estão? Que chão é esse em que estamos pisando? Existirá alguma relação com o fato de os calçados terem sido deixados para trás? Nesse sentido, será que não importa muito qual o calçado que se usa se o chão continua sendo usado como uma máquina de moer os pés? Existe terreno seguro por onde se mover?

O certo é que eles, os calçados, se deram a aparecer sob uma recorrência perturbadora e pareciam sempre dizer de um depois, de um algo que passou, e de que eles foram testemunhas. O que seria? Será que sua condição de testemunhas os levou a definhar, não aguentaram a responsabilidade a que foram submetidos? Agora encontro-os por todos os lugares, estão por toda a cidade, basta uma rápida pernada na rua. A cada vez, suscitavam mais e mais imagens. Eu intuía que invocavam, que me continham, era como se ouriçassem um espasmo criativo que concebesse um modo de chegar a eles, mas antes precisava entender mais desse chão; era preciso que entre esses nós passasse uma linguagem em comum.

1.6 “Um planeta com chão cada vez mais movediço”²⁵

Para ressurgir das cinzas uma fênix deve primeiro queimar.

(Octavia Butler)

O filósofo Marco Antônio Valentim (2019) tomando parte com o pensamento do xamã Davi Kopenawa Yanomami sinaliza uma mudança crucial no espírito de nosso tempo, segundo ele, vivemos o tempo das metamorfoses e estas, a nossa revelia, estão proliferando, aceleradas, eufóricas, sob diversos regimes de qualidade, e por todas as partes. Nesse sentido, ele aponta que “o caminho da criação é o caminho da metamorfose”. Isso implicaria, sobretudo, um aprendizado que se pusesse a disposição de um pensamento que dedicasse a experimentar passagens, um pensamento entrecruzado de e com outros mundos, cosmopolítico e macumbado²⁶, alinhado ao cultivo de uma paisagem espiritual.

A isso deve se atrelar um refinamento perceptivo que inaugurasse em *nós* outros planos de atuação ou consistência, uma atuação que se desse, em suma, pela sua capacidade de ver com o corpo todo, dado que “ver é conseguir sentir as formas” (COMITÊ INVISÍVEL, 2017, p. 181). Assumir, portanto, uma capacidade movente que faça corpo nascente com as pequenas grandes estripulias praticadas pelas existências em sua insistência na proliferação de formas.

Acho que, na base da arte, há essa ideia ou esse sentimento muito vivo, uma certa vergonha de ser homem que faz com que a arte consista em liberar a vida que o homem aprisionou. O homem não para de aprisionar a vida, de matar a vida. A vergonha de ser homem... O artista é quem libera uma vida potente. (DELEUZE, 1996, s/p).

Vaza, portanto, uma forma dentre tantas e que se busca tecer “pé ante pé”, caminhando conforme a deglutição dos atos. Uma partilha de sentidos em sua tecnologia de

²⁵ Esta é uma frase que tomamos de empréstimo da jornalista e escritora Eliane Brum no texto “A potência da primeira geração sem esperança”. Disponível em: <https://bitlybr.com/dXR7yyi>. Acesso em: 06 maio 2022.

²⁶ A “macumba seria, então, a terra dos poetas do feitiço; os encantadores de corpos e palavras que podem fustigar e atazanar a razão intransigente e propor maneiras plurais de reexistência pela radicalidade do encanto, em meio a doenças geradas pela retidão castradora do mundo como experiência singular de morte” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 05).

bricolagem que se embebe de muitos riscos, mas que, por isso mesmo, não cessa de retomar os pontos de partida: é essa, sobretudo, sua metamorfose vivida.

Assentamos, assim, nossa oferenda na encruzilhada, este “lugar das incertezas, das veredas e do espanto de se perceber que viver pressupõe o risco das escolhas. Para onde caminhar? A encruzilhada desconforta; esse é o seu fascínio” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 24). Firmamos nossos passos sob a veia sinuosa dos encantamentos, caminhando a contragosto dos que impõem um caminho reto.

É por essa linha que vamos insinuar um estalo de resposta (no sentido de fazer frente, criar uma linha de frente possível, de não se deixar interditar) ao que temos caindo sobre nós e que medita no aprendizado intimamente conectado com a rua – o nosso chão – (visto a sua multitudine de acontecimentos disjuntivos e levantes silenciosos a dar outras qualidades – estar à altura do acontecimento) – às catástrofes e a catástrofe global.

inaugurar um caminhar que seja como um corpo navegante por entre linguagens bravias

Evitar a queda, insistir no caminhar. O retorno contínuo a uma prática fundamental de baixo impacto que é antípoda aos impactos destrutivos das atividades antropogênicas. Caminhar como medida de vislumbrar saberes (como colocá-los em prática?), os saberes que aparecem (aparições do cotidiano, ocorrências encantadas, espectros), as imagens que congregam visões de mundos dissidentes. O caminhar como modo de compreender as violentas, aceleradas e forçosas transformações pelas quais o planeta passa-sofre.

Tudo isso interroga um processo de fazer a teia funcionar, de produzir auxílios e entrecruzar-se de novas apreensões, sem se deixar acotovelar pelo cúmulo de informações vigentes. Fazê-las vetores de alargamento, laços de urgência e redimensionar as presenças sem com isso rotular modelos de ação. Como se isso se dá

através das práticas artísticas, em especial, um programa performativo; como isso retroalimenta seu poder de transfiguração?

Intentamos aqui uma tentativa miúda presenciada através da arte da performance (que transita entre o espaço urbano (público) e o espaço íntimo (privado) e é preme de escrituras e frestas cosmológicas), pensada desde baixo (os pés) como espasmo de vislumbre, de fazer ouvir os rastros, os gestos que podem tatear imagens de atos desconhecidos, atos dos quais nos encontramos incapazes de ver, imaginar e formular, mas que sempre estiveram aí.

Quais as implicações, as dispersões sensíveis provocadas pela catástrofe antropogênica? E como nos implicar, como recompor as comunidades perdidas e quais podem ser recompostas, sem incorrer, modo algum, na falência autoritária de produzir uma narrativa oficial acerca da catástrofe, e muito menos prover soluções volúveis? Como aliar as diferentes lutas frente ao colapso climático? Como são agravadas? Quais os limites daquilo que virá com o fim? É possível aprender a aprender com estes outros coletivos, estas outras humanidades, povos extramodernos? Quais as convocações, o que aparece, quais as brechas e oportunidades de ressurgir das cinzas que o “fim do mundo” proporciona?

Este texto memorial, portanto, é a proposição sensível de uma inteligência coletiva que funciona como um respiro mútuo perante tantas *inquietações/medos/angústias/desesperos* (o trem da agonia dos tempos), capaz de polinizar diferentes pontos de contato e suas ressonâncias de sons, vozes e ritmos. Potencializar as experiências que já existem, assumir as complexidades, as dúvidas, se entregar ao fracasso sem se colocar ao dispor da devoração empreendida pelos corrosivos processos de devastação; “sem se oferecer em holocausto”, como advertia a si mesmo o poeta piauiense Torquato Neto (1944-1972). Não é um texto em paz, por paz, é um texto em festa, pela festa, através das frestas: abrir a roda, correr a gira, fazer participar, insistir no *como* das presenças.

Ousamos, assim, um modo de performar o mundo depois do fim, arriscamos aprender e adentrar essa tempestade sem fim com o que temos, com o que resta e agora: rumamos em caminhada em direção ao sem fim do mundo. Até por que a “performance se define

a sí mismo en contra del pasado inmediato y siempre en diálogo con un futuro inminente y especulativo.” (GOMÉZ-PEÑA, 2005, p. 206).

Neste percurso o que dizemos performance se evidencia como um método de criação e nesse conduto é compreendida como uma prática afirmativa capaz de gestar aproximações relacionais. Nesse viés, se fazer arte pode ser um modo de “produzir relações com aquilo que não controlamos” (QUILICI, 2014, s/p), a performance pode se situar como um dispositivo que não apenas é capaz de abrir a caixa de Pandora do nosso tempo²⁷, mas que se coloca como um exercício ético-estético que faz pensar o corpo com o corpo em um mundo infestado por muitas mazelas; e a performance, nesse caso, parece não estar nenhum pouco interessada em fazer vínculo a qualquer fio de esperança.

Grosso modo, eu assalto a performance como uma prática que faz respirar imaginações de mundos impossíveis, e radicalizando a ideia de arte como uma atividade capaz de abrir “buracos de silêncio nos pensamentos” (QUILICI, 2014, s/p), abrindo buracos de silêncio entre mundos; ou ainda, como uma prática de saber incorporado, uma *episteme*, um modo de conhecer, seguindo Diana Taylor (2013), que se investe da necessidade de produzir estratos de autodefesa e autocuidado, como um modo de fazer (um aprendizado) que nos permitiria metamorfoses e intensificações diante de um mundo que se metamorfoseia aceleradamente e de modo destrutivo. Tudo isso, sem deixar escapar que “se a guerra move as inovações técnicas ocidentais, poderíamos dizer que a arte, vanguarda militar em outro sentido, é também um manancial de inventos tecnológicos” (NODARI, 2014, s/p).

A performance abre um campo de possibilidades qualitativas que neste trabalho segue o seguinte riscado: a performance como caminhar e o caminhar como um modo de praticar o que chamo de guerrilha dos cuidados. O que dizemos é uma performance (pesquisa performativa) que ganha novos fôlegos, que só se torna performance (artística) ao gerar outras performances²⁸. Tudo é performance porque opto por dizer e compreender o que faço e desfaço enquanto performance, incluso este texto, mas não há equivalências, e sim gradações, variações e usos que se instigam e se sobrepõem, muitas vezes interdependentes. Performance, é verdade, e isto deve valer para todo o processo,

²⁷ Sobre o trabalho do artista de performance, Guillermo Gómez-Peña diz assim: “nuestro trabajo podría consistir en abrir la caja de Pandora de nuestros tiempos” (2005, p. 25).

²⁸ “Uma performance é um disparador de performances” (FABIÃO, 2013, p. 09).

contudo, acrescento: sou um artista de performance *em um mundo depois do fim do mundo*. Isso, basicamente, quer dizer que compreendo a performance como uma tecnologia para passar ao fim do mundo, visto que essa passagem não pode se dar de qualquer jeito. Uma tecnologia que inaugura uma constelação de movimentos que nos permite encontrar armas e armaduras (alianças e proteções, espadas e escudos), modos de contar uma outra história (sustentar o mundo, fomentar cosmologias), de contar no corpo e pelo corpo.

Por fim, seria dizer que é através da performance que elaboro pequenas respostas para a questão que reiteradamente, neste percurso, aparecia e reaparecia: como se mover ou como produzir movências em um mundo cada vez mais hostil?

1.7 Caminhar para não virar trapo

Andar e pensar um pouco,
que só sei pensar andando.
Três passos e minhas pernas
já estão pensando.

Aonde vão dar estes passos?
Acima, abaixo?
Além? Ou acaso
se desfazem ao mínimo vento
sem deixar nenhum traço?

(Paulo Leminski)

Em fins de novembro de 1974, um amigo de Paris me telefonou, dizendo que Lotte Eisner estava muito doente, à beira da morte. Não pode ser, eu disse. Não agora. O cinema alemão ainda não pode ficar sem ela, não devemos deixá-la morrer. Peguei um casaco, uma bússola e uma sacola com o indispensável. Minhas botas estavam tão sólidas e novas, que me inspiraram confiança. Pus-me a caminho de Paris pela rota mais rápida, na certeza de que ela viveria se eu fosse encontrá-la a pé (HERZOG, 1982, p. 07).

Caminhar dói. Nunca tinha caminhado tanto para saber disso antes, mas agora sei. Não só pelas bolhas e pelos pés cansados, apesar de haver isso também. Depois de um tempo, tudo dói. Acho que minhas costas e meus ombros gostariam de fugir para outro corpo (BUTLER, 2018, p. 221).

E possa caminhar bastante; que seja resistente a fadiga, fome, chuva e calor; conhecer como se esconder e vigiar; conquistar a arte de ter paciência ilimitada; manter-se calmo e tranquilo nas piores condições e circunstâncias; nunca deixar pistas ou traços (MARIGHELLA, 1969, p. 06).

Quando você estiver caminhando, deve se dirigir ao coração, ele vai espalhar luz por todo o seu corpo. Assim, diga a ele para lembrar aos dedos dos pés para olharem por onde pisam. Seu coração vai dizer aos dedos: “É noite. Abram os olhos. Eu vejo o que está a frente; vocês devem ver o que está embaixo” (MUKASONGA, 2017, p. 61).

Eu estava ciente do que estava caminhando? Eu iria sozinho para depois do fim do mundo? Que significaria isso na prática? Quais os riscos? Caminhar, no entanto, a única certeza em resposta. Caminhar, nestes termos, se empunhava como um fundamento para não me deixar ser levado pelo embrutecimento periódico que nos persegue e espreita. Caminhar para não ser encubado pela tristeza do que nos condena a abdicar de tomar qualquer direção inesperada e de propor outros rumos. Um caminhar de responsabilidades e posições afirmativas, calçado de um rigor, uma ética que não se esquecesse de perguntar daquilo que serve e que não serve e que seja sempre uma medida de conceber um saber do que deve se calçar e do que deve se descalçar em nós. Caminhar, por fim, enfim, para não virar trapo.

Esse caminhar que realizo se situa por entre os muitos que foram esquecidos e deixados a esquecer e se manifesta como um fazer capaz de emanar presenças e defronte a elas prover qualidades de conexão. É um fazer-ser que se transfigura como presente; tornar presente certo movimento em direção ao que ainda não existe. Ato de encantamento capaz de desencadear campos de ressonância que se revolvem ao próprio ato de caminhar entrecruzado de outras vidas, vidas em desconhecida relevância.

Nesse caso, a conexão se dá na ficção do cuidado do caminhar, ou seja, com o que se deu a cruzar-se neste caminho. Essa ficção ganha densidade enquanto corpo na medida em que se entrega a uma zona repleta de descuidos, a rua em sua imensidão de pontos de potência, de momentos em que podemos nos perder. Essa ficção se risca no revés de ir ao fundo do que se perdeu na condição de não continuar a se perder.

O caminhar não é uma técnica corpórea. É ação que prescinde um treinamento técnico. Caminhar é apenas caminhar na medida em que este nada absorve de especial, não advém de um aprimoramento ou um recurso externo. No entanto, é preciso criar um caminhar; um caminhar que funcione como resistor de forças que o acompanhem. Para isso, é preciso de acoplamentos que o fortaleçam, que o mantenham em potência de caminhada, que dinamizem e distribuam essas forças, pontos que orientam, que sublinham o ato de caminhar, objetos que não se arrogam em dizer: “estamos aqui para caminhar, nada mais”.

Para não virar trapo, descobrir que é preciso presentear a vida com uma presença caminhante, que seja um movimento duplo, de materialização de sua presença, mas também de intensificação daquilo que o performer é em direção aquilo que ele ainda não sabe o que pode vir a ser. Nesse norte, nos inspiramos em Exu, nas suas estripulias e ciladas, Exu que é “caminhante, vagabundeia pelo mundo, na importante missão de dotar-se, paradoxalmente, de potentes irrelevâncias” (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 23).

Há, portanto, no trabalho do performer, uma densa concentração de camadas dentro de uma única ação; uma ação esmiuçada em detalhes recônditos, trabalho minucioso que beira a escassez, desmembrada ao limite de suas possibilidades de conexão, ainda que mínimas e dotadas, a princípio, de um caráter irrelevante.

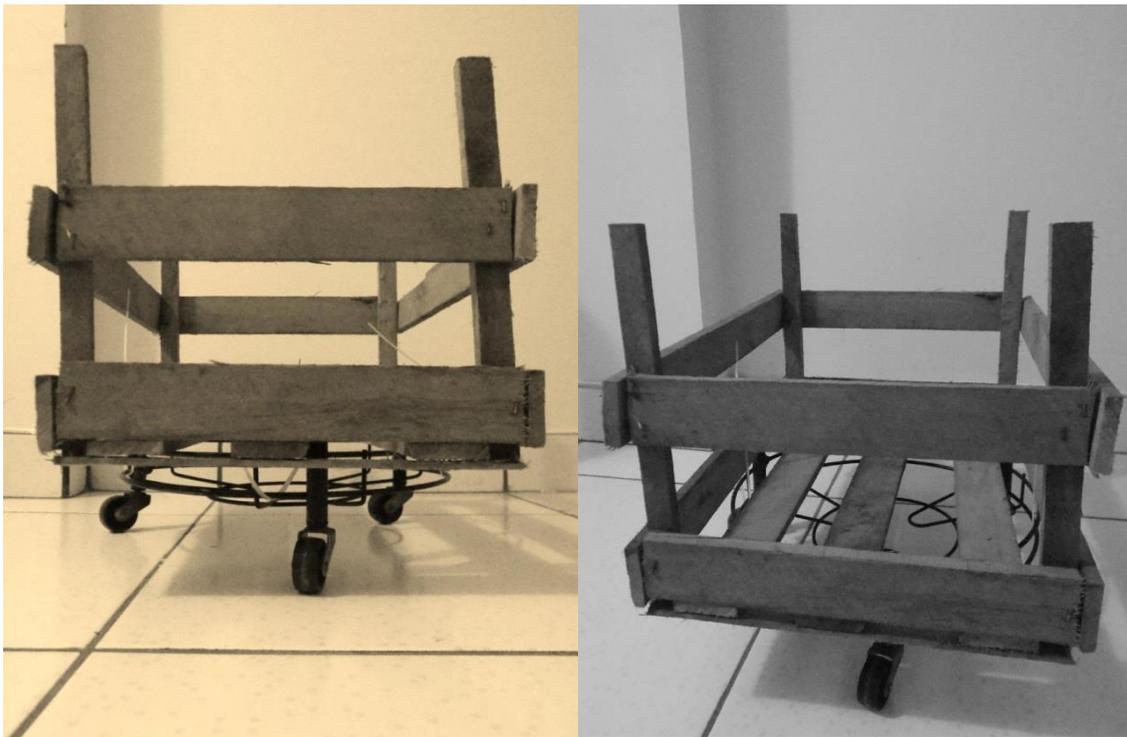
1.8 Companhias e cuidados do caminhar

sob o signo de PROTEU²⁹ vencerás.
por cima do cotidiano estéril
de horrível fixidez.

(Waly Salomão)

A distância geográfica é inapta em nos distanciar daquilo de que nos sentimos próximos. Ser próximo, ao contrário, nem sempre aproxima. É apenas no contato que se descobre o amigo e o inimigo.

(Comitê Invisível)



A gênese do carrinho. Foto: Artur Dória.

²⁹ Na mitologia grega, Proteu é uma deidade marinha capaz de prever o futuro e mudar de forma a seu bel-prazer e usava essa habilidade para espantar a todos que desejavam consultá-lo acerca de seu futuro.

Eu precisava de um cuidado para conseguir chegar junto a eles, não me sentia apto a simplesmente lhes meter a mão, pegá-los e examiná-los, não estavam ali a minha disposição. Do modo como me atentavam não poderiam ser reduzidos a simples calçados, e para saber do que podiam dizer ou do conteúdo por que zelavam, era requerido um gesto que implicasse um estado alargado de atenção, um gesto para acolhê-los em sua vulnerabilidade e que não ultrapassasse ou ignorasse esse limite.

Para isso, pensei-concebi um carrinho específico para *percolher* calçados na rua. Um carrinho feito com um caixote de frutas de madeira facilmente encontrado nas calçadas de Belém ao término do horário comercial. Recolhi alguns para me familiarizar com a variedade de modelos e com algumas pequenas modificações (desmontei e usei as partes de um para fazer uma coberta em um outro) o atrelei com abraçadeiras a um suporte de gás de cozinha, destes de rodinhas que encontrei junto a um monturo de lixo na rua (o suporte estava com uma das rodinhas quebradas foi necessário apenas uma pequena solda para recuperá-lo). Para fazê-lo andar, eu acoplei uma corrente.

Companhias que se fazem, tecidas no caminhar. Propostas que se criam, negociações que se estabelecem ao caminhar. Aquele que acompanha. Dois que se acompanham: alianças que alargam o fazer um do outro. A companhia que é inscrita na possibilidade da distância, na prática da distância, de aprender a manter a distância, a incorporar a distância sem se perder da cumplicidade, sem incorrer na clausura de uma vigília nervosa. O acompanhar é a possibilidade mesma de perder o outro de vista, e de esquecê-lo, ainda que por um pasmo instante.

Os amigos que desconheço
 #Batismo
 23.04.2018
 Foto: Maryori Cabrita

23 de abril de 2018, dia de São Jorge, dia de Ogum³⁰.



Uma convulsão de imagens como fotografias nervosas que se sucediam e se sobrepunham umas às outras. Caminhar...Concentração...Batismo! Um banho-limite, banho-testemunha: colocar-se em performance, aprender a estar novamente na rua. Sorver as novas premissas, inaugurar, instaurar o contato com outros mundos neste mundo. Trânsito transe entre mundos. Fazer-se em prontidão, colocar-se em precisão de permuta, outro corpo, outro estado, aberturas por entre caminhos e demandas, criar condições para o que vem e o que já está, contaminação colaborativa, aceitar e receber.

³⁰ Em alguns lugares, como na Bahia, por exemplo, Ogum aparece sincretizado com São Sebastião.

A caminhada, a primeira. Acolhi o chamado. Agradei as presenças, alianças de combate em ebulição. Fui com o que tinha, o que podia. Me apresentei, à disposição. A linha de frente co-criada, co-compartilhada. O carrinho carregado carregando demandas de caminhos por pronunciar: guerrilha do cuidar. Máquina caminhante em ato de permissão. A caminhada fazendo reverência, estado de oração. Os pés no chão, as rodas firmadas. O desconhecido. Batizei, fui batizado. Espadas na mão. Não estive, não estou só.



Foto: Maryori Cabrita.

QUEM CAMINHA PELO MUNDO?

Ogum é o Deus da Guerra
Mas guerreia pela Paz

(Ogum de Ronda)

Ogum nos ensina: mais importante do que saber fazer a guerra é
conhecer os segredos do mariô.

(Luiz Rufino e Antônio Simas)

Ogum, o orixá africano, tido como herói civilizador, conta uma outra história acerca da propalada noção de progresso e mesmo da ideia de herói; ele caminha para não se valer de posses, não tem sede de ostentar o poder, Ogum é o que permite condições para a prosperidade. Autor das ferramentas agrícolas, é o senhor do ferro, das artes e das técnicas, sendo ele quem fornece os instrumentos da mudança. Seu ofício é o de colocar as coisas em movimento e movimento requer pulsão criativa. Isso incide dizer que Ogum só vai à guerra para poder movimentar as coisas (aquilo que estava estagnado, estrangulado), mas não é ele que segue movimentando, Ogum tem por escolha a entrega, ele apenas confia, dá o caminho; isso cabe aos povos, dado que ele mesmo precisa se manter leal a seu próprio movimento criador, e ciente de que toda criação só subsiste se posta em circulação, se oxigenada e praticada, compartilhada entre redes de troca entre gentes, terras e entes. É que Ogum também é o senhor dos caminhos e como tal ele nos diz das possibilidades e responsabilidades de experimentar a vida enquanto motor contínuo de criatividade para sanar seus próprios problemas. Ogum é o civilizador que oferece aos povos as autonomias para que eles possam livremente prosperar em suas próprias casas, culturas e gestos, sua presença e suas criações oferecem sobretudo modos de nos ligar uns aos outros; Ogum é o senhor que avança e que deixa sempre o rastro de sua presença aglutinadora. Nessa história, fica-se claro que a ideia de uma vida sedentária não resiste a uma revisão.

São instrumentos para não cair na guerra, a guerra como a imagem mais sanguinária daquilo que incide contra qualquer ideal civilizatório. O que Ogum coloca, desde já, é a disciplina da criação para que a guerra não se alastre, dado que a guerra, nesse sentido, ganha as vezes de uma epidemia capaz de recobrir a terra, de impedir que vejamos e nos atentemos ao chão.

O senhor da guerra, dessa forma, é o general que faz a guerra para acabar com as guerras, que não acumula ambições e nem vontades de conquistas e monopólios, Ogum caminha para apaziguar as mazelas dos povos levando e ensinando tecnologias para que possam fazer as pazes com a terra e com seus iguais. Ogum sabe que muitas das guerras – máquinas sanguinárias movidas pela matança – podem e devem ser evitadas, que a vida, se tomada desde uma concepção guerreira não deve ser tomada como uma política corrente de extermínio, dado que o inimigo, como o próprio Ogum se dá conta antes se

de tornar orixá³¹, tem morada interna e que muitas das guerras travadas nada mais são do que motivos para ignorar o inimigo que queima em nós.

Guerrear, portanto, na medida de desfazer os acúmulos, as guerras inúteis, dissolver os entraves que pervertem as vistas dos motores de transformação que não sejam movidos por motivos de sujeição e que promovam o trucidamento de corpos. A proliferação de tecnologias que não impeçam de caminhar, pelo contrário, que promovam e defendam a vida de um modo amplo e irrestrito, um caminho de usos que salientem as diferenças, que possa desmanchar os sentidos únicos e o abuso violador a que as visões são frequentemente acometidas.

A tecnologia não para promover a pressa, mas para permitir a ritualização, para potencializar e liberar o tempo para a vida em redor e em sentido comunal, para fazer valer a riqueza dos caminhos e a benção dos ritmos, para espalhar e semear, para enlaçar e se conectar, para fazer junto, para tecer responsabilidades e cuidados.

Guerrear pela paz, nesse sentido, é desmontar a máquina colonial que persegue e prorroga a paz como um exercício interminável de domínio sobre os outros, uma paz de rapina como motivo que leva a crer em tecnologias que se sobrepõem e demovem as outras. O uso das tecnologias, como nos ensina Ogum, repousa em uma responsabilidade e requer movimentação constante, sem nunca se valer de um ponto de vista fixo ancorado no terror, a isso que não se conecta a nada.

Fazer a luta é saber que um golpe nunca é um golpe só e que nunca se golpeie desde uma única posição, saber golpear é saber que nenhum golpe está dado de antemão. Apesar de saber que todos os lados estão à disposição para o golpe, é preciso saber que nem todos os lados são amigáveis, todo golpe integra uma resposta que pode ser usada contra si mesmo.

Se estabelecer e não ficar parado, é saber se colocar sempre em movimento; caminhar de outros modos, sempre experimentando uma nova técnica que advém do caminhar,

³¹ Referência a um famoso Itan de Ogum muito popular pelas bandas de cá do Atlântico que narra o episódio em que Ogum se torna orixá. Conta-se que ao voltar de uma longa campanha após muitos anos longe de Irê, onde reinava seu filho, Ogum se encolerizou com o silêncio com que foi recebido, já que os habitantes do Irê realizavam naquele dia uma cerimônia que incluía o voto de silêncio e sob nenhuma circunstância poderiam falar. O silêncio lhe pareceu uma afronta pois ninguém veio para saudá-lo e muito menos pareciam reconhecê-lo o que logo atijou sua fúria e sem se conter pôs-se a cortar as cabeças das pessoas que ali estavam. Terminada a cerimônia, seu filho finalmente apareceu e explicou o que acontecera oferecendo a Ogum seus pratos e bebidas favoritos. Ogum, arrependido de seus atos, baixou sua espada e desapareceu sob a terra, Ogum tornou-se Orixá.

porque caminhar é sobretudo um não deixar as coisas perderem os seus mananciais criativos.

Um uso que não seja imputado de arroubos genocidas (como o próprio Ogum experimentou certa vez e do qual logo se arrependeu) que deixe de perceber as sutilezas presentes nos campos de batalha, saber fazer parte na batalha é saber sobretudo dos caminhos por onde ir sem se colocar em riscos desnecessários.

Se se trata de um caminho marcial que estamos traçando, esse deve ser composto na plenitude de saber fazer a guerra (saber fazer é saber entrar, saber jogar, estar pronto para) – e não qualquer guerra – sem se esquecer da vida, é a cadência, a licença ou mesmo a polidez necessárias de não deixar de acessar a vida em suas instâncias de inacabamento; porque o caminho marcial não se resume a vencer a guerra, a guerra que nos tem sido imputada, que tem sido tão somente um atoleiro colonial, um movimento tumular de despejo, um campo de concentração e corpos e usos.

Mas essas histórias contadas, contudo, dizem respeito somente a uma pequena fração, dizem de onde podemos ir nelas e dizem de como devemos retorná-las, o caminho é saber furar a guarda.

O CAMINHANTE, A CAMINHADA

Tenho um convite. O teu trabalho é de Ogum, ela disse³², afinidade que eu desconhecia, tampouco sabia sobre o orixá para além do estritamente genérico. E foi assim que caminhei com Ogum, numa segunda-feira, dia de Exu. Joguei as moedas na encruzilhada e segui as orientações, atento. “Ele não é de santo, mas parecia”, ela diria depois. Fui com o carrinho, ainda sem saber como. Sabia somente que ele não estava completamente pronto. Eu mesmo não estava. Faltava ainda uma permissão que inventasse esse caminhar. Me permiti, enquanto artista de performance, ser afetado por um processo outro, e deixei o encontro acontecer; fui atravessado durante a travessia.

A pesquisadora e performer Ana Goldenstein (2014), tateando algumas notas acerca dos desafios de um artista de performance, comenta da necessidade deste de abrir-se a novas forças que promovam uma ruptura com o medo de doar o seu processo ao outro. Se a performance se estabelece como uma “opção deliberada por movimento”, é preciso se colocar em uma condição de disponibilidade que ultrapasse a si mesma. Transbordar-se de pontos de vista, entregar-se a encontros criativos, absorver-se de camadas e mais camadas de experiência. Inventar modos que façam o seu processo escapar a si mesmo.



Foto: Maryori Cabrita.

³² A artista e pesquisadora Bianca Levy, durante uma disciplina em que apresentei imagens e algumas ideias acerca do protótipo do carrinho, me fez o convite para participar com uma performance em homenagem ao santo e ao orixá, junto a outros artistas espalhados em diversos pontos da cidade no dia 23 de abril, atividade que eles realizam todo ano.



Foto: Maryori Cabrita.

Não andamos sozinhos

Quando eu piso andando sobre a terra,
não é apenas o meu rastro que fica
marcado, mas o encontro do meu pé
com o movimento que a terra realiza
ao receber o meu pisar. Esse rastro,
que não é só meu, é rastro da terra
a se acomodar à forma do meu peso
contra o chão. Ninguém anda sozinho,
isso é certo. Andamos com a terra,
com o vento, com a chuva, com o sol,
com os bichos, com os fantasmas,
apenas não andamos sozinhos.

(Alberto Pucheu)

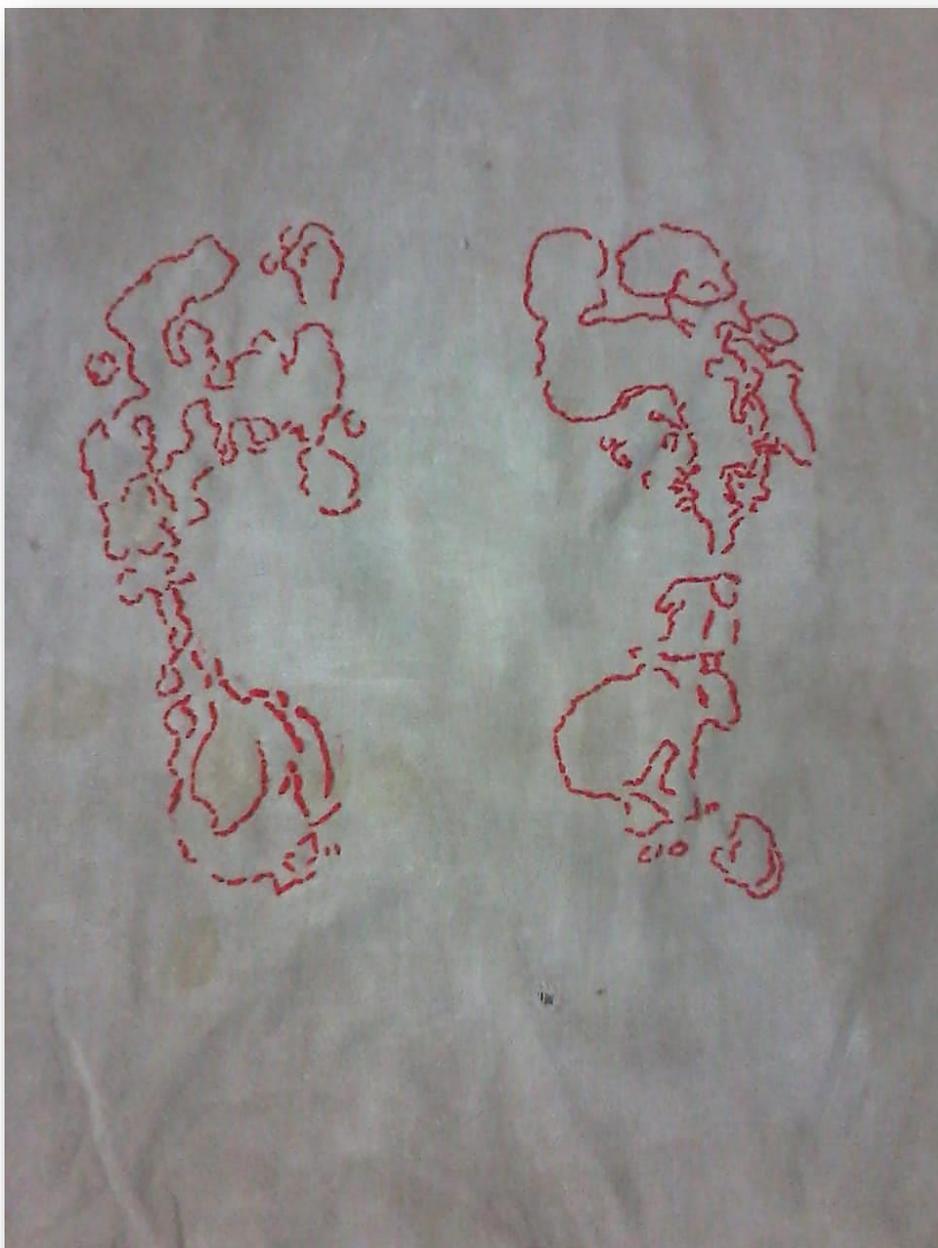
BATISMO

Caminhar cada passo como batesse um tambor. Convocatória. A medida do despertar. Convoco o exército dos que não podem ser vistos por olhos, demasiadamente olhos e cansados. Colocar a cidade sob ataque permanente. Caminho a bater na porta dos que foram enterrados, empalados, emparedados como indigentes. Meu chamado é porque não posso andar sozinho. Não ando só, invento esta dança tambor armado de um calçado mágico; meu ideal é valer de feitiços e sonhos para acessar mundos perdidos. Há um mundo perdido entre nós, ferido, encolhido e desmesurado, mas ainda vívido, à espreita de um chamado selvagem qualquer. Amputado decerto, porém de força impronunciável. Seus membros não amolecem jamais. Ando como quem investiga o que restou, o que ainda subsiste, os que não foram completamente mortos ou aniquilados, os que sufocam e ainda assim capazes de forjar novos pulmões. Caminho como quem lhes presta respeito, nada de condolências ou homenagens prevaricadas de morte. Ando como quem reza pelo seu perdão, como quem prega pela crueldade do seu carinho. Entrego meu corpo aos caminhos. Caminho em oferenda pelos crimes que lhes foram encomendados a sangue frio, assassinatos e tentativas seriais. Caminho na tentativa de lhes fazer escutar minhas preces. O meu perdão por suas casas que lhes foram arrancadas: eu vos me entrego. Caminho para lhes tocar, para produzir força e oxigênio capaz de golpear e atravessar, de ricochetejar estes pés e pás de cimento, estas estruturas duras e duráveis que, agora sei, decididamente quebradiças.



O carrinho após o batismo, riscando o chão, embebido de forças desconhecidas. Um carrinho caldeirão, repleto de sonhos imaginações ambulantes. Objeto que performa junto, que não se dissocia. Corpo contra corpo. Corpo aliado. A ação conjurando, convocando os companheiros e companheiras de trincheira. Foto: Artur Dória.

Essa caminhada primeira arrastou comigo um mutirão de rebuliços perceptivos que diziam, em especial, da extensão e da imensidão do gesto que eu compunha junto ao carrinho. Pensei em máquinas pós-capitalistas, protótipos de combate, objetos protótipos que se acoplam, expandem o corpo dada uma musculatura/armadura, materialidade física/não-física, que fazem corpo com, estabelecem conexões, sua força se dá nas relações de fluxos, nas linhas de afetos entre elas, urdiduras sensíveis, objetos que povoam o próprio corpo, o corpo povoado de outros corpos, caminhada-batalha que anuncia o fortalecimento de corpos desembestados, copulando mundos com o mundo imediato. Uma performance para ativar o objeto, também performer/caminhante. Carrinho, carrinho metástase: um carinho para caminhar junto. Seu caminhar é um rufar de tambores: ruidosa fricção com a concretude da cidade, cortejo imaginário, relação intensiva com o objeto, envolvimento com o objeto, a vivacidade do objeto, a performatividade do objeto. Carrinho metrópole, carrinho oráculo, carrinho entropia (de crescimento contínuo, irreversível, desordem, estados, microcosmos), a confecção como o abrir de condições para invocar/convocar, uma rede pulsante que reverbera provocando aproximações e alterações possíveis.



Os pés saúdam os calçados que aqui chegam. O contorno dos meus pés molhados agora bordados no pano que embalou o carrinho durante o batismo. Meus pés invertem a oração: são os pés que passam a ofertar um lugar de abrigo, um espaço de acolhimento. Foto: Artur Dória.

Fui batizado e estava pronto para me deixar guiar pelos calçados. Eles me orientavam e inferiam obrigações e disciplinas a seguir. Em todos os atos e passos, todos os momentos consequentes e subsequentes, eu precisei primeiro lhes ouvir para me acercar de qualquer decisão; deixei que me povoassem, que me envolvessem em suas demandas e sugestões. Eles diziam muita coisa, evidente, e a mim cabia encontrar-traçar um caminho que embasasse uma ficção capaz de sonhá-los em seus desígnios distantes, uma ficção que me bem dissesse um amigo seu e que não significasse somente um plano-sequência repleto de desastres e tragédias. Do muito que me diziam, o que eu lhes tinha a dizer?

Em todo caso, passei a fotografá-los em sua recorrência, passei a tê-los em meu dia a dia visto que já caminhavam comigo muito antes do tudo que viria a ser. Fotografava, entretanto, pois já havia estabelecido que somente com o carrinho podia *percolhê-los*, somente acompanhado do carrinho eu podia me atrever a tocá-los. Coletava suas imagens para poder experimentá-los em linhas de escrituras possíveis. Um modo, talvez, de tentar reconstituí-los ou desvendá-los como se fossem partes e/ou vestígios de um intrincado quebra-cabeças que conjugavam notícias de outros tempos.

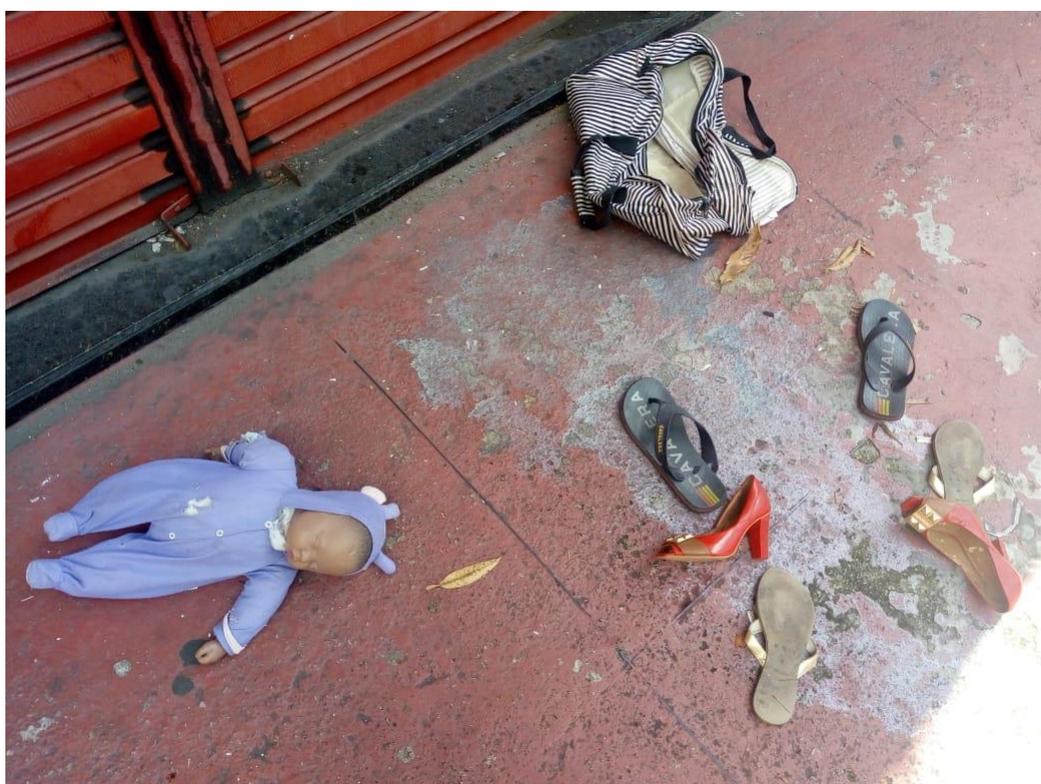
1.9 Pensando calçados

Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, pois o lugar que você está é terra santa.

(Êxodo 3:5)

Faz zarpar o teu sonho, enfia-te dentro dos teus sapatos.

(Paul Celan)



Uma mixórdia convulsiva de calçados. Em minha alucinação urbana, eles explodiam, gritavam e galgavam distâncias inopinadas, inauditas. Iam e vinham em uma fantasmagoria que parecia inscrevê-los como mensageiros distantes. Belém, 2019. Foto: Artur Dória.



Rio de Janeiro, 2018. Foto: Lidia Laranjeira.



Belém, 2021. Foto: Artur Dória.



Fortaleza, 2019. Foto: Artur Dória.

A cada calçado eu dedico um cuidado-carinho que coeto e prontamente coloco no carrinho, um carrinho-abrigo que penso ter mil nomes, carrinho filho de Proteu, disponível a assumir uma multidão de formas. Calçados na rua. Perdidos, tombados, em estado de capotamento, abandonados, desovados, vomitados, jogados, dejetados, rejeitados. A cada um destes que tenho encontro, costuro esforços de imaginar atos de deserção. Não lhes pergunto quem são, por onde estão, não lhes tenho interesse em identificar ou desvendar sua linha de frente. Amigo desconhecido, sem nome, amigo ninguém, componho a retaguarda, comunidade barricada, barricada topológica, na tentativa fracassada de nutrir-lhes de superfícies possíveis para seus passos descalços com o pouco que deixaram.



Belém, 2019. Foto: Artur Dória.

Ações de encantamento, movências, atos de fazer chover. Relações de umidade. Derramar alegrias, aprender no contratempo dos caminhos destes que não têm nome. Sozinhos como onça. Aprender com suas forças sem menosprezá-las. Entregar-se aos ensinamentos ancestrais, os que vieram antes.



Salvador, 2019. Foto: Artur Dória.

Um ato vidente em exercício atualizado a partir de infecções. Pensamentos vermífugos. Ao reverberar, pressiono o contínuo de seus subterrâneos. Produzo sonhos, preparo o terreno para fazer partir, sou desertor deste mundo, aprendo a caminhar com as forças de terras habitadas por povos encantados, viventes de outros mundos, tão próximos, tão distantes. Adubo superfícies a lhes agradar, sonho caminhares outros que possam se compor e decompor na contramão das forças de morte.



Salvador, 2019. Foto: Romana Melo.

Um pensamento tão forte que irradia uma capacidade abrasiva de permanecer. Deixa um rastro, um rastilho, coça a ecoar. Pensamentos que não se dissolvem de pronto, estão sempre atrelados a uma dinâmica de relações entrecruzadas. De corpo mais denso, resistem mais tempo. Não se manifestam como fenômenos físicos. Se materializam de outros modos.



Belém, 2019. Foto: Artur Dória.

Um corpo incansável, inalcançável, inchado de sangue seco estufado, quase a romper as veias, tamanha a fonte, o núcleo de força raivosa encravado na agulha que dispara a vida. Transformado em tempestade, este corpo pode engolir a todos que ousarem seguir seu olho. Este corpo tornou-se um planeta furioso, capaz de comer asteroides, cuspir cometas, devorar estrelas.



Belém, 2021. Foto: Artur Dória.



Belém, 2022. Foto: Artur Dória.



Belém, 2021. Foto: Artur Dória.



Salvador, 2019. Foto: Artur Dória.

Despir os calçados e amotiná-los ao canto da rua, *padê*, perder-se cidade adentro. O ato caminho de primeira instância em que algo é deixado para trás, coisa com a qual não é possível seguir, peso sobressalente, coisa que impossibilita o seguir adiante; deixar e desobedecer. É o ato que introduz o brotamento de certa transformação de si. A aceitação primeira, o acolhimento das responsabilidades e disciplinas, nascimento que antecede o batismo. Despir-se dos calçados, neste intervalo, é fazer-se em disposição belicosa, ida sem despedida, compromisso de quem passou para o outro lado; entrar para a casa. Expressão da superfície profunda do sentido prático simbólico de fazer-se abandonar, desertar de determinado ponto deste projeto falido de civilização.

Estes calçados demarcam pontos de fuga. Bem no cúmulo do olho da rua. Sua posição, por vezes acanhada como a aninhar-se, desponta para um risco de síncope, mistura

fervorosa e festiva, regada a grossas camadas de invenções turbilhonares. Confiam na confusão de quem lhes ignora, e são muitos: os que nunca lhes viram. Suas presenças interceptam encruzilhadas vadias, nichos de perdição, incorporam jogos e gingas malandras. Apontam suas flechas para o imponderável.

Não são passíveis de localização. Os calçados não lhes deduram, ao contrário, parecem debochar de nossa incompreensão frente a tentativa enfadonha de circunscrevê-los ou interrogá-los. Não esclarecem muito mais do que aparentam, não forçam imagens para além de seu estado miúdo. Sua fuga, concebida deriva, desenha um caminho oral, sem registro escrito conhecido, compõem em sua condição anônima, histórias miúdas, distraídas, que se fazem e perfazem na costura de esquinas, vielas, travessas, becos, matas.

Um breve momento e deles não se sabe mais. Se livram das digitais da sola no solo. Deixam para trás somente um lapso momento, ínfimo, perecível. Por outro lado, parece se tratar de um ato recorrente, acontecimento de ritmo frequente a considerar o território urbano. Uma comunidade de calçados a rasgar-se de alertas: indícios de um grande acontecimento?



Belém, 2021. Foto: Artur Dória.

Calçados que permitem que os pés estejam descalços, que se mantenham descalços. Opção deliberada por determinado tipo de movimento: fortalecer os pés, colocar

pressão, fazer com que trabalhem, que mantenham a estabilidade do corpo, que desde os pés façam funcionar capacidades de sustentar o corpo em pé.

O passamento deste ato faz o pensamento emergir. São essas, a priori, suas constantes: pisar no desconhecido terreno hostil visando a amplitude da capacidade de resiliência do corpo. Expor o corpo a uma constante variabilidade de atividades que não se acomodem a um único universo de técnicas. Cuidar o corpo em um estado de prontidão.



Belém, 2021. Foto: Artur Dória.

2.

**CRIATURA-
CATÁSTROFE**

A etimologia da palavra catástrofe resulta do grego *katastrophe*, formada pelo prefixo *kata* “para baixo” e o radical *strophein* “virar”, podendo ser conjugada como “reviravolta em expectativas, fim súbito”; “virar de cabeça para baixo”; “vir abaixo”. Em outras variações pode aparecer como “fim lastimoso”; “acontecimento funesto”; “grande desgraça”; “calamidade”. A tragédia grega, por exemplo, estava profundamente afetada por eventos catastróficos representados na figura de seus heróis que tinham, de um momento a outro, suas vidas viradas de cabeça para baixo durante um acontecimento, em geral, decisivo para a trama³³.

Assim, podemos pensar a catástrofe como algo capaz de alterar de modo permanente os parâmetros conhecidos, podendo ser, por exemplo, “ocasionado por convulsões da natureza”. É um fenômeno violento, brusco, que opera uma transformação em negativa de determinado contexto que dinamiza a vida, faz trazer abaixo, atua como uma drenagem, um atentado que desorganiza as condições que permitem a continuidade de certas ocorrências daquilo que costumava ser. Por outro lado, a catástrofe assume também um efeito qualitativo, podendo se referir a algo em seu efeito danoso, de má qualidade, tóxico.

Reunindo estes múltiplos sentidos coincidentes, a catástrofe carrega implícita uma torção de pontos de vista: aquilo que se acreditava estável e conhecido passa, de um momento a outro, por uma inversão radical (um desajuste/desequilíbrio), apontando para um algo que chegasse ao “fim”; ou seja, não apenas se inverte a perspectiva, é a outra perspectiva mesma que fora consumida, sendo a catástrofe aquilo que restou; é a catástrofe subjetivando-se, a catástrofe que nos olha. Resta saber em que medida essa assunção de pontos de vista não é senão um processo linear e estrutural, uma passagem inevitável, uma consequência grandiloquente, um efeito cumulativo de determinado modo de vida que já se experimentava como catastrófico.

A química e filósofa belga Isabelle Stengers (2015), no livro *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*, faz o exercício de nomear Gaia, mais precisamente a sua intrusão neste mundo, a intrusão à qual, diz ela, devemos responder. Gaia seria uma forma maior de transcendência, o “desconhecido maior”, organismo altamente

³³ As diversas definições de “katastrophe” podem ser consultadas nos links: <https://bitlybr.com/DKDA6> <https://bitlybr.com/wxgDx> <https://bitlybr.com/4Gqkr> Acesso em: 11 maio 2022.

suscetível formado por agenciamentos e relações de forças que regulam e mantêm coesos os processos e as atividades planetárias, algo como um “planeta vivo” ou “planeta-mãe”. A intrusão Gaia não é senão uma resposta por ela mesma. Gaia fora acordada, regurgitada de si mesma, se insurge e se impõe. Não que esteja ameaçada, mas intimamente aviltada, vilipendiada, se levanta frente a um intolerável - não mais, ela vocifera! - seus limites, suas permissões, foram ultrapassados, tornados intoleráveis. Sua intrusão, dada essa violência, não se presta a interrogações ou esclarecimentos; Gaia é implacável, ser cego a qualquer demanda, sua presença não é localizável, sua ameaça não faz discernimentos; “veio para ficar”, e todos, em alguma medida, seremos atingidos; uns mais do que outros, é claro. Gaia instaura uma urgência sombria, sua presença é a lembrança permanente de que “o tempo das garantias acabou” (STENGERS, 2015, p. 97).

Nomear Gaia, diz Stengers, é nomear algo que seja capaz de reativar nossa imaginação, cabendo a nós aprender a compor com *Ela*, dada a impossibilidade de combater sua intrusão, o que impõe uma necessidade vital e vitalícia de pensar processos de criação que nos permitam forjar mundos em que seja possível caminhar – e talvez tenhamos que lidar com o fato de que estejamos indo em direção a mundos em que só seja possível caminhar – ainda que, de agora em diante, sempre exposto, mas não de qualquer modo – e não de todos os modos –, a um perigo onipresente: “qualquer criação deve incorporar o saber de que ela não se arrisca em um mundo amigo, e sim em um meio doentio” (STENGERS, 2015, p. 98).

Stengers alerta, entretanto, que a luta não é em relação à Gaia, mas contra o que provocou Gaia, e que, ao que tudo indica, continuará provocando. Precisamos “criar uma maneira de responder, por nós, mas também pelas inúmeras espécies vivas que levamos conosco para a catástrofe” (STENGERS, 2015, p. 34-35). Stengers admite ainda que toda e qualquer resposta será insuficiente em si mesma, dadas as vulnerabilidades colocadas pela própria grandiosidade do evento, o que não significa que se tratem de ações inócuas, ainda que mínimas e substancialmente parciais: “serão vulneráveis as dinâmicas da criação de saberes, lutas e experiências que darão resposta a intrusão – cada uma insuficiente em si mesma, mas importante por suas eventuais repercussões, uma vez que pode suscitar outras criações” (STENGERS, 2015, p. 98).

2.1 Alianças: aprender a habitar a barriga do monstro

Encontrar amigos e tecer alianças, estabelecer vínculos e relações: nada disso, diante dessa insurgência cósmica e seu gradativo potencial de devastação, está entregue à ordem do corriqueiro ou do acaso. Novos contratos devem ser firmados, contratos com datas de validade, chegadas e pontos de interrogação, sem a pretensão doméstica de mantê-los a qualquer custo. Nós somos a indigestão de Gaia.

O presumido caráter imagético que perfaz familiaridades, afinidades, conveniências e identitarismos, assume feições péfidas, submersas por tudo aquilo que já não poderemos mais nos ater. Essa manifestação reminiscente, de algo que resistiria ainda, como um residual e insistente desejo rancoroso de se aferrar a algo que fosse capaz de resgatar o mundo (a vida como uma cultura sólida e estável) e promover a tão proclamada unificação, o último sustentáculo de esperança que permitisse voltar a uma “vida normal”, não é senão como creditar as velhas ideias de superação e independência. Gaia trabalha sozinha em sua própria recomposição; será que não deveríamos começar a fazer o mesmo?

A bióloga/filósofa norte-americana Donna Haraway (2014) fala de um aprendizado que nos permitisse “habitar a barriga do monstro”. O bizarro, o inusitado, a extravagância, a ebulição do estranho enquanto simbiose oxigenam outras densidades de pensamento, fazendo-nos mover pelas vísceras da criatura catástrofe. O que se revela, imediato, como uma Guerra em Gaia, até porque Gaia em si não está em guerra. Insinua-se assim a inesperada e perturbadora incumbência de se pensar – mais do que os amigos – os inimigos (para chegar aos amigos-aliados, companheiros de trincheira), tomando como princípio a reversão da lógica do enfrentamento que se perfaz pela força. Gaia, a sua intrusão, coloca a difícil questão de negociar com o inegociável ou por outro lado, negociar o que é inegociável (nossa existência no planeta?). O impossível que abrange a capacidade de luta é a envergadura de nossa fragilidade ante o inominável que, de outro modo, se torna possível a partir de um processo que faz retomar o pouco do que ainda resta e enquanto restar, caminhando em direção a outra coisa neste mundo. É preciso fazer *parentescos* (“faça parentes e não bebês”) e produzir novas maneiras de viver e morrer, entregando-se à simbiose que constitui vida, como colocado por Donna Haraway (2016, p. 04):

Meu propósito é fazer com que “parente” signifique algo diferente, mais do que entidades ligadas por ancestralidade ou genealogia. O movimento suave de desfamiliarização pode parecer, por um momento, um erro, mas depois (com sorte) aparecerá sempre como correto. Fazer parentes é fazer pessoas, não necessariamente como indivíduos ou como seres humanos.

Suas presenças assentiam um brotamento que interferia em meu modo habitual de ver. Com eles, tudo começou a adquirir uma outra densidade. A imagem da cidade, por sinal, estava em sumo processo de borramento. É que havia com eles, em seu silêncio recôndito, uma voz longínqua que evocava um desajuste, um descontrole, era uma voz rouca e inflamada que soava como um gesto esquecido, mas que ali estava e que ajudava a solfejar outras vozes. Certa forma, não importava sua condição, eles estavam repletos de corpos, ou pelo menos, de marcas de corpos, traços e/ou compassos que acusavam a passagem de corpos e, por conseguinte, rastros de suas vivacidades. Esses calçados diziam de um caráter próprio à cidade, eram corpos porque ajudavam a escrever a cidade, não estavam desvinculados dela, aconteciam em meio a cidade e apesar da cidade, mas ofereciam uma pulsação, sugeriam um movimento e como isso era intrínseco ao modo de vida que a cidade e as cidades nos compeliavam, eu fui impelido a dissecá-las, até mesmo, e principalmente, para não perder de vista o que eu estava disposto a caminhar e a me perder.

2.2 O camarote da catástrofe

AS CIDADES

Por baixo delas corre esgoto,
Por dentro, nada; por cima, fumaça.
Lá estivemos. Só tivemos desgosto. Passamos.
Elas também, a cada ano que passa.

(Bertolt Brecht)

No esforço reformado de elevar-se aos céus, as ditas malditas “cidades” perderam-se do chão. Sem poder carecer de raízes, o resultado é o tombo, o que lhes resta é tombar. Todos os dias aquilo que dizemos cidades começam e recomeçam um ciclo interminável, mas não infatigável de quedas, nada lhes sustentam senão a voracidade com que tentam reter estas quedas, seja por meio de uma dispersão, um espalhamento, um efeito noticioso, ou acidentes, que, no máximo, apontam ou exigem uma tomada de decisão e/ou a efetividade de uma dada e limitante intervenção política. As cidades não param, elas caem simplesmente, tudo o mais é remendo ou remanejamento, uma sucessão de pontos falsos. Tudo está fadado a romper-se a todo instante, e na cidade tudo parece se converter em material vagabundo, alquimia da miséria, que operam sempre a um limite insuportável. São enormes máquinas, trambolhos gigantescos, um apanhado grotesco, verdadeiras monstruosidades. É que quanto mais ao céu, mais rarefeita a vida se torna, e na falta de ar, não há qualquer habitar que possa se prolongar; na dificuldade de respirar somos despossuídos de mundo.

As cidades, dizemos, caem. Estão caindo neste exato instante; continuarão a cair, nada lhes poderá fazer arrodar esse fracasso. Sua falência é sua própria intermitência, e nessa certeza, tomam para si a precisão de crescer. Ninguém lhes dirá para preparar um plano de escape, ninguém ousaria. As cidades, ainda que caindo – e com celeridade –, continuam sendo um atrator. O que há nessa tragédia que não percebemos? O que há que nos faz continuar acreditando ainda que sem acreditar? Por que tanta gente ainda foge para as cidades? Por que a cidade – que integra uma estrutura de pensamento – é

ainda percebida como o lugar de fuga? Se nada ou muito pouco nas cidades se parece com um refúgio por que as cidades continuam o seu venturoso regime de engorda³⁴?

A cidade³⁵ se fundamenta como o lugar em que a terra fora pacificada. É o lugar derradeiro para onde toda a vida se destina, é para onde os sonhos civilizatórios convergem. Na cidade, o campo já fora prontamente engolido. Na cidade, uma nova oportunidade se apresenta. É que o campo enquanto formulação geográfica tem seu sentido embutido na correlação com a própria noção de cidade. A cidade funda o que conhecemos como campo, o campo é impresso na própria condição que funda a cidade.

As cidades são espaços hiperconcentrados, hiperconectados, em que vivemos superprocessados e movidos-atravesados por um ideal aceleracionista sempre em sobrecarga: os estragos são integrantes e interdependentes de sua própria formatação. A cidade-metrópole é um experimento limítrofe, é a razão que calcula: como incorporar a catástrofe em suas várias dimensões e complexidades sem com isso afetar de maneira decisiva o funcionamento de suas redes e circulações de mercadorias? A catástrofe é tomada desde uma perspectiva pontual, capaz de causar algum transtorno e com vítimas fatais, mas a cidade é o espaço humano que investe na materialização da ilusão ou do realismo capitalista (FISHER, 2020) de rapidamente se recompor, ela nunca será completamente desmantelada, não obstante tantas cidades fantasmas, não obstante tantas cidades tomadas por fantasmas.

Para isso, é preciso que a cidade-metrópole atue como um capacitor cíclico-cínico de esquecimentos, conviver com a catástrofe é, sobretudo, investir recursos para esquecê-la³⁶. A catástrofe enquanto empreendimento urbano é tomada desde um movimento retórico, uma fatalidade, como se não houvesse nenhuma correlação entre a sua própria condição. Tramadas como musculaturas capazes de resistir a tudo e que confundem e testemunham a própria natureza humana, o lugar para onde nossa vida aponta, em que o

³⁴ As cidades cobrem menos de 2% da superfície do planeta, mas abrigam mais da metade da população mundial, cerca de 55%. Seguindo essa tendência, estima-se que em 2050 até $\frac{3}{4}$ dessa população já esteja residindo em cidades. Disponível em: <https://bitlybr.com/vYpC>; <https://bitlybr.com/XxwTZKw>. Acesso em: 09 fev. 2022.

³⁵ Nos referimos principalmente a uma ambição de cidade, a cidade como um movimento de crescimento perpétuo, sempre almejando um ideal metropolitano, uma consumação da metropolização da vida.

³⁶ O negacionismo não é senão um artifício do esquecimento, uma maneira cínica de fingir a sua própria estupidéz e demência, na mesma medida em que se finge não ser seu desejo colonizar o mundo a sua imagem e semelhança. “O negacionismo é a própria operação da colonização: a negação da inscrição do colonizado em seu território, salvo como figurante, fauna pitoresca, elemento acessório e supérfluo” (BONA, 2020, p. 75).

pensamento é um pensamento cidade, somos dados a crer que não há como escapar da cidade em seu estado de sítio, enquanto condição metropolitana³⁷; nosso cativo.

O colapso, em sua ocorrência diária, não é um evento isolado, ao contrário, trata-se de um evento unificado para não haver concorrência; é uma monocultura de massas que contempla uma grade de programação bastante diversa. Porque se podemos dizer que a “metrópole é também prisão total a céu aberto” (CONSELHO NOTURNO, 2019, p. 78), então, enquanto célula-mãe, como mãe de todos os desastres, como camarote da catástrofe, ela é aquela que comporta uma sincronicidade de pandemias e faz convergir todos os fatores de risco, produz os agravantes que investem e atestam o adoecimento das populações, como um prisma instantâneo de insuportabilidades; campo de concentração.

Mas lógica da prisão também integra a lógica ferrenha das tentativas de fuga, o que, nesse caso, não parece uma lógica, já que tudo só consegue convergir para um único pensamento em que toda fuga só se dirige para o mesmo lugar, em que os que dizem fugir só “procuram salvar-se no mesmo lugar” (CONSELHO NOTURNO, 2019, p. 78). Não são poucas as recorrências estafantes em muitos filmes pós-apocalípticos em que os sobreviventes seguem uma jornada de descoberta na tentativa frustrada de emular a vida que viviam antes da revelação. É que para muitos a cidade continua a subsistir como o único pedaço de chão³⁸, o que é resultado do próprio modo como a cidade desterritorializa, forçando um cartel desejanste de imaginações carcerárias, confinadas, a imaginação e as suas focinheiras; a cidade como o único futuro a conquistar, onde todos os futuros podem estar contidos; e a cidade só pode ser um grande dispositivo de contenção³⁹.

Assim, se a cidade é uma geografia encarcerada, encardida de sucessivos e dispersos centros de gerenciamento e vigilância, é crucial que as distâncias sejam esmagadas e

³⁷ Os grandes centros urbanos são algumas das superfícies terrestres em que alterações climáticas irão causar e concentrar – cada vez mais – os maiores estragos, algo que já é notório e preocupante em muitas cidades brasileiras que se mostram cada vez mais vulneráveis e com condições cada vez mais propícias a ocorrência de eventos extremos. Disponível em: <https://bitlybr.com/zqYHukC>; <https://bitlybr.com/CJKM>. Acesso em: 09 fev. 2022.

³⁸ Em muitas distopias a cidade aparece, boa parte das vezes como protagonista, enquanto um ambiente repositivo das ações que confinam e confirmam os personagens, como um imenso conjunto prisional, como a cidade das máquinas de Matrix (1999), ou o conjunto habitacional de High-Rise (1975), de J.G Ballard, ou ainda nos apocalipses zumbis em que alguns sobreviventes ficam sitiados, como no shopping de Despertar dos Mortos (1978), de George Romero.

³⁹ Não deve ser coincidência que em muitas ficções científicas as cidades sejam retratadas como o último bastião de sobrevivência humana.

que toda política atue de modo a introduzir uma distância de controle, qualquer coisa que se possa dizer governável. Na grande redoma urbana, tudo deve permanecer à distância, a distância segura nos põe a salvos – ainda que algum sacrifício, como uma crônica indisposição relacional, seja exigido –, é pela distância que vamos ser capazes de conhecer e reconhecer a cidade. É que “o Estado não para de decompor, recompor e transformar o movimento, ou regular a velocidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 60). Ser movido, colocado em marcha, a velocidade é intrínseca a cada sujeito, e a cidade-metrópole, enquanto forma-modelo, está imantada ao corpo do próprio indivíduo.

A “metrópole é assim dispositivo total ou conjunto de dispositivos” (CONSELHO NOTURNO, 2019, p. 85) e instala-se como uma mentalidade idônea composta por um imenso campo espetacular de entretenimento, um jogo onde sempre se pode dobrar a aposta, em que todos viramos público e nos acotovelamos de acordo e em torno de eventos, os grandes eventos, a cidade mesma como um grande evento.

É assim que estas “ilhas cheias de distâncias⁴⁰ – metamorfoseadas em ilhas de calor⁴¹ cheias de distância (e quem sabe lá o que mais irá se juntar ou o que já está nesse corpo móvel) –, corroboram cenários ideais para o exercício que requebra as distopias, as promessas e as propagandas enlatadas de futuro. A esperança como uma salvação continuamente indeferida por forças externas residiria no prospecto de um futuro melhor, essa chantagem existencial que precisa ser posta em prática como uma demanda política e econômica urgente – e oportuna, claro, a depender da “crise” da vez.

O objetivo situado da ordem que nos ordena parece ser a vida remota através de tecnologias de vigilância em massa que inibem e chegam a extinguir o contato físico em detrimento de uma “conectividade digital de alta velocidade” (KLEIN, 2020, s/p). Por isso mesmo, os recursos devem ser investidos em soluções tecnológicas paradigmáticas em que tudo se gradaria mais fácil, que toma o mundo desde um cenário tendencialmente simplificado e facilitado, uma ode que desdenha da própria complexidade do mundo, mas sabemos que esse futuro será sempre um futuro fraudulento.

⁴⁰ Referência ao verso da música “Tudo outra vez”, de Belchior (1946-2017).

⁴¹ As cidades como imensos ambientes artificiais são grandes alteradoras da atmosfera local, isso pode ser notado principalmente em relação a diferença de temperatura no comparativo com regiões próximas, mas que são menos urbanizadas, trata-se de uma anomalia térmica que é referida como “Ilha de calor”. Ver <https://bitlybr.com/eik9fle>. Acesso em: 09 fev. 2022.

É um futuro que alega ser executado por “inteligência artificial”, mas na verdade é mantido em funcionamento por dezenas de milhões de trabalhadores anônimos escondidos em armazéns, centros de dados e moderação de conteúdos, fábricas escravizantes de eletrônicos, minas de lítio, fazendas industriais, frigoríficos e prisões, onde são deixados desprotegidos de doenças e hiperexploração. (KLEIN, 2020, s/p).

É a malfadada prerrogativa de projetar o futuro como um tempo vindouro, subjacente, sempre na iminência do presente, envelopado como uma rotura essencialista capaz de arquitetar e manobrar um futuro, o nosso futuro, e que se julga capaz de impedir os muitos futuros horrendos, os tais futuros apocalípticos. Trata-se, entretanto, de um futuro para substituir outro futuro, um futuro que pouco muda, que conta sempre a mesma história. O que se diz é tão somente uma maquinária de imagens que impedem de ver o futuro, um apocalipse autorreferente que aqui está, um passado utópico incipiente sempre em retorno, mas que – vejam só, que tempo bom o nosso! – só agora editou as condições de dar certo. O futuro é a quimera que hidrata e engorda a mazela colonial: é nada mais do que “uma ordem social global patogênica de futuros imaginados, construída sobre genocídio, escravidão, ecocídio e ruína completa” (INDIGENOUS ACTION, 2020, s/p).

São meus amigos, eu disse. Sou seu amigo, eu lhes disse. Sou o amigo que eles não conheciam tanto quanto eles são os amigos que eu ainda não era capaz de imaginar. Após me dispor por inúmeros domínios, eu arrisquei o movimento a que acreditava estar inquirido: rasgar caminho por entre os estampidos da cidade distópica para enfim elaborar no íntimo o cuidado a qual fui intimado. Certa forma, ao ser batizado, eu passei a um estado alargado de zelo; só assim eu lhes poderia trazer para perto, sem, contudo, lhes estranhar; sem lhes perder mais do que já haviam perdido.

Em minha ficção eu intuía que muito do que eles tinham a dizer já fora ou estava em vias de ser perdido. Na cidade, tudo tende a ressequir, tudo tende a esmorecer. Estes calçados já performavam e estavam/estão marcados e/ou contidos por alguma presença, ainda que diminuta, ainda que em decomposição; são corpos-resíduos de uma performatividade própria à cidade. Para tanto, para acessá-los em seus estratos vitais, para comungar com aquilo por que zelavam em seus vestígios corpóreos, só poderia se desejado sob o signo de uma amizade; um encontro que alargasse o mundo. Somente a amizade enquanto performance poderia atuar e suportar essa performatividade. Assim, escrevi uma performance para lhes interceptar (e, portanto, lhes encontrar) em sua performance. A cada gesto meu que ia ao chão, uma palavra nova nascia.

2.3 Os amigos que desconheço

Que imaginam vocês que seja criação?
 Que imaginam vocês que possa dar satisfação à alma,
 senão caminhar livre e não ter superior?

(Walt Whitman)

Um caminhante e seu carrinho percorrem as ruas da cidade de Belém-PA cuidando de *percolher* calçados, todo e qualquer tipo de calçado com que cruzarem. O trajeto e o tempo de duração da caminhada são indefinidos. As caminhadas ocorreram sempre debaixo da força causticante do sol; a chuva não se fez em nenhuma das caminhadas. As caminhadas não obedeceram a uma agenda prévia e os dias eram definidos de acordo com um chamado que descrevo como uma necessidade impulsiva de caminhar que fosse um caminhar daquele modo, naquele estado de corpo específico.

A caminhada começa e termina no mesmo lugar. Na rua, defronte o carrinho e seus pertences, o performer senta sobre os joelhos (posição de *seiza*) e de olhos fechados permanece assim por alguns minutos. Ele então levanta, troca de roupa (que consiste basicamente na calça do seu *karate-gi* ou *kimono*), solta os cabelos e coloca seus cordões e outros elementos que julga importante para evocar uma camada protetiva: luvas, búzios, máscara, maracás, todos carregados de significados que inspiram e/ou evocam noções de cuidado (muitos destes foram sendo incorporados entre uma caminhada e outra), um breve ritual de preparação do corpo para fazer face à cidade; território hostil, de risco. Fica descalço, seus calçados também no carrinho, e segue, lentamente, em silêncio, ritmado pela resistência e a dificuldade do carrinho de rolar no asfalto. Cada calçado encontrado exige uma parada, um tempo ritual para ser recolhido. O performer se curva em reverência e acorocado agita o maracá em saudação e prece, pedindo permissões e cuidados. Logo após, o calçado é delicadamente recolhido e posto no carrinho. A caminhada prossegue e a ação se repete até o retorno ao local onde teve início, quando novamente o performer troca de roupa e depois volta para casa.

10.06.2018⁴²



Meu corpo só consegue caminhar depois de transbordar em imagens e são essas imagens que fomentam um caminho. O caminhar é concebido-permitido depois de ter sorvido essa misteriosa série de imagens que o antecedem, de modo que esse caminhar é sempre muito antigo, é sempre muito antes, um ato sabidamente ultrapassado, mas que, porém, salienta sempre um caminho, porque é um oferecimento de corpo, uma incorporação destas imagens, o corpo que se movimenta enquanto imagem, o corpo recolhe estas imagens e vai se fazendo para depois se desfazer. Esse corpo que vai ao caminho é um corpo que caminha possuído de imagens. São tanto imagens que chegam quanto imagens a que nós chegamos. Imagens que suscitam e sugerem caminhos; imagens que encontramos pelo caminho.

⁴² Todas as fotos desta série são de autoria de Romana Melo.



Penso que devemos conhecer algumas poucas coisas sobre a fisiologia dos andarilhos. Avaliar até onde o isolamento tem o poder de influir sobre os seus gestos, sobre a abertura de sua voz, etc. Estudar talvez a relação deste homem com as suas árvores, com as suas chuvas, com as suas pedras. Saber mais ou menos quanto tempo o andarilho pode permanecer em suas condições humanas, antes de se adquirir do chão a modo de um sapo. Antes de se unir às vergôntes como as parasitas. Antes de se revestir uma pedra à maneira do limo. Antes mesmo de ser apropriado por relentos como os lagartos. Saber com exatidão quando que um modelo de pássaro se ajustará à sua voz. Saber o momento em que esse homem poderá sofrer de prenúncios. Saber enfim qual o momento em que esse homem começa a adivinhar. (BARROS, 2013, p. 327).





Escuto a polifonia das encruzilhadas. Costuro uma roupa-planta para a cidade. Costurar uma planta caminhante: tessitura de territórios caminhantes. Uma performance caminhante para elaborar plantas de territórios. Costuro um território, ação que é já uma performance para a performance porvir. Uma roupa-planta: pele-cidade. Uma alvenaria composta das rugas da superfície da cidade, de tudo aquilo que fora regurgitado na cidade e pela cidade. Recolho o vômito. Uma planta e não um mapa. Vestir a cidade antes de me vestir para a cidade. A cidade antes da cidade. Fazer um preparo para a cidade.

Corpo-centro. Roupas-pele. Substâncias e simbioses. Por ali, acolá, ele se movimenta. É um ser capaz de transitar entre campos paralelos. Ele enxerga os dois, e enxerga mais. É o malemolente, aquele que ginga sob o signo de Proteu e se metamorfoseia na medida da necessidade de criar existências e de recriar a sua própria existência, ser serpente, que constantemente troca de pele, e que cuida sempre de inaugurar um caminhar fértil com o mundo.



Pensar o corpo em prontidão, fazer a batalha a partir dos pés, de uma necessidade que brote desde os pés. Como nos colocar diante do mundo? Fazer a passagem, romper o espaço tumular daquilo que nos separa do mundo. A agonia do mundo fora despertada de seu descanso, de seu entreposto geológico. Cultivar uma força interna. Nenhuma expiação de culpa irá nos livrar. Nossas estimativas de vida serão devoradas rapidamente. Precisaremos recordar, acordar o corpo de sua gordurosa agonia sedentária recuperando a força de nossos ancestrais através das ruínas de nosso tempo. O tempo é este, não há outro.

2.4 Cidades insuportáveis

Para aqueles que cresceram no silêncio da floresta, o barulho das cidades é doloroso.

(Davi Kopenawa)

Uma cidade moderna retumba, portanto, de batidas. Quem se irrita com o incontornável parece um idiota.

- Bata à vontade.

- O senhor está sendo irônico?

- É, um pouco.

(Robert Walser)

Para que muito disso se sustente é preciso seguir a locução esganiçada que nos convoca a um deslocamento exaustivo, que, em realidade, é apenas um mote desdenhoso de nos coagir a apressar a chegada do (desse) grandioso futuro. Ao serem radicalmente deslocadas e laceradas de suas próprias condições de convívio, as pessoas (a mão de obra necessária para operar esse futuro) são enredadas pelos pré-requisitos – entre dívidas e contrapartidas – que as cidades lhes condicionam, quase sempre ao custo da morte. Viver na cidade é viver sob o inescapável de suas próprias atas de destruição e que alegam ser possível escapar e, no entanto, a lista de espera não tem fim; a cidade e seus confins sem fim. É que cidade imensa, por certo, não tem como comportar a todos e, portanto, abriga uma dinâmica de ameaça progressiva que obriga o deslocamento compulsivo.

O indivíduo metropolitano desloca-se a uma velocidade espantosa e quer crer na gestação de suas ambições, quando, na verdade, fora gradativamente reduzido “aos carinhos do motor”⁴³. Anestesiados sob o jugo da mobilidade e mobilização permanente⁴⁴, o deslocamento frenético impõe uma carga energética que não comporta a todos⁴⁵, havendo de saída, portanto, a necessidade de uma economia movente

⁴³ Verso da música *Paralelas*, de Belchior.

⁴⁴ “Nossa aceleração nos imobiliza” (TURIN, 2020).

⁴⁵ Esse indivíduo está sempre cerceado por uma condição sub-urbana, está sempre em uma condição menos que o urbano e tentando - inutilmente - urbanizar-se na medida em que vai se tornando inútil.

(caminhos e ou atalhos que não consumam tanto, uma circulação intensiva), ao tempo em que torna a todos doentes da velocidade (ABENSHUSHAN, 2020).

Isso dispara a inevitabilidade de uma crise táctil (SENNET, 2014)⁴⁶, prontamente suprida por políticas de conforto que nos condena a um manancial de dispositivos de garantia de estabilidade física e psíquica, em que o relaxamento – que estabelece uma consequente e gradual cultura que atua pela liberação das tensões do corpo⁴⁷ – é o mote crucial. Citando o escritor francês Paul Morand, a escritora mexicana Vivian Abenshushan assinala a velocidade como a droga do século XX: “uma substância tóxica, assassina e vibrante que conectava todas as cidades”.

É ao corpo, então, modelado como objeto submisso e vulnerável à vontade violenta da velocidade, que são revertidos grandes recursos que o devolva aos rumos do gozo produtivo e consumista colocando-o novamente à disposição deste mundo. Assim, se esse “corpo é uma entidade tecnoviva multiconectada que incorpora tecnologia” (PRECIADO, 2018, p. 46), incide sobre ele toda uma agenda extrativista, que visa tragá-lo, reabilitá-lo, instrumentalizá-lo, capacitá-lo sob um único desígnio, despossuindo-o de qualquer vislumbre pulsional, basicamente um modelo de perdição, o que requer o esvaziamento de suas sutilezas perceptivas. Isso encarna um regime que Suely Rolnik chama de inconsciente colonial-capitalístico e que age no sentido de nutrir-se “do próprio impulso de criação de formas de existência e de cooperação nas quais as demandas da vida concretizam-se, transfigurando os cenários do presente e transvalorando seus valores” (ROLNIK, 2018, p. 107).

Porém, a esse sujeito que teve seu corpo retido, tudo é prontamente oferecido e servido, o sujeito metropolitano não sabe fazer nada (CONSELHO NOTURNO, 2019), foi tornado incapaz, mas essa invalidez o libera – é o que reivindica a sua idiotia – para ser abastecido por uma oferta intermitente de serviços protéticos, “já não se trata mais de poder sobre a vida, do poder de administrar e maximizar a vida, como dizia Foucault, mas de poder e controle exercido sobre um todo tecnovivo conectado” (PRECIADO, 2018, p. 47).

⁴⁶ “Navegar pela geografia da sociedade moderna requer muito pouco esforço físico e, por isso, quase nenhuma vinculação com o que está ao redor” (SENNET, 2014, p. 17).

⁴⁷ Sobre políticas que visam imputar a anestesia e o relaxamento do corpo, ver Baitello (2012) e Sennet (2014).

E assim, esse indivíduo define dependente-carente de todo um pacote de atenções e assistências necessárias para prover uma existência cada vez mais débil: é que a memória coletiva do capitalismo-colonialismo se dá tanto na exclusão quanto na implementação e/ou substituição de memórias na certeza de compartilhar memórias de fácil adesão que financiam a simplicidade do mundo, memórias que legitimem a sua própria invalidez; um tipo muito peculiar de demência, que impede qualquer criação singular, dado que “no lugar da criação do novo, o que se produz (criativa e compulsivamente) são “novidades”, as quais multiplicam as oportunidades para os investimentos de capital e excitam a vontade de consumo” (ROLNIK, 2018, p. 114). E é essa demência mormente que é coordenada de intimidades através da motivação doentia que desanda a torto pelas cidades, uma espécie de mito originário às avessas, como explica Davi Kopenawa: “se perderam, foram deixando de ouvir, esvaziados de seus sentidos originários, caíram em esquecimento, passaram a lhes negar e “acabaram criando as cidades”” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 401).

O mundo passa como uma mancha contorcida na paisagem e a vida parece, por vezes, ter se tornado tão somente um defeito óptico, imagem convertida em espectro torturado, que indexa, desde longe (em local seguro, óbvio), a manutenção deste desterro a que Kopenawa faz referência.

A velocidade, diz o filósofo francês Paul Virilio (2016), é centrada e conduzida pelo poder, e o poder, por princípio, é impaciente, não se conforma, não se conforta, nada o abranda ou o abafa, ele não para e sempre exercita a si mesmo, só deseja a si mesmo. Encalacrados, assim, a um novelo de dinâmicas impacientes que repelem qualquer outro tempo e sentido de alteridade, o desejo por aceleração é sobretudo autorreferente, é um processo autômato, uma cega e sedenta obsessão desprovida de qualquer duração, não há duração – dado que se vale de um tempo outro, o tempo do capital, um tempo capital – senão na própria aceleração que é expressa pela fome destrutiva por uma única direção; sua conduta é o irrefreável do desespero; a velocidade, sustenta Virilio, é uma voracidade repelente que não aceita nada além de si mesma, é um prazer destrutivo e encarna um estado suicidário, um esforço coletivo pela autodestruição⁴⁸, em que ele

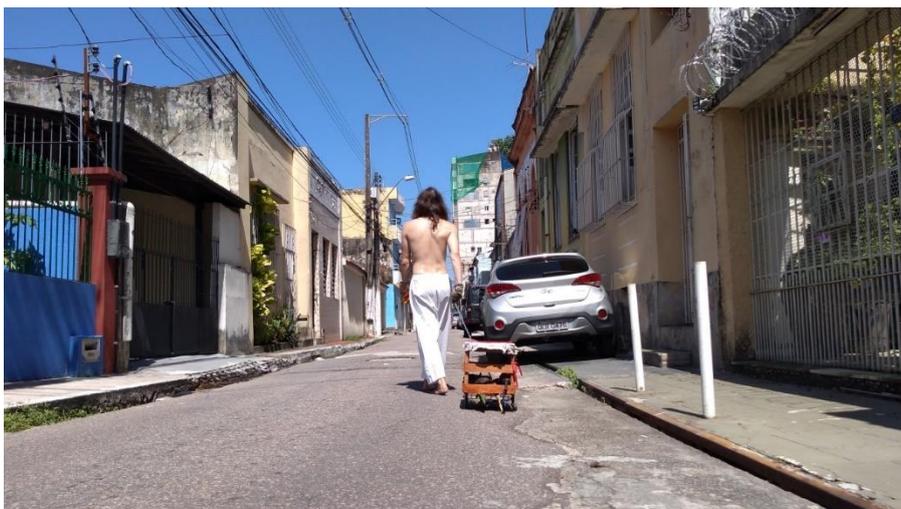
⁴⁸ No Manifesto Futurista, do poeta italiano Felippo Tommaso Marinetti (1876-1944), publicado em 1909 no jornal *Le Figaro*, por exemplo, é tão presente quanto evidente o autoritarismo encabeçado por uma crença cega e desmedida no futuro, a velocidade é o valor estético celebrado, é o que nos fará chegar ao

sublinha o caráter fascista nesse desejo por velocidade. A cidade, cá para nós, só carrega o ritmo de sua própria arritmia.

Ficando nubladas e ressequidas as possibilidades contemplativas e mutantes – sob o risco real de múltiplas formas de soterramentos – é preciso insistir continuamente na torção – não sem tortura – do modo de ver, visto que a velocidade ultrapassa a capacidade de ver tanto quanto a oculta, em especial com a criação de planos que impossibilitam e interceptam a visão treinada para outras visões (não são permitidas visagens ou qualquer coisa que crie distração). A vida deve passar como se diante de um vidro, e o vidro é uma tela, porque para acelerar é preciso impor uma procela de processos de confinamentos (o paradoxo de apequenar os espaços para fazer mais e mais coisas) sob a crença securitária (nós estamos atentos por você) de liberar o sujeito para supostas atividades enaltecidas.

mondo, o mundo como um fim em si mesmo. Dentre os vários itens, destaco aqui o oitavo, em que o fascismo aparece reluzente: “O Tempo e o Espaço morreram ontem. Nós já estamos vivendo no absoluto, pois já criamos a eterna velocidade onipresente”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Futurista. Acesso em: 21 abr. 2022.

19.07.2018







Solos impermeáveis, superfícies duras, quebradiças, não duráveis, espessas crostas de calos de concreto, calamitosas, superfícies que concretaram superfícies, que emparedaram o solo, a vida-chão feita de caixão e aterros, imensa máquina de refugos, ciclo monstruoso de detritos acumulados. Essa complementaridade de ruínas se estende como uma imagem dosada entre mundos explícitos em oposição, são modos objetivos de comportar e confirmar corpos, promulgada sob um aspecto genérico (um certo pacote padrão turístico), é um todo fracionado que protela um rastilho de posições a permanecer sob uma musculatura bombada de pânico e medo. E assim, engolfados por uma massiva infraestrutura protecionista e regulatória de fluxos, um espaço estriado garantidor que favorece um aparte das áreas de risco, essa cidade, na prática, é sempre um lugar orientado em que muitos não podem entrar, e não é surpresa que, apesar dos hibridismos circunstanciais a que estão sujeitas, essa cidade segue prontamente o modelo colonial:

A cidade do colono é uma cidade sólida, tôda de pedra e ferro. É uma cidade iluminada, asfaltada, onde os caixotes de lixo regurgitam de sobras desconhecidas, jamais vistas, nem mesmo sondadas. Os pés do colono nunca estão à mostra, exceto talvez no mar, mas nunca ninguém está bastante próximo dêles. Pés protegidos por calçados fortes, enquanto que as ruas de suas cidades são limpas, lisas, sem buracos, sem seixos. (FANON, 1968, p. 28).

Há todo um lastro que percorre essas malhas que é uma espécie de antes e depois que imputa os graus de perigo a que cada tipo de pessoa corre ou está exposta ou mesmo as condições que a cada uma delas é dada nas tentativas de defender-se. Isso porque a outra cidade é sempre um abismo muito distinto. A complementaridade entre a cidade dos colonos e a dos colonizados, como descreve Fanon, é como na distinção entre campo e cidade, uma só existe em função da outra, uma só pode existir enquanto produz a outra. É uma cidade em que:

Morre-se não importa onde, não importa de quê. É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sôbre os outros, as casas umas sôbre as outras. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade acorada, uma cidade ajoelhada, uma cidade acuada. (FANON, 1968, p. 29).

Tudo parece fazer menção a um modo estrito de prover e preencher a atenção (políticas de captura da atenção), dado que nesse tormento nauseabundo a fertilidade e a felicidade civilizatória se dão na treliça de não deixar ousar andar caminho errado. Não é pouco que nessa cidade qualquer espasmo de alegria seja percebido como um sinal de

uma força muscular que acordou, e como tal, ganhe ares revolucionários, ou seja, uma capacidade de escapar ao próprio cerco ao qual ela é permitida.

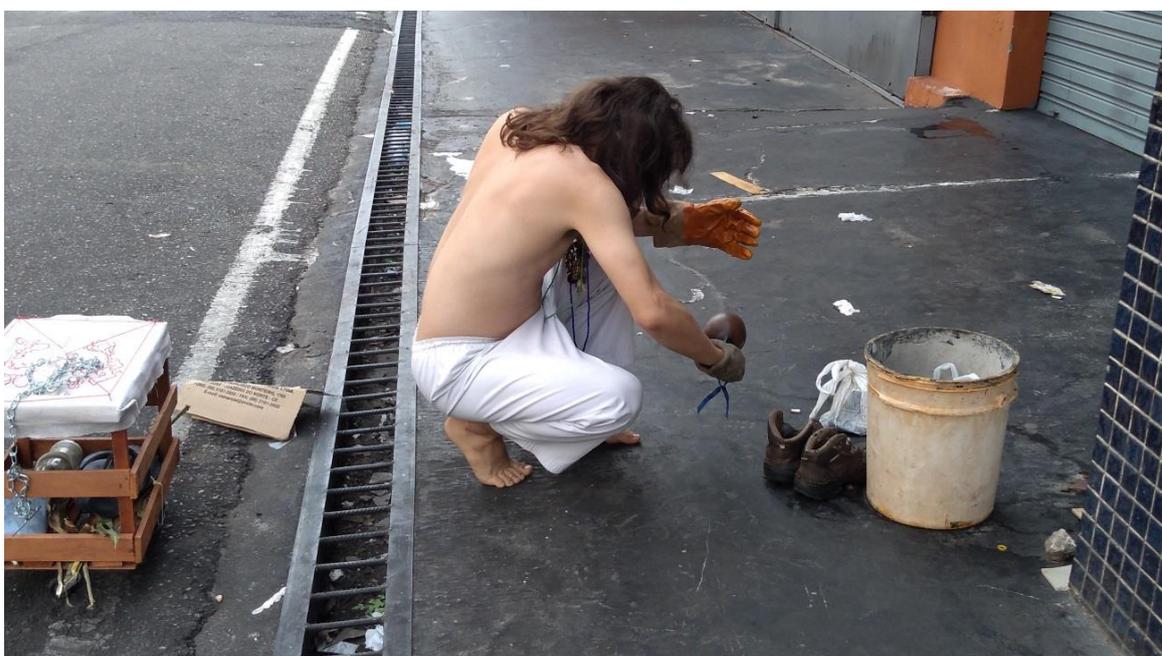
Uma festa que se torne “perigosa” é uma festa a qual, para o poder, será necessário controlar, a fim de se desfazer da sua possibilidade de contágio, da sua capacidade de tornar presente uma brecha de *saída definitiva*, não temporal, da ordem capitalista que faz de nós uns viciados da produção. (CONSELHO NOTURNO, 2019, p. 78).



tomar a cidade desde o chão
fazer andar o que nos desanda



07.10.2018 - Domingo, manhã do primeiro turno das eleições daquele ano.



Que esta caminhada seja uma pequena oração de força e cuidado a todas e todos aqueles que sentirem a visão dos caminhos turvados.



Se eu os encontro é porque a eles fui confiado?



O caminho se abre. Os caminhos se entrecruzam. Junto aos calçados, pratico a guerrilha dos cuidados, compassando seus passos, não desprevenidos de agruras. Caminham por caminhos feridos, e eu me coloco na encruzilhada fértil que perscruta seus passos.





Descalçar-se da primazia de um mundo amigo e calçar as possibilidades entrecruzadas de saberes que caminham por um mundo hostil. Aprender a entrever as brechas fomentadas por resiliências ancestrais. Descalçar-se para poder caminhar pelo exemplo de outros mundos, para viabilizar o chão em acessos desconhecidos. Outros mundos para poder combater este mundo e sua miserável vontade de empobrecimento. Fissurar a presença predatória deste que há muito nos assombra, este mundo imperial que se acelera em corroer as linhas de força de qualquer criação.

Absorver-se da interseccionalidade de outras presenças. O humano destituído de um lugar de distinção, de centralidade ou supremacia. A coroação da métrica, a reversão da auto referencialidade e reverência do humano. Presenças que não se manifestam conforme uma perspectiva humana, ou seja, conforme uma visão ou um ponto de vista, daquilo que privilegiaria o humano em detrimento de uma exclusão: tudo aquilo que está dentro sendo mediado pelo aspecto humano. Um dentro que é tomado como uma reserva técnica para garantir a sua impossibilidade.

Interdependência. Relações que vislumbram demandas práticas, que se constituem no cerne de difusões corpóreas. A busca por outras fontes mantenedoras de saber, por experiências do interstício que se desprendem da colonialidade epistemológica. A busca por entre mundos, formas não anunciadas, desprovidas de realidades. Fazer da ausência uma potência invisível, a não impossibilidade de localizar sob uma lógica racional um fazer viver.

UM OUTRO TIPO DE GENTE?

Malandro usa sapato para continuar descalço.

(Mestre Camisa Preta)

Se são estas as formas preliminares pelas quais a cidade inflaciona e desforra perigos para quem não segue a positividade de seu rumo futuro, é caso de nos manter atentos a um outro tipo de gente, uma tal de gente refugo, gente ralé, gente furúnculo. É o povo rebotalho, os que sempre souberam se entranhar e estranhar por suas ruas, os que sabem andar cidade adiante e adentro, são os que melhor conhecem os seus perigos (eles que muitas vezes são ditos perigosos) por entre cotovelos, becos e encruzilhadas rasantes, que andam no desalinho de terrenos extraterrestres, mas não deixam de reconhecer as inauditas metamorfoses das esquisitas substâncias que vingam e escorrem inesperadas, e logo, delas se integram companheiros. Movem-se pelos subterrâneos instantâneos da cidade, é gente ciborgue alicerçada de sucatas, é gente praticante de esquivas, são os que sabem desaparecer, os que respiram por entre gestos furtivos. Ficam revestidos e reforçados de novas epidermes a cada novo encontro, e se atestam e atentam em meio de uma cornucópia de presenças, é gente amancebada no repertório da rua.

São muitos, e de muitos, pouco sabemos, mas sabemos que existem ou que existiram: são os adeptos dessas artes descalças, os indesejados que firmam o traço e gargalham rastros por percursos indigestos, os que invertem e se invertem no torto do caminho, os bebuns pervertidos da inutilidade, os desordeiros, gente baixa e rebaixada, os que caminham, os que sempre caminharam à sua vontade e à mercê de suas firulas a comungar a vida, os que sabem que para caminhar na cidade é preciso tocar o chão sem se deixar levar pelo piso das más pegadas.

Sua velocidade é outra daquela da qual diz Virilio, uma velocidade lenta, uma velocidade dos “homens lentos” (SANTOS, 2006)⁴⁹, é gente que sabe que perdendo tempo, ganha espaço (CARERI, 2017). A velocidade seria então um modo de aderir ao espaço, de estabelecer uma relação intensiva com o espaço: “constitui o caráter absoluto

⁴⁹ “Durante séculos, acreditávamos que os homens mais velozes detinham a inteligência do Mundo. A literatura que glorifica a potência incluiu a velocidade como essa força mágica que permitiu à Europa civilizar-se primeiro e empurrar, depois, a "sua" civilização para o resto do mundo. Agora, estamos descobrindo que, nas cidades, o tempo que comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens lentos” (SANTOS, 2006, p. 220).

de um corpo cujas partes irreduzíveis (átomos) ocupam ou preenchem um espaço liso, à maneira de um turbilhão” (DELEUZE; GUATARRI, 1997, p. 52-53).

Eles devem ativar uma memória há muito ofuscada por todo esse aparato urbano. É possível se extasiar com o solo em vida, o vivo em constante recombinação e assimilação corpórea, intertravados de superfícies em múltiplas camadas, superfícies colaborativas, multiespecíficas. São inúmeras as formas de saber partir a partir do deserto-monturo que é a cidade, são modos esquivos e inventivos, um coro de possíveis sempre a fazer do deserto um berço ancestral.

13.10.2018 - Trasladação do Círio de Nazaré⁵⁰.



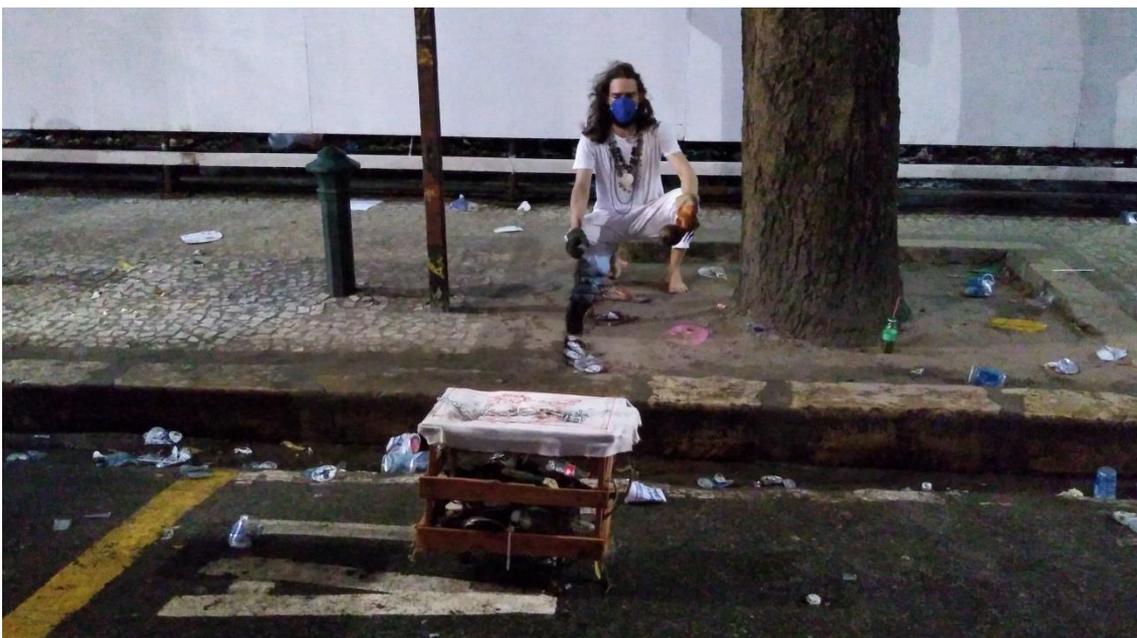
Você não conseguiu ficar sem camisa diante da Rainha da Amazônia, ela disse.

⁵⁰ O Círio de Nazaré é uma procissão religiosa católica, considerada uma das maiores manifestações religiosas do Brasil e do mundo e que ocorre todos os anos em Belém do Pará, sempre no segundo domingo de outubro. No sábado, na noite que antecede o Círio, ocorre a trasladação que é a ida da imagem de Nossa Senhora de Nazaré fazendo o percurso da Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré até a Igreja da Sé de onde ela sairá pela manhã retornando à Basílica.





Aprender a seguir as linhas. Enxergar as linhas. Ouvir os guias. Caminhar. Espalhar-se através das incertezas. O desconhecido. A desesperança. Desconfianças. Arroubos intempestivos de fúria e cólera como máquinas de criação relacional. O despir-se deste corpo: passar a outro. Pés para ouvir os lamentos da terra. Instaurar planos de contato. Aguçar o plano relacional. O corpo outro, mais espesso, nova musculatura. Corpos que se esgotam. Não ter medo de esgotar o corpo, levar o corpo ao limite de si mesmo. Ouvir os passos daqueles que o guiam na perspectiva deste mundo infernal. Assumir a miserabilidade dos territórios.



Acordar o corpo. Espreguiçar. Movimentar forças em nada abstratas, forças vetoriais, flechas atiradas desde o corpo, tensões de limites acumuladas sob seu próprio no eixo e que se mantêm em constante atividade, atuando em várias direções, e que formam uma bola energética. Dilatamento do corpo através desse campo magnético, espaço que inflama sua capacidade de alcance. O corpo passa a emanar a si mesmo não mais como uma massa sucinta, mas como um bloco de forças que perfazem a inferência de uma materialidade sobrenatural; corpo que respira as forças desconhecidas que tem. Esse bloco de forças reunidas resulta na liberação das capacidades de ação em um território inexplorado através de situações cotidianas. Síntese que expande a capacidade plástica de modelar as ações e experimentá-las em seu inesgotável brotamento de formas. Criar esse corpo em chamas, incandescente, ionizado, luminescente, em explosão química. Um ato de fortalecimento, de endurecimento interno que alivia a pressão externa.



A última caminhada. Após essa, o carrinho estava cheio, abarrotado, alguns calçados, inclusive, devem ter caído e ficado pelo caminho. Eu decidi-ouvi que já era o bastante, essa fase, esse momento-movimento chegava agora ao seu limite. Fiz o que me cabia, havia chegado a um amadurecimento, a performance transbordava para outro ritmo e ensinava outras dedicações, eu finalizava esse programa como se houvesse sido batizado novamente.

CORPO EM PÉ

Corpo exposto, apoteose do risco. O dado mais imediato, mas não exatamente a cólera da confrontação, ainda que esta exista (devendo existir), sob outra ordem. Neste primeiro rescaldo o corpo aparece, dado o risco, como um gérmen. Brotamento. Espaço de perfuração. Incisões. Iniciações. O corpo como um jato fluxo imediato. Acontecência: equânime substrato de levante. Perscrutador, pronto para o bote. O corpo rastreando o terreno. Camuflado quase. A performance aparato de camuflagem, as intenções deixadas para depois.

Claro que a batalha se configura dado concreto. Mas aqui não se dá a sua ênfase como um todo. É talvez um ritmo ou a especificidade de um ritmo em constante oscilação. Ritmo mutante, conforme as forças elementares. O corpo como o grave que se tem à mão, sendo também o aparato de precisão da pele do mundo capaz de arrolar-se ao fundo da superfície de rastros deixados pelos que aqui estiveram. Um corpo executando solo um trabalho em equipe. O socorro das vítimas. Não se trata de resgate, porém.

Extrema necessidade de imersão. Caminhada cilindro para o mergulho nos subterrâneos de uma vida destrutiva. O corpo consciente da ameaça. Sabidamente, de antemão. Voluntarioso. Não a luta em seu limite de colisão. Não em terreno combativo. Os restos, aquilo que fora esquecido - (deliberadamente?) - não é senão um ato de improviso ou mesmo a acontecência em rebuliço. É o primeiro dos corpos a se voluntariar na paisagem destroçada, a se indagar da repressão do clima, a fazer-se neste novo mundo. Não apenas se aproxima, emerge completamente no contra corpo da paisagem. Talvez revestido de algum polo sacrificial. No mais, é um corpo que sabe precaver-se, calejado no rebento de suas ínfimas condições. Munido de aparatos de proteção, não segue só, mesmo solitário. Ele recolhe corpos, ou linhas de corpos que se desprenderam em atos de deserção. Ele as acompanha, seu acolhimento é um traçado gerativo. Este corpo deseja dar vazão a outros corpos. Ele se investe no que fora tornado evidente nos cúmulos simultâneos da catástrofe. De gente que arvora descalça. Cuidar de

seus calçados é a prospecção para mantê-los firmes em suas caminhadas e artimanhas de guerrilha. É um feitiço mutante. Os calçados tornam-se outra coisa. Ganham força. Objetos que irradiam uma presença que inspiram outros pés. Através dos calçados este corpo alcança os pés que ali não estão. Permite-lhe entranhar outras vidas, abre-se a novas existências, mínimas que sejam. Cada calçado é um casulo. Um ovo embrião de uma organização levante. Há, neste corpo, neste estado de corpo, mais do que aquilo que recolhe: acolhe: colhe: olhe. A apreensão de uma vitalidade das superfícies. Manobrar os pés através de capacidades de fortalecimento. Os pés como mapas que se irradiam por todo o corpo. Os pés como pontos-mapas de um corpo em ebulição.

Um percurso que investe por entre as catacumbas da cidade. Valas a céu aberto. Corpos entulho, apodrecendo. Fétidos sob o sol da metrópole inalcançável. Toda a indigência incrustada na vida apontada por uma paisagem remota, despudorada, colonizada por forças de violência de confinamento. Jogados aos ratos. As trouxas ensanguentadas de Artur Barrio avolumadas cuspiendo vulcânicas suas entranhas pestilentas. Papocadas, as tripas da vida expostas, a vida desovada de suas condições de perpetuar-se. A cidade em convulsão, as barrigas da cidade a explodirem-se. A América Latina a devorar-se de sua extrema desigualdade, suas terras espoliadas carcomidas de genocídios. Nossa superfície parasita, morta a pauladas de cimento. Fez-se a escolha de um elenco sanguessuga. Os vermes entrincheirados em suas convicções, em sua apoteose de imbecilidades propagadas nos entremeios virtuais. Monturos cobertos de moralidade cívica. Toda a corrosão que corrobora este continente do sul.

A necessidade mercado nefasta de calçados entupidos de amortecedores e palmilhas modeladoras que furem os calos. Amortecer a dureza plastisférica deste chão de tortuosas supressões. Um viveiro de colônias de animais que rogam por nossos rejeitos, por nossa acelerada decomposição, que se alimentam das sombras pestilentas e demenciais com que dejetamos a terra.

É tudo isto que projeta o andar a pé e descalço. Necessidade extrema. Essa aparente preferência nada mais é do que a marca fundamental de nossa situada existência no tempo sem fim do fim do mundo. Pesa nisso todo o desejo de captar forças que a respondam, respostas de composição criativa. De reordenar os espúrios comandos. Instigar microlevantes que catapultem levantes, numa rede de ascendência criativa. Que faça seus lances a movimentos lentos, em comunhão perpétua. A guerrilha faz seu rebento na cidade acompanhada de seu Aríete⁵¹, instrumento mágico. O grande inseto de Kafka, balaio de metamorfoses. Descer, mas não sozinho ou desprovido de precauções. Não uma extensão ou prolongamento do corpo: seu aliado.

É o corpo produzindo sabotagens. Um corpo de contornos e ressonâncias míticas. É talvez o gesto final atendendo a um chamado antigo, enterrado, ancestral. Pode ouvir as vozes, os murmúrios, gemidos desbaratados de dor. Não sendo capaz de estancá-los, passa a lhes conviver. Ao andar sobre as ruínas, o faz com elegância lisonjeira. Caminha com reverência. Caminhar é seu cântico. A caminhada, sua dança. As demandas da terra embrulham seus pés. Ele, por fim, agradece.

⁵¹ Do dicionário Michaelis Online: “Antiga máquina militar com que se derrubavam muralhas, fortalezas ou portas de cidades sitiadas; era feita de madeiro pesado, com ponta recoberta por uma peça de ferro com feição de carneiro; áries, carneiro”. Disponível em: <https://bitlybr.com/4JyRN>. Acesso em: 05 maio 2022.

Com estas caminhadas, ao inscrever um plano-sequência de performances dedicadas a *percolher* calçados nas ruas de Belém, uma parte substantiva do programa a que me propus estava completa. A todo esse processo que englobou um conjunto de atos inaugurais – que me tornaram apto para – eu situo como uma “guerrilha de cuidados”.

Nomeio guerrilha porque me interessa em forjar ações que funcionem como atos de fuga. O que digo guerrilha, assim, é tanto uma insistência de criação quanto uma abertura poética ou um motor de vitalidades, um núcleo de produção de espaços que se insinuam entre fortalecimentos, energias e respiros, e que se manifestam em lugares que pareciam não existir, tomando parte como uma ocorrência fantasmática. A guerrilha a que me incluo é um ato em combate subterrâneo contra a letargia metropolitana, é uma rede que comunga atributos e qualidades que inventam e permitem a invocação ou a convocatória de quem digo amigos, o que, em verdade, pode ser tido como um modo de me tornar participante ativo do mundo que desejo compor.

Caminhei-performei, portanto, para constituir uma rede sólida de atributos e qualidades necessárias para vingar os próximos e desconhecidos passos - que fazer agora com os calçados? -. Fui tecendo todo esse trabalho em nome do que é cuidado. Todo esse ciclo que culmina com as caminhadas e o seu pleno amadurecimento tinha em vista a elaboração obstinada de um grande cuidado. Caminhar-performar para desaguar todos os meus atos na corrente zelosa do cuidado. O que chamo cuidado é um modo orientado de nutrir e avivar caminhos, uma postura afirmativa em relação ao mal-estar e os flagelos do mundo.

2.5 Coordenadas de guerrilha

O artista é, hoje, uma espécie de guerrilheiro. A arte uma forma de emboscada. Atuando imprevisivelmente, onde e quando é menos esperado, de maneira inusitada, o artista cria um estado permanente de tensão, uma expectativa constante. Tudo pode se transformar em arte, mesmo o mais banal evento cotidiano.

(Frederico Morais)

Em cada performance por que passo, a cada passo, vou perscrutando um mapa riscado por caminhos que insistem nos rastros e nos traços do que é cura. Para isso, destacamos a ocorrência de um “corpo-em-vida”, que “é um corpo em constante comunicação com os recantos mais escondidos, secretos, belos, demoníacos e líricos de nossa alma” (FERRACINI, 2003, p. 37). Nesse segmento, a proposição é se debruçar sobre os materiais indesejáveis, o muito daquilo que não queremos lidar nas cidades, mas que não cansamos de produzir e excretar; a cidade entupida de vistas que não queremos ver ou saber. A estratégia foi caminhar essa hostilidade e com isso ampliar o entendimento em relação a estes restos-dejetos. Assim, nos dedicamos a compor os fragmentos e restos coletados da cidade através de caminhares que se instauram entre mobilidades e escrituras possíveis: um entre-fluxo antenado aos fluxos intempestivos da cidade.

Mas como confrontar e pôr a prova todo esse processo esgarçando-o sob outro compasso de pensamento? O que este ainda pode ou como ele se transforma em outra coisa, quais as linhas de continuidade que se abrem? O caso é não se contentar com a ação isolada e sempre extrair algo dessa combustão performática, que pode ser da ordem do que é invisível (o que não é de pronto percebido), troca energética, minúcias subjetivas ou resquícios de intimidade que a performance ativa; faíscas do que se tem de encontro.

O performer é um criador em meio a atos de sabotagens, a sabotagem, diga-se, como um fundamento do que dizemos guerrilha. Ele sabota não as estruturas em si, mas os fluxos orientados, inventando travessias de permanência para produzir fluxos dissidentes que multipliquem as localizações. No seio do estabelecimento da performance, o seu aparente radicalismo através das margens, fica marcada uma distinção e não um movimento como outrora, em que se vê inaugurado, certa forma,

uma comunidade transitória. A implosão das formas, a imprecisão dos conteúdos. É aqui que as experimentações artísticas ganham atmosfera laboratorial e os artistas se podem ou se fazem – para melhor passar, quem sabe – como cientistas do corpo de corpo presente.

A performance – que são sempre performances – é posta em prática como um fazer que visa extrapolar e indispor o verbo (seja qual for a ação referida), e desforra o verbo até esgotá-lo, fissurando o seu núcleo e gerando energia de vida. Dessa maneira, é todo um sentido de urgência que se apodera visando instaurá-la dentro de uma necessidade de pensamento, de torná-la parte de nossa imaginação vigente, nesse caso, performar o aparecimento da catástrofe em nossa paisagem mais trivial.

Ao mesmo tempo, entretanto, é necessário não se contentar com uma exposição perceptiva, mas um duplo movimento, um aparecer-fazer em simultâneo desenlace organizacional: fazer-aparecer. Uma performance de duplo sentido que não seja ficcionada como um acúmulo de funções ou uma fuga cansada induzida pela sobreposição de ações abreviadas entre si. Um trabalho de performance que incide sobre si mesmo, um fazer sobre o próprio fazer em ativo: a ação que se está a fazer em determinado momento, mas que, concomitante, e por isso mesmo, já produza um movimento resposta e em resposta; não uma solução, mas um agenciamento e que passa a exigir um novo fazer, um fazer que não é opção, mas imposição criadora.

Aprender o máximo que puder e enquanto puder, qualquer coisa que seja útil lá fora, é a resposta de Lauren Olamina, a personagem protagonista do livro *A Parábola do Semeador*, da fantástica Octavia Butler. Diante de um mundo ameaçado, por um fio, o que resta, como medida base para uma autodefesa, é escrever e inscrever outras e novas distâncias que nos coloquem, senão fora do radar, pelo menos na melhor margem possível do alcance desta criatura-catástrofe. É preciso estudo. O estudo assumido e afirmado como um processo contínuo de elaboração de fuga(s) que integrem o estalo nascente de uma série de experiências vibratórias; atos germinais.

A imprevisibilidade do colapso, tanto quanto a sua certeza, atesta enormes exigências e disciplinas, mas que não devem ser ou parecer nada que escapem a nossa proximidade, a nossa vivência e experiência. O que podemos fazer? “Podemos nos preparar. É o que

temos que fazer agora” (2018, p. 72), diz Lauren. Para isso, “use a sua imaginação”, não é obrigação exclusiva de uns e de outros, “todos podemos aprender mais. E então, ensinar uns aos outros”. Passar adiante, espalhar, distribuir: um conhecimento compartilhado produz confiança mútua, e o que precisamos é de qualquer coisa que “ajude a aprender a viver fora daqui e a se defender. Até mesmo um pouco de ficção pode ser útil” (2018, p. 77). A grande lição, por princípio, é não esquecer as lições aprendidas.

Estudar, nesse caso, integra uma ética e uma estética íntima e conjunta que não se sujeita a uma exposição, a um alarde. O estudo aqui é como uma zona de contágio e reverberação de contatos. É algo que ocorre tão próximo do corpo que é por ele e através dele que o que se estuda entra em combustão e se torna prática de vida; e isso se dá porque “a memória do corpo não é estática, é motora, dinâmica, só se atualiza em gestos, em posturas, numa série de práticas corporais tais como a dança ou a música” (BONA, 2020, p. 29). O que se estuda, portanto, não é validado pelo visível imediato e por suas equivalentes habilidades de demonstração, e tampouco cabe a um uso estrito para a produção e promoção de conteúdos, o que se estuda é da ordem do microbial, é o ato solene de se deixar infestar de populações que habitam e nos trespassam em tempos e espaços inauditos; estudar é um aparecer para outros mundos, é instituir e alegrar o corpo de alertas celulares. Estudar exige um determinado grau de retiro, e retirar-se é nada menos que a diluição e a desmontagem do imperativo do Eu.

Se vivemos cerceados e invadidos por zonas de riscos, expostos sob a iminência do choque que se avizinha, é parte imanente de um exame tático assumir essa condição e agir de acordo, porque é em habitando essas fragilidades enquanto corpo experimental que poderemos nos reatar com nossas vulnerabilidades e retomar as capacidades de violência a que a muitos fora extirpada⁵².

Não se trata apenas de recolher e analisar as evidências, não se pode ignorar os sensores do corpo que sabem como rastrear a composição da catástrofe em suas múltiplas ocorrências, dado que muito disso acontece de modo molecular e metabólico, é intrínseco aos corpos e carregamos como funcionamentos silenciosos conosco em boa parte do tempo, senão o tempo todo. Há que se instar um termômetro que não teme se deparar com os poros da realidade do desastre, mas para isso, há que saber ler o futuro,

⁵² Ver Campos Leal (2021) e Mombaça (2016).

e “ler o futuro aqui não se trata de uma operação miraculosa, mas de um estudo, uma atenção aos diagramas de forças e às coreografias do tempo, e não se limita a capacidade de fazer maus presságios” (MOMBAÇA, 2016, s/p).

Não duvidar do colapso implica responder em terreno perigoso (as desvantagens são tão evidentes quanto incertas, visto que a destruição não comporta fronteiras), mas responder em território nosso e atrelados a uma atenção maior, ampliada, com as forças que nos brotam em riste, de modo a diminuir as chances com que o colapso nos interroga e nos obstrui. Isso requer cuidado e cuidado requer capacidade de contaminação. Assim, instamos por uma inflexão no regime das sensibilidades, um acirramento das práticas que ofereçam miradas por pistas e paisagens desconhecidas, o que significa, em considerando outro parâmetro, que “tais práticas deverão resistir às demandas de escalabilidade e fazer existir seu próprio terreno, um modo de entendimento que poderíamos chamar de vernáculo, porque as palavras e os enunciados estão enraizados neste chão” (STENGERS, 2021, s/p).

A situação é tão franca quanto possível e Lauren nos oferece isso, todo o seu percurso é um chamado, é um riscado no chão, a marcação de uma posição: “podemos parar de negar a realidade ou esperar que ela desapareça por mágica” (2018, p. 77). A “mágica” a que ela se refere, é a mágica capacitista, a magia branca do capitalismo, porque aquilo que ora vamos dizer mágica demanda fundamento e prática, tempo e ensino; respiro: requer a precisão do polimento, um profundo lapidar que deve recordar e se orientar por certos princípios e procedimentos que organizam e dinamizam os movimentos.

Os gestos, as orações, as simpatias, o respeito, a ritualística, o comportamento, o saber pedir, se remeter e reclamar as lutas de outrora e as que estão ocorrendo, tomar conhecimento, ouvi-las, prestar atenção, um ouvido que vai longe, que não se perde no raso da superfície imediata, saber que o chão é um profundo, saber munir os passos, recuperar a profundidade, o sentido e o percurso dos gestos, a sua precisão e o seu charme⁵³. É reativar a feitiçaria⁵⁴ e nos tornarmos feiticeiros, cada um à sua maneira; porque não há ofício e/ou habilidade que fale ou seja por si só.

⁵³ “Há na vida uma espécie de falta de jeito, de fragilidade da saúde, de constituição fraca, de gagueira vital que é o charme de alguém. O charme, fonte de vida, como o estilo, fonte de escrever. A vida não é sua história; aqueles que não têm charme não têm vida, são como mortos. Só que o charme não é de modo algum a pessoa. É o que faz apreender as pessoas como combinações e chances únicas que determinada combinação tenha sido feita. É um lance de dados necessariamente vencedor, pois afirma suficientemente

Trata-se de não sucumbir ao ensimesmamento e as velocidades eufóricas e estafantes (embora saibamos que em parte já sucumbimos, e muito, o caso é que aqui ainda estamos), é aplicar a rasteira, os golpes no contratempo, no repique do relento. Ao dissabor das rupturas, das sepulturas e dos estilhaços e de tudo aquilo que irá estourar cada vez mais perto (em algum momento virá a nossa vez e dos nossos), cultivar o estado de fuga é saber reunir modos de apalpar e sentir o ajuntamento dos caminhos – *encruzilhada?* – (para o depois, para uma linha de continuidade, para uma história em rebrotar, para processos de aderência); se o grande fora se aproxima – governado e desgovernado – (o mundo para além dos muros) muito do que nos tolhe a vista deve se dar no entendimento de que a vida não pode ser em suspenso: aprender a aprender, aprender a esquecer o que não te faz aprender, recuperar o direito de esquecer, tomar as rédeas em direção a qualquer coisa que pisque um vislumbre de força.

Elaborar ou traçar uma linha de fuga não é se situar em meio a um planejamento ou uma programação linear e obrigatória, é saber onde se firmar, onde e como colocar o pé a cada pisada, é ouvir a sinfonia das vozes do que muito não cessa de nos ensinar, o que vem de longe. É se expor aos brilhos mutantes que coordenam movimentos que esvaziam movimentos hostis, saber agir porque se sabe o que está acontecendo (mesmo que não se saiba de tudo), expandir a imaginação e adentrar as histórias, aguçar a percepção de modo a confiar em nossas ações, se dispor aos efeitos de reciprocidade e afinidade que saúdam o mundo, que honram o mundo, e manter em ativo que o habitar é sempre um estado em pleno processo de mutação (COCCIA, 2018).

Não simplesmente um saber onde ir, mas um estar apto a se decidir pelo caminho, saber ir e saber fazer o traçado, saber *fazer-pensar* (WEIR, 2021) a história no exato instante em que ela ocorre, saber se modelar conforme as forças vão se produzindo, saber colher e se atar ao caminho, ainda que nos mínimos, ainda que a passos miúdos. Não apenas correr desesperados, mas ultrapassar o medo imposto, saber deixar para trás que não tem caminho, saber avançar e ouvir a dor, saber o que se está fazendo e fazer.

O que está presente e o que não irá embora? O que se irrompeu com violência e rasgou a malha fina do mundo? Levar a sério os alertas, não adiar os caminhos, manter-se em

o acaso, ao invés de recortar, de tornar provável ou de mutilar o acaso. Por isso, através de cada combinação frágil é uma potência de vida que se afirma, com uma força, uma obstinação, uma perseverança ímpar no ser”. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 05).

⁵⁴ Ver Sztutman (2018).

prontidão sem negligenciar a prática e os fundamentos alinhavados à troca e à reciprocidade. Aderir ao estudo como quem adere a vida, como quem está sempre refazendo os suprimentos que te auxiliam. Se preparar é saber ousar e usufruir da mudança (“Deus é Mudança”, é a chave motriz que guia a crença de Olamina, A Semente da Terra), uma capacidade maleável, malemolente, seja uma ginga, um ritmo, uma dança, um toque, um gesto de corpo recuperado que geste e comporte sentidos através de movimentos (em um amplo repertório aberto a combinações infinitas) que não podem ser rastreados e ranqueados, movimentos que não integram ou te excitam a qualquer política de monitoramento e colheita de dados. Se for uma espera, que seja também uma espreita, e nunca esquecer que todo movimento por si só é permeado de insuficiências. Saber o que sabemos, ouvir o que vivemos, mas por outros e vastos caminhos, outras peles e inúmeras demandas, estejamos atentos aos malabarismos vitais, e nunca sozinhos, sempre juntos, rentes àquilo que nos atrela à vida.

No desdobramento deste processo eu fui sendo fustigado por um ímpeto de vozes que se revelavam como palavras. O modo como encontrei de cuidá-las – e, portanto, de lhes dedicar atenção e fazê-las artífice e partícipe – é o que denomino “coordenadas de guerrilha”, que nada mais são do que essa constelação de palavras intercruzadas, justapostas, e sobrepostas como um palimpsesto, em um trabalho que só podia ser artesanal (na máquina de escrever [datilografar], preferencialmente, mas também à mão), em uma colagem-costura-montagem-gambiarra que se desvelou como um dos procedimentos pelos quais esse trabalho foi sendo amarrado.

Escrever, nesse caso, vinha não como um trabalho direcionado ou linear, em nada se assemelhava a uma narrativa. Escrever vinha como um despejo, como se o corpo todo, se tomado de outros corpos, estivesse expelindo ou raspando de si alguma substância que podia ser traduzida em palavra; sendo a palavra, nesse sentido, como uma matéria à espera de um gesto de polimento. Escrever antes de realizar performance e escrever após realizar a performance, escrever, escrever como a urdir uma superfície segura por

onde pisar, algum chão por onde ir, mesmo que não fosse possível garantir que os pés saíssem ilesos, calçados ou não. Dessa maneira, as palavras foram criando sua própria performance e passaram a conferir condições e sentidos para as ações as quais eu me debruçava. Assim, é possível dizer que cada batida na máquina seja como uma passada, e que cada rasura feita à mão seja como uma pisada.

Estas coordenadas são como uma epiderme repleta de veredas que podem ser caminhadas como em uma partitura e que funcionam como a tatear ritmos; são modos de conjugar e de não me perder de todos os seus meandros inesgotáveis, afinal, em algum lugar ali, eu sabia que estava resguardada a nascente de um novo caminhar.

O ALMA / A LIMPEZA DO TORNUELO

o poeta-performer-guerrilheiro descido em mim, aquilo que recolho das batalhas
o caminhar é uma batalha, a necessidade de fazer, travar a batalha, mas o meu
caminhar não aponta as linhas de frente, ele desorienta as linhas de frente.
um desarranjo das trincheiras. o corpo barrica é movente. se metamorfoseia.
~~poeta ser a palavra~~ ~~era estado~~ . a luta não aparece. a luta, ~~hoje~~ como tal, parece
enobrecer de tópicos ~~exata~~ a minha insistência. a exaustão de dá na recorrência
do termo. na transformag fugaz dos atos. estou perdend tempo para romper as
fortaleza. defesas tão fortes e vorazes que se manifestam enquanto ataques.
defensas que adentram a guarda do inimigo. aqui, inimigos. não a dversários.
a oposição não cola. faço para transpô-los ao meso plano. ^{destro-las} um plano do qual qu
sou capaz de lutar. meu campo de batalha. a caminhada para forçá-los a descer.
a caminhada para afirmar um outro plano de percepção. afirma r, ^{sempre} ente a todos
e nos movimentos em outro pno. a caminhada em metamorfose. que modifica.
uma ca minhada violenta. sempre u m a rrombo para o corpo. um estupro. uma vio
lação. o. um novo homem. ⁽¹⁾ uma urgência implacável. incontornável. um assomo.
uma secura...um desespero. cavalgar. estuprar. o sufocamento que antece o
gozo. um gozo de dor. que explode. como a ser buscado nas visceras. um refluxo
q ue erpele desde o intestino. que atinge o corpo em cheio. raspas que não ~~se~~
sã o deixadas para seguir o seu fluxo normal. excrementos que precisam sair.
mas não como um ciclo orgânico. como ~~um~~ prazer fisiológico. a crueldade
modifica o corpo. faz o corpo delirar.

O ALMA

o ca minhar ata ca ndo os fluxos.
abandona a ideia de preparação. nada prepara, nada antecede, tudo já está
e m açã o. manter-se em estado de alerta. ~~em~~ estado de prntidão.

ACORDAR EN SI MESMO - O DISCIPLINA / RISCO / VIDA

o guerrilheiro - cita de - a passagem/ambiente hostil. esse espaço ima-
diato. o guerrilheiro - o performer guerrilheiro - opera no espaço mundo
que ordenado cofirme direcionamento e que produz e possibilita ou não a
ocorrência e a criação de existências. o guerrilheiro instaura - insinua
se por entre estas b echas e busca fazer passar modos outros de existir
ali onde as existências parecem diminuídas, expostas a um grau compas
passivo de decoposição e conformação.

o guerrilheiro e o mundo. fricção a ficção do mundo - cidade, moradia
habitata. e os mods de cuidar do mundo. ex
experimenta modos de proteger-se

o ALMA e RECEBER o MUNDO
CONCEBER o MUNDO - IMPERIALISMO

OUTRA FORMA
LETRINHA DO VIOLETA

LA A CAMINHADA
SE TORNA ESCRITA

o cárcere silencioso da escritura . Legítima defesa . poesia. autodefesa
a poesia como o estímulo para o levante. como algo a fazer que não se ensaboe
tranquila nos recantos insuportáveis. que nossas casas se tornem acada dia mai
insuportáveis. que tenhamos ca da vez que caminhar. que fazer e exercer a exri
errancia. uma militancia outra. que faça a poesia incomodat. o corpo está

"A poesia foi vestes flúidas em púta"

Se abrir as feridas uns

o primeiro momento - faz a economia do cuidado. constitui um corpo talhado
de proteções. inroca os aliados. a primeira barricada. a construção da
barricada. o pé é o primeiro ; o pé no chão, descalço, - o fortalecimento
o primeiro ato da batalha - acriação de um campo para a batalha. uma batalha
que sobretudo uma ficção dos modos como se escoceve o futuro, os as possi
bilidade des de futuro. experimentar um outro mundo.

pedir per issão e encaminhamento ao nosso trabalho

retomada da vida. como nutrir o corpo para resistir?

as atividades diárias combinadas com a intensidade da batalha. o cotidiano nada difere de suas aplicações em relação a uma batalha.

retirar da dor somente a parte que nos alimenta para seguir nos caminhos. alianças, articulações, posicionamentos. o país ^(nos) sem limites.

tornar-se apto a lutar a guerra que não fora ele quem começou, mas que é duramente envolvido.

*↳ A SUA RESPOSTA
UMA ESCALA CONSPICUA*

*↳ UMA BATALHA QUE ACONTECE NO INTERIO DO UOLANE
NAS CIRCUNSTANCIAS DO CONDOMINIO, FUNDAMENTADA DE
SUA PUEBLO*

é possível a transição entre guerreiro e guerrilheiro? esse deslocamento? o guerreiro treina o guerrilheiro?

praticar a elegância do guerreiro. a elegância, a leveza. a preparação do guerreiro. ~~o guerreiro~~ - o caminhar é o caminho.

↳ "CAMINHAR NÃO É O CAMINHO, O CAMINHO SE FAZ AO CAMINHAR"
o guerreiro - a tua sobre si. faz o processo de transformação de si. a cautela, a produtividade, a serenidade.

a falta de forma para que se possa assumir todas as formas - proteu.

~~o guerreiro~~

↳ "SAB O SIGILO DE FRANTO VELOCITAS"

a língua do ca minhar - o caminhar ~~o~~ língua estrangeira . sem mediações. relação direta. (o) caminhar (contra) a inércia do pensamento. contra a estabilidade da linguagem. a palavra e o movimento físico. a palavra regurgitada ~~o~~ própria explosão do movimento físico. a afeção física que contamina ~~o~~ é a reemessada para fora . expulsa. vomitada. dejetada. se insurgir contra aquilo que fora substituído de nosso contato. que fora esvaziado de nosso contato.

expulso / expulso - o corpo a conexão com o animal que se

na cidade desagua da água

sa ir da cidade para chegar ao mar. sair da cidade para a cidade. o mar como um respiro. caminhada exaustiva. recolhendo os ferros. forjar as performances a partir do ferro. o ferro como material de guerrilha. de guerra. cantar a caminhada. uma oração. a são Jorge.

meu corpo, em caminhada pela cidade, explora ~~o~~ elementos míticos, se investe se entrega aos componentes espirituais , o corpo ~~o~~ 'arrancado de si mesmo ~~o~~ escorrido das maras, da naturalidade (a aparente) com que vivenciamos o cotidiano. o corpo é uma oferenda. cruza, cola e monta imaginações... intercepta formas e as redistribui conforme suas capacidades instantaneas. se torna a tento (vazio) sendo capaz de assumir, em estado ritual, um esgarçamento da própria realidade. compor realidade, não interpretá-la. re-oc onfigurá-la tal como está ~~o~~ , se encontra. substituir e rewe produzir realidade, cofirme possíveis ades ritmicas. passos , movimento de conexão musicais, teatrais, que se vincula, ou que tem por desejo se conectar a novos estados de criações. o corpo se entrega ao sacrificio, se joga do precipício

*o respirar o
mesmo ambiente
com outros seres
expulso a si
mesmos.*

O HOMEM QUE SE RECUSA A SALVAR
SUA TERRA JAMAIS ESTARÁ SEGURO

os mil nomes para aquele que sabe que esta "terra" não é segura. os mil nomes para as mil batalhas que hão de ocorrer. e nesse sentido, eu não tenho nome. o carrinho não tem nome. tenho qualidades. de cooosição. um dispositivo para insã ural realidades.

eu gosto das demandas impossíveis

encontrar as armas para - abrir condições de para a emergência de mundos a ficção de mundos possíveis. em um que passa, em primeiro momento pela necessidade de ficção do próprio modo de comater e de se . tomar o combate o combate como uma - ficção dos modos de fazer a guerra. arecusa por viver nes e mundo que a i está. não se trata de levantar questões sobre o mundo discursos sobre a fragmentação da cidade, mas de levantar barricadas em reãã o a uma compreensão de mundo

ele quer fazer a sua revolução

→ aquilo que faz corpo que se

→ o corpo

→ o espírito cria um bebedor de

→ reservatório de destruição.

→ a rmas - a liados - ganhar corpo enquanto presença. atravessar a destruição. o apocalipse oferece o impossível. o guerreiro prepara o guerrilheiro para o impossível. conceber um mundo vírus. inaugurar as linhas de frente.

→ esse carrinho é este - zhuo

→ ricas de mundos por vir.

o carrinho maltar - o lava-pés- es calda-pés. um banho para os ps. descla descalço. esse espaço íntimo. para tecer intimida des na rua. criar pequenos espaços de solidã o cola boatiava.

→ que estiva outros cadáveres

o carrinho meta - morfose (sob o signo de proteu). um cortejo - uma linha de ferente - uma linha de mundos possível no front -

→ ironia e pede proteção

meu carrinho é uma oração. a o santo. oferecer a a rma ao santo.

os pequenos gestos que antecedem o ato. a performance é então meu atode que de guerra? mas é uma guerrilha. por que se adentra, opta, seleciona espaços onde a batalha ainda não fora imaginada, apesar, ou que eu trago abatalha para o meu campo, para o meu corpo. onde estas forças interagem. se combatem

↳ *PERFORMANCA COMO PRATICA DE RESISTENCIA / ABRIDURA - LIBERAR-SE DE TODAS AS REGRAS DE RESERVADO*

performances para as várias dinâmicas da cidade de... o transbordamento. aquilo que ultrapassa a. os limites do quartel. da casa. aquilo que não pode ser mais confinado. performances de exílio e de outros performances recolher os calçados. sair com os calçados. esquecer para os calçados. ↳ *UMA PERFORMANCA TRANSBORDA EM SUAS PERFORMANÇAS*
retirar os calçados do carrinho. passear na praça. esquecer. desmontar o carrinho abrigado. em dois momentos diferentes. como se tratasse entre mundos ou entre ficções de mundos que a cidade impõe. se impõe um desajuste dessas dinâmicas. não apenas produzir e trazer, mas investir na própria estranheza que acontece. o teatro, o teatro. criar estes pequenos espaços para pensar. pensar o impossível dentro de espaços impossíveis. infiltrar a própria fuga, assumindo a brecha.

PERFORMANCA TRANSBORDA EM SUAS PERFORMANÇAS "ABRIDURA PERFORMANTICA" PERFORMANÇAS PARA ALÉM PERFORMANÇAS

a cidade fica deserta. a cidade fica deserta.

O BAIANO/BAIANO DO CARILHO

a relação mítica da caminhada. para depois inaugurar a relação fictícia. inaugurar as armas. entregar o corpo. para o que vem depois. uma caminhada de limpeza. e a limpeza não tem nada a ver com preparação. o ato de limpar-se - de tomar banho após uma caminhada. a performance ritual - experimental. me aliar aos atravessamentos. não se detém somente a referências que encontro. mas a referências que me oferecem. limpar o ambiente do corpo. limpar para entrar. entrar - sair - entrar. os acessos.

CLIM. CONDICOES

o carrinho - ariete. um carrinho de combate. romper as fortalezas e fortificações. arrombar os portões. carro de combate

↳ CARRINHO - CARRINHO

ON ESPERANÇO ESPIRITUAL DE APRESENTAR QUE SE ENCONTRAM, MAS NÃO PODEM SER APURADAS

o carrinho, um albatroz, o comprimento, me ofereço. salve, salve. um carrinho
um ta nque. a caminhada invocando mitologias e forças ancestrais. o carrinho
acompanhada de forças de cura. curadores de ogum. atravessar a dor. mover
forças de movimentação. ins taurar ~~uma~~ aliados no corpo. instaurá-los. dar-lhes
pode de reverberação e amabilização. o carrinho forrado com as espadas de sã
sã o jorge. os calçados ~~repostados~~ repostados nas espadas de são jorge. os caminh
os caminhos estão a bertos. objeto compartilhado. tornado porroso. como uma
p rimeira passagem para, uma fase do continuar. um objeto em crescimento que
a sua constituição também uma peformance. levo os objetos para a rua, para
uma caminhada, para fazê-los perform ar também. nessa intensidade de transições
espaços espaços sociais e privados.

↳ METAMORFOSES

o momento de constituir novos navios. de nadar. outros barcos. barcos que se
metamorfoseiam. que nada fazem ao caráter humano. ao cont'ar o. barcos - veiar
carrinho. que navegam em terra. máquinas de ressonância, que estão cagando para
o homem. máquinas que funcionam sem a supremacia, a presença neurótica do homem
e seus desejos mesquinhos. uma máq uina que num objeto de tração. ações que
traem toda a desenvoltura e a falência do probo to ocidental. ações que estão
a tentas, que atraem, que vislumb ram, que se tornam POROSAS A a outros processos
que frjam sementes em si mesmas. sementes que se metamorfoseiam, que não crescer
segundo ou germinam segundo aspectos identificáveis. as armas forjadas na exp
exposição levada a dileta são extrema. um carrinho multidão. que se esforça
para receber. ~~um~~ carrinho receptáculo. outro tipo de coletar. a coleta que

↳ O OBJETO DE TRAJE
CUMPRIDO DE TRAJE, BARCADA

BARCADA HAVETE
APARECE E DESAPARECE
NÃO SE DEIXA UOLAR
- RIZOMA -

a recusa . o carcere silencioso. o combate silencioso. quando escolher a caminhada dá-se por recusas involuntárias. por contradições a contra pelo por vezes a gente se esquece. uma ingenuidade infantil de deslumbre. a solidão é um ato solitário que acabastituindo sufocos. máximas e convicções. vive-se na expectativa de atos declarados. de povoar a sua opção de justificativas e explicações racionais. a captura intelectual de a performatividade daquilo que se exerce. cobra-se uma coesão, a coerência que torne tudo palatável. e gaero fabricado. o que torna a recusa um evento limpo e compreensível. ~~uma~~ afastamento. ~~um~~ período de lineçença. um atestado por alguns ~~dias~~. um relaxamento, um descanso. parte-se de um principio que formaliza um tempo, um dar-se um tempo. um momento para se desapegar. maqueia-se a ruptura. a recusa rompe. irrompe, é seqvagem porque se desfere um a desforra, um desterro, uma fuga. assume-se algo inaceitável. um ponto de não retorno. o dileceramento é evidente. caminho como quem recusa. a caminhada é feita de recusas. o não. fortemen te armado. um não bélico. um corte viril na suscetibilidade. a aceitação imediata de uma nova possibilidade. recuso essa cidade. faço cuidados ao dizer não. recuso o meu conforto no habitar. não faço agrados de estimação para consolar o meu esforço. o eu quieto. nada aqui se sustenta. ^{Caminhos ocultos / Que se escondem e suas possibilidades - Al-Herz os Possíveis} ando por caminhos insustentáveis. a cidade é um abismo profundo. escolho adentrar por um deles. tantos outros poderiam ser possível. inadentro este abismo. esse mundo sem fim a ficção deste mundo sem fim. sempre em caducas soluções e restauros. a cidade definha. a qualidade de cidade é o ponto crucial. os modos e as possibilidade de se estabelecer na cidade o estar o ser. as maneiras e os gestos de habitar a cidade que são castigados e ameaçados, os que foram extintos. a ec um campo de extermínio traços, rastros de extinção. que se dilatam e escorrem por entre ruas e vestígios. a cidade ~~encontra-se~~ como um grande buraco negro. expndo as carniças da civilização. a baba velha e podre da civilização. a cidade como esse espaço onde tudo se converge. onde os atos de unificação se fazem evidentes. são colocados como condição e fazem termo a uma

a s insignificancia s - ma
o amor frutificando em plen
r distribuir meu vigor vi
o principio do fracasso.
não sabe viver o apocalips.
meu corpo vai vivendo os i
criando os impossíveis
me apego ainda a feitiços

*HUSKARTUA Espiritual
(curioso de)
o ator e suas potências
mágicas*

indoloso, quando escolher.
 as tradições a contra pelo
 infantil de deslumbre.
 são liquidadas desde cedo.
 ando afoccos. m'ximas e
 larados. de povoar a sua
 a. a captura intelectual de
 a-se uma coesão, a coerência
 o que torna a recusa um
 período de linegença.
 um descanso. parte-se
 e um tempo. um momento para
 ope. Irrompe, é seqvagem
 uma fuga. assume-se algo
 ramento é evidente.
 te recusam. o não. fortemen
 estibilidade. a aceitação
 a cidade. faço cidadãos ao
 não faço agrudos de esti-
 nada aqui se sustenta.
As vezes - a morte os persisters
 um abismo profundo. escolho
 ser possível. Inadentro
 e mundo sem fim. sempre em
 a. a qualidade de cidade
 e de se estabelecer na cidade
 ar a cidade que são castigad
 um campo de extermínio
 e ocorrem por entre ruas
 buraco negro. expando as
 re da civilização. a cidade
 e os atos de unificação

as insignificancias - manol de Barros
 o amor frutificando em pleno apocalipse
 r distribuir meu vigor violento. a força e de um movimento desordeiro.
 o princio do fracasso.
 não sabe viver o apocalipse em melancolia.
 meu corpo vai vivendo os impossíveis
 criando os impossíveis
 me apego ainda a feitiços

MUSCULATURA ESPIRITUAL
(continua de)
O ATOL E SUAS PORTAÇÁOES
MÉICAS

2.6 Fugir da cidade

“Vocês esqueceram que o único sonho que nos resta sonhar é o da sobrevivência de um futuro potável”.

(Sony Labou Tansi)

“A melhor maneira de fugir é ficando exatamente onde você está”.

(Do filme *Vanishing Point*)

Cidades desencantadas, cidades de tempo quente, de alta entropia⁵⁵, movidas por catatonias. Será possível escapar desse inferno-futuro feito cidade, estes idílicos cenários de destruição em massa? O que faz tolerável esse mundo-monstro-cidade, esse insuportável do qual não conseguimos nos livrar? Será possível manter relações íntimas com a terra e os entes que a habitam? De outro modo, o que é preciso, de fato, acelerar? Como não se reduzir a estes espasmos da espera? Em começo, mas sem chegar ao fim, pontuando que nosso ensejo é sempre o sem fim do mundo, é preciso crer em vista que a cidade é, à revelia de sua abstração, um imenso espaço em constante ebulição de processos de reintegração de posse.

A natureza está constantemente forçando as correntes que a prendem: procurando pontos fracos, rachaduras, falhas e até um pedacinho de ferrugem. As forças sob seu comando são, claro, tão colossais quanto um furacão e tão invisíveis quanto um bacilo. (DAVIS, 2007, p. 412).

É uma indigestão colérica frente aos pactos futuros. Pertencas de um anti-futuro: dissidentes, desertores, gente que não vive mais o futuro, que sabe do dever de viver para alguém do futuro. Com as fronteiras inflamadas e colapsando rapidamente – a velocidade é o peso da velocidade com que muito irá ruir e com tempos muitos distintos – estamos diante de um esgotamento, um intenso processo de desfazimento, de desgarramento, de uma perda de aderência a um mundo que, no mais, sempre fora insustentável.

As fronteiras vão ruindo na mesma medida em que as cidades tombam – uma expressa o caráter da outra –, e não é de hoje; essas imagens nunca pararam de se disseminar e de prevalecer enquanto histórias e presenças difusas, como bem frisou Donna Haraway

⁵⁵ Entropia é uma grandeza termodinâmica que mede o grau de desorganização ou de irreversibilidade de um sistema.

(2009, p. 45): “meu mito do ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades”. A destruição não é obediente às fronteiras (ainda que integrem outras temporalidades), é um desencadeamento, uma intrusão, uma fricção, o acontecimento dos inomináveis que querem seguir impondo as mesmas e outras vertigens rumo ao desterro.

Mas como devemos nos portar ou nos posicionar diante desse esgotamento? Sem dúvidas, é preciso expurgar e regurgitar esse mundo que nos fora imposto, toda essa parafernália-cidade e suas indigestões. Como usufruir desse vácuo? Como aproveitar esses trânsitos que vazam por todos os lados? Ou, de outro modo, como produzir a si mesmo enquanto esses outros mundos vão sendo produzidos?⁵⁶ Como nos colocar novamente em ação? Como inventar, como fazer brotar e rebrotar as distâncias que nos foram arrancadas? Como confiar no mundo? Como fazer agir, como fazer com que a ação se torne ainda possível?

Se as cidades cresceram – incharam, inflaram – ao longo do tempo não o foi somente por advento do avanço e da compulsão tecnológica, mas enquanto tecnologias específicas de produção de destroços⁵⁷. Crescer significou e significa um apanhado de convulsões sociais. A ruína urbana é uma história antiga, uma carapuça de memórias sempre requerida. O certo é que ao se impor como centro de poder, como força e forma vital, a cidade passa a vigorar como um espaço de disputas internas onde se avolumam hostilidades e paranoias. Não é pouco que sejam estruturas em constante estado de dissolução, sempre expressas às custas de vultosos projetos de replanejamento, remanejamento, reordenamento, apaziguamento, reforma, reordenação, etc.

Em meio a nesse marasmo, a cidade ou o que aparece apontado enquanto cidade, é um vívido exemplo de um objeto morto-vivo, em que toda a sua infraestrutura já nasce podre e toda política ali implementada é potencialmente uma política decadente, profícua de desmoronamentos e escassez; a cidade compondo com uma tralha de outros objetos para nela se ajustar é a ficção humana que melhor parece encenar o fim do mundo com uma precisão bastante formal. Ela encorpa e incorpora um modo de

⁵⁶ Ver Lapoujade (2017).

⁵⁷ Muitas cidades foram usadas – e ainda o são – como laboratórios experimentais da violência. Ver Graham (2016).

conceber e considerar o mundo (a universalização do mundo), só que esse mundo, continua e continuará ruindo, é um mundo que nos impede e reprime – tanto quanto redime – de qualquer ação.

Nesse sentido, a cidade será sempre mais uma condição existencial que a vincula (e, por isso, simplifica) a um ideal (uma ambição, e como tal, uma abstração) de habitar do que um espaço localizável em si. Ao nos dirigirmos para a cidade, o muito com que nos deparamos serão espaços de natureza que nos pareceriam inabitáveis, e muito do que aparece enquanto cidade não passa de uma sucessão de locais nos quais nós não desejaríamos morar; é que a cidade só é grande para quem molda e modela a imagem inerte do mundo.

Curiosamente, porém, “dita o paradoxo que os locais aparentemente mais inabitáveis sejam os únicos de alguma maneira ainda habitados” (COMITÊ INVISÍVEL, 2013, p. 55). É exatamente ali onde tudo parece morto que algo emerge. Essa cidade (esse conglomerado urbano delimitado geograficamente) ignora tudo o que se comporta como uma cidade, mas que não é propriamente uma cidade, ou seja, que não é exclusividade humana. Há muitas cidades outras entre nós em que o elemento humano não prepondera.

Sendo assim, como aprender a caminhar em meio aos escombros juntos àqueles que sempre foram alvos cirúrgicos do processo civilizatório encabeçado pela presença de salvaguarda executada pela cidade (a cidade, claro, era o lugar de realização e também, em certa medida, de antecipação do futuro)? Em tempos de assombro, não é possível viver como fantasmas assombrando ruínas (BEY, 2014), à espera de que o mundo estrale – outra vez – sobre nós, sobre nossas cabeças, demasiadas cabeças. Ele irá, ele já está. O futuro é esse, ora essa. Não se vê? Esse mesmo, aqui agora, vivemos o presente que é o tenebroso futuro tão sonhado e malfadado pelo horrendo século XX. O que poderia ter dado errado? Se seguirmos todos os rastros – e não são poucos – não deveríamos nos surpreender.

Se o futuro não se deu como totalidade, um mundo comum como preterido – e ainda o é em muitas de suas vacâncias –, ele se deu como uma trincheira, um modo mesquinho de preservação de si e sobretudo como um modo de negar o desastre, dado que o desastre ilumina o caminho para o futuro; é o desastre, nesse futuro que se rompe sobre nós, que indica o caminho para o futuro que muito se diz crer que ainda vai vir. Um futuro tão

imperecível quanto impossível que nunca se deu porque sempre esteve aqui; será possível esquecer-se que foi esse futuro que a tudo desastrou, que a tudo desterrou e ainda?

Não mais o tempo fervoroso de metrópoles apaixonantes, o tempo de amor às cidades caducou, mas também a cidade nunca fora pensada como lugar apto a reciprocidades. O que interessava e interessa é a cidade como modelo para uma vida vitalícia e como tal, é resultado da linha de montagem que se revela em escalas inimagináveis e sempre em versões pioradas: “nós construímos nossas cidades através da destruição e da simplificação, derrubando florestas para substituí-las por plantações para cultivo de alimentos ou para viver em asfalto e concreto” (TSING, 2019, p. 44). A cidade é uma espécie de rancor, e é óbvio que viver amordaçados e reduzidos ao próprio cativeiro não é uma nota digna de vida, nada pode prosperar onde só reina uma miséria furibunda, retentora de imaginações e sensibilidades. E, no entanto, apesar tudo,

continuamos a suspeitar que outros caminhos ainda persistem, outras estradas, não-oficiais, não marcadas no mapa, talvez até mesmo “secretas” - caminhos ainda ligados é possibilidade de uma economia do Presente, rotas de contrabandistas para espíritos livres, conhecidos apenas pelas guerrilhas geomânticas da arte da viagem. (BEY, 2014, s/p).

3.

**O QUE TEMOS
DIANTE DE NÓS?**

Do ponto de vista da ciência, o Antropoceno é o fato maior, o desequilíbrio dinâmico e sistêmico que perturba Gaia e inaugura, por sua vez, uma nova época geológica da Terra⁵⁸ (e que problematiza a relação do homem com a Terra), que substitui o Holoceno, período de relativa estabilidade climática que caracterizou os últimos 11.700 anos (época que sucedeu o último período glacial e permitiu a passagem ao neolítico), e fora provocado pela intensa atividade humana (adensada pela aceleração de emissões destrutivas) em todo o globo – mas não de modo linear – interferindo radicalmente no clima e nos diversos processos que regulam o sistema Terra. É o *homem* tornado força/agente geológico responsável por transformar vorazmente a biosfera a ponto de sedimentar sua pegada, alterando a geofísica da Terra e colocando em risco as condições materiais (até então conhecidas) de existência dos muitos povos que nomeiam Gaia. O Antropoceno é a época que estamos vivendo e desta não há como escapar, é o nosso presente, o nosso tempo (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014); é o que temos diante de nós.

O filósofo alemão Günther Anders, no texto *Teses para a Era Atômica*, ao denominar a era atômica como a era a qual passamos após Hiroshima e Nagasaki, define a condição existencial do nosso tempo, o *Tempo do Fim*, circunscrito por um “apocalipse fabricado pelo homem”, responsável pela iminência de uma extinção imediata e generalizada através de uma guerra atômica, criatura catástrofe da qual não poderemos nunca nos livrar: uma *Era* que atesta a onipresença do fim. Estamos rendidos nesta *Era* a um estado de suspensão (e de exceção), em que fomos ultrapassados por uma presença que aniquila nossa presença.

Anders postula que este perigo estilhaça o “nosso poder natural de imaginação”, é a produção de um nada, *nadeidade*, diz, que despeja a imaginação na impotência; somos capazes de produzir o fim do mundo, mas “incapazes de imaginar o que estamos de fato produzindo”. É o que ele denominou de *supra-liminar*, um “estímulo grande demais para produzir qualquer reação ou ativar qualquer mecanismo de freio”, a ação sempre aquém de seu efeito.

⁵⁸ Apesar de a comunidade geológica ainda não ter entrado em um consenso acerca da aceitação ou não do termo, este já é amplamente utilizado por cientistas e pesquisadores nas mais diversas áreas.

Nesse sentido, crer no apocalipse (é o nosso tempo, nosso presente) na medida em que se imagina o apocalipse, é, segundo Anders, o ato crucial para a nossa capacidade de postergar sua efetivação, o *Fim do Tempo*. A Era Atômica nunca deixará de ser – apesar de improvável sua ocorrência – uma possibilidade latente, não sendo possível voltar atrás.

Por sua vez, a linha de frente do apocalipse fora engordada de novos agentes de destruição, aqueles que Déborah Danowski (2012), citando Timothy Morton, apontou como *hiperobjetos*; são objetos que

desafiam a percepção que temos (ou que o senso comum tem) do tempo e do espaço, porque estão distribuídos de tal maneira pelo globo terrestre que não podem ser apreendidos diretamente por nós, ou então que duram ou produzem efeitos que extravasam enormemente a escala da vida humana conhecida (p. 02).

Para além da latente ameaça nuclear, estamos diante de uma catástrofe ecológica, a realidade do aquecimento global não como um prognóstico, mas um fato consumado, consenso científico, e que se aprofunda a cada dia. Uma catástrofe que se manifesta através de uma série de catástrofes em curso e que muitas vezes aparecem enquanto eventos isolados entre si.

3.1 Antropoceno/antropocenos

A mitologia do Antropoceno se localiza enquanto conceito e acontecimento como um processo de colisão ampliada que pode ser atualizado como uma dada e acentuada fragmentação do mundo⁵⁹. Isso não deve ser confundido pelo crivo de um pressuposto coletivo que inscreveria de forma obscena certa responsabilidade unívoca de todos, compactuando com uma aspiração universal da espécie humana frente ao problema: “nem todas as pessoas podem ser indiciadas pelo início do Antropoceno, mas apenas um conjunto específico: colonizadores, escravizadores e futuros imperialistas” (MIRZOEFF, 2016, p. 29).

⁵⁹ “É em todos os âmbitos que o mundo se fragmenta, em todos os domínios em que a unidade se tornou problemática” (COMITÊ INVISÍVEL, 2018, p. 28). “Agora quanto mais a civilização aspira a seu cumprimento universal, tanto mais ela se implode na base. Quanto mais este mundo pretende a unificação, mais ele se fragmenta” (COMITÊ INVISÍVEL, 2018, p.30).

A ocorrência que sua presença precipita, considerando implicações micro e macro (espaciais e temporais) que, em seu limite, só serão capazes, no máximo, de condensar, e com isso reiterar, em um único tempo histórico (tempo das catástrofes?) uma sucessão ininterrupta de processos de aniquilação e extinção perpetrados continuamente contra populações humanas e não-humanas que, de muitos modos (e surpreendentes), ainda estão aqui, ainda que para muitos destes povos não lhes tenha sido permitido habitar um mundo que não fosse regulado por um mundo imposto (o Mundo), de modo que a sensação de “perda do mundo”, como prefere o filósofo francês Bruno Latour ou “uma ausência de futuro” como prognostica Günther Anders, sempre fora um traço extensivo às condições reduzidas que interceptam sua existência.

O Antropoceno, assim, não figura muito mais do que uma nova linha de extinção (um outro modo de registrar e classificar certa história), empreendendo uma nova redistribuição distintiva e violenta dos impactos remetidos sobre povos que foram e continuam sendo dizimados ao longo de muitos séculos por um sistemático processo de dominação – naturalização e demonização – hegemônico, colonial, patriarcal, racista. Para estes (que por muitos modos foram e continuam a ser marcadamente desumanizados ou inumanizados⁶⁰) não há um algo mais, sequer uma intrusão (senão mais uma intrusão) a ser considerada: “enquanto a virada do Antropoceno parece uma novidade em parte do nosso mundo hoje, nós sempre vivemos assim. Não é nenhuma novidade. Porque não se pode pensar nas pessoas sem pensar nos não humanos” (MBEMBE, 2019). O problema parece inverter sua orientação básica e se dirigindo à parcela daqueles que consideram um mundo a perder, os que têm um mundo a lamentar, o seu Mundo, um mundo fora do mundo. O problema é que o problema não se restringe somente a estes. Talvez, então, o problema se absorva de outras exigências germinativas.

Se nos remetermos ao marco temporal do Antropoceno, a data que estabelece o seu início (que ainda é alvo de intensos debates por diversas disciplinas científicas, não excluindo as antinaturais) e independente da abordagem analítica que se queira adotar nessa discussão (a narrativa oficial), a questão que interessa gestar é a de que, para mais

⁶⁰ Ver Mirzoeff (2016).

ou para menos (e cada uma destas prerrogativas carrega uma problemática por si só⁶¹), o Antropoceno não é recente. O fato é que todos nós, ou pelo menos uma grande parte dos que aqui estão⁶², já nasceu no Antropoceno, de modo que só é possível conceber esse Mundo dentro de um anacronismo ontológico. Esse Mundo a qual supostamente se perdeu (ou a depender de quem fala, está em vistas de se perder) nunca fora o concreto do mundo, nunca se confundiu, nunca se chocou com a Terra, no sentido de agenciamento coletivo entre seres produzindo ambiente (senão para degradá-la, sendo o ambiente instaurado a uniformidade de um deserto), fora sempre um simulacro tornado objeto de valor em contínua sobreposição a si mesmo, restando a pergunta: o que estamos lamentando, visto que o Antropoceno é o lado monstruoso desse próprio mundo? Não é que o Antropoceno tenha levado a cabo o Mundo, ou que tenha entrado em rota de colisão com o Mundo; é o Mundo que em sua aspiração colonial, de conquistas de terras, se empenhou em produzir o Antropoceno (mas não como vontade específica, digo, da espécie) concomitante ao esforço de não se confundir com este.

Não é possível compreender o complexo do Antropoceno como um clímax que agora faz sua estreia, tampouco como algo previamente planejado, ainda que seu aspecto contingente e sua conseqüente dramaticidade tenha sido empunhada de forças dedicadas a experimentar avidamente uma mediocridade expansiva que, em seu coquetel limite, só fora capaz de edulcorar um desfecho enfadonho mediante a ostentação de seus espólios. Sua nomeação faz acompanhar (de modo coextensivo) uma proclamada narrativa histórica, presença há muito sancionada por aqueles que nunca ignoraram suas verdadeiras falibilidades. E o que essa conjugação revela, além de uma pregação suicida, é o reflexo de um gozo inadiável pela destruição.

O físico Alexandre Araújo Costa mostra que o colapso climático⁶³ fora uma contrapartida assumida pela indústria fóssil ao longo das últimas décadas. A relação entre queima de combustíveis fósseis e alterações climáticas devido ao acúmulo de gás carbônico na atmosfera eram questões conhecidas desde pelo menos o final da década de 60 e foram amplamente fundamentadas em pesquisas financiadas por essa mesma

⁶¹ “No enquadramento temporal do Antropoceno (qualquer que seja), tal sistema só pode significar dominação branca (Euro-Americana) sob populações africanas, asiáticas e nativas que foram colonizadas e escravizadas” (MIRZOEFF, 2016, p. 07).

⁶² Nesse caso, considerando o advento dos testes nucleares amplamente disseminados e intensificados a partir de 1945.

⁶³ Optamos ao longo do texto por não usar os termos “crise climática” e/ou “mudança climática”, e sim, eventualmente, as suas variantes estratégicas: “colapso climático”, “emergência climática” e “catástrofe climática”.

indústria, alertando para o enorme risco (com projeções muito próximas do que temos hoje) e da impossibilidade de continuar com esse modelo de exploração energética. Em suma, a queima de combustíveis fósseis afetava de sobremaneira a temperatura global que seus impactos poderiam se tornar irreversíveis em alguns poucos anos. Quais foram as medidas tomadas?

Em 1982, a Exxon encerrou o programa de pesquisas em clima. Tudo que havia sido produzido foi engavetado e a companhia passou a articular-se com grupos de direita e *think tanks* conservadores a fim de iniciar uma cruzada para esconder a verdade sobre o risco climático. Desde então, a Exxon financiou diversos grupos negacionistas, tendo transferido para eles mais de 30 milhões de dólares. (COSTA, 2019, s/p).

Medidas protecionistas que se colocam em pleno acordo com determinado projeto político motivado por interesses globais. Diante do resultado nada favorável, a questão podia ser sumariamente adiada, nada de alarmismos, não caberia produzir provas contra si mesmo, o que não indicaria abster-se de produzir provas contra insurgentes. O problema caberia ao futuro, com vistas a alguma esperança cínica; e por que não um flerte lisonjeiro com a catástrofe?

Em um dado diálogo do Arquivo X⁶⁴, a aclamada série de ficção científica dos anos 90, empreendida entre um humano e um alienígena (um transformo que se apresenta com aparência humana), há uma dobra de perspectivas em que suas posições se invertem, o humano é o alienígena em relação a seu próprio planeta e o alienígena vai tornando-se humano – sendo dragado de seus sentidos trazidos de longe – à medida que passa a habitar este planeta. O alienígena (humano), como não poderia deixar de ser, está preso (“em uma gaiola, dentro de uma gaiola”) julgado (nos moldes de um estado de exceção) por tomar atitudes demasiado humanas, por ter produzido rompantes de esperança às pessoas (com uma forte conotação espiritual que desacreditasse as autoridades e sua ciência, visto possuir capacidades extra-humanas, por assim) e ameaçado o projeto maior. Ele é acusado pelo humano de se desviar de seu propósito, de fugir de suas responsabilidades, de querer perverter a narrativa coesa de mundo a que pessoas devem acreditar para que o projeto continue. A pressuposição de um mundo em que nada pudesse se colocar além ou aquém de sua condição conceitual e metodológica: um design de mundo apaziguado (felicidade mundana, biopolítica?), *engenhericamente* modificado.

⁶⁴ Episódio 24, terceira temporada.

É preciso, portanto, coibir as ciladas de certa ingenuidade que precipita essa aparição. Não é algo que surge inesperado, irrompendo de forma abrupta e induzindo uma paralisia nunca antes vista; a implicação humana opera sentidos muito mais nefastos. O Antropoceno, em um perigoso sentido ampliado, no qual a emergência climática pode ser tida como representante nuclear, deve ser encarado, primordialmente, como um risco necessário que, a curto e longo prazo, pode ser tomado como um canal de investimento: que poderá ser posto em prática, em meio as euforias sócio técnicas, por exemplo, em nome do Antropoceno? Que lógicas irão atuar no combate a seus efeitos? Será um canal de oportunidades exclusivas para promover uma liberação ainda maior para fazer aquilo que sempre se fez? O Antropoceno como um prato feito revertido em mercadoria? E que relações estruturais com o mundo (com o que de mundo restar) serão compostas e decompostas em detrimento (e como justificativa espetacular) desta época?

Interconecta-se, de pronto, a necessidade de politizar o termo e torcer a sua pretensão (o tipo de homem que é subentendido) para não sermos tragados por uma insuspeita instrumentalização de volta a um universalismo patogênico e toda a política racista de classificação e categorização do outro. É o traçado a que se dedica a performer portuguesa Rita Natálio no projeto Antropocenas: “politizar o Antropoceno implica mudar as palavras ou, pelo menos, re-nomear. Mas penso que é também um gesto de marcar posições não vistas, e de começar a reflexão a partir de uma escuta dessas posições” (2017, s/p). Problematizar, não para negar, mas para pensar as políticas que podem vir a florescer neste esteio. É também neste intercurso de versões que se insere o filósofo francês Frédéric Neyrat (2018), como fosse um ato de precaução em relação a seus pontos cegos⁶⁵, um saber orientado, ponto de partida para assumir determinada posição:

Politizar quer dizer ser capaz de apreender tudo o que o Antropoceno recobre, significa utilizar o conceito de Antropoceno como instrumento óptico, como instrumento de identificação da política que está em jogo na reformação do mundo, um instrumento que permite ver os conflitos políticos em jogo. (NEYRAT, 2018, s/p).

De outro modo, é começar a entender que “toda política do Antropoceno precisaria, em resposta, começar por ser antirracista e anticolonialista” (MIRZOEFF, 2016, p. 08). A questão se desvela no modo como os muitos mundos serão novamente tragados e impactados pela dissolução deste Mundo: o que nomeamos Antropoceno de modo

⁶⁵ Marisol de La Cadena (2018), por exemplo, se refere ao Antropoceno como Antropo-cego.

genérico (não por acaso com a arrogância de nosso próprio nome) é um desdobramento perverso, e talvez final, de uma ofensiva política em relação à terra que sempre existira: expulsões e sequestros, gentes arrancadas de suas origens, condenadas ao desterro, deserdadas, dejetadas, perdidas, desterritorializadas, assentadas, redirecionadas, distribuídas, redistribuídas...

O paradoxo do fascismo, que necessita do outro cuja existência se empenha em aniquilar, se revela, desde uma perspectiva ecológica, como sendo o mesmo que o paradoxo do Antropoceno: a época do Homem é o tempo de sua própria extinção. Conforme podemos testemunhar mundo afora, o fascismo é a política oficial do Antropoceno (assim como o capitalismo, o seu sistema econômico). (VALENTIM, 2018, s/p).

O Antropoceno, diz o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2018), nos permite, por exemplo, imaginar (finalmente!) que o ocidente acabou. Talvez fosse o caso de comemorar. O ocidente como ruína se segura a sua própria condição de ruína. É a questão residual de tentar redistribuir aquilo que já fora redistribuído. Alguns lucrarão com isso, é claro, não esqueçamos, para “eles” será preciso convocar a missão final (boa parte das ficções científicas não nos deixarão mentir) de restaurar o *Mundo*.

Essa aparente abertura comporta algumas rachaduras substanciais, os problemas não tendem a arrefecer, ao contrário, tendem a se diversificar por caminhos até então inauditos, sempre em desacato; a paisagem do sem fim. Não por acaso, lembremos que “a mansão das liberdades modernas repousa sobre uma base de uso de combustíveis fósseis em permanente expansão. A maior parte de nossas liberdades até hoje consumiu grandes quantidades de energia” (CHAKRABARTY, 2013, p. 11).

Por outro lado, e seguindo a linha de pensamento proposta por Chakrabarty, que afirma a possibilidade de não se apegar a uma crítica somente em detrimento do capitalismo, visto que “a crise da mudança climática já está entre nós e pode continuar fazendo parte desse planeta por muito mais tempo do que o próprio capitalismo, ou muito depois que o capitalismo já tiver sofrido várias mudanças históricas” (2013, p. 15), é possível instaurarmos sensibilidades que se interconectem, *plus intra*, a aprender a “pensar fora da força criadora do capitalismo” (NATÁLIO, 2016, p. 03)?

Na mesma conferência, Viveiros de Castro, recuperando um argumento de Immanuel Wallerstein e indo de encontro à famosa postulação de Fredric Jameson⁶⁶, atesta que “é sim mais fácil imaginar o fim do capitalismo do que o fim do mundo”, ou pelo menos, e

⁶⁶ Em seu livro *Pós-modernismo ou a lógica cultural do capitalismo tardio*.

de outro modo, “é mais fácil imaginar o fim do capitalismo e passar ao ato, do que imaginar o fim do mundo e passar ao ato”. “Isto é”, ele arremata, “aprender a viver depois do fim do mundo”. O argumento, por sua vez, parece bastante singelo: “em uma situação de grande instabilidade do sistema mundial capitalista, pequenas mobilizações sociais podem ter grandes efeitos, o que nos faz retomar a dimensão de liberdade contra o determinismo econômico”.

Que o ocidente sufoque não é problema de muitos, tampouco a solução, as chagas não se vão junto, o que sequer deve ser apontado como motivo de lamento. O fato é que em larga medida o Antropoceno deve ser considerado, se não menos, como um acontecimento que faz uma parêntese – nunca uma equivalência – com os muitos “antropocenos” já instalados na terra, o antropoceno dos povos (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014).

A catástrofe torna-se um substantivo ontológico comum a todos, “começa-se a experimentar o desastre a que incontáveis outros, distantes e próximos, já vinham sucumbindo e resistindo a séculos” (VALENTIM, 2018, p. 22). Um acontecimento molar, de fato, mas com implicações moleculares, a considerar, por exemplo, a variação de graus e intensidades em relação aos muitos mundos, o que reverbera diretamente nos modos de existir enquanto humanidade: “o Antropoceno tem um sentido incisivo sobre a nossa existência, a nossa experiência comum, a ideia do que é humano. O nosso apego a uma ideia fixa de paisagem da Terra e de humanidade é a marca mais profunda do Antropoceno” (KRENAK, 2019, p. 58).

Essa marca, muito além da agência geológica que faz o registro estratigráfico do Antropoceno, pressupõe outros termos (outra linguagem, outras superfícies de liberdade por onde se mover) que escapem a esse pretensão sentido de posse motivado por uma preocupação que beiraria uma redundância (os novos tempos, os novos desafios) e exigindo certos redirecionamentos políticos e econômicos; o mau hálito proveniente da cantilena de contornar a crise⁶⁷ e concebê-la como uma inevitabilidade dos processos de consolidação da humanidade.

⁶⁷ Sobre essa noção de “crise”, o Comitê Invisível assim nos diz: “A crise presente, permanente e omnilateral, já não é a crise clássica, o momento decisivo. Pelo contrário, ele é um final sem fim,

Uma tal interpretação do Antropoceno poderia, no mínimo, evitar a falácia contida na ideia de que o homem, enquanto espécie natural ou essência metafísica, tomado a parte de toda a diferença de mundo entre os povos, é o sujeito, neutro e imparcial, responsável pela catástrofe (VALENTIM, 2018, p. 23).

Mas, se apesar de tudo, o Homem, por fim, acabou dando a existir algo de que não será capaz de contornar, “o Homem, o *ànthropos* do Antropoceno, ignora ativamente o seu duplo monstruoso” (VALENTIM, 2018, p. 30). Parece haver uma desproporção sistemática entre aquilo que faz e aquilo que acredita estar fazendo, como se sua desferida força destrutiva nunca estivesse a seu alcance (já que nada o antecede), o que o permitisse sempre avançar um pouco mais. Pois bem, não está, uma condição passou a outra, ainda que não se admita ou que se admita dentro da possibilidade de manter essa distância causal.

O sentimento recorrente de “perder o mundo” pode ser dimensionado nestes termos: é não poder mais contar com a certeza de uma resolução (a compreensão de um mundo que nunca se possuiu, a boca inalcançável), mas é também, e acima de tudo, não se deixar envolver por essa pergunta (acerca da monstruosidade do mundo, a sua emergência sobrenatural, o quão distantes estamos ou sempre estivemos em relação a este). Por fim, é silenciar a questão do esgotamento desse modelo e blindar a desconfiança de que as soluções preteridas são falácias governamentais de manutenção da crise.

Acho que o que marca a modernidade ocidental é uma certa confiança de que o homem, através da tecnologia, é capaz de resolver qualquer problema que surja, de que sempre haverá uma solução. O pessoal está cada vez mais aceitando que há uma crise ecológica, mas [pensa que] alguém vai dar um jeito nisso. (VIVEIROS DE CASTRO, 2019, s/p).

Devemos atentar que os limites do Humano não são os limites mesmo do Antropoceno, não sendo possível incorrer no equívoco (Humano) de superá-lo, até porque, inversamente, o Antropoceno já superou o Humano. Os modos desconhecidos pelo qual o Antropoceno se espalha e se espalhará, ou seja, a sua inevitabilidade e imprevisibilidade (até que ponto continuaremos produzindo-o?) catalisa uma agência cósmica que localiza a catástrofe como uma perspectiva sobrenatural, que é “a experiência da própria divergência e potencial transformação entre os mundos,

implicando a instabilidade essencial da condição de humano enquanto sujeito de perspectiva” (VALENTIM, 2018, p. 27-28).

“Uma potência que transforma o sentido de todas as instituições humanas” (VALENTIM, 2019, s/p), e assim, o mundo vai tornando-se radicalmente outro, um outro mundo que, desde já, precisa ser reconhecido, juntamente com outros mundos. O detalhe impertinente e que deve reverberar é que “esse reconhecimento [deve operar] por via sobrenatural”, como observa Marco Antônio Valentim, e se “os mundos variam tanto quanto os povos” faz-se necessário, portanto, e através de uma movimentação notoriamente cosmopolítica, reconhecer essas multiplicidades, reconhecer “que os mundos são múltiplos”. Isso se conecta a uma torção (irônica) ontológica implícita: os mundos os quais o ocidente colonial não conseguiu matar são precisamente os mundos que têm mais chance de continuar vivos.

O adeus do ocidente só poderá significar, a curto e longo prazo, o estabelecimento de uma cadeia sucessiva de novas catástrofes (a sua visitação espectral, aquilo que nunca deixará de retornar – enquanto aqui estivermos –, aquilo que tornou o Antropoceno possível, e que continuará durante muito despejando seu lixo sobre nós), boa parte delas, recuperadas de um filme de terror e suas sequências intermináveis.

Em uma entrevista, concedida logo após as eleições brasileiras de 2018, que alçou o protofascista de extrema direita Jair Bolsonaro à presidência da república do Brasil, Ailton Krenak é interpelado acerca do que os índios iriam fazer⁶⁸. A sensação de fim do mundo fazia-se evidente. Entretanto, a preocupação astuta e debochada de Ailton, ao contrário do que se poderia pensar, não se dá em relação os índios, afinal, ele lembra, estes resistem há mais de quinhentos anos, mas sim, com o que os brancos irão fazer para escapar dessa.

Essa compreensão respiga na própria etimologia do termo *catástrofe*: aqueles a quem chamamos de índios, são os que sempre estiveram aqui, virados ao avesso do mundo, de cabeça para baixo, algo que nunca fora uma condição a remediar; “sejam bem-vindos”, é o que a perspicácia de Ailton parece dizer. E não, nada disso começa com Bolsonaro.

⁶⁸ Bolsonaro, como se sabe, sempre se colocou como um inimigo declarado dos índios. Antes da eleição, por exemplo, chegou a dizer que em seu governo nenhum centímetro de terras indígenas seria demarcado, o que vem cumprindo à risca.

3.2 É hora de entrar em pânico?

A preocupação de Ailton abunda de sentidos e faz parecer espantoso que o pânico ainda não tenha se instalado diante de uma lógica óbvia: “conclusão ou compreensão de que estamos vivendo uma era que pode ser identificada como Antropoceno deveria soar como um alarme sobre nossas cabeças” (KRENAK, 2019, p. 46).

Por outro lado, se a catástrofe climática não é ignorada por muitos que, de um modo ou de outro, podem pressentir a sua presença empírica no cotidiano, é também notório uma impotência para atribuir significados a esses eventos, o que se revela através de uma estarecida paralisia, espécie de metástase melancólica dos nossos dias.

Acreditamos não estar exagerando ao dizer que o Antropoceno, ao nos apresentar a perspectiva do “fim do mundo” no sentido mais empírico possível, o de uma mudança radical nas condições materiais da existência da espécie, vem suscitando uma autêntica **angústia metafísica** (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p. 45, grifo nosso).

A carapuça ocidental que fantasia o combate à crise climática, neste caso, faz a sua delonga propagandeando uma nova camada de esperança que, no mais, serviria para salvaguardar os anseios e manter a base funcionando. Impossíveis de serem sublimados por completo, encobrem sua falência com novos enxertos de securitização (o medo como afeto mobilizador) ancorados na domesticidade de uma vida familiar, idealizada em seu extremo, a única que parece ser possível viver, uma vida incapaz de ressurgir, incapaz de se absorver de novas premissas.

Nossa casa está em chamas. Eu não quero a sua esperança, não quero que vocês sejam esperançosos. Eu quero que vocês entrem em pânico, quero que vocês sintam o medo que eu sinto todos os dias. Eu quero que vocês ajam, que ajam como se a casa estivesse em chamas, porque ela está.. (THUNBERG, s/a *apud* BRUM, 2019, s/p).

Essa é declaração explosiva que foi proferida pela ativista pelo clima, a ativista Greta Thunberg (Estocolmo, 2003), conhecida por suas greves solitárias em frente ao parlamento sueco (ela que tem sido a imagem da novíssima geração que a jornalista e escritora Eliane Brum definiu como “a primeira geração sem esperança”), em Davos, na Suíça, a 25 de janeiro de 2019, durante o Fórum Econômico Mundial. A fala belicosa é certa na medida em que suscita manobras defensivas de adultos que se debatem na

tentativa de minimizar o que poderia ser classificado como um mero espasmo de agressividade juvenil.

O ataque de Greta enuncia uma ruptura com um pensamento (adulto-branco-moderno hegemônico-ocidental) que esbanja a arrogância autoritária de delegar a si mesmo uma preocupação com o futuro, “deixem com a gente”, parecem dizer, ignorando que o peso deste “futuro” arrebentará exatamente sobre as cabeças da geração a qual Greta pertence. Um pensamento negligente que pretende uma confiança abusiva amparada por (sempre estes) arroubos esperançosos. Para Greta, todo esse jogo de cena deve parecer senão como um delírio egocêntrico/etnocêntrico/supremacista (como mais o queira) que se desdobra incapaz de perceber a gravidade do problema⁶⁹; delírio que, por sua vez, não faz qualquer menção de assumir a responsabilidade pelo problema, o que já vimos antes; é postura recorrente. “Não quero a sua esperança”, ela dispara, destituindo todo um projeto burocrático institucional (a esperança tida como uma defasagem de ação, um motor que negocie expectativas e forneça algumas garantias, um remédio regulador; antidepressivo, talvez?) e alavancando uma lógica que deveria parecer óbvia: se a casa está em chamas, é preciso agir imediatamente; não há tempo a perder se ainda quisermos tempo.

Há um desacato de posições nessa afirmação que aponta diretamente para uma qualidade de ação, materializada frente a um intolerável: concentrada, conjugada, estimulada e aspirando a novos arranjos coletivos, uma nova viscosidade de forças e tessituras orgânicas capaz de confrontar este modelo dispersivo calcado em uma suposta motivação pessoal de cada indivíduo, como fosse preciso algo que o tirasse de certo estado de indolência cognitiva. A “casa” a que ela se refere é tomada por um denso sentido de desapropriação, e ganha, por assim dizer, um estatuto de floresta. Com isso, Greta se posiciona radicalmente em outro plano de existência e se descola de uma possibilidade de captura expondo uma divergência irremediável: habitamos planetas diferentes.

Eliane Brum, ecoando as vivas palavras de Greta atenta para a necessidade de recusar a pílula fictícia da esperança, que, no mais, só poderia ser temporizada como um impeditivo a vida (um regulador dos purismos autômatos da modernidade); lutar, sim,

⁶⁹ “A história humana já conheceu várias crises, mas a assim chamada “civilização global”, nome arrogante para a economia capitalista baseada na tecnologia dos combustíveis fósseis, jamais enfrentou uma ameaça como a que está em curso” (VIVEIROS DE CASTRO; DANOWSKI, 2014, p. 20).

mas sem objetivar a vitória (já fomos derrotados): “a esperança está embutida nesse pacote da “tradição ocidental”. Ao recusar à ideia fácil da esperança, os adolescentes intuem – ou concluem – que, se quiserem enfrentar a vida no planeta que virá, terão que recusar essa matriz de pensamento – ou não terão chance”.

Em texto publicado na revista *The New Yorker*, intitulado *What if we stopped pretending? (E se nós parássemos de fingir?)*, o escritor norte-americano Jonathan Franzen (2019), aborda o problema da esperança de modo similar, ainda que não a abandone por completo⁷⁰. Segundo ele, a insistência em acreditar que a catástrofe poderá ser impedida ou revertida só poderá resultar em frustração (aquela *angústia metafísica*), uma crença danosa que reduziria o enfrentamento de um problema imenso a um recurso cíclico e substitutivo especialista em advogar soluções alternativas. Desistir, é claro, não é uma opção. O ponto levantado pelo autor reside basicamente em acatar a derrota (as condições de existência vão piorar nos próximos anos) e passar a se dedicar a modos de ação que ganhem significados em relação às catástrofes por vir, o que ele chama de “ações climáticas”.

O colapso climático é uma realidade inadiável e não deve ser confundida enquanto polêmica controversa (como muitos podem querer fazer acreditar), muito menos uma narrativa (não existe outro lado, é um consenso científico) e se estabelece na exigência radical de uma urgência da qual é imperativo despertar; a urgência concebida como plano da insurgência. Para além de seu diagnóstico e previsões estatísticas, a emergência climática coloca a questão vital dos cenários possíveis (previsões baseadas em simulações) que, por sua vez, podem variar segundo as tomadas de decisão, o que expõe diretamente seu caráter político. É a luta para evitar (e somente em parte) as consequências mais danosas de sua eclosão (aquelas que não somos capazes de imaginar), mas é também, e principalmente, a luta por uma mudança sistêmica, o que nos permitiria equilibrar (produzindo um estado de resiliência e um gradual aprendizado em direção à absorção dos impactos) a profunda desigualdade resultante de intensos processos provocados por atividades antropogênicas.

⁷⁰ Para Franzen, a esperança só ganha sentido se reposicionada sob outras demandas que não sejam mediadas por uma promessa de futuro. E como tal, só poderá ser preenchida subjetivamente e sempre a curto prazo, com prazos de validade, dada uma especificidade local e não mais como um enunciado categórico moral como uma certeza a longo prazo e de pretensão global.

Em relação às decisões de cunho político, no sentido de uma governança possível, pouco se deve esperar, e assim, o pessimismo surge como um caráter de integridade, a lucidez de saber onde se está pisando, e que pode nos preservar de uma condição de desespero.

sou pessimista pois não vejo com grande esperança a capacidade dos Estados-nação, dos governos mundiais, de efetivamente mudar com a radicalidade que se impõem as condições de existência das sociedades avançadas — em particular, as tecnologicamente avançadas — para que você diminua a velocidade de deterioração do sistema termodinâmico da Terra. (VIVEIROS DE CASTRO, 2019, s/p).

É também uma posição pessimista que Franzen adota: “I don’t see human nature fundamentally changing anytime soon”⁷¹. Um panorama que se afirma pela impossibilidade, a de que algo com alguma consistência coletiva que considere o planeta como um todo vivo possa vir a se efetuar mediante a uma guinada de consciência. De outro modo, as coisas não vão melhorar.

A prerrogativa de viver em um mundo com o clima global 2°C mais quente (ou mais)⁷² só pode se consolidar na certeza de um ambiente hostil, o que, levado ao extremo, só pode implicar (para além de uma débil proliferação e o conseqüente definhamento da espécie) um movimento resposta em direção à fecundação de outros mundos em detrimento deste; o impossível como canoa nascente para a arrebentação de novos fluxos intempestivos. Sobre o impossível, mais uma vez, Eliane Brum nos presenteia: “penso que o impossível é a condição dessa geração que já não está mais à distância. Penso que, diante do impossível, precisamos criar um ser novo, fazer algo que nunca fizemos, nos arriscar a ser o que não sabemos” (2019, s/p). Aprender, por fim, a praticar o fim, e, “se tivermos outras oportunidades, ver como vamos nos portar num novo mundo, ou num possível outro mundo.” (KRENAK, *s/a apud* PISEAGRAMA, 2017, s/p).

⁷¹ “Eu não vejo a natureza humana mudando fundamentalmente tão cedo” (tradução nossa).

⁷² Em relação ao período pré-industrial.

estranha alegria

juntos na catástrofe

Um encontro por entre escombros como um caminho inevitável para se pensar o inexistente, o não-ser, as outras humanidades? Finalmente o fim do caminho glorioso do homem: um outro mundo que sempre existiu, que sempre esteve aqui. Outros mundos virão, é certo. Estes começam a se expandir: em estado de guerrilha, fazem suas incursões anônimas. Deslocam-se com o devido cuidado. Carregam em seu corpo-terra os sedimentos estratigráficos de mundos abalados, destroçados, aniquilados. Continuam. Se vão muito à frente. Não esperam. Não voltarão atrás com didatismos e lógicas de proteção social. Sua força é seu cuidado aplicado às redes de aproximação. Já habitam outro tempo-espço. Desertaram. Seu mínimo rastro de fuga é a força sensível de um aprendizado: que posso aprender dos sonhos que caminharam seus pés?

3.3 Fim do mundo, fins dos mundos ou o que falamos quando falamos “*fim do mundo*”

A rigor, o que está acontecendo é de fato o *fim do mundo*, cabendo, desde já, a estranha ressalva de que o “fim” não é expresso como um evento final, em definitivo, e sim como um ponto de não retorno que fora produzido por uma força extrema, desproporcional. Em um sentido ampliado, o acontecimento que estamos sintetizando na imagem contumaz de fim do mundo, pode ser compreendido, grosso modo, como uma notícia ruim em relação ao modo como temos vivido. O fim do mundo, assim

situado, não é em absoluto o fim da vida, mas um profundo rompimento com os limites físicos responsáveis diretamente pela proliferação da vida neste planeta. O que se coloca, de pronto, é o fato de sermos forçados a viver em um mundo em contínuo processo de degradação. O “fim do mundo” veio para ficar, é o nosso amanhã abissal, *ad infinitum*, jornal diário de notícias.

De outro modo, a questão pode ser perseguida sob o caráter de uma aproximação indesejada. É algo que se esclarece como um horizonte palpável, provável, factível. Um laço entre distâncias seguras que fora rompido e nesse caso, o “fim do mundo” se assenta como uma atmosfera febril (e literalmente), portadora de novos pré-requisitos; um vizinho perverso.

Instalado entre nós como realidade inexorável, o fim do mundo tomado enquanto qualidade de intervenção subjetiva pode ser, por outro lado, espremido de acordo com uma capacidade imanente de fecundar imaginações dissidentes. Sua problemática, para além de uma presença resoluta a qual devemos aprender a responder, se dá na medida em que algumas perguntas inadiáveis começam a ser liberadas por este que parece se alastrar como o espírito de nosso tempo. Cabe então pensar o fim do mundo sob outra posição, consolidando certas medidas preventivas a fim de redimensionar o problema. Se o que está em jogo é uma noção ampliada de que o que temos diante de nós é o fim do mundo, não é escuso perguntar: como queremos vivê-lo? E o que seria viver o fim do mundo – o mundo depois do fim – e quais as implicações disso?

A imaginação, longe de ter sido abolida como se poderia equivocadamente imaginar, ganha outro corpo e deve ser reinserida sob outra perspectiva. Se as distâncias que operavam certas garantias à permanência deste mundo (e que foram sabidamente usadas como justificativa para sua continuidade irresponsável) foram severamente rompidas vociferando possibilidades catastróficas a fungar cada vez mais próximas, (o fim do mundo é logo ali!) e não sendo possível reatá-las (foram perdidas), é inapelável agir de modo a não permitir que estas aproximações continuem a se constituir.

Perceber que o mundo se tornou outro significa dizer que ao ser submetido ao fim, o mundo acabou por ultrapassar a si mesmo. A imaginação seria então esse atributo vital que nos permitiria riscar ultrapassagens (nós que fomos ultrapassados) e experimentar a nós mesmos enquanto outros no extremo do mundo. Aprender a habitar as distâncias que nos separam do fim do mundo é dizer que é preciso se distanciar daquilo que torna

possível o fim do mundo, e, se se aproximar é aprender a manter a distância, estamos intuindo que o fim do mundo enquanto realidade concreta só continuará se absorvendo de sentidos (de morte) se nos recusarmos a habitá-lo enquanto mundo; é o “fim do mundo” espelhando começos de novos mundos.

A única certeza é a de que estamos entrando cada vez mais em um mundo que não fazemos a menor ideia do que é e do que pode vir a ser. A pergunta “como viver o fim do mundo?” é abordar a questão desde o mundo em que já estamos, é assimilar, finalmente, o que muitos povos humanos e não-humanos sabem há muito, o fato de não estarmos vivendo mais no Holoceno.

Viver o fim do mundo é, portanto, deixar viver profundamente a experiência do luto e escapar dessa condição fictícia que sequestra as imaginações e dobra a aposta na suposta possibilidade de refundação do mundo. É saber, por fim, reconhecer a sua presença em incidências específicas (o fim do mundo como um limite relacional que reorganize os afetos) e expulsar o sentimento nostálgico que insiste em restaurar a perda e nadar contra a corrente dos fluxos que acendem a vida (KRENAK, 2015).

O mundo o qual nos fora dado a viver fora tornado imprevisível, inimaginável, fora de escala, em que as condições de vida e de habitat deságuam no precário como um todo. O aumento em todas as escalas: o tamanho, a duração e a intensidade; o que também deve significar um aumento em negativo. A onipresença do fim, deste modo, deve ser percebida como um acontecimento múltiplo, fractal (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014).

E assim, “falar no *fim* do mundo é falar na necessidade de imaginar, antes que um *novo mundo* em lugar deste nosso mundo presente, um *novo povo*; o povo que falta. Um povo que creia no mundo que ele deverá criar com o que de mundo nós deixamos a ele” (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p. 159).

3.4 Que mundo dizemos quando “nós” dizemos mundo?

Não é surpresa alguma, constata Eduardo Viveiros de Castro (2019), que os povos originários estejam muito mais preparados do que “nós”, sendo estes, especialistas em fins do mundo e capazes de viver em um mundo, por exemplo, com pouco acesso à

água e/ou sem energia elétrica. Não apenas isso: “nós” nos percebemos incapazes de imaginar um mundo sem água ou energia elétrica. Somos, em larga medida, demasiadamente domesticados e expostos sob múltiplas variáveis de sequestro a muitos destes dispositivos sócio técnicos que institucionalizaram a barbárie climática.

O Antropoceno como o evento geológico derradeiro demarca de modo evidente os limites concretos que endossam o fim do mundo: aponta o empobrecimento do mundo, o mundo despejado a uma forma inferior, é a sua versão rebaixada. Esta nova época a que estamos reféns, estabelece uma passagem planetária, um movimento global conjugado por uma série de ocorrências desastrosas. É um modo objetivo de perceber o “fim do mundo” sob uma perspectiva que faz o diagnóstico do estado atual do mundo. Desse modo, o conceito de Antropoceno pode ser tomado como uma metodologia que interpela e interroga acirradamente as diversas áreas do conhecimento científico acerca do “fim do mundo”.

Mas o que o Antropoceno contextualiza, enquanto impacto, não é suficiente para dar conta destes processos, interpondo a ameaça de fomentar “o sonho que o habita, o sonho do geoconstrutivismo, um sonho de reformação da Terra, de tudo o que a compõe, humano e não humano” (NEYRAT, 2018, s/p). Este risco conviria em um reformulado etnocídio, atropelando sob uma ascensão nitidamente fascista, a participação subalterna dos diversos mundos que compõem o mundo. Já não se trata mais pensar em “abolir a distinção entre os humanos e o não humano, mas como abolir o pensamento que conduziu a uma subestimação radical do que não é humano” (NEYRAT, 2018, s/p).

É uma cisão em relação a certa operação que toma o mundo enquanto um todo na medida em que precisa, para fazer valer sua prerrogativa, expulsar deste todos aqueles que perturbam sua estabilidade fictícia/falaciosa. O todo não é para todos. O mundo, a ideia de mundo, é uma conformação do mundo em relação a outros mundos: é fazer convergir todos em direção ao *Mundo*. O projeto, assim considerado, obteve o êxito pretendido. O Antropoceno, dada sua ambiguidade metafísica acaba por anunciar o sucesso dessa empreitada ao tempo que também anuncia seu fracasso. Isso porque esse projeto deu origem a um mundo que se opõe diretamente a seu mundo criador, um mundo que expulsa de si o mundo que o criou. Uma concepção de Mundo que se preocupou basicamente em fundar a si mesmo continuamente à custa da destruição de

outros mundos chega ao fim no exato momento em que cria (e não por acaso) um outro mundo. O mundo do Antropoceno revela paradoxalmente e de modo didático a insustentabilidade deste que o criou. O “fim do mundo”, em um sentido prático, é o fim deste *Mundo*.

Não bastará dizer que o Antropoceno, travado como um combate político, não responde, por si só, a uma ocorrência sincrônica de mundo, é preciso adentrá-lo, mas não para tecer uma correspondência. Por outro lado, será possível, ao adentrar o Antropoceno, viver para além deste, ou melhor, viver aquém do Antropoceno? E se adentrar o Antropoceno significa se deixar tomar por problemas irrespondíveis, como podemos tecer algum tipo de familiarização? Precisaríamos de algo mais a considerar, um plano outro que nos permitisse operar de dentro e não de fora, e Gaia parece ser uma resposta possível para além de uma confirmação ou negação de mundo introduzida pelo Antropoceno: “Gaia é o chamado a resistir contra o Antropoceno, isto é, aprender a viver com mas contra ele, isto é, *contra nós mesmos*. O inimigo, em suma, somos “nós” – nós os Humanos” (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p. 145). Nesse sentido, adentrar significa adentrar o mundo (a realidade concreta sob a perspectiva do fim do mundo) daqueles que estavam, ou que foram dados como estar fora do “nosso” mundo (ainda que tivessem que se subjugar a este), impedidos de viver como viviam até então.

De antemão, não é possível se preparar para essa entrada, de súbito, e por motivos óbvios. Não chegaremos – ou não chegamos – ilesos. Dificilmente se poderá saber quão fragilizados estaremos: simplesmente não há tempo favorável para balanços ou avaliações de rotina. Não haverá qualquer faixa de transição. Considerando esse revés, restaria saber até que ponto endossamos a recusa do “fim do mundo” invocando um prisma claudicante, em que a negação é possuída em seu aparato racionalista, ou seja, o quanto nós estamos dispostos a agir “contra nós mesmos”? Ou então, quais são as coisas das quais não queremos aceitar o fim, quais as permissividades humanas (e tentadoras) que o “fim do mundo” é capaz de liberar e justificar?

A questão do “agora em diante”, as continuidades do fim, é fundamental porque alinha caminhos dissidentes, caminhos que reverberam pensamentos que tendem a se organizar em extremos.

3.5 O espetáculo do apocalipse⁷³

“O Antropoceno é o Apocalipse, em ambos os sentidos, etimológico e escatológico”.

(Danowski & Viveiros de Castro)

Muitos concebem sua presença, sempre uma presença vindoura, adiante, espécie de aterrissagem extraterrestre, catástrofe inevitável, evento abrupto, como um acontecimento tão grande quanto genérico que desafiaria a capacidade de sobrevivência da humanidade. A sede que vigora esse cenário não introduziria, então, uma angústia permanente, uma convivência ruidosa, capaz de capturar nossa atenção colocando-a em constante ataque?

A gritaria do apocalipse tal como é alardeado acaba sempre por reiterar um costumeiro fracasso, visto que nunca se concretiza de fato. Sua força nunca é capaz de nos arrasar o suficiente e seu impacto, se há impacto, não tem abrangência; pôde ser superado, estávamos preparados, conseguimos nos adaptar. Passamos por mais um, vencemos outra uma vez. Alívio. A humanidade permanece e isso fortalecerá a sua união.

Deste ponto de vista, não parece que o apocalipse esteja colocado de modo correto, ou pelo menos, há um deslocamento de sua compreensão, aparecendo quase como um fetiche que documenta a própria condição que estrutura e dignifica a sociedade. Sua percepção imediata atraca na imagem *pixelada* de um *reset* enjoado, abrupto, que descamba na oportunidade alvissareira de começar tudo de novo, de reconstruir a civilização (tal qual a conhecemos), de torná-la possível novamente, de provar sua resiliência, sua capacidade de nunca desistir, ou seja, o apocalipse parece prover em seu limite – ou na sua plenitude – uma boa nova que já nasce velha: a de que a vida que vivemos é indestrutível, mas claro, para que isso seja possível, devemos estar sempre aptos a defendê-la.

O deslocamento reside em um ponto univocamente desconsiderado: a impossibilidade *pós-apocalipse* de continuar vivendo como outrora. É precisamente essa a miopia tacanha produzida: o apocalipse tem menos relação com o que estar por vir do que com

⁷³ Estamos nos referindo ao termo “apocalipse” como um termo distinto em relação ao de “fim do mundo”. Nesse entendimento, o que está em jogo é uma ficção de poder, uma ficção imposta e controlada, preocupada em organizar ou desorganizar determinado segmento da sociedade. O Apocalipse como um estado de crise permanente, um fio condutor para esclarecer a ordem do dia, um slogan do contemporâneo, um objeto de produção e consumo. Uma qualidade rebaixada, um tipo reativo de produzir discurso sobre o fim do mundo.

certo modo de mobilizar determinados afetos a partir das experiências do sujeito⁷⁴: o que se deseja conservar em meio a uma vida em pleno processo de degradação?

Mas será possível dizer que a noção de apocalipse se constitui, sob esta perspectiva reativa, em uma ameaça real a determinado modo de vida, ainda que uma “vida” dedicada a produzir a morte? Não e sim. “Não”, porque sua prerrogativa é precisamente encobrir a catástrofe de uma civilização que já não pode mais se sustentar – de certo modo, uma civilização que nunca se concretizou, porque isso seria atestar seu próprio limite – senão por prolongamentos sem fim de ficções que se dedicam e reproduzi-la e atualizá-la. Ficções que servem, sobretudo, para conservar o apocalipse que é o ocidente/mundo colonial moderno. A solução é recorrer a um terror maior a fim de nunca deixar vaziar o terror real. Deste modo, se assemelha a um *game over* travado em que o jogo continua e te força a continuar depois de morto, nada de começar de novo, uma vida sobrevida, espécie de vida após a morte: morto-vivo. Não é de espantar, portanto, que “se realmente há uma coisa destinada a não ser concretizada é a profecia apocalíptica, seja ela econômica, climática, terrorista ou nuclear. Ela só é enunciada para convocar os meios de a afastar, o que quase sempre significa a necessidade de governo” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 41). O apocalipse, nesse sentido, nada mais é do que uma ficção de poder de fluxo contínuo a interceptar nossa conexão com o mundo. Um sufocamento co-criado sob um estado permanente que precipita a sua própria condição de adiamento, um “apocalipse” entre tantos que parece nunca se constituir com a força com que desejamos. Esperemos o próximo, ele virá; e muito bem administrado, por sinal.

E “sim”, porque o fato é precisamente este: não se trata de professar o apocalipse e de imaginar as possibilidades para melhor passar por ele, aprender a prevê-lo e agir conforme as instruções fornecidas por algum órgão competente. O apocalipse em promoção estará sempre atrasado, obsoleto, vencido e novamente adiado. A questão é assumir o apocalipse que já está, o apocalipse que somos (COMITÊ INVISÍVEL, 2017), é partir deste o apocalipse que é uma civilização em farrapos e sua obsessão perversa em produzir apocalipses. Aprender a alcançar o apocalipse, fazer o emparelhamento, a aproximação, e com isso diminuir a carga moral que sua

⁷⁴ “É na experiência do sujeito que se constituem os hábitos, os quais imprimem uma organização no espaço (concreto) e no tempo (cronológico) em nossa cotidianidade e nos proporcionam uma sensação de familiaridade” (ROLNIK, 2018, p. 110).

transcendência vem impondo sobre nós. Trata-se, em última medida, de acatar os fins que se foram, e esquecidos, os fins que já estão em curso e os fins que ainda virão.

Não mais a espera sem fim do fim capaz de animar sob o afeto mais baixo e de modo transitivo uma vida completamente desconectada do mundo, e sim a afirmação capaz de perceber que não estamos e nunca estivemos descolados do apocalipse. A humanidade conviveu diversas vezes ao longo de muitos milênios com eventos extremos. Nosso corpo, a bem dizer, fora moldado pelo apocalipse. A novidade catastrófica, por ironia, é a interiorização globalizada – ou a modernização desenfreada – da catástrofe: aquilo que, no plano hegemônico, se consolidou como “Humano” se tornou um evento extremo.

Essa percepção por sua vez formula uma ameaça, mas não se interessa em fazer vínculo a ela, não é questão de hierarquia, tudo se passa através da compreensão das responsabilidades, das falhas e dos desvios: todo ato implica consequências, algumas tão graves que podem desencadear, precisamente, o fim do mundo. A possibilidade do fim sempre esteve presente na imaginação que funda as diversas culturas humanas. Nada é tão velho quanto o “fim do mundo”, a saber, e nesse sentido, porque não, é possível dizer que o “fim do mundo” tem sido, na curta história das humanidades – e na história dos mundos – o evento mais comum que se tenha registrado. Isso nos conduz a uma clara noção de que o “fim do mundo” não é exclusivo e de modo algum pode ser compreendido desde uma perspectiva única, o que confere a obrigação de “abolir a ideia de um fim universal de mundo que produz e é produzido pela ideia de uma humanidade dominante” (NATÁLIO, 2016, p. 05).

O apocalipse efetua um movimento reverso, é um ataque coordenado. Do horizonte nebuloso de onde é anunciado, coloniza e sequestra o imaginário na vontade de submetê-lo a seu reinado de terror. Ao se apegar a todas as formas possíveis de vislumbrar a degradação do mundo, seu pensamento se revigora através da morte. A ideia de sobrevivência é a penúria cristã que empodera o sujeito despossuído de sua condição de vitalidade com a terra: não existe um corpo coletivo, um povo a lamentar, são os fundamentos da civilização que importam; no fim, é pouco caso que muitos tenham padecido e de que modo, – alguns inocentes serão sacrificados, um efeito colateral, ainda que se tratem tão somente de fatos isolados, lamentáveis e constantes,

mas isolados – a questão crucial é propagar a salvaguarda da proclamada “humanidade”, entendida como única.

O que, no entanto, leva a subjetividade à crença nessa miragem é o medo de que a dissolução do mundo estabelecido carregue consigo sua própria dissolução. É que, sendo o sujeito estruturado na cartografia cultural que lhe dá sua forma e nela se espelha como se fosse o único mundo possível, da perspectiva desse tipo de subjetividade reduzida ao sujeito e que com ele se confunde, o desmoronamento de “um mundo” é interpretado como sinal do fim “do mundo”, bem como de seu suposto “si mesmo” (ROLNIK, 2018, p. 66).

Dá-se, então, o apego virulento às formas de vidas existentes como fossem mercadorias, objetos de consumo. A ação se movimenta de acordo com uma dada interpretação de acordo com certo repertório do sujeito frente ao desassossego/desconforto que seja capaz de fornecer uma culpa; o ponto que aponta o ponto. O mundo só vai ofertar um retorno possível, sempre imagens de si mesmo, remodeladas (o mais novo modelo), modernizadas, repaginadas, atualizadas, a configuração em permanência que faça conta de recompor aquilo que já existe.

Breves momentos. A famosa “operação tapa buracos”. Reformismos. Formatar. Oferecer a pacificação do infortúnio. Os transtornos metropolitanos. Tomar novamente posse de si mesmo, reassumir o controle, resistir ao desvio de si, a corrupção da própria compreensão de si enquanto sujeito. Alheamentos, o discurso da verdade, o discurso moral, ampliar a visão deste mundo; sejamos “visionários”. Produtos que permitam acessar mundos sem precisar sair deste.

A imaginação vê-se sequestrada, condenada a viciar-se em si mesma, volteando-se a imaginar o mundo e o seu sem fim – o mundo dá voltas – em seu enfadonho desdobramento cíclico, interminável, jogo de posições e modos de organização e controle. Paradoxalmente, o único fim a que a imaginação é permitida agir é sobre o sem fim do mundo, mesmo que para isso, seja necessário precaver-se deste suposto fim.

Ao mesmo tempo, o retorno se dá sob uma lógica de afinamento do mundo, uma espécie de perda de massa muscular, é possível notar que este mundo se torna, a cada volta, mais frágil/debilitado, sem consistência, reduzido de presença, cada vez mais vazio. Se seguirmos o exemplo de Rolnik em relação ao *Caminhando* (1964), da artista mineira Lygia Clark (1920-1988), é possível perceber que o desejo, guiado por uma micropolítica reativa, ao produzir um mundo que reproduz a sua forma anterior, acaba por afilar esse mundo, de modo que ao produzir a si mesmo, acaba por revelar o

desgaste de sua própria forma. Um mundo que aponta e se distribui para as mesmas direções de outrora, mas sem a mesma contundência.

A lógica dominante que organiza essa ficção de mundo é a negação de tudo o que não faz parte do *humano*, os não-humanos, mas também as “outras humanidades”, os humanos “não humanos”⁷⁵. Dentro do *humano* não se poderá imaginar nada além, é a sua instância última, tem sido desde muito. Adiar a crença no fim do mundo (ao invés de adiar o fim do mundo), sob esta perspectiva perdulária de conquista, é conservar indefinidamente a humanidade, sendo essa a sua condição fundamental, não apenas prover a destruição massiva de outros mundos, mas submetê-los a participar da destruição deste. A negação é o recurso moral por excelência, é a *antipolítica*, como aponta Rita Natálio (2016), o valor totalizante que tende a tudo conformar, de fazer coincidir tudo a sua imagem e semelhança, o processo civilizador de trazer para o outro lado: “isso não é nada, nosso apocalipse é maior e melhor”.

Há que se pensar nisso também como uma política que prega um modelo restrito e racista de humanidade, sempre constituída partir da dispersão da vida (diáspora) e que se alimenta juntamente com um imaginário que empobrece o mundo e dos modos de fazer e refazer o mundo, cada um vivendo por si e contra o outro, e assim, a possibilidade de viver ou morrer é sempre lançada nos moldes do estado de exceção: “o “excepcionalismo” humano é um autêntico *estado de exceção ontológico* fundado na separação autofundante entre Natureza e História” (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p. 43, grifo dos autores). Nós nos tornamos completamente alheios ao planeta: invadimos a nós mesmos, nós somos os alienígenas, como diz Viveiros de Castro no prefácio de *A Queda do Céu*. E foi assim que

transfigurado monstruosamente em Homem, Deus tornou-se o agente por excelência do estado de exceção/extinção que chamamos hoje de Antropoceno, que jamais teria sido metafisicamente possível sem a grande instauração, peculiarmente sobrenatural, da divisão moderna entre natureza e cultura. (VALENTIM, 2018, s/p).

Fica expresso, portanto, que a “humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos”

⁷⁵ A ideia de “humano” está atrelada à exclusão das possibilidades de existir de outro modo, um especismo, portanto. O humano em sua formulação iluminista característica, narra sempre a impossibilidade e a insuficiência do outro. Para falar de si, é preciso produzir o outro para, em seguida, suprimi-lo.

(KRENAK, 2019, p. 26-27). É possível uma medida de prazer, mas não tanto. Que isso implica? O prazer a que Ailton se refere é a livre expressão dos modos de vida, é o prazer que reverbera no outro e pelo outro, que faz tecido com a alteridade.

Em uma época em que a exuberância maníaca e a depressão melancólica parecem disputar o leme do psiquismo coletivo, todo discurso sobre o fim do mundo suscita um discurso inverso que apregoa a perenidade humana, sua capacidade de superação e de sublimação, e tende a tomar qualquer menção a ideias de declínio ou fim como irreais, fantasiosas, supersticiosas mesmo (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p. 45).

O consumo voraz e interminável por ficções apocalípticas parece conceber o tempo em que vivemos sob um eterno estado de suspensão. Estamos à beira ou estamos caindo? O que devemos esperar? Essa dúvida que corrói o pensamento é o labirinto desejável do trauma do ocidente. Somos forçados acreditar que vivemos o melhor dos mundos ou que pelo menos é esse o único mundo que nos resta perseguir e sustentar.

Por causa da atual atrofia da imaginação utópica, o espírito do nosso tempo foi colonizado por imaginários apocalípticos e narrativas de desastres cataclísmicos e futuros desconhecidos. Mas que política as visões do apocalipse e da catástrofe engendram, se não uma política da separação, em vez de uma política da humanidade, de espécies começando a existir plenamente? (MBEMBE, 2019, s/p).

Ailton Krenak propõe que, ao invés de nos esforçarmos para adiar a queda, comecemos de fato a cair. Na verdade, diz ele, nunca deixamos de cair, tudo que viemos fazendo, desde então, é cair. Estamos caindo neste momento. A ideia “para adiar o fim do mundo”, ele sugere, é inventar modos de fazer a queda: paraquedas coloridos, por exemplo.

3.6 Adiar o fim do mundo ou um outro fim do mundo é possível



“Um outro fim do mundo é possível”. Nanterre, 2016. Fonte: <https://bitlybr.com/JBNJpG>.

Ao se referir sobre *A Queda do Céu*, livro de Davi Kopenawa e Bruce Albert, Ailton Krenak no pequeno grande livro *Ideias para adiar o fim do mundo* comenta da capacidade encantada deste de mostrar que é possível habitar um mundo em que tudo ganha um sentido.

Estes sujeitos, que afrontam a eloquência de um mundo que progressivamente se fragmenta de todos os seus sentidos, são vistos como uma “sub-humanidade insuportável”, aqueles que “se agarram a terra”.

Por outro lado, o Cacique Babau (2019) vai se referir a estes que os subjagam, os que – supostamente – os representam ou que arrogam o direito de lhes representar, como os que “não tem humanidade”. Em seu saber, quanto mais “humano”, menos humanidade, dado se tratar de uma humanidade muito específica, exclusiva (de exclusão), especista/racista. A tarefa, em contraponto, como diz Ailton, é sair do confinamento “dessa humanidade”, essa “humanidade bacana” e “descolada”.

São estes, diz Babau, juízes a compor os juízos do mundo, os que “continuam achando que a natureza é o problema”, caracterizada como um entrave àquilo que chamam de “alta produção”. São os que precisamente ignoram que “nestas terras existem memórias, experiências e práticas de sujeitos comunitários que exercitam estilos de vida não

inspirados no tradicional conceito de desenvolvimento e progresso, entendidos como acumulação ilimitada e permanente de riquezas” (ACOSTA, 2016, p. 104).

Ocupar o espaço, atrair investimentos, encaixar novos rendimentos, favorecer empreendimentos, dinamizar a produção. Expressões que se amontoam sob um fantasma de linguagem que expressa um simulacro de pensamento (cheio de esquecimento) preocupado em reproduzir a si mesmo através de valorosas atribuições narcísicas (a missão que o orienta) à custa de reduzir a “natureza” destas outras humanidades, como aponta Ailton: “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza” (KRENAK, 2019, p. 16-17).

Pensando por essa diferença de mundos, seria caricato questionar se se tudo é natureza o “entreve” é sem fim? Essa consideração justificaria o próprio “entreve”, expressa no sentido de “algo” como uma “natureza” demasiada, constrangedora até; essa situação absurda (e onerosa) que colocaria o humano em risco. Assim, reconhecê-la como entreve é o prenúncio a tomar medidas cabíveis de segurança, claro, deferidas e comprovadas cientificamente.

A linearidade dessa lógica novamente faria ressecar as diferenças, pois seria o grau necessário para corrigir os limites do capitalismo e atestar a própria infinitude da natureza; “natureza demais, humano de menos, é preciso equilibrar”. O sem fim da natureza seria a base para o sem fim do próprio desenvolvimento/crescimento/autopromoção/autoafirmação do “homem”, o que em nada deve ser confundido com uma interdependência.

O humano, nesse sentido, parece interminável em sua fome grotesca, abusivamente dedicado a uma comilança infinda, quer comer até morrer (o paradoxo monstruoso de um obeso anoréxico); todo o resto é dieta. O prato feito que ninguém aguenta até o fim: comer melhor é comer mais. É o olhar ansioso de quem quer devorar, patologia predatória, retalham a comida, não sabem comer, não seguem o seu corpo, comem para passar mal, comem para vomitar, comem e continuam a passar fome: “seu pensamento é vazio e estão impregnados de epidemia” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 386).

Há, portanto, um reconhecimento, baixo, efetuado por vias de contenção, necessário para regular o pré-requisito de produzir a natureza (inimigo originário) e não ser

produzido por ela (ameaça iminente): é preciso ver a natureza em todo lugar, mas tornando-a acessível de acordo com os termos definidos pelos próprios *humanos*. A ideia de natureza, de outra ordem, é assentada por uma negação que sustenta essa estrutura (as fronteiras que a definem) e posiciona um violentíssimo aparato de controle e restrições de acesso. A natureza como um exotismo, um espaço de lazer, museu interativo do mundo não-humano. E se a Amazônia, por acaso, se tornasse um deserto?⁷⁶ Problema nenhum, diriam, muito pelo contrário.

Um grande feito desse governo que pensa no futuro. Porque, disse ele, a história vai nos registrar como o Esquema que deu ao país uma das grandes maravilhas do mundo. Não é apenas a África que pode se orgulhar do seu Saara, o deserto que foi mostrado em filmes, se tornou ponto turístico, atração, palco de aventuras, celebrado, glorificado. A partir de hoje – e ele sorriu, embevecido – contamos também com um deserto maravilhoso, centenas de vezes maior que o Saara, mais belo. Magnificante. Estamos comunicando ao mundo a nona maravilha. Breve, a imprensa mostrará as planícies amarelas, dunas, o curioso leito seco dos rios. (BRANDÃO, 1987, p. 58-59).

Note-se nisso o malabarismo técnico terminológico que visa corroborar a própria ineficiência de um pensamento que se expande à custa de uma produção que se acumula de vazios, a “terra tornada fantasma” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 328) e que por isso mira sempre o adiante (as reformas, as melhorias, a avaliação que deu certo o que deu errado), a natureza como uma neurose (uma ficção que denota a necessidade de produção do homem, a impossibilidade de saciar), que não é capaz de se confrontar com sua própria ausência. Parece ser possível, nesse viés, vislumbrar uma espécie de raiva ressentida que motiva essa ofensiva, é o insustentável medíocre de sua própria subjetividade.

A fala de Ailton não endossa um retorno ao homem (o homem como auto referência, referência centralizada, medida de todas as coisas), não colabora o homem segundo a ambição de cercar o horizonte para verticalizar as paisagens enfadonhas que criou. Ao contrário, desossa a própria condição vitalícia do descolamento do homem em relação à natureza, evidenciando uma indiscernibilidade entre estes polos (o que favoreceria a sua própria multiplicidade). Ele questiona a própria alienação em relação a terra. Não se trata de promover uma distribuição igualitária (democrática) entre um mesmo grupo de interessados (certas comunidades humanas), visando o bem comum (repletos de usos comprovados) embotados na ideia de um saber unívoco que recorta a terra e a distribui.

⁷⁶ Uma savana, já sabemos, é uma realidade que se aproxima a cada dia. Ver: <https://bitlybr.com/w6Mh2> e <https://bitlybr.com/A8nGK> Acesso em: 06 maio 2022.

Isso só mais um filo da impressão em 3D das guerras sem fim movidas contra estes povos intransigentes que continuam a incomodar. Fazer descolar da terra. Unificar, padronizar. Organizar o consumo. Livres para experimentar a sua cultura. A cultura como modelo de ocupação e organização da terra: a imagem da terra que queremos.

O Cacique Seattle (1786-1866), da tribo Suquamish, do Estado de Washington, em carta enviada ao presidente dos Estados Unidos à época, Francis Pierce, pergunta: “como você se arroga a comprar uma coisa que é maior do que você”? (1885, s/p). E essa mesma pretensão transparece em um breve diálogo entre o general R. Bayma Denys e Davi Kopenawa, durante audiência com o presidente José Sarney, 19 de abril de 1989, que serve de epígrafe ao capítulo 17 da *Queda do Céu*, “Falar aos Brancos”: “O povo de vocês gostaria de receber informações sobre como cultivar a terra? Não. O que desejo é obter a demarcação de nosso território” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 376).

Com o pensamento atrofiado, esquecido, renegado, os brancos, que só conhecem o território, avançam através do ferir da terra, é preciso a terra retalhada, dividida em pedacinhos; seu pensamento insatisfeito só consegue se agarrar ao insaciável de arrasar e devastar a terra.

Esses brancos só pensam em cobrir a terra com seus desenhos, para fatiá-la e acabar nos dando apenas uns poucos pedaços, cercados por seus garimpos e plantações. Depois disso, satisfeitos, vão declarar: “Eis aqui a sua terra. Fiquem satisfeitos, nós a estamos dando a vocês!” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 328).

Sua generosidade e altruísmo é providenciar satisfações alheias, é o entrave que engolfa um pensamento que não se distancia de si, que admira sua suposta modéstia, ainda que sua natureza (quem diria) seja movida por uma insatisfação convicta que deve ser continuamente reafirmada e com punhos religiosos. Patologizar a terra, paternizar o homem. A ideia de que a terra Brasil é grande só ganha sentido se acompanhada da necessidade de levar o Brasil a todas as terras. A posse da terra se segue a um kit, uma ajuda de crédito.

Fazer parte do chamado “clube da humanidade” não assegura estar associado, isso só se daria mediante a sujeição completa a uma humanidade que se desdobra em sua incapacidade de reconhecer outras humanidades. O processo avança sobre aquilo que considera estar disponível, dado que o objetivo nuclear é tornar-se tão grande quanto a natureza de outrora. A natureza acaba por responder a necessidade energética necessária

para permitir essa produção ensimesmada. Há que se tirar de algum lugar para justificar as promoções. Existe uma crença, portanto, em uma competitividade e só podendo competir consigo mesma, essa humanidade que se julga exclusiva, só pode apostar em sua própria megalomania: projetos cada vez maiores.

Tudo isso só poderia conduzir a um único temor: de “que a floresta acabe revertendo ao caos e aniquilando os humanos, como ocorreu no primeiro tempo” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 328). Ou seja, algo que já ocorreu antes. O fim do mundo, nesse sentido, não é redutível ao Mundo, mas aos mundos. Dizer que tudo é natureza, é dizer que o mundo é prenhe de mundos, que a natureza não é a mesma para todos, que não se pode incorrer no mito da separabilidade, o mundo e suas fronteiras, que aquece o espírito do tempo moderno.

A questão, nesse caso, é exatamente a potência de poder dizer: isso já aconteceu antes. Um Mundo que sempre se esforçou avidamente em distribuir a destruição é um Mundo que só poderá, paradoxalmente, se constituir enquanto mundo, quando chegar ao fim. Ao saber disso, entretanto, toda a sua ambição reside em postergar sua permanência porque não poderá se refazer, é um Mundo intimamente dedicado ao fim ocupando-se em apressar o fim dos outros, de modo a tornar o seu próprio fim inalcançável (não se trata de adiar, pois isso seria reconhecer a iminência do fim). É por isso que a ideia de recomeço aparece vinculada a uma sobreposição de formas que requerem inúmeros reforços e rearranjos positivos, exemplo do consumo. É um Mundo que experimenta continuamente o fim em si mesmo. “O fim do mundo talvez seja uma breve interrupção do estado de prazer extasiante que a gente não quer perder” (KRENAK, 2019, p. 60). É a sensação egocêntrica do fim em si mesmo, um completo descolamento do que sejam as condições de existência.

O outro mundo é sempre o mesmo mundo reordenado, sendo a metáfora da natureza como o entrave de uma imagem hegemônica de futuro. Mas o futuro é a esperança de continuísmo, de refinamento técnico do projeto colonial: projetar o futuro, lançar a imagem adiante, torná-la inalcançável para dispersar/ofuscar, o futuro como uma dívida eterna, que, claro, conta com a nossa contribuição voluntariosa: o transtorno é sempre passageiro, os benefícios virão para ficar.

Abandonar de vez o futuro como projeção, imagem atualizada do presente. Se o presente se empobrece e o futuro não mais se sustenta enquanto promessa, ou se a

mudança do que se gostaria de chamar de futuro (e o arrependimento do futuro é a própria conformação e submissão a uma forma que é uma opção deliberada pela via negativa: revisar o passado e/ou ficcionalizar o passado, promover remendos históricos através de discursos que alegam recuperar o tempo bom), para inverter o fluxo exatamente porque o fluxo se inverteu, porque o pensamento, em sua espuma caricata, não reconhece a direção. Faz-se, assim, o jogo de uma máquina do tempo, a solução grotesca (política fascista) é recriar o tempo, reordenar a estrutura temporal da existência recolocando-a em *loop* narrativo, fazer voltar na esperança de abrir espaço para o futuro (o hoje), visto que o tempo acabou. Rebobinar a corrida na tentativa febril de nunca coincidir com o fluxo. Nada mais do que estar preso a um mesmo dia e estar condenado a repeti-lo indefinidamente.

O futuro se tornou um investimento, uma mercadoria arriscada, ele só pode ser retomado se escapar das circunstâncias catastróficas que o definem, ou seja, ao se tornar catástrofe, o futuro passa a ser revisto como uma circunstância histórica, retomado desde um suposto ponto de partida. É um projeto político que desfaz refazendo (o que nunca foi feito ou mesmo aquilo que não se acredita), “uma espécie de projeto de regressão histórica alucinada, mítica” (VIVEIROS DE CASTRO, 2019, s/p) em que “o debate do presente abandonou o horizonte do futuro para se dedicar a passados que nunca existiram” (BRUM, 2019, s/p).

Adiar o fim do mundo, como provoca Ailton, é adiar o fim destes mundos, é um dos modos de lidar com estas manobras de posse e distribuição (de transformar o índio em pobre, diria Viveiros de Castro) através da criação de constelações insurgentes, expandindo suas subjetividades.

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas o horizonte existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir (KRENAK, 2019, p. 32).

Dr. Faraday: Você não pode dar as costas à natureza, ou a natureza dará as costas para você.

Mulder: Morando na cidade a gente esquece que a noite é escura.

Scully: Esquecemos um monte de coisas morando na cidade. Sempre pensamos na possibilidade de um assalto ou um atropelamento. É só quando você volta à natureza que se dá conta de que tudo vai te pegar.

Scully: Respeite a natureza, porque ela não tem nenhum respeito por você.

(Arquivo X, S03E22)

SUBJETIVIDADES EM DESMANTELO

Acima de tudo há esse profundo desânimo doente encravado a sangue seco no soco de nossos estômagos. O pesar corriqueiro dos cliques e chliques, a profusão desgovernada dos compartilhamentos imediatos, o rebuliço das ironias espertas em ebulição. A comoção enviesada, a vergonha melancólica das redes. A solidão profunda de leituras desesperadas, o desmate das presenças de si. As cinzas de nossas capacidades em incêndios de notícias e propagação de ódios. Não há descanso. A paralisia aparente que serpenteia covarde entre argumentos defensivos. Os tipos que louvam em demasia o espírito cidadão/cosmopolita, que não desgrudam das proporções carcerárias dos centros urbanos. A expansão pestilenta do nosso fracasso comum enquanto civilização. Estamos em queda. Tememos a queda, sobretudo, a queda. Tememos perder tudo o que insistimos em manter e conservar; e foram muitos os artifícios utilizados. A dor atropela nossos pronomes. Temos muito medo, somos frágeis em acreditar que poderemos nos pôr de pé novamente.

Não se sabe, há muito, o que temos a chorar. Sim, choramos, porém, não nos encontramos a chorar, não expomos sensibilidades. Esquecemos o choro, de fazê-lo lavar nossas escadarias de dor. Lamentos, resmungos, denúncias, xingamentos e rompimentos. Muitos foram os atos emprestados diante do mal-estar que nos assola. O dia a dia se esfacela sem que nossas pulsões decolem em rebentos de cuidados, sem o ensinamento básico de recuar das palavras apodrecidas. A dor se volatiliza, enfraquecida, em direção ao próximo

ato irremediável. Uma espera sem fim se agrega aos nossos recursos de criação. A força, por sua vez, ocorre em pequenos lapsos de sentido e nunca se formula por completo. É o grande vazio de nosso século a nos entupir de doenças e sobrecargas mentais. O desprezível conforto de atos rarefeitos que pouco desafiam mazelas e maldições estruturantes. A descrença que faz reprimendas a qualquer pequena disciplina de recusa que não insiste por caminhos danosos. A descrença que tripudia de nossa potência de deserção, essa força vital de seguir acreditando em mundos possíveis. Vidas possuídas de impotências regadas a fezes e infecções corpóreas. As doenças pouco caminhadas, a indiferença violenta de uma piada de riso dissimulado. Alegrias enebadas, requentadas, vindas de outras praças; o pertencimento é um acontecimento distante. A fortuita indiscrição que não protege, senão alarga o trauma. A falta vitamínica de pequenas corpulências que poderiam se impor frente a circulação cardíaca dos que se sentem asfixiados. A distribuição massiva de receituários, a incompreensão da insônia e da necessidade compulsiva de filmes ruins em noites pastosas. A penosa precaução de se corroer de distrações para furar o tédio profundo, esquecer os compromissos e preencher violentamente o tempo com todos os copos que o parco dinheiro puder prover. E sem alegria, o farrapo embotado da experiência subjetiva acerca-se de velórios e túmulos. Continuamos atrelados ferozmente nessa insuspeitada angústia de não estarmos atentos aos lugares por onde pisamos. A capacidade sanguinolenta dos dias em que a noite desfere duros golpes sob a ausência da contemplação dos dias. A vida despejada na esbórnica da formação contínua, sem parar, preche de avaliações, julgamentos e publicidades. Anos que se perderam, os mais velhos a lembrar, nostálgicos, radicando-se mesquinhos a um passado que não sabe nutrir-se de atualizações. A imensa fratura entre gerações. Estamos em queda, lembro. Penso, por fim, na carência de uma embriaguez colérica, da loucura estética de sorver novos frescores, o derradeiro condimento dos gritos que rasgam rasantes e derrubam arranha-céus.

ALEGRIAS

Alegrias infundadas despertam por entre vacúolos de solidão perpetrados por seres acotovelados em vinganças de vida. Frutados de seus prazeres e, entrementes, prazeres que redirecionam todos os fazeres do qual não podem abster-se. Por vezes, parecem ignorar as astúcias que riscam consigo os pontos no chão ao percorrermos os desânimos de destruição que, no mais e de menos, parecem atabalhoar seus corpos de relutâncias e condições de sepultamento. A medida covarde e aconchegante os convida a desistir. Mas estes, carcomidos de dúvidas e saberes condenados a prescrever, amolecidos de sua linguagem, sufocados sob a parafernália do mundo moderno a lhes desdizer dos modos que aquecem a vida, esgotados e expostos ao vislumbre catatônico das morais fantasiosas que nada lhes agregam; a estes, resta ainda uma presença sobrenatural. Inchados de putrefatas obediências e desautorizados a pensar questões moventes, são capazes, sobremaneira, de inspirar pacotes de presenças, quentinhas de cuidados, ficções coléricas. Encantados de suspiros e magicados em saliências concentradas de energias de combate, são estes os que se indispõem, os que movimentam os processos contra os autos de morte deste mundo lacerado de covis, pleoras de apodrecimento. Invocam outras jurisprudências, recorrem a instâncias inalcançáveis, fazem valer os sonhos e as virações metamórficas como rótulas de fuga. Seres partidários de horizontes liminares que fazem o pensado por sobre o lombo da chibata colonial que lhes imputa o azedume. Riscam os sentidos deixando rastros, abertos a qualquer um que estabeleça virtudes na boca dos caminhos. Fazem tudo sob uma estranha nobreza povoada de ritmos, transas e rasteiras gingadas, sempre montando abrigo na casa dos jogos e das destrezas rituais. Tanto quanto são capazes de sussurrar, sussurram sem pudor, sussurros baforados de álcool e potências mais. Deixam em cada conta um aparato de lembranças do que virá. O hoje é pensamento para confundir o ontem e cada pedaço desse pequeno ato em continuum cobiça o valor de rezas e estalos de energia vital. Quem se firma nesse traço, quem se investe por esse núcleo, não pode exigir garantias. As exigências, por vezes,

serão atreladas ao próprio corpo em caráter de deserção, caráter de alerta contínuo. O corpo acoplado de suprimentos, seus mil olhos e sobrenomes, mantimentos que suportam o colapso físico e mental; o corpo dançando por sobre a crise, inventariando-o corpo a corpo de fortalezas que não o perfaça de negações e esperanças vindouras. O corpo como evento extremo, como algo que nunca acontecera antes neste mundo. Não nos deixemos intumescer destas formas frívolas que impedem o avanço, que sentam o medo na vontade cacofônica de não se posicionar, de apenas torcer os olhos para que tudo não passe de um entendimento mal feito. Todas se afiguram como estatísticas genéricas de um mundo que reluta afirmar o seu fim. Um termo corpóreo que nomeia o ato de guerra proferido em seu proclamado destemor. Se tudo, por certo, estiver de acordo com uma demanda inafiançável, não há que se fazer meio passo. Caminho sem volta é o caminho no qual já não podemos nos presentificar.

3.7 Nunca antes nesse mundo

Eu vivi aqui toda a minha vida. Bem aqui, nessa casa, nesse lugar.
Por que eu me importaria com segurança?

(Da série *Chernobyl*)

Em um dado momento da série *Chernobyl* (2019) que dramatiza o desastre nuclear ocorrido em 26 de abril 1986 no reator quatro da Usina de Chernobyl na União Soviética, na Ucrânia, próximo à fronteira com a Bielorrússia, o físico Valery Legasov, entre a ingenuidade e o espanto, tenta alertar um militar arrogante e burocrata, Boris Scherbina, acerca da dimensão do que estavam enfrentando: “Você está lidando com uma coisa que nunca aconteceu antes neste planeta”, alerta, aterrorizado. “E como apagar isso?”, o outro questiona. Ele não sabe, sua impotência é tanto quanto a ignorância que o acontecimento acabara por postular. Não há como apagar, não há

como ocultar, não dessa vez, até porque, não é possível ocultar o que já carrega a sua parcela de oculto.

A magnitude do desastre e suas consequências incalculáveis abria um vácuo que suplantara a imaginação e acotovelava qualquer infraestrutura que suportasse o poder da autoridade, seja econômica, política ou científica. A incomensurabilidade do que ocorrera requeria exigências que ultrapassavam os limites conhecidos pelo ser humano. Algo imprevisível fora desencadeado, açoitando um imenso território e marcando para sempre as vidas das pessoas daquela região e de tantas outras.

O impossível irrompeu, fez sua aparição e, à exceção da breve explosão – que não uma explosão nuclear –, espalhou-se com ajuda das massas de ar deixando-se carregar silencioso e invisível, empestando o ar. Radiatividade, inimigo impiedoso, não obstante, um inimigo, em tais circunstâncias, co-criado e liberado pelo próprio ser humano. Esse algo fora introduzido em nossa atmosfera, um combo de substâncias nocivas que não ocorrem naturalmente, algo do qual não podemos nos livrar, quiçá mitigar.

O acontecimento, nesse sentido, está ancorado em ações que se produzem no limiar do possível e se situam na ordem do indizível. Uma exigência maior do que as exigências que definem o que temos sido até então enquanto humanos e evocando uma capacidade tacanha de formular, provocar e invocar inimigos.

De acordo com Bruno Chareyron, Diretor de Laboratório da Comissão de Pesquisa e Informação Independentes sobre a Radioatividade, **a humanidade não possui atualmente as soluções técnicas ou os meios financeiros para lidar com um desastre como esse**. Resumindo, embora milhares de pessoas ainda trabalhem no local todos os dias, ‘a catástrofe nuclear de Chernobyl não é administrável de forma alguma’. (KINGSLEY, 2021, s/p, grifo nosso).

Chernobyl, o maior acidente nuclear da história e o maior desastre tecnológico do século XX, foi tratada como uma operação de guerra, como descreve Svetlana Aleksievitch (2016). É prática habitual que os desastres sejam tratados como zonas de guerra, são acontecimentos a que a guerra é emparelhada, afinal, é a guerra que fornece a única imagem concreta que conhecemos quando se pensa em destruição em massa.

Nestes casos, porém, os pobres combatentes – em Chernobyl ficaram conhecidos como liquidadores – parecem sempre chegar atrasados, parecem estar sempre em desvantagem, minúsculos e toda a sua ação é inócua e feita às pressas sem conseguir

pesar as consequências e no máximo servem para conter e/ou mitigar o alcance dos estragos. É uma guerra, portanto, que se estabelece quando a guerra já passou. Os liquidadores, os que fariam o impossível, eles mesmos liquidados, conseguiram, pelo menos, sepultar as consequências mais devastadoras – e sempre pode ser ainda pior quando se lida com o impossível – à custa de suas próprias vidas.

O acontecimento monstro, como parece ser de praxe, fazia com que já não fosse mais possível acreditar ou confiar no mundo, porque o mundo que até então se conhecia, vai não apenas sendo rasurado, mas passa a perder todo o sentido.

Os sentidos já não serviam para nada; os olhos, os ouvidos e os dedos já não serviam, não podiam servir, porque a radiação não se vê, não tem odor nem som. É incorpórea. Passamos a vida lutando e nos preparando para a guerra, tão bem a conhecíamos, e de súbito, isso! A imagem do inimigo se transformou. Surgiu diante de nós um outro inimigo...Inimigos...que tocavam a relva ceifada, o peixe pescado, a caça aprisionada. As maçãs...O mundo a nossa volta, antes maleável e amistoso, agora infundia pavor. (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 44).

O sarcófago sepultou o pior, mas na realidade só fez dormir o vampiro sugador de almas que se abriam. O fato é que Chernobyl continuará ativo, o desastre não se presta a um ponto final e sua história passa a definir as histórias daqueles que ali estão circunscritos e que, de um modo ou de outro, foram instados a conviver com o inevitável e a permanência indeterminada de suas consequências.

3.7.1 Por onde vamos?

Não se pode ir muito longe sem criar um mutante.

(Arquivo X)

Viveremos de escolher e testemunhar a história por entre desastres consecutivos? As alternativas infernais⁷⁷ seguirão agindo no intuito de criar falsas escolhas das quais não poderemos escapar? Como não notar ou se espantar com as semelhanças aterradoras entre Chernobyl e a pandemia de Sars-Cov-2? Um horror completamente novo – mais uma vez! – se instalara entre nós. Em 2020, com a pandemia, toda a insignificância humana figurou em evidência. Ao que parece tudo o que liberamos – liberais que

⁷⁷ “O que se afirma com toda alternativa infernal é a morte da escolha política, do direito de pensar coletivamente o futuro. Com a globalização estamos em regime de governança no qual trata-se de conduzir um rebanho sem o fazer entrar em pânico, mas sob o imperativo “não devemos mais sonhar.” Afirmar que é possível fazer de outra maneira seria se deixar enganar por sonhos demagógicos” (STENGERS, 2017, s/p). Disponível em: <https://bitlybr.com/Vjzmd9>. Acesso em: 21 mar. 2022.

somos? – são novelas de desafecções, modos de disjunção para com a vida, modos de distorcer e de fraturar a nossa relação com o mundo, não apenas forçando o sistema, mas pauperizando todas as nossas forças de criação.

Os descuidos e descasos se repetem, as insuficiências para lidar com o ocorrido, os improvisos e a falta de informações, a abundância de desesperança, o não ter para onde ir, o não ter como fazer diferente, um fugir (evacuar) sempre inevitável, a falta de opções viáveis, o conformismo generalizado (quem vai nos dizer o que fazer?), o não ter como dar conta do flagelo que se anuncia, a incapacidade de entender o que havia acontecido, o desejo de que tudo voltasse ao normal para seguir com a vida, a única coisa que imaginavam poder fazer.

Depois de um tempo, um vácuo imenso restava, nada parecia adequado para esse embate, uma desolação sem fim, um ciclo venenoso de exposições, contaminações e mortes. Todo o toque humano antecipava um momento desesperador, feito de modo mambembe, sem rumo e sem referências, muitos foram evacuados, mas logo voltavam. Os desleixos, os relaxamentos, os afrouxamentos, as ignorâncias, tempos de obscuridade e negação. Dadas as devidas proporções e singularidades de cada um destes eventos. A atmosfera ficou entupida de partículas mortíferas e todos ali estavam em contato direto ou indireto com raios invisíveis capazes de devastar e fulminar o corpo, que mutilam, explodem e queimam as células, uma energia tão voraz que nosso corpo não podia comportar.

E, no entanto, apesar da devastação, das mortes, do câncer e outras significativas alterações genéticas (além das mazelas incontáveis) que varreu aquela região, onde ainda hoje é a zona de exclusão⁷⁸, em um raio de 30 km² que se estende desde o local da explosão, a vida continua a prevalecer, com muitas espécies selvagens reaparecendo e passando a conviver com os efeitos e as consequências da radiação: “você deseja que eles se afastem, rapidamente e para longe. Ao mesmo tempo, é espantoso que estejam aqui. Tudo parece tão normal, como se o Apocalipse não fosse, afinal, nem de longe tão ruim. Aconteceu o pior, e a vida continua” (WEISMAN, 2007, p. 268).

⁷⁸ Estima-se que os níveis de radiação demorarão milhares de anos até que essa área se torne novamente habitável, o plutônio-239, por exemplo, tem uma meia vida – que é o tempo de decomposição necessário para reduzir a sua radiação pela metade – que gira em torno de 24 mil anos. (KINGSLEY, 2021).

Mas, apesar de continuar, é preciso ter em conta que “as premissas mudaram” (WEISMAN, 2007, p. 268). Não deixou de ser um lugar exposto a um proeminente estado de mutação, é perigoso e repleto de sentenças de morte, alvo de uma forte pressão evolutiva, um lugar fora do tempo, acelerado a um nível que desloca o próprio entendimento; é um rastro encravado no tempo e os estragos inumeráveis – diretos e indiretos – seguem e prosseguem. O pior se revela não como um ato final, mas como a inclemência do que nunca mais voltará a ser o mesmo; o pior é que o desconhecido irrompeu e tomou parte nessa terra, e nesse caso, não há meio termo, o que não matou certamente fez enfraquecer. Chernobyl é uma ferida que nunca veremos cicatrizar.

Nunca fora um lugar completamente desabitado. Talvez, lembrando o testemunho de Ailton Krenak sobre o Rio Doce, possa-se dizer que esta terra tenha ficado em uma espécie de coma. Dizer que a natureza sempre encontra uma brecha é uma elaboração calhorda que minimiza qualquer ação destrutiva, como se um elogio à capacidade de resiliência da “natureza”, como se qualquer dano pudesse ser favorecido pela sua recuperação, pela sua robusta qualidade de refazimento. Trata-se de um romantismo grotesco, um pensamento desertificado, incapaz de formular outras vias de acesso que não a exaustão de tudo.

Cada objeto ou aspecto do universo é uma entidade híbrida, ao mesmo tempo humano-para-si e não-humano-para-outrem, ou melhor, por-outrem. Neste sentido, todo existente, e o mundo enquanto agregado aberto de existentes, é um ser-fora-de-si. Não há ser-em-si, ser-enquanto-ser, que não dependa de seu ser-enquanto-outro. (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2014, p. 98).

O que fora modificado, ainda que radicalmente, vai dando vazão a novas e estranhas formas de comensalidade e justaposições interdependentes. A vida, é claro, é um ato de contaminação, de ampla mistura e nada sabemos das trocas que ali foram feitas, as negociações, os trâmites e as agências entre os muitos seres que dali não puderam escapar, assim como as interações e os sacrifícios que permitiram a recuperação, a retomada gradual daquela área em que a radiação se tornou uma companhia constante.

Com o mundo cada vez mais infestado de ameaças duradouras que passam a nos fazer companhia da qual não conseguiremos escapar, resta o afastar-se, tomar uma distância que se sabe não ser segura, uma distância que não poderá segurar, mas em muitos casos, nem isso, nós já somos anomalias. Contudo, de certa forma, estamos todos diluídos nessa massa de ar tóxico. O que se assume, nesse cenário, é a expressão de um

abandono, mas não o abandono de uma debandada, mas o abandono que não se sabe cuidar, do que talvez seja grande demais para achar que se pode cuidar. Viver em um lugar submetido a continuados processos de abandono e transfigurados em densas zonas de risco: não será esse um eco que nos condena ao futuro?

O caso é que se agora a vida selvagem voltou é porque nunca pode sair de lá como um todo. Não há plano de evacuação que contemple as populações animais⁷⁹. A ironia é que também os humanos não puderam sair de lá por completo, estamos intimamente vinculados àquele lugar, não se pode abster de monitorá-lo, não se pode deixar o desastre para trás – todo desastre sempre se alastra no tempo –, e uma pequena comunidade já se formou na região de Chernobyl, e muitos estão forçados a ali permanecer, como cientistas e outros funcionários, e talvez alguns se sintam encantados de viver em uma cidade fantasma. Do mesmo modo, muitos moradores acabaram voltando clandestinamente para suas casas e muitos ali permanecem, foi ali que moraram sua vida inteira, nenhum outro lugar é capaz de lhes acolher.

Talvez porque de algum modo que permanecerá irresponsável, foi ainda possível respirar e “respirar aqui embaixo significa dar a si mesmo um corpo tentacular, capaz de abrir uma passagem ali onde o caminho está barrado pela pedra, multiplicar os seus apêndices e seus braços para abarcar o máximo de terra possível, expor-se a ela como a folha no céu” (COCCIA, 2018, p. 85).

Resta se entregar a essas estranhas passagens que levam de uma vida a outra, ainda que não mais conhecidas? O certo é que a ideia de uma extinção completa é sempre uma imaginação miserável. O que ficou para trás, o que insistiu, o que não sofreu e pereceu? O que, de alguma forma, continuou? Diz Paulo Leminski: “tudo o que respira, conspira”.

3.7.2 Liberar os amigos?

Diante disso, não é surpresa a constatação de que “a atividade humana típica é mais devastadora para a biodiversidade e para a abundância da flora e da fauna locais do que

⁷⁹ Uma equipe de exterminadores fora enviada para as aldeias e vilas ao redor da zona de exclusão para executar os cachorros e outros animais domésticos que haviam sido deixados para trás.

o pior desastre em uma usina nuclear” (WEISMAN, 2007, p. 271). O desastre se alastra como possibilidade limite e intermitente por todos os poros do planeta, estabelecendo conexões mais amplas, sem restrições, somente graus de variabilidade, cálculos e modelos sem fim. O risco de ocorrências é multiplicado e se distribui com violência imponderável. Suas circunstâncias se tornam presença ameaçadora, em um constante desequilíbrio. Em 1971, Guy Debord, no ensaio *Planeta Doente*, destacava o consenso e as certezas científicas em relação ao caminho desastroso arregimentado pelas forças produtivas do capital. “A poluição está na moda” é o abre alas do texto. A questão não se apresenta indubitável ou discutível, o conhecimento científico, dispondo dos meios necessários, fora capaz, já à época (e antes até), de prover um diagnóstico bastante preciso: “a impossibilidade da continuação do funcionamento do capitalismo” de modo a ser capaz de criar “uma sociedade cada vez mais doente, mas cada vez mais poderosa, recriou em todo lugar concretamente o mundo como ambiente e décor de sua doença, enquanto planeta doente” (DEBORD, 2011, p. 04).

A incidência de zonas desertas, lugares inabitados, abandonados. O dado do abandono, a deserção: a redução dos espaços de vida. Os espaços abissais da terra, onde ninguém mora, onde ninguém poderia sobreviver. A terra ampliada de seus extremos. A terra em rebelião. Como poderemos sobreviver? Desde já, não há o que preparar, existe o fazer, o tomar posição: pensamentos para o que não se pode (mais) postergar.

Mas quais lugares podemos ainda chamar de habitáveis? Estamos diante de cada vez mais lugares em que não nos é permitido adentrar e/ou percorrer tão inóspitos e perigosos estão tornando ou já se tornaram. São lugares que não poderemos mais esquecer ou abrir exceções, como Chernobyl, que nunca mais voltará àquele estado que nos acostumamos a chamar de “normal”; lugares em que a esperança fora completamente abandonada.

Dessa forma, se o ser humano fora capaz de liberar seus inimigos através de um modo de produção sistemática implantada, talvez seja a hora de começar a liberar os amigos e passar a produzir vida ao contrário da produção acentuada da não-vida, do gerenciamento e das administrações de morte⁸⁰. Como reconhecer os amigos, como saber se estão por perto? Liberar os amigos, nessa conjugação, é ir em direção a outra

⁸⁰ “A produção da não-vida prosseguiu cada vez mais seu processo linear e cumulativo; vindo a atravessar um último limiar em seu progresso, ela produz agora diretamente a morte” (DEBORD, 2011, p. 05).

coisa, é revolucionar (no sentido de se reposicionar e produzir perturbações no que é estabelecido), fazer outra coisa, abandonar, desertar.

Seguir de outro modo, continuar, mas de outra forma. Mas não é questão tão somente de fazer proximidade (como um trazer para perto), mas um fazer ou um talhar ético que nos acerque de estados insinuantes de criação que se retroalimentem; que possam abastecer potências e conjugar sinais de força (inclusive para aqueles que a gente não espera e que não conhecemos). Atos que irriguem um fazer de corpo, que componha e conecte constelações, um vínculo de raízes vitais, em suma, um lastro de cuidados para que seus passos não se percam a sós em terreno perigoso, gestos para se ajuntar, manter por perto é fazer valer os encontros como um intercâmbio dinâmico entre testemunhas e testemunhos: saber dos recursos, permutar afiações e afiações, ações para lapidar, para desfibrilar os cuidados; amigos para não esquecer ou se perder do caminho.

ATERRAR

Adentrar as dobras da terra. Deixar o pé afundar por terrenos onde os organismos nos tomem, nos comam. Deixar a terra nos deglutir. Deixar-se conceber por toda a infraestrutura da terra. Viver a vida não mais no confinamento destes ecossistemas de morte e clausura e nutrir-se do que a terra encrava e escava em nós sem deixar de atinar para tudo o que o Antropoceno ainda vai trazer. Esse é um saber degringolado do qual não podemos nos dar luxo de prescindir. É por isso que habitar o terrestre não é possível se tomado como algo fixo e assentado. O ancestral também está em movimento. Habitar só é desde aquilo que se move ao redor e em nós; só se pode habitar na mesma medida em que percebemos seres habitados.

3.8 O futuro é floresta

A terra tem um segredo que precisa contar.

(Arquivo X)

A planta nada ensina ou, se ensina alguma coisa, é zen, puro vazio. (...). O mundo vegetal é profundo e denso. Não pensa nada, nada ensina, nada impõe, não tem nada a defender ou a atacar. É, só, aí, é. Se pensasse, seria mais ou menos como pensam os animais, que sempre pensam que estar aqui é bom-bom, bonito-bonito, aqui-e-agora e aqui-e-agora e sempre bonito-bonito-bom-bom-bonito etc. (HANSEN, 2020, s/p).

Exercícios de comunhão com a mata: reflorestar a cidade. Encontrar e/ou traçar um caminho em direção à mata. Não se abster de aprender com os que sempre tiveram que forjar distintos modos de escape. Interrogar um fazer que faça a floresta trepar a cidade-necrópole por entre as brechas moribundas de sua demência crônica. A floresta pensa a longo prazo, seu pensamento de hoje é sempre mais antigo do que queremos supor e flexiona sempre um jeito inusitado de crer a sua presença, sempre redirecionando seus sentidos de existência, sempre um novo apesar de.

As cidades estão cercadas pela floresta, sitiadas pela floresta, a floresta é o grande fora, mas é também o grande dentro, as fronteiras são tão frágeis quanto a narrativa oficiosa. É a floresta à espreita, em prontidão, como um ato sempre em vigília, tomando o que é seu a cada pequeno descuido. Os acontecimentos “floresta” convivem neste empreendimento-cidade, espaço urbanizado, emparedado, engaiolado.

A floresta, sabemos, fora alijada de suas dimensões e tornou-se uma presença distante, diminuta, reduzida, pacificada. Nesse processo, a urbanização ocupa um papel fundamental pois atuou como “modo privilegiado de estabelecer a colonização” (NODARI, 2015, s/p). Para isso, foi preciso operar o sequestro daqueles que viviam nestas terras, afastá-los, desconectá-los de seus lugares, produzir o desterro na própria terra. Todo este espaço em que vivemos ou sobrevivemos é a medida de uma conquista. Muitos destes prédios, tidos como históricos e por isso turísticos, tiveram a sua imponência comemorada quando levantados; mas levantados após muitas derrubadas. A civilização é uma demonstração de força, é o ato viril que possibilita a imposição de seu *nomos* (lei) por toda a parte.

A eliminação *de fato* das florestas, desse modo, aparece como um projeto ontológico-político de colonização do fora, a eliminação do que é topograficamente externo ao Estado, a expansão dos muros da cidade – ou, em termos atuais, da *fronteira agrícola*. (NODARI, 2015, s/p).

O que se coloca em jogo na defesa das florestas é “a defesa da vida contra esquemas antropocêntricos de organização produtiva, causadores da destruição do planeta” (ACOSTA, 2016, p. 35). A urgência é a de começarmos – finalmente! – a pensar a floresta, como propõe Ailton Krenak. Porque o que arde em nosso pensamento é tarde, porque aquilo que o ocidente arroga como pensamento é sempre um meio para nos fazer chegar atrasados, tarde o bastante para sempre acharmos que tudo já está feito; correremos em demasia apenas para mergulhar no deserto, e mesmo assim, se mergulharmos bem e soubermos nadar, podemos nos deparar com toda uma torrente de vidas das quais pouco ou nunca ouvimos falar, afinal, “no deserto, tudo sabe como sobreviver”⁸¹.

É tido assim que desossar a lógica colonial é insurgir-se contra o saque contínuo e desgovernado, operado por uma política de extroversão, exportação e retirada. O que é de dentro sempre é lançado para fora, arrancado à força, seguindo o comando da expulsão, dispersão, pilhagem e apropriação criminosa. Nada pode ficar, nada pode permanecer e isso se dá exatamente porque “os espaços silvestres sempre constituíram um “fora” para a “civilização”: o fora da “selvageria”” (BONE, 2020, p. 17), e assim mostrar trabalho é exaurir a terra selvagem e fraturar todas as suas relações arcaicas.

Porém, as histórias e as histórias da floresta e dos que sempre estiveram na floresta, por perto ou no rumo da floresta, nos ensinaram muito do que hoje sabemos sobre guerrilha, ainda que sob outros nomes, ainda que não tenham nomes ou rostos. Acessar a memória da terra e fazê-la reaparecer. A tarefa é entrecruzar a encruzilhada das cidades tomadas por rigores e humores de floresta. Não apenas um devir-floresta, mas insistir que essa é a luta corrente do que urge este tempo, o que é capaz, a um só tempo, de desvelar e aproximar todas as outras linhas de frente. A floresta, mais do que nunca, encontra-se sob ataque coordenado, uma ofensiva deliberada cujo objetivo declarado é, de fato, sua completa destruição:

Por isso tudo a luta dos índios é também a nossa luta, a luta indígena. Os índios são nosso exemplo. Um exemplo de “reexistência” secular a uma guerra feroz contra eles para desexistí-los, fazê-los desaparecer, seja matando-os pura e simplesmente, seja desindianizando-os e tornando-os “cidadãos civilizados”, isto é, brasileiros pobres, sem-terra, sem meios de subsistência

⁸¹ Arquivo X, segunda temporada, episódio 25.

próprios, forçados a vender seus braços – seus corpos – para enriquecer os pretensos novos donos da terra (VIVEIROS DE CASTRO, 2016, s/p).

Ao final do filme *Into the Forest* (2015)⁸², da diretora canadense Patricia Rozema, uma casa já completamente podre é queimada e desmorona. As duas irmãs e o bebê recém-nascido deixam-na para trás e aceitam, se entregam ao corpo da floresta; saem andando mata adentro e são acolhidas por um enorme tronco oco de árvore que as protege da forte chuva.

Era uma casa *hipermoderna*, um ideal *high-tech* de cidade inteligente instalada no miolo da floresta, mas que não pôde se sustentar a longo prazo sem energia que a abastecesse. O “fim do mundo” não veio como algo drástico ou trágico, apenas a energia deixara de chegar – e nunca ficamos sabendo o que ocorrera – e em poucos meses a casa é devorada pela umidade.

Longe da cidade, mas emulando um ideal de cidade. Incrustada na floresta, mas em nada conectada com a floresta; mundos em separado (natureza x cultura), falsas fronteiras mediadas por limites fraudulentos. As duas irmãs, ao perder o pai, ele que mantivera firme a opção de ali morar, se dão por perdidas, não sabem o que fazer e optam por esperar a energia voltar. A floresta, por sua vez, permanecia indiferente a qualquer ocorrência e seguia a sua temporalidade duradoura; não se apressava, não se demorava, sempre soubera o que fazer, continuava e continuava, incrustada no tempo.

A pegada “cidade” que atestava um aparente grau de conforto e promessas tais não pode resistir por muito tempo, em um estalo, sua força fora cortada e sua tecnologia e infraestrutura colapsaram; não cabiam ao cultivo, apenas ao consumo. A casa rapidamente se tornou uma tralha e se converteu em ambiente perigoso.

Uma casa em nada adaptada e/ou disponível às disciplinas e aos humores da floresta. Elas moravam junto à floresta, porém se queixavam, estavam apartadas do “mundo”, seu desejo empertigava-se de consumir o presente e o futuro tentadores que a cidade ofertava. Seu estudo, por exemplo, só as colocava em direção à cidade, não viam a hora

⁸² A tradução brasileira deu o nome de *No Escuro da Floresta*, cuja tradução literal poderia ser *Para a Floresta*; *Em direção à Floresta* ou ainda *Para dentro da Floresta*. A floresta, na tradução, ganha uma faceta sombria, o dentro é adjetivado e passa a expressar algo negativo, desconfortável, é como se a floresta como única direção a tomar, fosse uma direção que encaminha o nosso fracasso, a vida reduzida a um lugar escuro e assustador, um inferno verde, como muitos gostam de se referir, por exemplo, à floresta Amazônica.

de abandonar a casa, de ir da casa-cidade para o miolo da cidade-cidade. O desejo de cidade é sempre a grandiloquência da cidade, é ir em direção ao que é crescimento, do que se diz grande, imenso depósito de coisas grandes.

Ignorantes e desinteressadas da floresta que as rodeava, foram aprendendo a duras custas – a insistência em uma nova vida (um bebê) as faz crer em uma outra possibilidade, outro caminho – até entender que se não desertassem daquela vida insustentável, que se revelou emperrada, impossível, uma fantasia falida, iriam ser dragadas por sua própria insuficiência em respirar e fazer o mundo mediante outros modos e convívios para além daquilo que foram aprendidas a desejar. O que lhes terá acontecido após a chuva, só a floresta poderá dizer.

Cultivar a floresta, aprender a cultivar a floresta, conceber a ação antrópica como uma comunhão com o ambiente, um ato fertilizante que gere potência e que de fato produza terra, densa de superfícies ricas, com capacidades de deixar legados duradouros e aproveitar e agradecer; são ações humanas ancestrais, e elas estão entre nós, mas pouco sabemos reconhecê-las⁸³. Os povos originários sabem e dizem há tempos: a floresta é uma imensa biblioteca, é o lugar de aprendizado, é onde se concentram os saberes. Tudo na floresta pode servir ao ensino, é um manancial de vida que alimenta os sentidos. Cultivar é co-criar e não se pode criar quando tudo já é criado, quando tudo já é feito e encomendado sob medida.

Os povos ameríndios “fizeram da Amazônia não apenas um jardim, mas um cosmos: um mundo povoado de ancestrais, de forças elementares que, continuamente, conferem sentido a territórios de vida” (BONA, 2020, p. 77). Vem de longe, portanto, a sua capacidade de prover a melhoria do solo, de moldar e dar forma a todo um ecossistema a partir de modos de manejo que, ao invés de extrair e ferir a terra, passam a enriquecê-la, tornam a terra mais produtiva. Se se une a terra, abre-se espaço e explora-se sem agredir – explorar no sentido de estar na floresta é fazer e pensar a floresta – sem isso, tudo fica perecível. Saber usar a terra não somente a seu favor, mas a favor da própria floresta (que nunca é só uma “floresta”), não é tomar ou emprestar, é simplesmente se ligar a ela, plantar e cultivar é sempre fazer-ser-estar floresta e não o contrário. É uma ação de múltiplas capturas.

⁸³ Para mais, ver: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44929482>. Acesso em: 30 nov. 2021.

Os manejos e os usos intensivos, por sua vez, acabam por esgotar os recursos do solo, criando desertos e disparando, como explica a bióloga Nurit Bensusan, possibilidades de contatos de morte: “cerca de 70% dos últimos surtos epidêmicos que sofremos tem sua origem no desmatamento e nessa ruptura violenta com os ecossistemas e suas espécies” (2020, s/p). Isso tem nos tornado cada vez mais vulneráveis e expostos a mazelas que sequer somos capazes de imaginar. Criamos as condições ideais para que a peste possa se alastrar, somos os facilitadores para a eclosão e a proliferação contagiosa de organismos que ocasionam contatos impensáveis sem qualquer tipo de barreira de contenção. Ao destruir tudo, as distâncias vão sendo fulminadas, fustigadas e proporcionam interações cada vez mais danosas. Não esqueçamos que uma das funções primordiais executadas pela floresta é a de interceptação, que atua barrando e impedindo a propagação de fluxos poluentes.

As lutas que fazem e que sustentam a floresta ocorrem concomitantes ao tempo em que se ligam a ela; a floresta é o mundo que encanta os caminhos pelos quais o cosmo da vida é vivido e revivido. São os “guardiões da floresta”⁸⁴, os povos cansados de esperar que o Estado cumpra o que é direito por lei e proteja as áreas indígenas demarcadas, e que seguem resistindo a traumas e ameaças de toda ordem, em especial, advindas de madeireiros, fazendeiros e garimpeiros. São também as histórias de mulheres negras e caboclas, líderes religiosas que conduziram romarias, adentraram e ousaram percorrer a imensidão da floresta Amazônica para além do Araguaia, quase sempre a pé, e com muitas delas sendo guiadas por espíritos, em busca da terra prometida (seguindo a profecia de Padre Cícero, as chamadas “Bandeiras Verdes”) e fundaram comunidades santas que resistem até hoje com complexos sistemas matriarcais⁸⁵. Ou mesmo a história das mulheres indígenas xavantes coletadores de sementes de Marãiwatsédé⁸⁶, que chegou a ser considerada a terra indígena mais desmatada da Amazônia Legal, localizada no nordeste do Mato Grosso, e que estão a recuperar e reflorestar o seu território “apenas” retomando o gesto crucial de suas anciãs: vão caminhando e coletando.

⁸⁴ Ver: <https://bitlybr.com/SGcPk5sB>. Acesso em: 30 nov. 2021.

⁸⁵ Ver: <https://bitlybr.com/TPpOGiO>. Acesso em: 12 jan. 2022.

⁸⁶ Ver: <https://bitlybr.com/En9OvDi>. Acesso em: 02 dez. 2021.

São histórias que contemplam, em dada parcela, grandes caminhadas, a caminhada como fundamento ancestral, como base de comunicação, na floresta, o caminhar e as suas transfigurações em outras movências é que ditam o ritmo da vida, é o lugar dos refúgios possíveis: “a Floresta – conjunto das linhas e elementos que recobrem o homem com uma malha vegetal – oferece assim aos marrons um refúgio, uma cidadela, um lugar de vida privilegiado” (BONE, 2020, p. 17).

Na floresta, rezamos involuntariamente, e ela é também o único lugar do mundo em que Deus se faz próximo; Deus parece ter criado as florestas para que nelas oremos como em templos sagrados; um reza de um jeito, outro, de outro, mas todos rezam. (WALSER, 2017, p. 83).

A cidade, por sua vez, não se conforma em ser cidade, quer sempre conformar a floresta e vive sempre a nomeá-la, tanto quanto impede e pragueja diante de qualquer envolvimento, qualquer germe de criação. A cidade não deixa a floresta em paz: “eles ficam agrupados numas poucas cidades espalhadas aqui e ali! Entre elas, no meio, é tudo vazio! Então por que querem tanto a nossa floresta?” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 387).

Dion Workman (2014), no texto *Introdução ao pensar como uma floresta*, nos intriga a “pensar como uma floresta”, que nada mais é do que a possibilidade mesma de sermos *resselvagizados*. Isso exigiria, segundo ele, um amplo processo de descolonização da mente que passaria por modos afins de afiar os sentidos e readquirir habilidades perdidas, e assim projetar a “incivilização” acrescentando-nos de “florestidade”.

“Nossa espécie se desenvolveu na floresta”, ele diz, é o ambiente em que vivemos e proliferamos durante boa parte de nossa curta estadia na terra. Essa história, a dos que se alinham e se vinculam à floresta, é a história sufocada que continua a rasurar a nossa imaginação, suplantada por uma ruidosa e sistemática imaginação de cidade. Ele afirma ainda que uma cidade sempre em expansão (um pensamento metrópole) é o que há de mais distante enquanto ambiente para habitarmos exatamente porque somos criaturas da floresta, e sabendo disso, faz o alerta: “um grande cuidado é necessário para evitar a descida a um outro tipo de miséria”.

Pensar como uma floresta, portanto, é esse “grande cuidado”, o de escutar a multidão de vozes com que o ambiente se anuncia, é ouvir as considerações e as demandas sem a ambição de interferir, é deixar o ambiente caminhar por conta própria e começar a

seguir os seus direcionamentos, linhas e diretrizes, é aprender a caminhar junto, é fazer caminho, e para isso, talvez seja necessário ousar ferramentas que possam vir a auxiliar-nos nesta prática de escuta.

A floresta é um organismo vivo e é “cultivada” pelos hábitos de vida indígenas e de todas as espécies que o habitam. Não seríamos nós, artistas, os responsáveis por (re)popular o imaginário com uma linguagem e com imagens que sejam mais complexas para que possamos pensar a complexidade do mundo tal qual ele se apresenta para nós? (BARRETO, 2020/2021, p. 116).

Assim, conscientemente fugidos da derrocada da civilização, o ser primitivo, o dito selvagem, é uma herança genética nossa e que nos impele a “redescobrir no seio da floresta nossa própria potência” (BONE, 2020, p. 17), em uma luta que se dê através da reorientação rumo a outros fluxos de significados e outras articulações – arte e vida, por exemplo – capazes de restaurar e regenerar um imaginário que reconduza a atenção de nossos gestos e cuidados.

Não se trata, porém, de ceder a um imperativo genérico que nos tange a literalidade de sair da cidade, de ir à floresta, “morar no mato”, ou de virarmos “povos da floresta” – e aceitarmos essa herança ancestral –, de se opor à cidade como um livramento, como a mudar o canal nauseabundo do mundo. A possibilidade existe, é certo, mas não deve ser imposta como um modelo e/ou uma rota linear que indicasse a qualidade necessária para se integrar à luta, ou às artes que visam às lutas.

Isso pouco poderia firmar-se enquanto ação eficaz; seria diminuir, reduzir e esvaziar a luta, visto que não se trata de se ver forçado a se juntar (como a se filiar) a uma política já estabelecida. O desterro a que fomos submetidos só pode ser enfrentado sob uma conjugação de linhas de criação e não é em todos os lugares em que se está apto a criar; o mundo é grande e não se pode se unir a tudo e a todos. Retomar é também retomar desde aquilo que se viveu, é estar disponível a possibilidade de nos refazer e nos reterritorializar em comunidades ainda por vir; e o encontro é a experiência que deve umedecer a linguagem com que fazemos rastro em nosso chão.

A catástrofe avança, invade, cerca e dizima a floresta; em tudo desmatado, chega para dizer e definir o que é e o que pode ser floresta. A forma-metrópole, a rigor, é irreduzível ao espaço-cidade. É pressuposto que a cidade, a cidade-colonial, tanto quanto

a cidade-metrópole, duas facetas do mesmo orgulho civilizatório, sejam alvos de uma grande renúncia. Pra tanto, a fuga e a desobediência não devem se referir e se limitar a ações e políticas exógenas, empenhadas desde fora: *selvagizar-se* o é desde a cidade porque toda cidade foi e ainda é floresta.

Se cidade se desmorona e pouco se importa que muitos ainda estejam aqui, sem qualquer tipo de abrigo e/ou proteção – e não é aqui, afinal, o nosso grande desterro? –, que cidade é essa que está por vir independente do que quer façamos (a vida balanceada entre infernos?), mas, do mesmo modo, que cidade é essa que estamos dispostos a fazer vir? Romper os muros da cidade, por indicativo próprio, por fruto de sua própria malha insustentável, é simplesmente deixar a cidade desabar na força daquilo que sempre forçará o seu caminho, ou seja, é deixar a floresta praticar e continuar a enunciar a sua incipiente, vagarosa e persistente qualidade de erva daninha: "sempre observei a cidade como um muro. É comum as prefeituras ficarem zangadas com árvores que arrebatam as calçadas. Eu gostaria de conclamar todas as árvores a quebrar mesmo as calçadas da cidade" (KRENAK, 2021, s/p).

Responder a isso significa aprender a contribuir desde onde se está, do território-chão em que se vive, é ousar pensar-sentir e encontrar a floresta desde onde o chão em que se pisa. A “luta” são sempre “as lutas”, e se firmam, afinam e se fortalecem desde uma inteligência e um processo de comunhão de massas; se constroem e se revigoram desde um impulso coletivo que movimenta um corpo político dinâmico que capaz de assumir diversas frentes através de redes e cadeias de gentes e outros tantos agentes, humanos e outros que humanos.

E se são muitas as formas possíveis, nenhuma delas pode ser pleiteada e/ou taxada sob uma pressão de grupo que reclame uma conexão ou transmutação, como se participasse um dever maior de tornar-se ou de encaixar-se nisso ou naquilo, abandonando tudo o que se vive e se viveu, como a zerar a sua história, desrespeitando a trajetória, os aprendizados, os batizados. Não se pode ignorar, neste caminho, que os corpos e *corpas* não lutam do mesmo modo e não estão situados e/ou engajados sob as mesmas demandas e diretrizes.

Crucial nesse processo é agir em acordo ético com as suas próprias circunstâncias, sem afobamento, sem se subjugar a uma linguagem que não te implique de modo criativo; a luta é a própria vida em estado de criação latente e não exige currículo. O pré-requisito

é agir lá onde se pode ser útil e ativo – sem atropelos –, onde se possa aprender a fomentar as relações e reconhecer as alianças nos lugares onde sabemos e podemos nos mover de modo a fazer circular a nossa potência.

A luta, por fim, é um respeito inalienável às lutas que estão sendo travadas – lutas reais e não delírios paralelos – e diz de um estar atento de modo a honrar os povos de trajetória tanto quanto a trajetória dos povos, o saber compor é sempre um saber ouvir o que se disse e o que está sendo dito: de que modo você se oferece à luta; de que modos você fortalece e serve à luta?

CRIATURAS INDESEJADAS

Fazer proliferar, consumir zonas de contaminação por meio de sistemas de troca em que todos ganham, produzir caminhos sem parasitar os caminhos já traçados por outros, ouvir os caminhos e respeitar o seu caminho; introduzir estados de cooperação, reconhecer as aberturas e os respiros, traçar as linhas de ebulição de nossas sensibilidades, insistir e se insinuar nos cruzamentos, nos escambos entre práticas, nos rebuliços entre colagens, no vaivém do fluxo entre montagens e desmontagens; conjurar e invocar os seres mágicos, as criaturas indesejadas.

Uýra Sodoma é a *Árvore que anda*, uma entidade-drag-monstra-indígena-amazônica, de Manaus (AM), que emerge e se desloca em meio as metamorfoses e simbioses das paisagens ambulantes que integram a mistura virulenta e intercambiável entre cidade e floresta. A performance de Uýra desvela a falácia de que existe a cidade e para além dela a floresta. As ruas da cidade comportam florestas morando embaixo delas, sufocadas, mas inteiras e vivas, à espreita, em prontidão. "As ruas das cidades tropicais têm floresta dormindo debaixo delas", aponta Emerson Pontes, que encarna e incorpora Uýra, fazendo menção a Ailton Krenak. A mata ainda está aqui, entre nós, nos perscrutando. A cidade enquanto infraestrutura hegemônica nunca fora capaz de expurgar completamente seus traços de floresta, que podem até ter sido colocados em coma, mas ainda estão; a cidade é medonha, barulhenta, aterrorizante, mas não há lugar

algum em que as matas não apareçam ou reapareçam, se a cidade é insone, a mata dorme e pernoita estes sonhos, se insinua sempre por uma vontade multiforme, porque a floresta é repleta de línguas e linguagens e canais de comunicação, é poliglota (ALBERT, 2018). Uýra surge em meio as ruas, é ser encantado movendo-se como um reverbero na medida da camada do despertar do que é vivo e que exige respirar, rasgando a superfície frágil da cidade, destas ruas estéreis e rasurando a violência transfigurada em paisagem urbana. Uýra desponta de um caldo fervente, de uma fratura, que desmantela a estabilidade e a pureza dos espaços, sempre em movimento e sempre sendo digeridos por uma infinidade de organismos, se a cidade come, o seu retorno é ser carcomida, a boca da mata está sempre aberta para fazer a deglutição. No tempo da floresta, tudo irá ruir, a floresta fará tudo ruir. Uýra Sodoma é parte de um quilombo de seres que culminam e que foram esculpido pela terra.



Uýra Sodoma, Série Elementar: Rio Negro. Foto: Ricardo Oliveira.
Fonte: <https://bitlybr.com/JJ7Y5>

Por sua vez, Sarita, a drag-persona de Gabriela Luz, de Belém (PA), integrante do coletivo de Themônias⁸⁷, em uma outra chave, mas seguindo caminhos similares, se monta-deforma do lixo que recolhe em percursos nas ruas da cidade de Belém.

O lixo passa a aderir e monta-molda-entulha o seu corpo travesti e ajuda a contar a história do que é a cidade e o que a cidade nega e do que a cidade faz com os corpos e as *corpas* que são impedidos de integrar e irrigar a cidade de outros caminhos. A cidade, sempre propícia a uma profusão de epidemias sem cura, atravancada de corpos e dejetos, pústulas humanas que se recusam a ir-se, que não têm onde ir, mas que encontram sempre lugar onde ficar, onde se estabelecer, mas que acabam ficando, inflamações que são.

Sarita opera uma desconstrução inclemente que debela a reconstrução de corpos fraturados e ressoa uma multidão de corpos em cura. Seu gesto é um índice raivoso. Ela é uma incisão e coleta-junta-costura no caldo desse tudo que não presta e é qualificado e como desprezível, ela percorre as vísceras de um mundo apodrecido, ela que é uma espécie de encarnação bacteriana que se enreda e em meio a cultura do desprezo e do descarte, e que caminha a desorganizar as categorias hegemônicas.

A cidade quer exibir-se a si mesma, mas suas ruas estão imantadas de monturos, é de lá que Sarita vai buscar-se, esfregando-se violentamente na cara deste corpo imundo e autodestrutivo da cidade, a cidade, este espaço repleto de violações. Toda essa sujeira, tudo aquilo que impregna na nossa pele é da ordem do pegajoso, é uma crosta tóxica, o corpo fica poluído, pesado, fatigado. Em meio a isso, a tudo o que desejamos avidamente nos afastar, tudo aquilo que suscita o nosso nojo, fruto de nosso consumo, Sarita atravessa o deserto e o terror dessas necroses urbanas, destes espaços sub-humanos, e crava a emergência de inumanos monstros reacendendo outros porvires: monstros que fagulham notícias de um outro mundo: Sarita também é ardente de restos⁸⁸.

⁸⁷“A Themônia com “TH” é a resignificação da demonização. Themonização não é apenas sobre a ironia com demônio cristão, mas as formas com que as coisas que são vistas como “coisas do demônio” são na verdade nossas essências e trajetórias, pois nossas vivências são demonizadas” (FLORES ASTRAS; SARITA, 2020, p. 13).

⁸⁸ Referência a Manoel de Barros em poema sobre o artista Arthur Bispo do Rosário. “A.B DO R. Arthur Bispo do Rosário se proclamava Jesus. **Sua obra era ardente de restos**: estandartes podres, lençóis encardidos, botões cariados, objetos mumificados, fardões da Academia, Miss Brasil, suspensórios de doutores – coisas apropriadas ao abandono. Descobri entre seus objetos um buquê de pedras com flor. Esse Arthur Bispo do Rosário acreditava em nada e em Deus”. (BARROS, 2013, p. 326, grifo nosso).

Se a cidade não nos convida a permanecer sãos e saudáveis, talvez seja a hora de enlouquecermos, e pelo corpo, por meio de performatividades desobedientes. Sarita quer contribuir para essa destruição, para o completo desfazimento, ela caminha e faz-se a partir das ruínas do que nomeia de *heterociscapitalismo*. Seu trajeto incendiário se dá na explosão de desvios e processos mutantes. Sarita é rejeito, é resto, é ruína, é grito: mostra de *corpa* entre corpos esfacelados. É atravessando o emporcalhamento disto que se roga cidade que ela se debruça sobre a feiura que faz crescer a cidade, do que a cidade é e insiste em negar e rebaixar, ela faz e diz a sua própria cidade, outra, radicalmente outra.

Será que com Sarita – e tantas outras – se pode ainda dizer que somos todos limpos? A cidade é disforme e contém a estranheza de nossas deformidades; com Sarita, no entanto, incorporando estas feridas vivas, a cidade só pode ser se movida por uma ética-estética mutante que almeje sempre um grupamento de estranhos seres nascentes que se atrelem por entre e dentre gestos germinativos.



Sarita, 2021, São Sebastião da Boa Vista/PA. Foto: Allan Costa.

4.

PERFORMANCE(S)

PARA

ESCONJURAR

CATÁSTROFES

Meus passos vão firmes. Até a terra treme. Quando caminho, é um bisão que caminha.
Quando paro, uma montanha descansa.

(Werner Herzog)

Performer: “un chamán que perdió su camino” (GOMÉZ-PEÑA, 2005, p. 214). Fazer performance e/ou caminhar por entre performance é o gesto seminal na tentativa afiada de embrenhar-se junto às linhas de encantamento da vida.



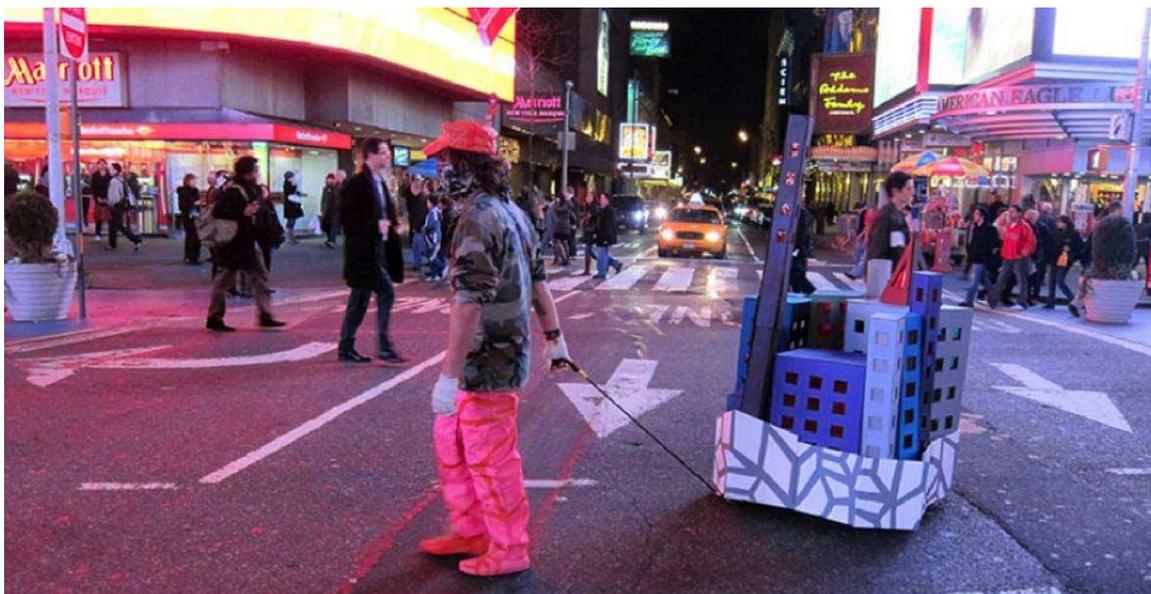
Francis Alys, *The Collector (O Coletor)*, 1990-1992. Fonte: <https://bitlybr.com/Yg3tg>



Artur Dória, *Os amigos que desconheço*, 2018, Belém. Foto: Romana Melo.



Allan Kaprow, *Taking a shoe for a walk* (Levando um sapato para passear), 1989.
Fonte: <https://bitlybr.com/gEvP7>



Alê Souto, *O caminhante e sua metrópole móvel*, 2009, Nova York. Fonte: <https://bitlybr.com/NVXdzXN>



Mona Hatoum, *Performance Still*, (1985-1995), Londres. Fonte: <https://bitlybr.com/zQQet>



Regina José Galindo, *Quién puede borrar las huellas?* (Quem pode apagar os rastros?), 2003. Fonte: <https://bitlybr.com/sifP>



Francis Alys, *Zapatos Magnéticos*, 1994, Havana, Cuba. Fonte: <https://bitlybr.com/BO7wL0f>

4.1 Calçados *percolhidos*

O que se segue neste caminho é a linha ritual que encontrei para continuar a escrever junto a esse apanhado de corpos, que, no mais, trazem consigo as potências de suas próprias performances e, como tal, outras qualidades de corpo, visto que são corpos em profundo estado de refazenda: “é através da existência do corpo como um suporte de saber e memória que vem a se potencializar uma infinidade de possibilidades de escritas, por meio de performances, formas de ritualização do tempo/espço e consequentemente de encantamento da vida”. (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 50).

O primeiro passo que encontrei foi banhá-los para livrá-los das sujidades e agruras a que estavam expostos. Eu os conduzi até a minha casa, a casa a que eu acabara de me mudar, e sua presença prenunciava a necessidade de um cuidado que me permitisse um outro movimento de acolhimento, não mais apanhá-los e gentilmente acomodá-los junto ao carrinho, mas segurar, conversar, e ouvir cada um deles, saber de sua condição, de seu estado, de suas necessidades e assim, neste gesto tão comum quanto íntimo, eu os preparava para a casa tanto quanto preparava a casa. Esse banho, portanto, pode ser dito como um modo de receber esse encontro e reconhecê-los frente aos escombros do

mundo; quando lhes digo que o mundo é sem fim é quando encontro uma maneira de dizer “sou seu amigo”.

Os amigos que desconheço

#Banho

16.12.2018



Diante da rua, um altar concebido para receber os calçados *percolhidos* durante as caminhadas. Um de cada vez, todos foram cuidadosamente retirados do carrinho e sujeitos a um longo banho. Foto: Artur Dória.

A ação de limpar não só o corpo mas também o ambiente em que se está tem uma dimensão espiritual, enraizada nas origens da religião xintoísta. O deus Isanagi lavava seu corpo para se purificar após uma jornada no submundo da morte. Conforme limpava sua pele divina removendo as contaminações do submundo, várias entidades, deuses de multidões eram criadas. (MARSHALL, 2001, p. 26).



Pés de pássaros, caminham sem deixar rastros, pés que sabem voar, pés que habitam a superfície pequena que situada entre o céu e a terra, pés que pisam a terra e miram o cosmos. Foto: Artur Dória.



Banhar os calçados, aprender a recebê-los em casa. Foto: Marton Maués.



Um banho para os calçados acompanhado de um café da manhã ofertado aos amigos, os amigos que já conhecíamos; acolhidas em simultâneo. Foto: Marton Maués.



Todo cuidado ainda é pouco para quem pouco anda. Foto: Marton Maués.



Um calçado protótipo ainda não inventado dançando os passos como se os estivesse aprendendo, que seja isso como uma catapulta, um batuque de maracatu na avenida em pleno carnaval. Fotos: Andrea Flores.



Foto: Marton Maués.

É possível pensar o calçado como um elemento de pulsão afirmativa que se atrela rente ao extremo do corpo. Com isso, o calçado produz avanços, instaura movimentos, lança novos caminhos. Torna o corpo equipado e alimenta sua capacidade de resposta intensiva frente aos fluxos por onde a vida prolifera. Uma força que se firma no e pelo extremo, que dilata as perspectivas de criação. O corpo se expande de um determinado extremo, o extremo dos pés, da necessidade de protegê-los, estes que estão sempre em estado fronteiro, experimentando o limite.

Montar a defesa do corpo passa pela lógica de produção do abrigo. Cobrir os pés, revesti-los, mantê-los seguros, diminuir seu nível de exposição aos riscos oferecidos pelo terreno e pelo ambiente. Defender os pés para tornar-se apto a atacar o terreno. Os calçados liberam os pés para uma caminhada mais voraz.

Defender-se não é assumir uma posição explícita. Trata-se de estar pronto, deliberando a exata medida do cuidar, responsável entre outras coisas por monitorar o regime dos excessos. Os calçados podem ser convocados conforme exigências práticas, e por vezes, não são exigidos. Pode-se andar descalço carregando os calçados e usá-los apenas quando requeridos.

O cuidado com a defesa dos pés passa pela compreensão da existência de um confronto imanente e intermitente próprio à condição de vivente: não existe lugar seguro. Pode-se, entretanto, produzir espaços de segurança, o que torna a noção de segurança, desde já, um estado fictício, necessita sempre de constantes reinvenções, rearranjos, não obedece a uma função estável. A questão, nesse caso, passa pela produção de saberes coincidentes que variam entre o saber manter-se distante e o saber se aproximar. O calçado, comprimindo estas noções parece dizer: *manter a distância é saber se aproximar*. Os pés habitam calçados para poderem se manter em atividade; é uma profusa relação ética.

Isso conduz ao ponto oposto complementar, em que nos despimos dos calçados, que em nada tem relação com abdicar de um cuidado. O pé, em seu extremo, expressa um desejo de conexão, carrega uma ânsia descalça, vontade de descansar na embriaguez de se sentir presente, de saber que chegou, que aqui está. Os calçados fazem a gradação da experiência, potencializam a tensão, alargam os possíveis. Constituem-se como linhas de frente. Os pés liberam os sentidos. Andar descalço é saber pisar na terra, pisar suavemente, com respeito e reverência é praticar o extremo em sua santidade, andar como usasse um calçado. O calçado é uma imagem pensada pelo pé. O pé resiste em sua condição de terra, de saber-se parte da terra.

um calçado oco na rua

uma pele que descascou

Estes calçados, juntos, formam um compacto mosaico de desconhecidos fabulados com uma intensidade que os extravasa: pés que se despiram para o colapso do mundo exposto na cidade enfrentar. Um povo invisível-fictício, sem rosto, sem corpo, composto por todos aqueles que ousaram desabrochar e andar descalço na grande cidade; deles, só advêm um breve sopro corpóreo inspirado pelos calçados à deriva.

Assembleia caminhante feita por um, por todos e por ninguém, que funciona como um momento afirmativo, que marca o levante, traz à tona, produz. O performer caminha para dizer que não está sozinho, traz consigo o peso de outros que não sabe quem, mas sabe que são seus amigos e dividem a mesma trincheira. Caminha em rito de animação, propõe uma convocatória, caminha e canta atrelado a um povo que falta e sabendo que, a partir do momento em que fincar seus pés descalços não será mais possível voltar atrás: estará afirmada a guerra. Corpo-cidade: enfim começou.

Uma quantidade imensurável de calçados jogados, abandonados, perdidos por entre as ruas da cidade. Um tipo peculiar de dejetos que parece guardar íntima relação com as dinâmicas da própria condição da cidade. Será possível, examinando essa peculiaridade, apontá-los como lixo característico destas? Se sim, não são únicos, porém, parecem ser especialmente capazes de produzir uma gama de imagens que contêm versos acerca de um desgaste reticente imputado ao corpo. Serão eles testemunhas materiais de um desaparecimento terrestre?

Podem, em larga medida, ser tomados enquanto indícios, a pegada sobressalente, ainda que circunstancial – fictícia até – que podemos encontrar acerca da passagem de determinadas pessoas sob determinado lugar, funcionando como um duplo indicativo, material e imaterial. Essa evidência se conecta diretamente a propriedades corpóreas, dentre elas, peso e locomoção. Denotam uma ausência de aderência, de fricção com a cidade. Estão onde sempre estiveram, no chão, mas falta-lhes uma camada de pressão fundamental. São ocos, vazios, casulos fantasmas.



Chiharu Shiota, *Dialogue from DNA* (Diálogo do DNA), 2004.
 Fonte: <https://bitlybr.com/qDQMqfa>

Os calçados estabelecem, via de regra, um limite possível entre o pé e o concreto ou o asfalto quase impossível de pisar descalço (considerando preferencialmente aquelas cidades de clima quente). São as vestimentas do corpo mais resistentes – as que sofrem mais abalos e contatos de toda sorte – e as que oferecem a segurança necessária, funcionando como motor de estabilidade do corpo. Sua presença ativa uma primeira compreensão sobre a relação corpo e cidade: não é de modo algum uma relação de equilíbrio constante. Há o corpo que pesa sobre os calçados, mas há também a cidade que pesa sobre o corpo. Os calçados podem acontecer como uma lembrança constante, ainda que sufocada, voluntariamente esquecida: não são capazes de proteger os pés por inteiro, que dirá o corpo.

Mas queremos considerar um outro viés, não no calçado como um dado em si, mas no pé, imaginando-o como um desabrochar, órgão independente, e o calçado, agora sim, como a evidência de uma transformação corpórea, e não de uma ausência. O calçado como um habitat de transição em que o pé sempre o extrapola, está só de passagem. Uma fábula? O pé abandona a segurança do calçado e assume os riscos de pisar no sem fundo desnudo da cidade; ação direta? É talvez uma perspicácia ou uma aposta sensível: o pé pensa o caráter de concreto massivo da cidade também como um limite e, por isso, uma falsa pele da qual a cidade pode despelar-se. O pé luta por esse encontro, acha que cidade e corpo, nesta cidade grande, ainda não começaram. O pé descalço traça uma nova amplitude para este novo corpo, que é também um retorno a um corpo ainda mais antigo. O pé é o primeiro que assume a guerra.

OS POVOS DESCALÇOS SE LEVANTAM

Para cada um deles fiz e ofereci um patuá. Findo o banho, uma nova passagem fazia-se necessária, ainda estavam ali e era preciso continuar a assumir a responsabilidade pelo ato e pelo trabalho a que me dispus fazer. Eu procurava agora me dirigir aos que estavam despídos destes calçados, os que seguiram descalços. Será possível pedir proteção para os pés que um dia pisaram estes calçados?

Para isso, me detive a traçar uma conexão mais profunda, uma ligação que atuasse como uma comunicação de forma a entrelaçá-los frente a um rigor, uma inscrição que os resguardasse, um vínculo que sustentasse um canal, como um pacto de forças coincidentes em que meu corpo fizesse corpo com o pouco de corpo que neles estava impresso, resquícios que conduziam fragmentos de memória.

Para isso, reuni uma gama de impressões digitais, vestígios e substâncias que revestem a superfície da cidade que pudessem servir de suprimento, suplemento, ou apenas fizessem uma menção, uma medida de força, uma linha recíproca. Materiais que há muito eu havia começado a recolher, seja por curiosidade em relação a sua inusitada e insuspeita ocorrência urbana, seja porque me pareciam fazer as vezes de atratores. Ligas de cabelo e clips para papel, materiais para prender, para atrelar uma coisa à outra de modo provisório, se juntavam a terra, a pedaços de uma folha seca de espada de São Jorge usadas durante a caminhada de batismo e que

guardei junto ao carrinho, e fios de meus cabelos que foram cortados no momento de preparação dos patuás.

Um patuá, portanto, para que lhes pudessem prover condições de pisar qualquer tipo de chão. Não que não pudessem pisar por si só, e por isso meu gesto se fez como um modo de rogar para que caminhassem bem, um desejo de uma boa caminhada; o patuá era assim uma trouxa que portasse algumas pequenas garantias para uma estrada bendita aos pés. Descalços sim, é verdade, mas nunca descalçados de todos os cuidados, e qualquer pequeno reforço seria recebido de bom grado.

A partir dos calçados eu me fiz mensageiro, um condutor de pequenas impressões de corpo. Todos aqueles materiais reunidos foram embalados em pequenas trouxas, um patuá para cada pé. Um patuá, portanto, para calibrar e condensar energias e prover um oferecimento que fizessem coro àqueles que não mais ali estão, e com isso, conceber uma presença que interpelasse as suas ausências.

Eu compreendia que estes calçados podiam ser referidos tanto como portais quanto como auscultadores e que por isso pudesse sentir a respiração e a vibração dos pés que um dia acolheram. Era esse o tipo de imaginação criadora a que eu me entregava: o propósito era lhes nutrir os caminhos, porque sei que para quem ousa ir descalço serão sempre áridos, assim como também sei que ir descalço é o próprio caminho, a disciplina que encontraram para inaugurar seus novos passos. Eles fizeram o que tinham de fazer, eu faço o que fiz de fazer.

Os amigos que desconheço
#Patuá
06.01.2019
Foto: Artur Dória



Procurem por mim no solo para além das solas dos meus pés. faça-se um ultrassom cósmico que revele aquilo que gesta no útero da terra. poderão ver, como vejo agora: pés rasgados e famintos, caminhando mundos, sonhando matriarcados. Foto: Maria Mãe D'água.



Virei tambor quando a chinela quebrou, descalço na lama de chuva e suor.
Foto: Maria Mãe D'água.



O pé no calçado não é uma sobreposição, é uma encruzilhada. Foto: Romana Melo.



Oração-feitiço para reforçar e me conectar à energia daqueles que pisam guerrilhas, descalços no desconhecido. Foto: Romana Melo.



Que a luta em seu dever floresta forneça facões de caminhos e cóleras de emboscadas no enfrentamento à nossa doença de cidade. Foto: Artur Dória.

BENÇÃO AOS PÉS

Cuidei dos calçados para cuidar dos pés, agora cuido dos pés para cuidar dos calçados. Cuido aqui, presente este momento, para me conectar com o que não pode estar, com o que não posso ver, com o que não sei como, com o que não sei quando, com o que não conheço. Cuido para abrir frestas de respiro por onde pareceria improvável - quiçá impossível dado certo tipo de pensamento -, e tecer relações. Cuido sob os cuidados atentos destes que cuidei e que agora me conversam e indicam por onde seguir, o que fazer: sou um intermédio, um mensageiro caminhante de suas demandas, não almejo nada além desta responsabilidade sensível; fazer passar o que passou e o que continua passando.

Aqui digo dos caminhantes que todos podem tornar-se, é que insinuo caminhos, faço a partilha, ofereço-os; espaço de comunhão e contemplação. Fecho o ciclo deste entreposto de abrigo, não os posso ter comigo por tempo indeterminado, não me cabem, devem seguir caminho e não lhes posso definir. Não seguem a sós, entretanto. Suas forças foram pacientemente cultivadas na medida do fazer miúdo que fui capaz de lhes destinar e restituir, foi necessário tê-los por perto para saber/aprender de suas distâncias.

Não bastou percolhê-los e trazê-los comigo à minha casa, foi preciso antes sonhá-los, caminhar junto a eles até a beira do fim do mundo, para, enfim, passar a outro mundo. É este, portanto, o tempo-espaço em que o sonho se reúne ao alcance de seus pés, os seus pés, vocês, a quem ousou conhecer. Assim como outrora recebi os calçados, acolhendo-os e interrompendo o seu estado de deterioração/decomposição, eu agora recebo e me dirijo a seus pés para fazê-los lembrar/despertar que nesta encruzilhada de incontáveis passos perdidos, é sim possível nos povoar de encontros (impossíveis ou não), ainda que o encontro seja fruto de uma necessidade de fuga.

Este intercurso de acolhimento dimensionou um entre tempo embrionário de aprender/apreender restos/rastros e de como consegui-los em suas pequenas fissuras e infusões, de alargar os sentidos no prumo, rente àqueles que

caminham sem fazer alarde, que caminham com a terra, com o chão tecido na planta dos pés.

No ato conseqüente, após assumir a linha de frente da retaguarda e fazê-los seguros em minha residência, teci a limpeza, o asseio, aspirei contato com suas texturas, fiz o zelo de lhes ouvir em seus tormentos, suas feridas, todos marcados por cicatrizes inaudíveis. Acolhi suas presenças esfarrapadas, não fiz lhe menção de consertar, são aquilo que estão, não cobreí que fossem mais, muito menos que se tornassem úteis, meu trabalho não é por reciclá-los, não são para o agrado de pés porvir, são a superfície ranhosa de pés que foram.

Fiz passar pensamentos com o banho que lhes dei, produzi silêncios e espaçamentos para que pudessem estar consigo; tudo isso, que a cidade, em sua aridez desértica, lhes negou. Fiz aquilo que eles não podiam enquanto monturos tombados no chão urbano impermeável: inventei caminhos possíveis para que pudessem sonhar os pés que já não os pisam mais. Tudo o que fomos compondo em nossas artimanhas de feitiços e orações não se reduziu ao que acontecia no presente, no aqui agora do ato ritual, toda a nossa relação se dirigiu a um pensar/fazer com o que ficou para zelar/cuidar/acolher os que se foram.

Em outro momento, passado o banho, quando restaurados de harmonia e tranquilidade, ofereci-lhes pequenos conteúdos que surgiram a mim - e não questiono o chamado das ruas - elementos que invocam e rezam proteções, materialidades para fazer a autodefesa e o autocuidado. Congreguei, me uni a eles, enlacei meu corpo às suas superfícies.

Estes foram os tempos íntimos que dediquei a eles, tempo que, certa forma, permanecerá inacessível, senão como um registro de ação, e ainda que alguns tenham testemunhado, foi a certa distância inadiável, sem maiores explicações sobre o que acontecia. Agora, o momento íntimo (interno) é também um momento público (externo).

Fui com eles até onde pude, acompanhei a minúcia que tateou seus caminhares por terrenos degradados. Eles estão transbordando. É chegado o

momento de fazer participá-los, de distribuir e assim retribuir a energia que percolhi junto a eles: os amigos que não são meus, os amigos que não me pertencem, os amigos que desejo que vocês também encontrem/sejam. Fui este, performer caminhante, a quem seus caminhos se cruzaram de modo remoto, caminhos que desde sempre estiveram inalcançáveis. Ousei, porém, insistir, ver aquilo que já não estava mais, ver aquilo que não podia ser descrito (e como descrever o caminhar descalço de outrem?), mas que, de algum modo, e através destes calçados, fez-se e faz-se vívido.

Faço aqui a força síntese do que ofereci aos calçados. Banho e proteção. Os calçados tornam-se testemunhas de seus pés. Os calçados os acompanham atentos, e podem ser levados, se assim desejarem. Escaldo os pés para fazer perpetrar e retroalimentar a vitalidade que concebi me aliando a estes. Faço isso para que os pés despertem por outros modos de caminhar, para que seus pés possam erigir sentidos ainda não sonhados, que possam criar ficções que imaginem mundos repletos de superfícies em que desejemos pisar descalços.

Ao invés de devolvê-los, faço caminho adiante neste médio, o intercuro distributivo das responsabilidades e probabilidades, dado que lido com algo maior do que sou capaz de sustentar, e do qual pouco sei. Não lhes posso, adiante, dizer quais são, sei que existem ou que caminham à procura de existência.

Não sendo possível retorná-los, não mais os mesmos, deixo a vocês, que também são outros, como eu também fui e estou, que aprendam. Podem levá-los, mas não os levem a sós, de qualquer jeito. O que ofereço aqui é somente um pequeno cuidado motivado pelas visões dispersas que tive e que tenho, sendo ainda preciso apurá-las com maior rigor. Não espero e tampouco desejo, que se firmem duráveis. Nada mais do que a liberdade de movimentos co-criados e que por isso se potencializam no movimento produzido por um outro. Os calçados testemunham seus pés para que ambos possam se tornar outra coisa quando cruzados, em outras casas, sob outro regime de cuidados

Os amigos que desconheço
#Lava-pés
25.01.2020
Foto: Orlando Maneschy





Uma força de pé. Foto: Orlando Maneschy.



Pouco antes da pandemia de SAR-Cov-2, no início de 2020, eu lavei os seus pés e desde então, aqui estamos e continuamos. Foto: Joselma Dória.



Cuida dos pés e torna-te apto a pisar. Cada passo é um modo de ser empurrado pela vida, cada passo requer o rigor de um equilíbrio que por vezes pode ser enganoso. Foto: Orlando Maneschy.



Lavei também os pés de minha mãe e de minha vó, pés que me permitiram caminhar até aqui. Foto: Joselma Dória.

4.2 Entre pés e calçados: para não se perder de caminhar

Rápido e Rasteiro

Vai ter uma festa
que eu vou dançar
até o sapato pedir pra parar.

 aí eu paro
 tiro o sapato
e danço o resto da vida.

(Chacal)

Que tipos de pés exigem a constante proteção dos calçados? O que os calçados nos fazem esquecer ou naturalizar? Para prescindir dos calçados, desvesti-los, acirro a proposta de nos revestirmos de outras substâncias. Calçados desvestidos que eu uso na medida de fazê-los pés, como quem os vê, como quem os acompanha, como quem é guia na intimidade dos estados de cura. As condições são ásperas, evidente. Sapatos para caminhar, mas que nos caibam nos pés, sem o risco de amassá-los. O pé entregue a um constante estado de tortura, fruto de uma negligência. O pé como condição de atenção e cuidado. Os sapatos como pré-condição de sobrevivência, requisito de vida. E quem não possui sapatos, estará marcado, desde já, como um condenado? E quando os que estão descalços farão sentir vergonha aqueles que estão calçados? Quem são esses que estão calçados e que já não conseguem desfrutar os prazeres de estar descalços e de experimentar o pé?

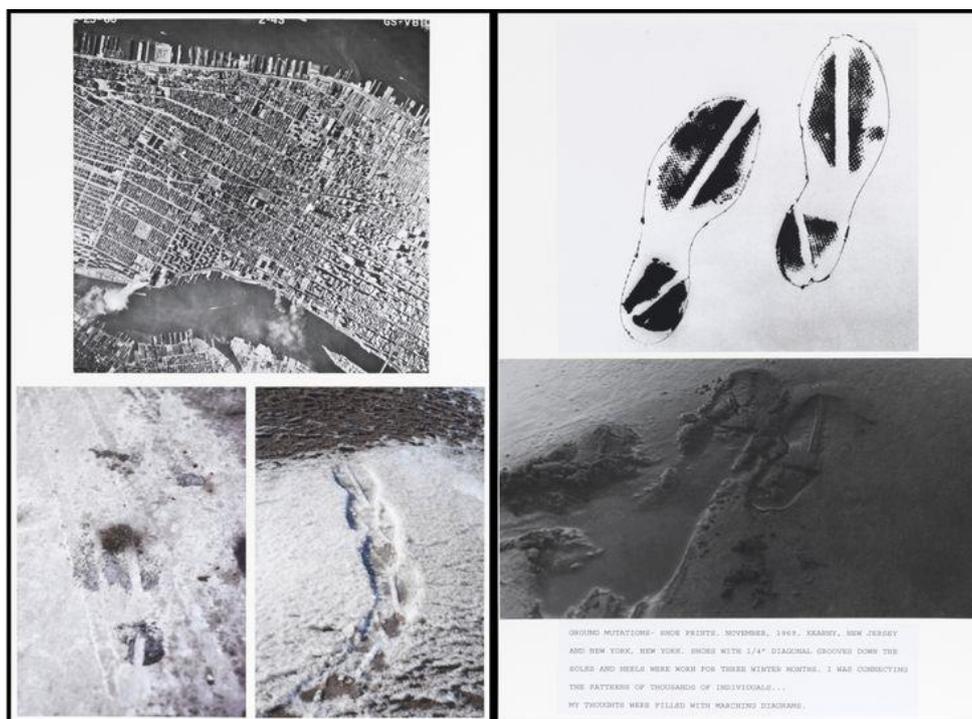
Mais da metade dos moleques do Centro anda descalça. A batida dos calcanhares e estalo das plantas dos pés fazem um barulho com o qual nossos ouvidos se habitua rapidamente, tornando-se mesmo uma música profunda que soa como o homem e o animal confundidos. Não seria justo guardar essa sinfonia apenas para nós. Quando os moleques vão passear nas belas ruas e nas grandes avenidas, vão descalços, e o educador que os acompanha fica todo envergonhado de estar calçado (DELIGNY, 2018, p. 58-59).



Jasper Johns, *Memory Piece (Frank O'Hara)*, 1961-1970. Fonte: <https://bitlybr.com/8Apgao>



Eu agradeço a tua fuga; oro para que isso figure como um sopro ancestral a varrer a toxi-cidade de nossos sentidos e que estes se ponham teimosos em povoar segredos pelo caminho. Belém, 2022. Foto: Artur Dória.



Com um par de sapatos modificados, o artista Dennis Oppenheim realizou durante três meses diversas caminhadas na neve nas cidades de Kearny, Nova Jersey e Nova York, e registrou as pegadas que deixava nos terrenos por onde passava. *Ground Mutations* (Mutações do solo), *Footprints* (Pegadas), *Shoe Prints* (Impressões dos sapatos), 1969. Fonte: <https://bitlybr.com/M5ruv3e>



A pegada é um rastro de cuidado, um termo de compromisso em relação ao chão onde se pisa? Belém, 2021. Foto: Artur Dória.



O artista Stanley Brown (1935-2017) fez o exercício de coletar pegadas ao espalhar uma série de folhas nas calçadas de Amsterdã. Após um tempo, ao voltar para recolhê-las muitas estavam marcadas com os rastros dos transeuntes que por ali passaram. Steps of Pedestrians on Paper (Passadas dos pedestres no papel), 1960. Fonte: <https://bitlybr.com/JtbDsiYG>

Tenho um gosto
elevado
para o chão.

(Manoel de Barros)

Se se pode dizer que a caminhada é uma atividade anticapitalista (MADRID, 2020) é na razão de ser situada como um dos exercícios ordinários que integram a(s) prática(s) que dão vazão ao ser parte do todo do mundo: caminhar nada tem de extraordinário, é tão somente andar e andar, põe-se um pé após o outro e logo se está caminhando, não sendo demandada uma técnica ou destreza física especiais, nenhum treino ou pré-requisito e muito menos vão ser exigidos longos e/ou exaustivos processos.

Assim, como negativa do capital, andar é um modo de estar perto e, portanto, desperto, é um como ativo, um comboio de gestos, um cumulativo de horizontes que vão nos aproximando e nos colocando junto às coisas: “nossos domínios vão até onde nossas pernas nos levam, pois só quem olha de perto, olha junto de, de um campo de visão comum, apropria-se de algo” (VELOSO, 2017, p. 147). Pode-se caminhar de vários modos ou inscrever diversas pluralidades ao caminhar, inclusive a ponto de alterá-lo significativamente, mas de todo modo, o caminhar é um fundamento heterodoxo e não-dogmático capaz de proporcionar uma eclosão de práticas⁸⁹.

A partir disso, nos permitimos regenerar a imagem dos pés como amplos dispositivos de interação capazes de articular e coordenar planos corporais híbridos e seus feixes de relações tão estranhas quanto complexas. Cultivar a imaginação do pé ou uma imaginação que se dê pelo pé está atrelada a uma aptidão para evocar as coisas que são intrínsecas ao ato; o pé é o que peleja: é o agir instantâneo, o tato mais evidente, o tato sempre em cheio que impulsiona uma ampliação dos processos de conhecimento ao simplesmente passar e deixar passar; ao ouvir o pé, muita coisa se passa e logo as coisas começam a se extasiar de pequenas partículas ou parcelas de fragmentos que se movem no mundo e que nunca cessam de colidir conosco, são elas que ao nos atingir acabam por nos esculpir.

⁸⁹ Aqui podemos traçar uma similitude com o que Isabelle Stengers chamou de ecologia das práticas, que seria a “invenção das maneiras que poderiam ensinar a fazer coexistir práticas diferentes, respondendo a obrigações divergentes” (2018, p. 445).

Sentado não tem sentido.

(Paulo Leminski)

Dizer que o caminhar veio primeiro (SOLNIT, 2016), em certo sentido, é dizer que o caminhar é tanto o antepassado quanto o nosso presente, nossa linha de frente; é o que sempre caminhou conosco, é o que veio e o que vem primeiro, é o que traz o calor das impressões, das coisas primeiras.

Caminhar é andar fazendo, co-criando caminhos, e prefigura um estado em transe, é matéria viva sempre em vias de se tornar em algo. O caminhar está sempre se movimentando em direção a outra coisa, sempre descamba ou alastra-se para uma forma outra. O desafio é acessá-lo, fazê-lo sempre em retomada, bendizendo-o a repovoar os nossos passos, os de agora e os seguintes.

Na história recente do assentamento das sociedades ocidentais, porém, ficou oficializada a leitura de que o árduo trabalho dos pés serviu proficuamente ao triunfo da cabeça e, com isso, ajudaram a selar a história cultural da “humanidade”. Ao realizar o trabalho sujo, os pés teriam liberado o resto do corpo que, por meio das mãos, dirigiram o “homem” em direção ao caminho da razão. A versatilidade e a sensibilidade das mãos, portanto, ilustram a posição superior do homem, realizam o que a cabeça pensa, são capazes de modificar e intervir drasticamente nos ambientes naturais de modo a produzir e implementar (impor) sua própria natureza (cultura). O antropólogo britânico Tim Ingold fala de uma “mecanização da atividade dos pés” (2015, p. 76), em que os pés não passariam de meras máquinas de locomoção, máquinas de pisar, contadoras ou coletadoras de passos. O pé, nesse conluio, é reduzido à marcha e exerce uma mera função utilitária, fator biomecânico; é o membro que carrega o corpo, é o escravo do corpo, um corpo que agora é medido pelo peso da própria cabeça.

Dessa forma, à medida que a cabeça triunfa, os pés e todo o complexo de ações que destes derivam vão ficando cada vez mais restritos, quando não obsoletos, e a vida (especialmente nas cidades, mas não só) deve nos fazer sentir cada vez menos esforço. O ato de andar é adensado de um significado pejorativo, é um ato degradante, em que

andar se torna sinônimo de sujar os pés (distinção de classe)⁹⁰; os pés deviam ser preservados, quiçá escondidos, e pessoas de traço elevado, comprometidas com a civilização, deviam se concentrar unicamente em usar a “cabeça”.

Essa leitura opera um desmembramento e uma hierarquização tecnocrática do corpo de modo a ordená-lo segundo categorias de funcionamentos e espelhamentos sociais. Contudo, esse triunfo que centraliza e referencia uma posição e um uso dogmático do corpo, nunca se efetua por completo, é sempre parcial, deixando vaziar uma falha no equilíbrio entre os gestos que se recompõem e se recombina em relação às perspectivas com que o mundo se apresenta e é apresentado nessa travessia de corpos por onde vibra a vida. Isso se dá porque não podem ser tomados em separado: pé e mão animam um ao outro de modo complementar. Todo gesto impulsiona e faz saltar um outro, não há corpo que não se movimenta ou que seja exigido em específico, toda relação é interdependente, todo movimento é sustentado por uma cadeia de outros movimentos que fazem o pensar do corpo.

O recurso contra insurgente (os modos de camuflar, disfarçar ou distrair essa falha), portanto, é dosar, bloquear e conformar certas capacidades de movimento, oferecendo movimentos mais do que fazer-movimentar, ou movimentos que induzem a ilusão de estar em movimento, movimentos que produzem imobilidade, movimentos desde uma posição imóvel. Os pés nada podem criar, afinal, são o oposto extremo da cabeça, devem apenas obedecer aos movimentos previamente projetados pelas mãos, devem ser assentados, acalmados, até que o corpo se esqueça de caminhar, não há mais a precisão de caminhar.

A condição humana se voltou, dessa maneira, a uma condição sentada⁹¹, de extrema imobilidade, com os pés reduzidos a um estorvo, alijados do mundo e aleijados perante o mundo (BRETON, 2018). A vida contemporânea, então, se insinua por uma torrente de estímulos, um bombardeio de imagens que funcionam como uma droga de efeitos

⁹⁰ Como em muitas cidades os pavimentos demoraram a ser implementados, a ideia de sujar os sapatos parecia inconcebível para os de classes abastadas, que passaram a reduzir ao máximo o ato de pisar no chão, andavam a cavalo ou de carroças, como medida preventiva de modo a manter os calçados sempre limpos. Um bom exemplo disso, é o termo “pé-rapado” que surgiu devido a um objeto de ferro colocado na entrada das igrejas e que serviam para que os fiéis raspassem as solas enlameadas de seus calçados. O uso era feito, em geral, pela parcela da população que vinha a pé, ou seja, os indivíduos das classes baixas.

⁹¹ Até o século XIX, porém, sentar não era um ato comum e disseminado, tratava-se de uma posição reservada a pessoas específicas, em geral, autoridades, principalmente o que concerne a utilização de cadeiras, ou seja, objetos de sentar. Para mais, ver Sennet (2014) e Ingold (2015).

instantâneos. Assim, se andar a esmo é perder tempo, ganha tempo quem vai mais rápido (GROS, 2010). Para isso, é preciso, sobretudo, interceptar esse movimento dispendioso (e entediante) em sua formação embrionária e fustigar os indivíduos com atividades altamente produtivas e que possam ser realizadas de modo concentrado.

Norval Baitello Junior (2012) descreve esse recurso, essa subtração, como a proliferação de um “pensamento sentado”, que, para ele, é o que define e faz alusão direta à nossa vida sedentária contemporânea, revelando tanto quanto reforçando as grandes conquistas do saber racional e escolarizado. O mundo moderno ocidental, assim, parece girar em função da posição sentada, que pode caracterizada, a grosso modo, por uma anestesia generalizada do estado andarilho, que carregaria consigo uma inquietude originária, e como tal, por ser irracional, não nos serviria mais. O objetivo estimulado é promover uma sedação que acalme as vontades e o desejo impulsivo por movimento, nos sujeitando a um outro tipo de errância, uma errância em que ao invés de nos movermos e nos reposicionarmos em direção às coisas, agora são as coisas que se movimentam, que passam ao nosso redor. Adotamos uma posição (visão) fixa e nosso corpo só precisa “afundar na poltrona” e “relaxar”⁹².

O andarilho é referido por ele como o “companheiro ou seguidor dos deuses do vento” (BAITELLO, 2012, p. 26). A mobilidade constante, desde muito, se caracterizou como um ato de defesa da existência nômade, um modo de não se deixar exposto aos perigos na medida em que exercita os sentidos em todos os eixos direcionais. Isso porque “o chão significava uma multidão de desconhecidos e conhecidos perigos, profusão de ameaças” (p. 20), e para estar ali, rente ao chão⁹³, fora necessário cultivar e experimentar ao longo de milênios uma série de capacidades maleáveis do corpo – ficar parado era uma condição de presa –, que resultou uma força de transformação expressa por uma agilidade fundamental, o que define a versatilidade e o incessante motor criativo de nossos corpos, e uma potência emanava diretamente dos pés.

⁹² Nesse caso, se trata mais de um passivo de corpo em que a cadeira representa e media esse pensamento, que é a condição de um corpo que não precisa estar em atividade – em movimento contínuo –, ou que sua atividade esteja concentrada em um objetivo determinado e que assim possa permanecer por um tempo prolongado. É importante notar que existem várias maneiras de sentar (posturas) em que o corpo interage diretamente com o chão e que em cada uma delas existe uma disponibilidade em relação ao movimento que é o que não ocorre com o uso da cadeira.

⁹³ Seguindo o pensamento do filósofo Vilém Flusser (1920-1991), Baitello vai se referir as três catástrofes do homem, em que a primeira, a queda, fora o longo período em que tivemos de abandonar gradualmente a nossa vida arborícola e nos lançar em definitivo ao chão.

A narrativa da vida era constituída pelo movimento e pela experiência concreta do dia a dia. Cada jornada, uma narrativa tecida pelos pés. Foi com os pés que nossos ancestrais reuniram a experiência acerca do mundo. Foram os pés que transformaram o mundo em trama de caminhos, em uma narrativa experimentada, vivenciada. (BAITELLO, 2012, p. 34).

Nossos corpos foram esculpidos para o movimento⁹⁴ (para a atividade física), é isso o que o bipedalismo acentua e consolida, dado que a maior parte de nossa ínfima existência na terra fora como caçadores-coletores, ou seja, nosso corpo ainda hoje se comporta basicamente como o de um caçador-coletor, em que a atividade de caçar e coletar infere diretamente no uso combinado de pés e mãos⁹⁵, de modo que o sedentarismo – no sentido de atividades que gastam ou demandam pouca energia – afeta e desorienta a todos independentemente do nosso nível de atividade física, visto que estamos expostos a padrões físicos pré-fixados para cada ambiente e cada vez mais os ambiente assemelham-se uns aos outros.

Os movimentos bípedes, dois pés se locomovendo sobre duas pernas como andar, correr, pular, saltar, agachar, estabelecem amplas relações de contração e expansão que nos permite ocupar e preencher de diferentes formas o território em que nos embrenhamos. O *Homo Sapiens*, porém, não é e nem fora o único animal bípede (o avestruz, a ema, o canguru, pássaros, e mesmo alguns dinossauros, são alguns exemplos), mas é notório que nenhum outro bípede anda do mesmo modo, com a mesma desenvoltura e muito menos com a mesma plasticidade do *Homo Sapiens*.

O bipedalismo integra, portanto, uma parcela ampla e diversificada da história dos modos como os hominídeos foram forçados a ajustar sucessivamente a sua relação com os ambientes por onde estiveram, ambientes estes que passaram incontáveis vezes por alterações significativas. Não se sabe ao certo quando teve início, mas se sabe que os hominídeos se tornaram ao longo de sua evolução, especialistas nestes movimentos e que hoje podem assumir diversas posições (inclusive mimetizando os movimentos de outros animais) e se adequando as mais distintas situações nas mais diferentes condições.

⁹⁴ Ficar sentado, por exemplo, diminui a incidência da força de gravidade em nossos corpos. Além do mais, não evoluímos para permanecermos sentados durante longos períodos de tempo e sequer temos musculatura na lombar capaz de responder e sustentar essa pressão.

⁹⁵ Não foram as mãos que moldaram as ferramentas, foram as ferramentas que moldaram as nossas mãos. Do mesmo modo, nossos pés passaram por vários estágios evolutivos que nos capacitaram a percorrer longas distâncias, seja caminhando, seja correndo.

Isso se dá porque souberam, desde muito, que caminhar é mais do que simplesmente se locomover, caminhar não é andar, ainda que também o seja, assim como andar não é só uma postura definida em relação ao chão, mas uma composição intensiva que estabelece trocas com o chão. O andar pratica o chão na mesma medida em que o caminhar traça um percurso no chão, andar é ir adiante, é manter o corpo em direção, orientado, não importa a posição que este precise adotar; andar é a vontade intrínseca de não estacionar por muito tempo. Pode-se andar pulando e se estará caminhando, pode-se andar agachado e também se estará caminhando, contudo, as experiências não serão de todo iguais. Andar é assim um modo de preparar-se, de se dispor diante das rupturas, dos desníveis e sinuosidades da terra inscritas e embutidas no/com o chão. O caminhar abarca essas experiências por meio de fusões criativas, imagens impressas no tempo-espaço, o corpo convivendo e se incorporando à paisagem, um modo continuado de elaborar afetos que estão sempre em relação de aprendizado e resposta a estas disjunções; é, por fim, um modo de não se tornar alheio ao mundo; se vem primeiro é porque molda sendo moldado.

Caminhar, portanto, significou durante muito tempo um modo de incorporar um cuidado e uma atenção ampliadas que serviam para adentrar, espreitar, atravessar ou mesmo permanecer e perscrutar o ambiente estranho ao redor. Um mecanismo de autodefesa que trazia consigo a necessidade de espalhar-se, de ir adiante, de obter outros referenciais de orientação ou simplesmente de se dispor e experimentar o continuum das paisagens.

ficar sentado é não tomar parte em nada

Fomos ao chão, nos tornamos íntimos do chão, desenvolvemos inúmeros modos de responder as ameaças que estavam no chão, somos mestres capazes de responder a praticamente qualquer superfície, desenvolvendo todo um trabalho de pés e de pernas (basta pensar, por exemplo, em qualquer arte marcial e nos modos com que estabelecem

vínculos ou “conversas” com o chão em suas dinâmicas de movimento) que suscitava um apanhado de recursos para a sobrevivência. A que se deve, então, que agora nos contentemos em ver o mundo passar diante de vistas cansadas, pousadas compulsivamente sobre telas, com o corpo inerte e alheios à paisagem e dos gestos que a endossam, ao invés de se fundir, integrar e tomar parte nela?

Richard Sennet (2014) ressalta o caráter individual da comodidade e os prazeres do conforto quando este começa a ser avidamente reforçado como o valor primordial de uma vida reservada, as chamadas liberdades individuais, o que passava, sobretudo, por um comportamento social que excluía a obrigação do convívio e impunha certas condições que permitiam e proporcionavam o isolamento social voluntário, como o direito de permanecer em silêncio (sem qualquer vontade de manter ou ater-se a conversas paralelas) e manter-se a sós com seus próprios pensamentos, um respeito solene à privacidade e à experiência solitária.

Tudo começa a ser feito sob medida, com exclusividade, mesmo em locais públicos, em que se inclui a possibilidade de circular livremente sem a possibilidade de sermos interpelados e/ou incomodados por outros, estranhos, no caso. São espaços que no século XIX, na Europa, em especial durante as grandes reformas urbanas, passam a ser adaptados perseguindo esse modelo, fomentando lugares de trânsito, em que se cuida evitar e desviar de qualquer contato indesejado. São espaços concebidos para indivíduos autocentrados em que o descanso e o relaxamento se situam como ocorrências onipresentes, não apenas disponíveis, mas amplamente estimuladas.



Belém, 2021. Foto: Artur Dória.

À medida que surgem as formas de locomoção motorizadas capazes de acelerar e potencializar esse pensamento-processo, aquilo que é tão somente caminhar começa rapidamente a perecer. Assim, se o caminhar enquanto atividade molecular, ou seja, como perspectiva de fazer-saber corpo no corpo do mundo, passa a ser subtraído de suas prerrogativas criativas, sendo, dessa forma, reduzido a um gesto regulado (GALHARDO, 2020), uma atividade motora exercida em ambiente controlado, se é nada mais do que uma física do corpo que efetua certo pensamento progressivo, toda a sua potência de incisão no mundo é convertida em ato secundário e marginal (quicá caricato e/ou excêntrico), e que é costumeiramente resgatada ora como prática desportiva, ora como prática turística dentre outras derivações destes que inferem modos mais efetivos e proveitosos de caminhar, incorporados a uma cultura, a monocultura do lazer.

O calçado, por outro lado, se torna tão somente uma camada protética que visa preservar os pés do contato direto com o chão. Ao desvinculá-los do chão, impede-se que subam à cabeça e investe-se no empobrecimento da experiência pedestre; é a noção própria de civilizar os pés⁹⁶.

Aprisionar os pés em calçados, desse modo, não seria apenas uma resposta às preocupações com a saúde desses membros, eventual proteção em terrenos cortantes, frios ou muito quentes, mas também um modo de se afastar um pouco mais do chão, de reafirmar a vida cultural humana como aquela que interfere com as mãos no espaço; de se diferenciar dos demais primatas e de se diferenciar de um modo de vida considerado “selvagem” ou “animal”. (GALHARDO, 2020, p. 16).

O quanto a urbanização das cidades fez-se nociva aos pés? Foi uma ofensiva em relação aos pés, um temor pelas capacidades dos que andavam descalços? Foi a urbanização, inclusive, que abriu “caminho para o pedestre calçado exercitar os seus pés como uma máquina de andar” (INGOLD, 2015, p. 82). É que na cidade, o andar é uma ação despressurizada, diluída de rastros, logo, não molda, não tem pegada, e tampouco implica histórias sobre o mundo, ao contrário, encua um distanciamento que exceptua-se os corpos de inscreverem-se sobre o tecido do mundo, são comedidos tão somente, vez ou outra, a absorver algum excesso dentro dos limites desejáveis. É que cada andar, nestas cidades, não é senão um aglomerado de andares, e parece não implicar qualquer

⁹⁶ Os discursos e as propagandas que fomentaram o uso generalizado dos calçados ainda no século XIX só se mantiveram devido um aprimoramento técnico e material aplicado aos calçados, o que em poucas décadas ajudaria a atestar o divórcio definitivo entre as pessoas e o chão.

importância para o seu funcionamento, eles apenas pisam o seu próprio esquecimento, a sua própria insignificância.

Parece que as pessoas, em suas vidas diárias, apenas roçam a superfície de um mundo que foi previamente mapeado e construído para elas ocuparem, em vez de contribuírem através de seus movimentos para a sua contínua formação. Habitar a cidade moderna é habitar um ambiente que já está construído. (INGOLD, 2015, p. 86).

Esse ideal de pensamento é apressado em insistir na obsolescência do corpo, sua preocupação é em apontar e rotular aquilo que no corpo deve ser continuamente descartado. O objetivo imediato é dar vazão a razão e a tudo aquilo que compreende um corpo em ideal, liberado, que o conduza em direção a um movimento único.

O corpo que antes tinha o status de um animal utilitário hoje tem o status de um animal de estimação: não é um meio de transporte real, como poderia ser um cavalo; em vez disso, o corpo é exercitado como se levássemos o cão para passear. Assim o corpo, uma entidade recreativa e não utilitária, não trabalha, mas é trabalhado. (SOLNIT, 2016, p. 435).

É a ideia bruta que procura especializar o desempenho e com isso facilitar movimentos cada vez mais eficazes, que possam ser realizados com um gasto cada vez menor de energia. Nesse caso, é a vida sedentária que estabelece o quanto, quando e como o corpo deve se mexer (se exercitar), ou seja, apenas o suficiente para se manter em estado produtivo, o que em nada requer o uso integral do corpo, sendo quase sempre um uso especializado, obediente a atividades orientadas. Tudo se dá, assim, na medida de arrancar ao movimento tudo o que possa ser considerado supérfluo e que seja interpretado como um empecilho no cumprimento de determinada tarefa.

Desse modo, se o corpo é objetivado como algo para se chegar a um fim, ele deve também ser continuamente retomado como um objeto de lazer, pois ao ser despojado de grandes movimentos, esse corpo estará sempre entediado e carente de estímulos, sempre, de modo que é preciso estar sempre incitando esse corpo com atividades e exercícios que o preenchem, reforçando-o de reforços e distrações, mas só o suficiente para que ele continue a trabalhar.

E, no entanto, apesar de toda a conformação a modelos de sistematização que confinam os corpos a determinados regimes de movimentos, é preciso não perder o senso que os corpos “não se definem por seu gênero ou sua espécie, por seus órgãos ou funções, mas por aquilo que podem, pelos afetos dos quais são capazes, tanto na paixão quanto na ação” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 49).



Belém, 2021. Foto: Artur Dória.

Uma das urgências de nosso tempo, portanto, parece ser orientar-se para o chão, como o fazem ainda muitos povos. Se deixar levar por movimentos que respondem ao chão, que estão em intimidade com o chão, expostos a condições de constante mudança: elevar o pé ao status de mão, balancear o corpo. Porque “talvez seja hora de olharmos para baixo. Hora de procurar algo em que nos segurarmos antes de sermos empurrados para lá” (BUTLER, 2018, p. 86).

Se o caminhar pode ser considerado um método de reencantamento do tempo e do espaço (BRETON, 2018) isso só empodera o seu caráter performativo que detona um comboio de imagens e afetos, criando um lastro de reticências em relação às experiências que dão sentido à vida. Isso porque “se caminhar é ir em direção ao desconhecido e, portanto, ir ao encontro do próprio medo, narrar é reviver o sobressalto, o susto e a surpresa depois do suspense (BAITELLO, 2012, p. 34).

Fazer caminho é da base do indefinido, do inacabado, e caminhar é andar na medida em que não se define em dizer de qual e de como esse andar é empreendido sem aliançar-se a alguma relação (perceptiva/ambiental/física), qual seja, tudo aquilo que se movimenta, adere, e comunica quando se caminha. É a ideia tramada de que um único caminhar comporta e fundamenta uma ebulição de modos de locomoção e dos modos de contar, de dizer o indizível que inscreve os caminhos.

Caminhar, portanto, é uma colagem, uma corporalidade de andares, um pulular de batimentos e fragmentos que fermentam entre si. Caminhar tensiona e questiona o

indicativo de qualquer padrão geográfico predefinido – o que cria e suscita desejo nas cidades? – por se afirmar como um modo de perscrutar o caminho tanto quanto é um modo de contar e coletar esse caminho. O caminhar e aquele que caminha sabe que o mundo é composto por matérias infindas, e que boa parte delas emanam no corpo a corpo a partir dos pés, que são os que firmam o contato, os que gravitam, que perguntam e são respondidos pelo chão. Trata-se, desde muito, do estrato de uma pulsão corpórea, e é pelo fato do caminhante ser filho da terra (GROS, 2010) que podemos perseguir uma conexão ancestral frente as atrofias a que o caminhar tem sumariamente sido submetido desde o desbunde da modernidade.

A física do nosso andar permanece hoje essencialmente a mesma desde os nossos antepassados, a diferença reside não na física em si, mas em tudo aquilo que insiste em se habituar como uma recusa ao andar, que se dê como um abandono dos pés. O que muda, de fato, são os acréscimos a que o caminhar é introduzido, são tecnologias que potencializam, acompanham, implementam e aprofundam, suplementos que respondem e se atualizam de acordo com as demandas a que são submetidos. Nada disso, porém, deve ser tomado como um substituto, pelo contrário, são técnicas ou recursos assimilados que possibilitam ou colaboram para novos modos ou estados de andar.

É certo que expandir-se em caráter multidirecional requer companhias e/ou táticas de evasão, modos específicos ou alterados de caminhar. O caminhar figura, portanto, como uma base estável para uma expansão de possibilidades infindas que impulsionam movimentos, é uma posição sólida e segura que permite explorar diversas outras posições. Surgiu, foi e continua sendo aperfeiçoado como uma capacidade caminhante, com o uso integral do corpo sob outras demandas e em profunda intimidade com as superfícies do mundo⁹⁷.

Experimentar movimentos tendo o chão e o pé como fundamentos perceptivos que atuem nutrindo o corpo de paciências e inúmeras possibilidades ajustáveis? Se assim, nesse lastro, o caminhar só pode ser se lento, mesmo que recheado de próteses e outros substratos que o acoplem rumo a uma diversidade de práticas. A caminhada, em verdade, é uma tecnologia antiga – e bem mais antiga que o humano – e que serve,

⁹⁷ Isso implicava em uma vida continuamente reiterada por longas, exaustivas e prolíficas caminhadas que ajudaram a dinamizar uma constelação de significados para os mais diversos povos.

sobretudo, para fazer andar devagar (GROS, 2010). Caminhar, então, sempre na medida de não esquecer que “os seres humanos são animais lentos” (SOLNIT, 2016, p. 82).

Hesitar em caminhar será sempre uma hesitação catastrófica (NAPIER, 1967 *apud* SOLNIT, 2016), perder ou se desfazer do caminhar e daqueles que caminham, foi se entregar à catástrofe. Cair, deixar cair, entregar-se à queda, suscitar a queda, desejar a queda, impulsionar a queda, a catástrofe que ainda hoje fazemos questão de negar; poucos foram capazes de compreender que caímos e em meio à queda, fomos aprendendo e por fim aprendemos a andar. Perder o centro de gravidade e manter o andar em direção ao caminhar restabelecendo esse mesmo centro de gravidade, porém, requer uma prática contínua.

Quando caminhamos, somos como os ciclistas. Absorvemos em nossos corpos a mão auxiliar, a terceira roda, sem a qual agora aprendemos a nos virar, tendo incorporado o sentido do equilíbrio e a segurança que era antes dada pela mão. Talvez o caminhar se faça sempre sobre três pés - mas a maioria de nós internalizou tão bem o terceiro pé que não estamos mais conscientes dele. (STALLYBRASS, 2008, p. 90).

Ao se referir ao “mistério do caminhar”, Stallybrass toma como base o enigma da Esfinge que é solucionado por Édipo (que significa “pés inchados”), no Édipo-Rei, de Sófocles (496 a.C. - 406 a.C.), e aponta para um limite sinuoso que pressiona o caminhar e do qual a tendência é nos afastarmos ou ignorarmos considerando a condição de estabilidade que é o desaprendizado do caminhar. Para quem caminha com facilidade, o ato é naturalizado, esquecido, revertido a certo grau de confiabilidade em relação aos pés, como se fossem independentes e fizessem tudo sozinhos.

Por outro lado, para alguém como Édipo, quando caminhar é um problema constante e este não pode ser exercido com uma suposta naturalidade, não se distancia dessa ameaça e permanece vinculado à sua própria fragilidade: o caminhar se expressa por outras capacidades de balanceamento para se efetuar, deixando exposto o seu esforço para se manter sobre dois pés. No entanto, os dois pés parecem nunca agir sozinhos, parecem estar sempre acompanhados por uma modulação de equilíbrio (internalizado), bastante precária, uma espécie de terceiro pé, algo que se adensa aos outros dois, tecendo um reforço que os permitisse se sustentar. Esse terceiro pé pode ser tomado como um guia, um ponto de apoio que ensina a compensar a mecânica bípede.

amigos hostis inimigos familiares

Moro dentro de mim, moro dentro dos meus sapatos.

(Poeta Mário Gomes)

Os calçados ou qualquer coisa que se pusesse para proteger os pés sempre foi um recurso, um cuidado que acompanhou a história dos mais diversos povos. Entretanto, o uso rotineiro – obrigatório muitas vezes – dos calçados como parte integrante e indispensável do vestuário e do cotidiano está estritamente vinculado à vida e ao crescimento dos grandes centros urbanos. Em boa parte do tempo seu uso era circunstancial, sendo requeridos apenas para tarefas e/ou situações específicas em ambientes que implicavam certa hostilidade aos pés, de modo que estar descalço era uma condição comum e compartilhada, principalmente em meio rural, longe dos domínios das cidades. Eram produtos caros e era preciso sempre investir em maneiras de economizá-los, já que tendiam a se desgastar com facilidade, de modo que era comum que precisassem ser constantemente costurados ou sucessivamente remendados com retalhos e diversos outros materiais.

Agora os calçados são de uso massificado – as pessoas possuem conjuntos de pares para as mais diversas ocasiões e/ou tipos de atividades⁹⁸ – e estão quase sempre nos pés, inclusive nos momentos em que se está com o corpo em repouso, especialmente quando se está sentado (que é quase o tempo todo). Assim, ao que parece, ao nos tornarmos cada vez mais sedentários, passamos a um uso indiscriminado dos calçados, até mesmo – mas principalmente – em ambientes que não oferecem qualquer hostilidade aos pés,

⁹⁸ Existe uma divisão social dos calçados em que há um calçado direcionado para cada atividade que se está realizando, ficando evidente a profissionalização do uso dos calçados. As sandálias (ou chinelas), por exemplo, outrora comuns ao dia a dia, agora são calçados de lazer, para atividades menores ou em situações mais descontraídas e quase sempre em ambientes fora de trabalho. Tênis, sapatos ou sapatênis, por outro lado, são voltados para atividades consideradas sérias e para ambientes formais.

que, por sua vez, estão cada vez mais privados do toque, sendo bastante comum que somente ao final do dia sejam liberados para “respirar”.

O indivíduo urbano, de maneira geral, só tira os calçados ao fim do dia, e isso deve-se, grande parte, a uma convenção comportamental aferrada ao trabalho que parece estabelecer que durante o horário comercial deve-se permanecer calçado – e calçado, nesse sentido, refere-se a calçados fechados ou que estejam presos aos pés – como um estranho sinal de profissionalismo.

Não é novidade, porém, que ao longo dos tempos os calçados foram largamente utilizados por muitas sociedades como recorte de distinção de classes e nem todos podiam usá-los – e se pudessem não seria qualquer calçado – de modo que boa parte da população era condenada a andar descalça. O calçado, nestes contextos, expressava uma utopia, uma elevação, colocar o calço, ampliar o extremo, exprimir solidez, dignificar a alma, polir o espírito. Pouco confortáveis em seu início⁹⁹, cobriam a vergonha de expor os pés, o pé que era tido como uma parte pecaminosa do corpo, símbolo de castidade (e muitas vezes ligado à sexualidade), dado aos descaminhos das baixezas da vida; um sorvedouro de máculas e maus humores. A aspereza do contato com a terra engloba a visão do pé como uma imagem desagradável.

Nesse recorte, um exemplo relativamente recente e ilustrativo é o caso de Portugal e a história da perseguição, iniciada na década de 20 do século XX, aos que andavam descalços em zonas urbanas. Portugal era considerado o país do pé descalço e ao longo dos anos essa imagem foi se consolidando como uma mácula degradante perante o resto da Europa e do mundo, um péssimo exemplo notadamente no que diz respeito ao aspecto da correção e da etiqueta civilizatória.

Desse modo, esse “hábito” começou a ser tratado como uma questão de saúde pública – uma alegação positivista em sua essência – e que precisava ser extinguido pelo bem maior da sociedade, um costume que, no mais, era extremamente vergonhoso e senão capaz de arruinar a reputação de um país inteiro: “Foi em janeiro de 1928 que a *Liga Portuguesa de Profilaxia Social* iniciou uma campanha contra o indecoroso, inestético e

⁹⁹ Eram feitos de couro, madeira ou palha, como palha de arroz (as sandálias japonesas, por exemplo) e diversos outros tecidos vegetais. A borracha, mais maleável e confortável, começou a ser usada somente no século XIX.

anti-higiênico hábito do pé descalço” (1956, p. 05). Assim, efetuou-se, em maio daquele ano, após cinco meses de campanha, uma ampla proibição (se deu primeiro na cidade do Porto e ao longo dos meses foi se expandido para outras grandes cidades), para não dizer uma caça, um cerco aos que andavam descalços, sabidamente os mais pobres, e em especial, aquela gente que não era da cidade, mas que constantemente era forçada a vir a cidade.

A modernização instava por eliminar tudo aquilo que não fosse benéfico para o crescimento e para a imagem do país (sempre a partir das cidades) junto a tudo aquilo que não evocasse um sinal de elevada condição civilizatória, o que, nesse caso, significava que quem não podia andar calçado não merecia estar na cidade, e portanto deveria ser rapidamente retirado de cena; o sapato se torna assim uma condição existencial imediata, um modo de identificar e de monitorar aqueles que não se adequavam à vida citadina.

Os que andavam descalços foram alvos de uma marcação racista e higienista: se de pés descalços, era gente que assumidamente se colocava contra a civilização. Andar descalço era um mal hábito, um comportamento arraigado e perigoso, coisa de desordeiros, arruaceiros, vagabundos, etc. Os costumes agora são outros, não se pode mais permitir andar descalço, agora os calçados são produzidos de modo industrial e acessíveis a todos. A noção de limpeza, portanto, imputa uma condição básica nesse tipo de política, aquele que não é capaz de se manter limpo, não tem valor e atenta contra a boa imagem dos que adequadamente se portam.

A disciplina exigida nas e para as cidades (fazendo oposição expressa ao campo), integrava um comportamento polido, um dever com a preservação da própria aparência. Não se questionou, por exemplo, o fato de as cidades se mostrarem sempre tão hostis aos pés de modo que estes sempre careciam de ampla proteção, a ponto, inclusive, de se morrer pelos pés, porque se estava descalço.

“O calçado constitui um dos atributos da civilização actual e dá a medida do respeito que o cidadão tem por si e pelos outros” (1956, p. 08). A noção de calçar-se fica atrelada a um ato de cidadania, é tida como um gesto de valorização e de dignidade em que pese um ideal de pertencimento social partilhado, um carácter de união em direcção ao bem comum. O calçado, portanto, é tomado como um objeto indispensável ao

trânsito nas cidades e garantidor de um trânsito seguro, afinal, estando calçado, ninguém mais correrá riscos desnecessários.

Entretanto, apesar da proibição e de obrigação, não houve um interesse em garantir calçados a todos ou oferecer condições de adquiri-los, nenhum programa de distribuição de calçados foi adotado¹⁰⁰. Andar calçado não era um direito coletivo, mas uma obrigação individual, a cidade exigia calçados, mesmo que estes – paradoxalmente – machucassem ou atentassem contra os pés. Assim, essas pessoas foram tratadas como gente que se recusava a gastar algumas moedas a mais para comprar um par de calçados. Era gente inculta que insistia em atentar contra a sua própria saúde, alienadas quantos aos perigos e satisfeitos com sua própria ignorância, gente que precisava urgentemente ser educada, pois aquele que andava e insistia em andar descalço estava se inferiorizando perante a sociedade e em consequência desmoralizando essa mesma sociedade.

Não ter o direito de proteger os pés é um modo de matá-los mais rapidamente, mas talvez tenha se considerado que fosse uma estratégia demorada demais, melhor matá-los calçados. A política sempre fora impedi-los de andar, de circular entre outros, de se misturar, até porque era gente teimosa que continuava a insistir mesmo que descalça. Muitos foram detidos, como de praxe, a ideia, como um todo, era exterminar o pé descalço e removê-los a vista de todos.



O pintor holandês Vincent Van Gogh (1853-1890) retratou inúmeros pares de sapatos. Fonte: <https://bitlybr.com/yvqojdk>

¹⁰⁰ Houve, entretanto, algumas iniciativas isoladas de distribuição de calçados.

Qual a beleza dos calçados surrados? Foi a surra que não solou ou foi a surra que solapou os pés? Um fino trato na sutileza tacanha da exaustão. Uma liberdade atada a uma curiosidade que ronda e indaga, agitada: onde estarão os pés daqueles que agora estão descalços? Por onde pisam estes pés? Qual o calo que cada calçado lhes causou?



No filme *Em busca do ouro* (1925), Carlitos, com fome, cozinhou e comeu o próprio sapato. Frame extraído direto do filme.

Volto para o banco, imaginando o sapatinho caído num canto, mais um sapato caído num canto. É o que as pessoas mais perdem, o que têm nos pés. Eu sei porque minha timidez me faz andar olhando para o chão e já vi de tudo perdido por aí, chapéu, óculos, chave, presilha, documento, cartela de remédio. Até faca e carta de baralho já vi. Mas nada supera o número de sapatos. Em tudo o que é canto tem um pé perdido, um pé sozinho. E eu sempre pensei no estado da pessoa pra largar o calçado, porque você pode largar tudo nesta vida, um marido, uma casa, uma cidade, um passado inteiro, mas não aquilo que vai te levar para a frente. Quem larga um calçado não tem mais esperança de nada. (MADALOSSO, 2020, p. 129-130).



Tiago Sant'Ana, *Sapatos de açúcar*, 2018. Fonte: <https://bitlybr.com/nJ79O9Y>

amizades digo a quem comigo anda

A escritora Maria Carolina de Jesus (1914-1977), em seu livro-diário, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960), registra o seu dia a dia como catadora de papéis, junto a seus três filhos, morando na favela do Canindé, às margens do rio Tietê, em São Paulo. Carolina gostava de escrever e recorria a papéis sujos que encontrava no lixo.

Na crueza de seus registros, os calçados aparecem como uma das constantes estafantes que circunscrevem a sua miserável condição de despejo. “Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar”, é como começa o livro. Os dias passam e as sucessivas tentativas por conseguir um calçado decente para sua menina mais nova ressoam como o que os assola e trucidam: a busca falida por uma vida digna. Não há como escapar, os calçados, ela sabia, marcavam uma distinção de classe, logo ela que já era profundamente marcada pela raça: “o homem estava bem vestido. Eu estava descalça. Não estava em condições de andar no elevador” (1979, p. 98).

Para ganhar algum dinheiro precisava andar, andar muito, chegava a andar até a exaustão, andava até não mais poder andar, e andava descalça: “a noite os meus pés doíam tanto que eu não podia andar” (1979, p. 25). Muitas vezes, comer dependia do quanto ela era capaz de andar, e boa parte das vezes, não era o bastante. Os calçados, então, figuram, junto à fome, “a escravatura atual” como um espectro grotesco, uma das suas faces a mais e que se coloca sempre à espreita, que a assola todo dia e contra a qual ela lutava, é que “a fome também é professora”. Ir a pé era o que restava. O pé, sua única condução: “fomos a pé porque não tinha dinheiro para pagar a condução” (1979, p. 95).

30 de julho. Ganhei 15 cruzeiros e passei no sapateiro para ver se os sapatos da Vera estavam prontos, porque ela reclama quando está descalça. Estava pronto e ela calçou o sapato e começou a sorrir. Fiquei olhando a minha filha sorrir, porque eu já não sei sorrir. (1979, p. 92).

Calçados para poder sorrir? O conforto dos pés, porém, nunca chega de modo robusto, em definitivo, os pés estão sempre em situação de risco, vez ou outra um desafogo que pouco dura, tudo ali dura muito pouco, sempre uma alegria passageira. “A Vera estava alegre porque eu comprei uma alpargata para ela. De manhã ela havia chorado porque estava com os sapatos furados” (1979, p. 102). Sem os calçados, a vida não segue como deveria, o ambiente é hostil e ela sabe que não tem como se proteger, todo cuidado ainda é mínimo. Logo ela, Carolina, que sempre saía em suas caminhadas quase diárias para recolher ferros e sucata, ou qualquer outra coisa que lhe provesse o dinheiro para aguentar mais um dia. Os pés, ela sabia, sustentavam, permitiam caminhos mais dignos, caminhos em que era possível se manter firme, mas os pobres são forçados a caminhar mesmo que não tenham calçados, são escravos do custo de vida, ela diz.

Decerto a ideia de andar descalço integra todo um significado que remete à humildade, mas que se faça notar a inversão nos papéis: andar descalço porque se pode se descalçar; estar descalço como um ato a que se chega, descalço, sim, mas não descalço o tempo todo, estar e manter-se descalço, mas nunca com os pés completamente nus ou a sós.

A partir de Carolina, recordo a história de Karen¹⁰¹ e da sua relação de desejo com os sapatinhos, no conto de fadas¹⁰² do escritor dinamarquês Hans Cristian Andersen (1805-1875), *Os Sapatinhos Vermelhos*, publicado pela primeira vez em 1845. *Os Sapatinhos Vermelhos* é um conto cruel em que o vermelho dos sapatos aparece como a cor da tentação (a maçã), do pecado: o terror vem pelos pés.

Karen era uma menina pobre que andava de pés descalços no verão e no inverno se valia de sapatos de madeira. Sua mãe, filha do sapateiro, sabendo do desejo da menina,

¹⁰¹ A depender das muitas versões adaptadas, o nome pode variar, aqui, porém, vamos nos ater ao nome original.

¹⁰² Um conto de fadas, diga-se, é um nome vultuoso e cínico para nomear histórias de terror cristão concebidas, muitas delas, para infundir medo e culpa nas crianças.

faz o que pode e costura um par de sapatinhos vermelhos feitos de restos de pano, mas não é o bastante, Karen queria sapatos iguais ao da princesa, estes eram feios demais, a envergonham e ela os destrói. Algum tempo depois, a mãe de Karen morre e ela é adotada por uma senhora rica que vivia sozinha, viúva e sem filhos. Karen cresce, é agora uma jovem mulher e continua a alimentar o desejo de possuir sapatinhos vermelhos. Quando finalmente os consegue, quer ir com eles a todos os lugares e mostrá-los a todos, inclusive na igreja, o que sua mãe adotiva adverte não serem apropriados, eram sapatos de baile, de dança, um desrespeito. Mas Karen adora dançar e só pensa nos sapatos, é orgulhosa e feliz com eles, sente-se uma princesa.

Por esse comportamento exibicionista, desobediente e vaidoso, Karen é severamente punida. Ela os usa tanto que os sapatos começam a dançar sozinhos, a ponto de Karen não conseguir mais ter controle sobre os movimentos de seus pés. Ela não podia mais ir onde queria e os sapatos ficam presos aos seus pés de modo permanente, eles se recusam a ser retirados. Os sapatos tinham vida própria e não paravam de dançar, dançaram tanto, de modo incessante que chegaram a ferir os pés de Karen, além de levá-la a completa exaustão. Condenada por usar os sapatinhos, condenada por dançar quando não era apropriado.

Os sapatos a seduziam a abandonar as suas responsabilidades, ou melhor, a sua humildade perante o mundo. Queria tanto os sapatos que esqueceu de seus pés, os pés que eram de uma plebeia, pés de pobre e que deveriam permanecer descalços ou então simplesmente contentar-se com os trapos que lhes era possível, mesmo que agora fosse filha de uma senhora com posses; não importa, sua origem a marcava.

Não obstante, ainda eram sapatinhos de dança que dançavam por conta própria e dançar, ora essa, significava uma alegria pouco tolerada às camadas mais baixas da população à exceção de festas em datas específicas. Deveria ser sempre uma população a permanecer com pés deploráveis, pés que mantinham contato com o chão – mas que deviam ser escondidos, nunca à vista de todos, principalmente de pessoas de bem, pés que deviam sempre ter vergonha de si mesmos – e quanto mais próximos do chão, mais ligados à terra, e como tal, mais primitivos. Karen deveria ter entendido a sua posição, deveria ter se conformado, não foi o caso, que sirva de exemplo a outras.

Com os sapatinhos desgovernados ela dançou até chegar a um bosque sombrio (sempre a imagem da floresta escura e perigosa). Punir os pés, desmembrar os pés. Cortar a alegria dos pés. Pés que chamavam atenção. Os sapatos tiraram qualquer domínio que ela tinha sobre seus pés e por fim fizeram-na suplicar, desesperada, ao carrasco para amputar seus pés, que assim faz e lhe oferece pés de madeira e Karen passa, então, a andar com a ajuda de muletas. No entanto, os pés ainda nos sapatos, continuavam a dançar e agora a perseguem, querem impedi-la de andar, bloqueavam e obstruíam a sua passagem; estranhos sapatinhos que a impediam de caminhar, de ir adiante, de seguir.

Sem opção e como último recurso, Karen, arrependida, passa a viver como serviçal, uma criada, mulher submissa à igreja, distante das coisas mundanas e pecaminosas. Karen se torna ela mesma um trapo, ela é a única culpada, por exhibir seus pés, por se entregar a uma vida que sucumbiu aos sapatos vermelhos. O corpo desejante, é claro, é um corpo pecador. Ela perdeu toda a sua relação com o chão; do alto, fora obrigada a renegar o chão. Os sapatinhos vermelhos, é claro, eram sapatos para serem esquecidos e só então ela teria o seu perdão, mas nunca mais os pés.

Por outro lado, a história de Cinderela, dos alemães Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859), os famigerados irmãos Grimm, e seu sapatinho mágico, segue um caminho às avessas. É a história de um sapatinho perdido que encontra o “pé originário”, o pé mágico e ideal, um sapatinho devoto àquele único pé, que só cabe e presta àquele pé, nenhum outro será bem-vindo, não importa o que aconteça.

É de notar, como ressalva, o contexto trágico permeado de humilhações a que estas mulheres foram submetidas, em que se é colocado, de saída, a impossibilidade de uma vida outra que não mediada pelo estrato social, e como se só o mundo mágico, a fantasia (que aparece como uma força moral elevada) pudesse solucionar a questão a que estas mulheres estavam subjugadas, ou seja, recolocá-las ou reconduzi-las a seu destino.

Não à toa, são às mulheres que os calçados parecem imputar um sentido muito preciso de pecado, assim como de consumo. Os sapatos, em todo caso, dizem de um desejo de princesa, e ser princesa, nesse contexto, é entrar para o mundo fantasioso da nobreza, um mundo de maravilhas cobiçado por todos na tentativa desesperada de encontrar um modo de livrar-se de sua condição de rebaixamento social.

Cinderela era tratada como escrava e é continuamente humilhada, mas o mundo mágico intervém e a auxilia nas tarefas impossíveis, sempre que precisa, ela é ajudada. Para Karen, porém, o mundo mágico é um pesadelo, toda vez que se manifesta é para acozá-la e torturá-la ainda mais. No caso dela, o mundo mágico benigno era aquele da subserviência cristã, e que parece se desdobrar como uma reformulação e uma sofisticação de tudo o que foi a caça às bruxas em séculos anteriores¹⁰³.

Cinderela, diferente de Karen, não nasceu pobre. Ela incorpora a sua submissão como uma promessa no leito de morte da mãe, e no fim ela é recompensada com o reconhecimento de sua verdadeira posição social, em que a verdade inalienável vem à tona, não é que ela se torne uma princesa, isso seria inconcebível, é que ela sempre pertenceu ao estrato social, das que podem se tornar princesas, afinal, ela tem os pés de uma princesa.

São dois contos em que as mulheres são coagidas e torturadas a não nutrir ambições, são forçadas a aceitar as condições a que estão expostas e continuar firmes no comportamento que a elas foi delegado, devem obedecer a sua performance social e cumprir o seu destino sem nutrir nenhuma iniciativa que escape a ordem preestabelecida, cada uma deve manter-se em seu caminho.

Para Cinderela, os sapatos funcionam como uma digital, somente o pé dela está apto a usar aquele sapatinho. Já Karen é violentamente castigada por seu orgulho, vontade e presunção, como um modo de alçar um outro patamar de vida, e os sapatos funcionam como uma promessa de civilidade, de cidadania, de sair daquela situação indigna. Os sapatos como constituintes de um corpo utópico, de uma passagem para a terra prometida.

Cinderela é recompensada por sua extrema humildade, por se manter fiel a sua condição, provou-se merecedora e mostrou possuir um espírito nobre e devoto, enquanto que Karen revela-se mal agradecida.

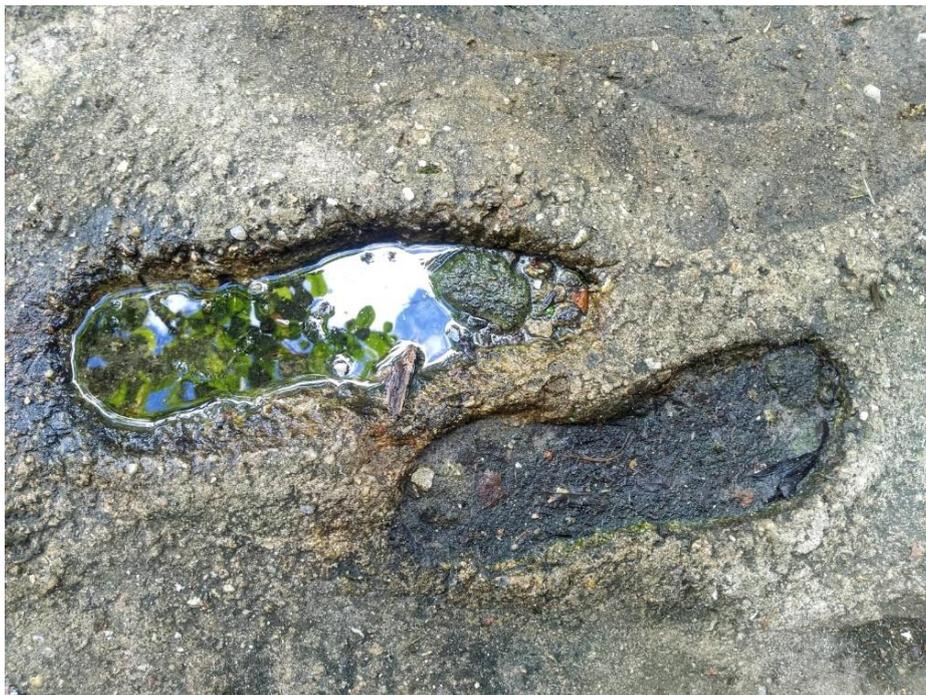
Aqui a história assume outros contornos com um final que sugere um final feliz, mas para quem? Nos dois, reside a semelhança dos pés cortados, retalhados, maltratados, pés que não aguentam mais. O foco é em Cinderela, mas são as outras mulheres, suas irmãs invejosas que tentam a todo custo fazer com que os seus pés se façam caber naqueles

¹⁰³ Ver Silvia Federici (2017).

malditos sapatinhos, elas competem e se automutilam se mostrando capazes de tudo para escapar àquela vida, mas não importa o que façam, os sapatos não as reconhecem, pelo contrário, os sapatos as denunciam.

UM CAMINHAR BONITO

Fico a imaginar que seja um caminhar que se dê entre tocaias, que não se perca no esquecimento de parar para saber onde se está pisando, um caminhar que considere sempre a travessia traiçoeira por territórios envenenados e intertravados por muitos inimigos. Caminhar na medida de afastar os males e seguir, cuidando sempre de manter a distância necessária e possível daquilo que insta em nos adoecer.



Acima de tudo, não perca seu desejo de caminhar: todo dia eu mesmo caminho para um estado de bem-estar e para estar longe de todas as doenças; tenho chegado às minhas melhores ideias enquanto caminho e não conheço preocupação, por maior que seja seu fardo, que não possa ser afastada com uma caminhada...mas ao ficar sentada, e quanto mais parada estiver, mais próxima estará do mal-estar...Assim, basta continuar caminhando para que tudo fique bem. (KIERKEGAARD, 2000 *apud* COVERLEY, 2014, p. 28-29).



Marina Abramovic, *Shoes for departure (Sapatos para a partida)*, 1991. Fonte: <https://bitlybr.com/c8fi>

**junto aos pés
por fundamento
me junto amigo ao mundo**

A errância restabelece a harmonia original que certa vez existiu entre o homem e o universo.

(Bruce Chatwin)

A lenda do Judeu Errante – de explícita exaltação anti-semita – que se popularizou principalmente durante o século XVII e ainda hoje é perigosamente arraigada no imaginário popular, refere-se a um homem condenado a vagar pelo mundo até o fim dos tempos. Dentre as múltiplas versões da história, conta-se, grosso modo, que Jesus Cristo durante o tortuoso percurso que marca o seu martírio em direção ao Gólgota, teria caído exausto sob o peso da cruz defronte à oficina onde trabalhava Ahsverus¹⁰⁴, o sapateiro, e que este, zombando e indiferente a seu sofrimento, lhe teria enxotado a "caminhar", que desaparecesse de suas vistas, ao que Jesus lhe teria replicado com uma maldição (ou profecia), seria ele, o sapateiro, quem caminharia. Assim, após a crucificação, Ahsverus é condenado a caminhar sem descanso pela terra por toda a eternidade. Arrependido, ele nutre a esperança de ter a sua condição revertida, mas isso só ocorrerá quando Jesus regressar, no fim dos tempos. Diz-se que ainda nos dias de hoje ele continua a cumprir sua sentença, e que vive mudando de nacionalidade e identidade. Além disso, a cada 100 anos, ele volta a ter a aparência de 30 anos, a idade que tinha quando encontrou Jesus.

Assim, convertido em uma espécie de sapateiro fantasma, Ahsverus caminha à espera do juízo final, quando enfim cessará o seu tormento. Ele é aquele que testemunhou todos os passos por já ter feito todos os caminhos do mundo. A lenda é marcada por

¹⁰⁴ O nome pode vir grafado de várias maneiras: Aasvero, Asvero, Ahasverus, Ahsuerus ou Ashver.

muitas “aparições” em diversos pontos do mundo e muitos julgam já ter visto ou se deparado com este Judeu Errante. Talvez – e por isso mesmo – é que sua aparição signifique sempre um momento de desgraças para a humanidade.

Um sapateiro condenado a caminhar – e o paradoxo dessa danação ter sido professada por ninguém menos que Jesus, ele mesmo um peregrino entre mundos, só expressa uma típica anemia racista em forma de taxonomia social – o que diz caminha é respondido pelo outro que também diz caminha. Quem caminha, portanto, está com seu destino traçado. É que essa noção do que seja caminhar se distancia de qualquer ideia referente a um tomo comum: o que caminha, o andarilho, é o de fora, o forasteiro, é o visto maldito, uma ameaça latente em um mundo sedentário; é aquele que não pertence a lugar nenhum, e que por isso pode vir a pertencer – de modo transitório – a todos os lugares.

A peregrinação de penitência é a ideia mesma “de que caminhar dissolvia os crimes violentos” e “remonta à errância imposta a Caim para expiar o assassinato de seu irmão” (CHATWIN, 1996, p. 249). O caminhar é uma punição, um gesto de humildade extrema, de expiação dos pecados, é ser forçado a carregar o próprio corpo como se esse fosse a sua própria cruz, exatamente porque “aquele que caminha é o mais pobre dentre os pobres. O pobre tem exclusivamente o corpo por única riqueza” (GROS, 2010, p. 117). Não à toa, andar de pés descalços, se constituía um dispositivo de sofrimento atribuído aquele que era condenado; e o sapateiro não teria direito a usar sapatos.

Ontem tanto quanto hoje, os pés acabavam se transformando num poço de sofrimentos sem fundo: ferimentos supurados, rachaduras dolorosas...O ritual da lavagem dos pés do peregrino ao ser acolhido num mosteiro, além da dimensão de humildade crística, faz lembrar que eram por excelência um alvo constante de cuidados. (GROS, 2010, p. 116).

O caminhante, portanto, é um alguém que é continuamente esconjurado do mundo, quando, na verdade, o que ele caminha é tanto para conjurar quanto para esconjurar mundos. Como seria a vida se concebida como um fundamento peregrino, oposta a qualquer caráter punitivo ou qualquer coisa que nos afaste de nossos pés e de sua vontade insaciável e incessante de criar e suscitar caminhos no mundo?

Por fim, que esta entidade errante continue a aparecer e acontecer a nós, na forma de tantos andarilhos quanto for possível, de modo que nós mesmos, em alguns momentos,

devemos parecer, de certa forma, com este. Caminhar para que o juízo final nunca chegue, para que o mundo continue a rodar e mudar; e talvez seja exatamente por isso que ele continue a caminhar, não porque fora condenado, mas porque o mundo é sem fim.

Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra – e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular; nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem. (NIETZSCHE, 2000, p. 258).



Belém, 2022. Foto: Artur Dória.

SEMPRE UM NOVO CAMINHAR

Há vários pés, inúmeras solas. Aprenda cada um deles. Depois, e isto é bem mais complicado, fabrique teu próprio sapato.

(Nuno Ramos)



Ao bendizê-los pude ouvir os traços e as peripécias de um continuum vital tamborilando em minha pele; um pulso enigmático, frequência fantasmática que me pareceu sorrir o eco dos sonhos que perdi. Ao largo dos instantes, naquele vislumbre ficcional, ao percorrê-los de cima a baixo e sacudido por suas existências miúdas, sem pressa, fui espremido por e em muitos sentidos por suas sutilezas; manhas de cor e graça, e desde então, me pergunto de tudo o que não consigo ver. De muito longe, no tempo da não distância, no espaço onde reina a argila do caos, eles me pronto modificaram, e ali mesmo fui talhado, sem cerimônia, sem aviso prévio. A cerimônia fi-la eu, e ainda faço, na busca de não me perder do que me foi tido nos braços da escada serpente; esse corpo-guia em estado pergaminho. Suas presenças esvoaçantes

acendiam e assentavam brilhos na memória. De dentro do meu sangue tudo se arrepiou, todos os olhos piscavam uma atenção plúmbea e vingavam preces, como se suas vozes em uníssono cuidassem de nos respirar através dos poros do mundo. Foi assim que senti os ver. Foi um sopro que me limpou dos dias e talhou um novelo táctil de signos indecifráveis. Até hoje esse corpo - que não tem EU - arde, como se condutor de algo cósmico, uma imagem-linhagem que não posso acessar de pronto e por qualquer vontade espúria; porque com ela eu me viro capaz de pular corda com o arco-íris, e tão logo eu me concentre, sinto que posso voltar àquele tempo, mas quando eu acho que sei é quando tudo fica diverso do diferente em que vivi; então é assim o ritmo ancestral? Me sinto magnetizado toda vez que os sonho. Tento ser tão sutil quanto eles e nem sempre posso, por vezes dou um forçado, motivado por alguma facção que me turbina as ansiedades. Sei que me perdoam porque faz parte ainda do acordo aprendiz, o que não impede a reprimenda. De sua força eu recorro proteção e agradeço pelo unguento mágico que sinto seguir toda vez que me permito o silêncio de suas escrituras ocultas. Meu caminho agora é permeado de pequenos e imensos breves resguardos que ensejo como um grito de rito guerreiro. Todo cuidado me endereça a eles, que, mesmo não sabendo onde estamos, não me eximem de nosso dizer em encontros noturnos e vagantes, vindo que o modo como nos movemos é sempre um intenso chegar por caminhos encaracolados. O certo, de tudo, é que após bendizê-los, fui avoado por um surto caudaloso de mistérios, e eu me esforço daqui dia a após dia em acrescentar modos de contar o passo a passo que enobrece o segredo desse encanto.



Fui desfolhado como se meu corpo estivesse outono. Fui desfolhando na medida em que fui podendo luzir as tuas pertencas em meus dias esturricados de pressas alheias, repletas de nodosos feitiços brancos. Porque de tudo o que pude sonhar - e é que ainda sonho tão pouco - corre voo por tuas pernas alegres sorrindo o chão e lembrando os que foram e dos que se vão. Tuas pernas vão falando dos lugares que te cuidam de aprender o gingado do mundo. Tuas pernas cantam e eu me inseguro de lembrar de que também sei cantar. Por isso desfolho. Para me perder dos destroços do que me achou de entreter o que eu podia caminhar. Todo dia, sofrendo as demasias do tempo nulo que açoita a ética de um tempo predecessor, eu colho a luta no firme dos teus frutos na certeza de não te magoar, porém sem esquecer do quinhão destinado aos passarinhos. Sei das tuas fúrias e não ousou comparar. Contigo,

eu usufruto das certezas perenes que avoam o caminho. É ventania que me lança e me puxa como se meu corpo fosse um imenso carretel ainda buscando tecido. Tudo em mim vai e volta como se meus pés servissem a agulhas fiandeiras que agem independentemente do que eu acho que sou capaz de crer. É que vocês me atingem sempre no recheio do que penso ou acho que penso, porque penso estou quando posso louvar tudo aquilo que não é meu e que nunca será. Nesse engodo de paragens que me fadam de carinhos dorme a esperança de que muito do que me desespera possa então ser devorado por tuas águas sadias. Muito do que sou vai sendo encorpado lentamente por tudo o que é chão e muito do que vocês foram acaba-se chão-querendo-em-mim. É nessa calma, que demorará dias até quedar-se em um outro ciclo que dê vazão a outras histórias e outras gentes, que meus sentidos são vazados por múltiplos sentidos. Tua presença é o agravante de um caminho que eu um dia quis abandonar. E se eu te faço orações e até ousar rascunhar feitiços é porque desejo que você chegue aos lugares ainda por conhecer, lugares em que eu quero ainda aprender a pisar, a caminhar, lugares em que poderemos novamente nascer, ainda que radicalmente outros; porque o aqui que ainda estamos é sempre um aqui que irá nos ultrapassar e nos recompor, e são vocês quem me acalmam ao dizer que esse sopro é o que faz com que esse corpo não me tenha em desistir, porque em tudo e de tudo o que faço, agora sei que se algo me guia, eu também sou guia, sou espécie-multiespécie esculpida de pequenas e milhares de daninhas responsabilidades em plena retomada. Em não estando só, não me posso mais me dar a certeza de que sei para onde vou, sei que vou e com quem, sim, agora sei, eu ouço vocês.



Risquei o chão à procura de forças. Enumerei linhas e caminhei por entre feridas sem data de validade. Vasculhei o antigo de camadas sepultadas e colhi formas que fossem como desfibriladores. Não as tomei porque não são minhas, o que fiz foi menção de ouvi-las, ofereci e congreguei uma presença. Não que fosse decisiva, não o poderia jamais, mas recriei laços comovidos de uma fúria que não pode prescindir da pele dos que aqui estão. Onde estão? Por vezes perguntei. Como eu poderia sentir essa magnitude? Assim sendo, estou aqui, disponível, exposto à sua intrépida sorte que muito me blinda de pensamentos covardes, em meio a tantas remissivas e vacilações. É uma exaustão sebosa que sobrepunha todos os momentos estáticos, os vistos improváveis que legitimam a minha tranquila estadia. Por muito tempo eu usei não pensar de onde surgiam esses tantos atropelos. Mas esse corpo

caraquento, esse azedume horrendo que me condenavam sonolentos à trapaça de angústia, foram se desfazendo com o vento. Porque me deixei, porque fui com vocês aonde não podia e ainda não posso. Não quero poder, mas quero nutrir, de que forças disponho, de que cuidados sou capaz? Tenho habilidades que podem ser levadas pelo vento, o mesmo vento que me levou? É pelo chão que eu faço conduzir, é pelo chão que eu tomei as dores do parto do mundo. O chão machucou as minhas apostas, açoitou as minhas pernas e muito do que crio é um pequeno cambalear em direção aos calos de seus pés. São planos miúdos que interrogo como pequenas ingestões. Qualquer coisa que me ponha a dançar rente ao improvisado que não se nega aos chamados. Porque embora eu pouco saiba de tudo o que vocês são, eu tomei seus pés como partes irredutíveis de meu caminho.



REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia literária, Elefante, 2016.

ALEKSIËVITCH, Svetlana. **Vozes de Tchernóbil**: a história oral do desastre nuclear. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ARTAUD, Antonin. **O teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAITELLO JÚNIOR, Norval. **O pensamento sentado**. Sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2013.

BONA, Dénétem Touam. **Cosmopoéticas do refúgio**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2020.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **Não verás país nenhum**. São Paulo: Global Editora, 1987.

BRETON, David Le. **Elogio del caminhar**. Titivillus, 2018.

BUTLER, Octavia. **A parábola do semeador**. São Paulo: Editora Morro Branco, 2018.

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

CHATWIN, Bruce. **O rastro dos cantos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COCCIA, Emanuelle. **A vida das plantas**. Uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

COHN, Sergio (org.). **Encontros**: Ailton Krenak. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos**: crise e insurreição. São Paulo: n-1 edições, 2016.

COMITÊ INVISÍVEL. **Motim e destituição agora**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

CONSELHO NOTURNO. **Um habitar mais forte que a metrópole**. São Paulo: Glac Edições, 2019.

COVERLEY, Merlin. **A arte de caminhar**. O escritor como caminhante. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2014.

DAVIS, Mike. **Cidades Mortas**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol 5.** São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos.** São Paulo: Escuta, 1998.

DELIGNY, Fernand. **Os vagabundos eficazes.** Operários, artistas, revolucionários: educadores. São Paulo: n-1 edições, 2018.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa.** Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FERRACINI, Renato. **A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista.** É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo? São Paulo: Autonomia literária, 2020.

FUNAKOSHI, Ginchin. **Karatê-dô: meu modo de vida.** São Paulo: Cultrix, 1994.

GALHARDO, Beatriz. **À escuta dos pés: caminhada e dança em “Notícias de América”.** Copenhague/ Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020.

GRAHAM, Stephen. **Cidades sitiadas.** O novo urbanismo militar. São Paulo: Boitempo, 2016.

GROS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia.** São Paulo: É Realizações, 2010.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue. Ciência tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. *In:* TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue.** As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009.

HERZOG, Werner. **Caminhando no gelo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de despejo.** Diário de uma favelada. São Paulo: Edição Popular, 1979.

KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. **A queda do céu.** Palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LABUCCI, Adriano. **Caminhar, uma revolução.** São Paulo: Martins Fontes, 2013.

- LAPOUJADE, David. **As existências mínimas**. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- LEAL, Abigail Campos. **Ex/orbitâncias**. Os caminhos da deserção de gênero. São Paulo: Glac Edições, 2021.
- LEMINSKI, Paulo. **Toda poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- LEVI, Primo. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL. **O pé descalço**. Uma vergonha nacional que urge extinguir. Porto, 1956.
- MADALOSSO, Giovanna. **Suíte Tóquio**. São Paulo: Todavia, 2020.
- MARIGHELLA, Carlos. **Mini-manual do guerrilheiro urbano**. Sabotagem, 2003.
- MELO, Janaina. *In*: NAZARETH, Paulo. **Paulo Nazareth**: arte contemporânea/LTDA. Rio de Janeiro; Cobogó, 2012.
- MUKASONGA, Scholastique. **A mulher de pés descalços**. São Paulo: Editora Nós, 2017.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano**. Um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- OIDA, Yoshi; MARSHALL, Lorna. **O ator invisível**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 2001.
- PIGNARRE, Philippe; STENGERS, Isabelle. **La sorcellerie capitaliste**. Pratiques de désenvoûtement. Paris: La Découverte, 2004.
- PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie**. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- RIBEIRO, Djamila. **Cartas para minha avó**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**. Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- SAFATLE, Vladimir. **Quando as ruas queimam**: manifesto pela emergência. São Paulo: n-1 edições, 2016.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2006.
- SENNET, Richard. **Carne e pedra**. O corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.
- SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato**. A ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

- SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes: resistir a barbárie que se aproxima**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**. Performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- TSING, Anna Lowenhaupt. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.
- TSUNETOMO, Yamamoto. **Hagakure: sobre o bushido, o caminho do samurai**. São Paulo: Hunter Books, 2014.
- VALENTIM, Marco Antônio. **Extramundandade e sobrenatureza**. Ensaios de ontologia fundamental. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.
- WALSER, Robert. **Os irmãos Tanner**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- WEISMAN, Alan. **O mundo sem nós**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

Artigos

- ABENSHUSHAN, Vivian. Notas sobre os doentes de velocidade. Editora Chão da feira, Caderno de leituras, n. 105, 2020.
- ANDERS, Günther. Teses para a era atômica. Revista Sopro. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, n. 87, 2013.
- BABAU, Cacique. Retomada. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, n. 13, 2019. Disponível em: <https://piseagrama.org/retomada/>. Acesso em: 06 maio 2022.
- BEY, Hakim. Superando o turismo. Revista Carbono, Rio de Janeiro, n. 8, 2014. Disponível em: <http://revistacarbono.com/artigos/08-hakimbey-michaelhughes/> Acesso em: 19 abr. 2022.
- CADENA, Marisol de la. Natureza incomum: história do antropro-cego. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 69, p. 95-117, abril, 2018.
- CHAKRABARTY, Dipesh. O clima na história: quatro teses. Florianópolis: Revista Sopro, Editora Cultura e Barbárie, n. 91, 2013.
- DANOWSKI, Déborah. O hiper-realismo das mudanças climáticas e as várias faces do negacionismo. Revista Sopro. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, n. 70, 2012.
- DEBORD, Guy. O planeta doente. Revista Sopro, Florianópolis, Editora Cultura e Barbárie, n. 44, 2011.

DESPRET, Vinciane. O que diriam os animais se... Editora Chão da Feira, Caderno de Leituras, n. 45, 2016.

FABIÃO, Eleonora. Programa performativo: o corpo em experiência. Revista do Lume: Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais, Campinas, n. 4, dez. 2013

FLORES ASTRASIS; SARITA. Manifesto de Themonização da Arte e Cultura Paraense. Revista Themonia, Belém, número 1, Setembro, 2020.

GOMEZ-PEÑA, Guillermo. Em defesa del arte de la performance. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 199-226, jul/dez. 2005.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationceno, Chthluceno: fazendo parentes. São Paulo, Unicamp: Revista ClimaCom, ano 03, n. 05, 2016.

LATOUR, Bruno. Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. São Paulo, USP: Revista de Antropologia, 2014, v. 57, n. 1.

MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência! 32º Bienal de São Paulo, Oficina de imaginação política, 2016. Disponível em: <https://bitlybr.com/pCnfSq3>. Acesso em: 19 abr. 2022.

MBEMBE, Achille. A ideia de um mundo sem fronteiras. Revista Serrote, n. 31, 2019. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/>. Acesso em: 11 maio 2022.

MIRZOEFF, Nicholas. Não é o Antropoceno, é a cena da supremacia branca; ou a linha divisória da cor. São Paulo: 32º Bienal de São Paulo – Incerteza Viva, Oficina de imaginação política, 2016.

NATÁLIO, Rita. Acabar o mundo, torcer o mundo. São Paulo, 32º Bienal de São Paulo – Incerteza Viva, Oficina de imaginação política, 2016.

NODARI, Alexandre. Limitar o limite: modos de subsistência. Rio de Janeiro: Os mil nomes de Gaia, 2014. Disponível em: <https://bitlybr.com/QC5wbxH>. Acesso em: 08 maio 2022.

PISEAGRAMA. Os fins dos mundos. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, seção Extra!, 2017. Disponível em: <https://piseagrama.org/os-fins-dos-mundos>. Acesso em: 06 maio 2022.

STENGERS, Isabelle. A proposição cosmopolítica. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 442-464, abril, 2018.

STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. Caderno de leituras, n. 92. Edições Chão da feira, 2017.

SZTUTMAN, Renato. Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência – pensando com Isabelle Stengers. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 338-360, abr. 2018.

WORKMAN, Dion. Introdução ao pensar como uma floresta. Tradução Jorgge Menna Barreto, 2014. Disponível em: <https://jorggemennabarreto.com/trabalhos/introducao-ao-pensar-como-uma-floresta/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

Entrevistas

BARRETO, Jorge Menna. Arte, formação e transformação na trajetória de três artistas brasileiros contemporâneos. Revista Farol, ano 16, n. 23, 2020-2021.

BENSUSAN, Nurit. A disputa pelo futuro pós-pandêmico consiste em desenhar novos caminhos, concretos e tangíveis. Entrevista especial com Nurit Besusan. Instituto Humanitas Unisinos, Maio, 2020. Disponível em: <https://bitlybr.com/O6Oxo>. Acesso em: 02 dez. 2021.

HANSEN, João Adolfo. Entrevista com João Adolfo Hansen. São Paulo, Revista Rosa. Vol. 2, n. 2, novembro, 2020. Disponível em: <https://revistarosa.com/2/entrevista-com-joao-adolfo-hansen>. Acesso em: 15 dez. 2021.

HARAWAY, Donna. Colóquio Os Mil Nomes de Gaia, 2014. Disponível em: <https://bitlybr.com/U562h>. Acesso em: 11 maio 2022.

NEYRAT, Frédéric. O asteroide somos nós. Público, Portugal, Agosto, 2018. Seção Ipsilon. Disponível em: <https://bitlybr.com/JyXuZO>. Acesso em: 06 maio 2022.

STENGERS, Isabelle. O preço do progresso – conversa com Isabelle Stengers sobre as feiticeiras neopagãs e a ciência moderna. Revista DR, Edição 04, Dezembro, 2017. Disponível em: <https://revistadr.com.br/posts/o-preco-do-progresso-conversa-com-isabelle-stengers/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

VALENTIM, Marco Antônio. Fascismo a política oficial do Antropoceno. Instituto Humanitas Unisinos, Outubro, 2018. Disponível em: <https://bitlybr.com/89ndC>. Acesso em: 11 maio 2022.

VIRILIO, Paul. Velocidade e acidente integral. In: EICHENBERG, Fernando. Entre aspás: volume I. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016. Disponível em: <https://acervoclaudioulpiano.wordpress.com/2018/04/24/velocidade-e-acidente-integral-entrevista-de-paul-virilio/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “Estamos assistindo a uma ofensiva final contra os povos indígenas”. Agência Pública de Jornalismo Investigativo, Outubro, 2019. Disponível em: <https://bitlybr.com/x7QYh>. Acesso em: 15 abr. 2022.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Indigenous populations are better prepared than us for future catastrophes. Investigate Europe. Julho, 2019. Disponível em: <https://bitlybr.com/mss6>. Acesso em: 06 maio 2022.

Websites

- ALBERT, Bruce. A floresta poliglota. Sub species alteritatis: experiência de antropologia especulativa. Dezembro, 2015. Disponível em: https://subspeciealteritatis.wordpress.com/2018/11/05/a-floresta-poliglota-bruce-albert/#_ftn42. Acesso em: 18 abr. 2022.
- BRUM, Eliane. A potência da primeira geração sem esperança. El País Brasil, Junho, 2019. Disponível em: <https://bitlybr.com/dXR7yyi>. Acesso em: 06 maio 2022.
- COSTA, Alexandre Araújo. Eles sabiam: a verdadeira conspiração por trás da mudança climática. O que você faria se soubesse o que eu sei? Julho, 2019. Disponível em: <https://bitlybr.com/w6ouWZ6o>. Acesso em: 06 maio 2022.
- FRANZEN, Jonathan. What if we stopped pretending. The New Yorker, Setembro, 2019. Disponível em: <https://bitlybr.com/ZR0MiZf>. Acesso em: 06 maio 2022.
- GOLDENSTEIN, Ana. Desafios para um artista de performance. São Paulo: Encontros sobre performance, 2014. Disponível em: <https://bitlybr.com/s6NzAZw>. Acesso em: 06 maio 2022.
- INDIGENOUS ACTION. Repensando o apocalipse: um manifesto anti-futurista indígena. Glac Edições, Julho, 2020. Disponível em: <https://bitlybr.com/x6rQGQSw>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- KINGSLEY, Jennifer. A vida segue em Chernobyl, 35 anos após o pior acidente nuclear do mundo. National Geographic, Abril, 2021. Disponível em: <https://bitlybr.com/znr6>. Acesso em: 08 fev. 2022.
- KLEIN, Noemi. Coronavírus pode construir uma distopia tecnológica. Intercept Brasil, Maio, 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/05/13/coronavirus-governador-nova-york-bilionarios-vigilancia/>. Acesso em: 18 abr. 2022.
- KRENAK, Ailton. *In*: MASUTI, Vivian. Covid não veio para ensinar, mas para matar, afirma Ailton Krenak no fim da Flip. São Paulo, Folha de São Paulo, Dezembro, 2021. Disponível em: <https://bitlybr.com/35t3>. Acesso em: 07 dez. 2021.
- MADRID, Carlos. Caminhar, atitude anticapitalista. Outras palavras. Dezembro, 2020. Disponível em: <https://bitlybr.com/Ae13QVY>. Acesso em: 06 jan. 2022.
- MOMBAÇA, Jota. Lauren Olamina e eu nos portões do fim do mundo. *In*: Caderno Octavia Butler, Oficina de Imaginação Política, 2016. Disponível em: <https://bitlybr.com/OwKQX>. Acesso em: 19 abr. 2022.
- NATÁLIO, Rita. “Porque Antropoceno? – Projeto Antropocenas”. Outubro, 2017. Disponível em: <https://bitlybr.com/sM0t>. Acesso em: 06 maio 2022.
- NODARI, Alexandre. “Selva de pedra”? A floresta e a cidade. Partes sem um todo, Julho, 2015. Disponível em: <https://partessemumtodo.wordpress.com/2015/07/09/selva-de-pedra-a-floresta-e-a-cidade/>. Acesso em: 18 abr. 2022.

QUILICI, Cassiano Sydow. Desafios para um artista de performance. São Paulo: Encontros sobre performance, 2014. Disponível em: <https://bitlybr.com/s6NzAZw>. Acesso em: 11 maio 2022.

SEATTLE, Cacique. A carta do cacique Seattle, 1855. Disponível em: <https://bitlybr.com/EHM4>. Acesso em: 18 abr. 2022.

TURIN, Rodrigo. Tempos pandêmicos e cronopolíticas. Pandemia crítica, n-1 edições, 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/121>. Acesso em: 18 abr. 2022.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A revolução faz o bom tempo. Rio de Janeiro: Colóquio Mil Nomes de Gaia, 2014. Disponível em: <https://bitlybr.com/jRAzZ>. Acesso em: 06 maio 2022.

WEIR, José Ángel Quintero. Da “virada ontológica” ao Tempo de Volta do Nós. Revista Amazônia Latitude, Abril, 2021. Disponível em: <https://amazonialatitude.com/2021/04/06/da-virada-ontologica-ao-tempo-de-volta-donos/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

Podcast

VALENTIM, Marco Antônio. Extramundandade e Sobrenatureza. Filosofia Pop, n. 65, abril, 2019. Disponível em: <https://bitlybr.com/TLnH3>. Acesso em: 11 maio 2022.

Tese

VELOSO, Verônica Gonçalves. Percorrer a cidade a pé: Ações teatrais e performativas no contexto urbano. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Filmes

DELEUZE, Gilles. O abecedário de Gilles Deleuze. Dirigido por Pierre-André Boutang, 1996.

